


SIMON DAVID EDEN



REINO
SELVAGEM

UM
ROMANCE
ANIMAL



 Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SIMON DAVID EDEN

A large, ornate, black silhouette of a floral wreath or crown, centered on the page. The text is overlaid on this wreath.

REINO
SELVAGEM
UM ROMANCE ANIMAL

Tradução
Elvira Serapicos

 Planeta

Copyright © Simon David Eden, 2014

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016

Todos os direitos reservados.

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2014 por Simon and Schuster UK Ltd.

Título original: *The Savage Kingdom*

Coordenação de produção editorial: Maria Luiza Almeida

Preparação: Elisa Nogueira

Revisão: Lyvia Felix e Maria Luiza Almeida

Diagramação: Aldine Rosa

Capa: Desenho Editorial

Imagem de capa: © Eric Isselee; © Svetlana Foote; © *savageultralight*;

© Isaac74 / Shutterstock

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E24r

Eden, Simon David *O reino selvagem : um romance animal* / Simon David Eden; tradução de [Elvira Serapicos]. – São Paulo: Planeta, 2016.

ISBN 978-85-422-0685-2

Título original: *The savage kingdom* 1. Ficção inglesa. I. Serapicos, Elvira. II. Título.

16-29979

CDD: 823

CDU: 821.111-3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

*Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar Edifício Horsa II – Cerqueira
César 01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br*

Para Millie

Este livro é dedicado à minha filha adorada, pois sua presença em minha vida inspirou esta criação. Também jamais teria chegado a uma página escrita sem a fé, o incentivo inabalável e as recomendações positivas de minha sábia e bela alma gêmea, Helena: amor, luz e gratidão sempre.

*Não andes à minha frente, posso não te seguir.
Não andes atrás de mim, posso não te guiar.
Simplesmente andes ao meu lado e seja meu amigo.
Albert Camus*

Prólogo

Drue Beltane estava sentada no escuro, sozinha, enrolada em seu edredom de penas de ganso. O coração batia acelerado. Ela engoliu em seco o ar mofado, segurou a respiração e contou até cinco em silêncio antes de expirar lentamente, um truque que havia aprendido e que servia para acalmar os nervos ao fazer as provas na escola.

Não funcionou. Enquanto pensamentos ainda mais sombrios do que a câmara secreta onde havia se escondido começavam a se formar em sua mente, a assustada garota de apenas 12 anos buscou referências, marcos familiares que pudessem ajudar a suprimir aquela sensação crescente de mau presságio. Ela enfiou a mão no bolso esquerdo do pijama de flanela e sentiu o celular com os dedos; com as pontas dos dedos dos pés descalços, pressionou o contorno das pedras lisas do piso.

Como as paredes ao redor, e o teto que ela conseguiria tocar se ficasse de pé e esticasse o corpo, o piso era frio e úmido, apesar de não estar molhado; a umidade parecia ter impregnado as pedras sob a superfície, como uma velha lembrança.

A câmara secreta, pouco maior do que um guarda-roupa de portas duplas, ficava atrás de um painel falso ao lado da lareira escurecida pela fuligem na velha casa de pedra da família Beltane. Drue tinha passado a vida toda nessa casa do século XVI, em Kingley Burh, uma área semirrural situada entre a periferia industrializada de Portsmouth e a cidade de Chichester, e jamais se sentira tão insegura dentro da câmara secreta. Pelo contrário. Este fora o palco de muitos jogos e brincadeiras durante a infância de

Drue, porta de entrada para um mundo de fantasia desenfreada. No entanto, obrigada a se confrontar com sua verdadeira finalidade, ela agora entendia como devia ter sido nos tempos antigos, quando as rixas mortais e a perseguição religiosa varreram o país como uma praga.

Drue deslizou as pontas dos dedos pela inscrição que muito tempo atrás havia sido gravada no bloco de pedra incrustado acima da entrada estreita, como iniciais entalhadas em um tronco de árvore ou números inscritos nas paredes de uma cela de prisão.

Ex umbra in solem A garota pedira ajuda ao professor de história para traduzir a frase, mas o resultado revelou-se tão enigmático quanto o original em latim: *Das sombras para a luz* O motivo para estar escondida também era um mistério para Drue, mas a gravidade no tom da voz de seu pai quando mandou que se escondesse e ficasse em silêncio até sua volta foi algo tão novo para ela que a assustou até o fundo da alma.

Só havia uma entrada para a câmara secreta, e o painel que servia de porta estava trancado por dentro, com uma estaca de madeira enfiada no buraco da fechadura do trinco de ferro forjado. Drue havia confirmado e voltado a confirmar uma dezena de vezes se a trava estava no lugar; mesmo assim, passou os dedos pelo trinco novamente.

Não abra a porta para ninguém a não ser para mim, seu pai ordenara. Não importa o que aconteça, não importa o que você ouça, prometa que ficará escondida até que eu volte.

Escuridão. Silêncio. E então...

Um estrondo!

Drue levou um susto. Tentou ouvir a voz de seu pai, chamando seu nome.

Em vez disso, ouviu... grunhidos. Alguém fungando. Arranhando.

Um barulho de vidro quebrando.

Alguma coisa pesada, talvez uma poltrona, sendo virada e arrastada sobre as lajotas do piso da cozinha.

A escada rangendo.

Pegadas abafadas sobre o piso de madeira acima de sua cabeça. O barulho de uma porta sendo aberta à força (a porta de seu quarto!) e atirada contra a escrivaninha onde se sentava para fazer os deveres da escola.

Quem quer que fosse, ou o que quer que fosse, estava agora em seu quarto.

Drue pensou em sair correndo da câmara secreta e fugir pela porta da frente, mas lembrou-se da promessa que fizera a seu pai e se obrigou a continuar quieta, ouvindo.

A casa foi adquirindo vida com o barulho. Fosse quem fosse, não estava sozinho. A perceptível e perturbadora destruição da casa e dos objetos da família foi acompanhada por uma cacofonia estridente de grunhidos, ganidos, guinchos e chiados. A invasão continuou por uma eternidade. E, de repente, tão abruptamente quanto começara, parou.

Drue sentiu o coração acelerar e teve medo de que alguém ouvisse, tamanhas eram a força e a velocidade das batidas. O pó das cinzas da chaminé penetrou em sua garganta e foi preciso apelar para toda a sua força de vontade para abafar a tosse.

Ela esperou.

Atenta.

Em silêncio.

Parecia impossível, mas a escuridão ficou mais forte. Em vez de santuário, a câmara secreta parecia mais um túmulo. Drue sentiu vontade de gritar. Abrir a porta. Sair correndo! Mesmo assim, manteve a promessa, apegando-se à esperança e à segurança nela embutidas, nas palavras de seu pai que ecoavam em sua mente como um mantra silencioso: *Fique escondida até que eu volte.*

Ainda assim, a incerteza e aquele breu claustrofóbico estavam minando sua determinação. Cada segundo naquela câmara úmida e escura parecia uma eternidade. Com a mão trêmula, ela tocou o trinco de ferro e estava prestes a tirar a estaca de madeira e abandonar seu esconderijo quando ouviu um pedaço de lenha cair do cesto que ficava ao lado da lareira, a poucos centímetros dali. O que poderia ter provocado a queda?

Então, um guincho. Alguém fungando. Um grunhido gutural. Alguém arranhando. Arranhando o trinco.

Um tênue fio de esperança: talvez seu gato Will-C tivesse vindo à sua procura. Contudo, Drue conhecia seu toque, seus gestos, seus sons – o miado, o ronronar, até mesmo seu ronco engraçado e ofegante. Aquilo era diferente. Aquelles eram os sons de um predador. Um predador no rastro de um cheiro. Tema de pesadelos e filmes de terror.

Drue afastou a mão lentamente e enfiou o rosto no edredom. Rezou para que a criatura maligna que estivesse do outro lado do falso painel de carvalho não conseguisse descobrir a passagem.

Então ouviu um barulho na escada.

O som de coisas sendo arrastadas pela cozinha novamente.

Cães latindo lá fora.

E então... silêncio.

Drue mordeu a borda do edredom e rezou para ouvir seu pai chamando seu nome, mas, quanto mais esperava sem ouvir a voz dele, mais se enraizavam as sementes da dúvida: E se ele não voltasse? O que faria? E se ele já tivesse voltado e encontrado os invasores? E se estivesse ferido, precisando de sua ajuda?

Ela respirou profundamente. Então, com a maior delicadeza, com o maior cuidado, soltou a trava, abriu o trinco e saiu para a sala banhada pela luz da lua.

Permaneceu imóvel por alguns instantes, atenta, ouvindo o alvoroço a distância: gritos, ordens, o inconfundível e inquietante

estalido de uma espingarda calibre 12. Será que seu vizinho, o velho fazendeiro Callow, tinha acabado com o perigo? Independentemente do que tivesse acontecido, a casa parecia tranquila. Para Drue, quem quer ou o que quer que tivesse estado ali tinha ido embora. O perigo, apesar de toda a confusão, havia passado.

Drue atravessou a sala cautelosamente. Queria acender uma luz, mas não tinha coragem. A luminária de madeira que ficava junto à janela fora usada para destruir a tela da tv. O sofá e as poltronas tinham sido rasgados e pareciam cuspir o estofamento. As revistas da valiosa coleção da *National Geographic* de seu pai estavam espalhadas pelo chão.

Drue foi até a cozinha. A porta estava escancarada e quase todos os vidros de ambas as janelas estavam quebrados. As cortinas que Drue havia ajudado sua mãe a costurar pendiam como trapos desfiados.

A terra dos vasos de ervas derrubados estava espalhada por toda a parte, e um ramo de tomilho parecia brotar da torradeira. Talheres e pratos quebrados, incluindo a porcelana fina de sua bisavó materna, cobriam o chão, junto com tudo o que havia na despensa: arroz integral, farinha de trigo sarraceno, macarrão, cereais, ovos, biscoitos. Da geladeira aberta escorria o suco de cranberry de uma embalagem caída; pasta de gergelim, geleias e mel orgânicos saltavam dos vidros estilhaçados e formavam poças pegajosas sobre o leite de arroz derramado.

Drue ficou parada, atônita. O cenário era tão terrível, tão dramático, que quase chegava a ser engraçado.

Então, um saquinho azul de salgadinhos de mandioca começou a se mexer embaixo da mesa, como se estivesse possuído.

Assustada, Drue pulou para trás e sentiu imediatamente a pressão da ponta de um caco de vidro na sola do pé. Apesar de não ter sido um corte profundo, ela gritou baixinho.

O barulho fez o saquinho parar de se mexer. Então, ela notou o focinho de um magro e bigodudo esquilo mastigando vorazmente seu conteúdo.

Indignada, ela bateu palmas para espantá-lo.

Contudo, em vez de se esconder, o esquilo continuou exatamente onde estava, encarando-a com um olhar desafiador e mastigando, a boca ainda cheia com o lanche noturno.

Drue bateu palmas de novo e fez um gesto para espantar o roedor, mas o pequeno animal não lhe deu atenção. Ela pegou uma vassoura e sacudiu-a como se fosse atacá-lo, embora não quisesse machucar o esquilo (queria apenas mostrar quem é que mandava). O roedor continuou a mastigar, indiferente a ela. Então, quando terminou de comer, ele soltou um guincho.

Um único guincho estridente, que imobilizou Drue.

Em poucos segundos, cerca de dez, vinte... Trinta ratos surgiram na cozinha, vindos de todos os lugares. Depois vieram as ratazanas, pretas e marrons, eriçadas, ameaçadoras. E então surgiu uma doninha, comprida e esguia, com o olhar frio e determinado.

Drue abaixou a vassoura.

Por um instante, pensou que estivesse sonhando, que tudo aquilo a promessa que fizera ao seu pai, o tempo que passara escondida na câmara secreta, a casa saqueada, tudo – era um pesadelo, uma criação aterrorizante de sua fértil imaginação, e então disse em voz alta: — Tudo bem, agora pode acordar.

Porém, enquanto os roedores se aproximavam e a doninha se erguia apoiada nas pernas traseiras, guinchando e exibindo os dentes afiados, Drue percebeu, aterrorizada, que aquilo era real.

Parte I



A Sexta Onda

Capítulo 1

O início do fim do mundo como o conhecíamos começou com o desaparecimento de um gato de três patas e pelo curto chamado Will-C.

Pelo menos, olhando em perspectiva, era isso o que Drue Beltane pensava.

Na verdade, os eventos catastróficos que mudariam os rumos da vida na Terra no início do século XXI remontavam a uma época muito anterior: o alvorecer da industrialização, um salto evolucionário que semeou o medo no coração de todas as criaturas que compartilhavam o planeta com os seres humanos – aves, feras, peixes e répteis do mundo selvagem ou os animalis.

Não que os próprios animalis, pelo menos não a grande maioria, soubessem o que o destino lhes reservava. Durante muitas gerações, suas vidas haviam girado em torno de seus instintos primários e da sobrevivência do mais apto na busca por comida, água, abrigo e procriação. Eram essas as preocupações básicas. As únicas preocupações.

Muitos jamais haviam questionado a ordem das coisas, a natureza de sua jornada individual e as maneiras como poderiam se relacionar com o todo.

Essas questões eram abstratas demais, tão distantes e insignificantes quanto as gotas de chuva que caem em um mar longínquo. Até o dia em que o vento reuniu essas gotas de chuva em uma uma onda que arreventou nas margens de cada país do mundo num devastador maremoto de vingança.

Will-C tomou conhecimento do conflito que estava sendo engendrado por meio de uma convocação do delegado felino local (cada espécie elegia um desses representantes em cada condado) para que comparecesse a uma reunião de cúpula que seria realizada à meia-noite na antiga floresta de coníferas de Kingley Burh, nas profundezas das colinas de calcário de South Downs.

O fato de a ordem ter sido emitida pelo procônsul distrital da seção de West Sussex do Conselho de Anciãos e o fato de até mesmo os resignados, que viviam com os humanos, terem sido convocados, só aumentavam o zum-zum-zum, e Will-C não sabia exatamente o que pensar.

Uma coisa era certa: tinha de ser um assunto de grande importância, pois reuniões em tamanha escala, envolvendo uma variedade tão grande de espécies – raposas, doninhas, javalis, texugos, corvos, veados, cães, gatos *etc.* –, implicavam riscos consideráveis. Certamente, nem o mais corajoso ousaria violar o código de conduta que governava o funcionamento da Grande Cúpula, já que a quebra da trégua temporária que se estabelecia nessas ocasiões era uma ofensa passível de punição com morte. Porém, se um humano viesse a encontrá-los, se testemunhasse a realização da assembleia... Bem, as consequências seriam desastrosas.

Desde que surgiram na Terra, os seres humanos procuraram conquistar ou destruir o que não conseguiam controlar ou compreender. Por causa disso, e apesar de suas origens, de sua evolução e de suas proezas tecnológicas, as tradições e leis fundamentais do reino animal foram mantidas em segredo e protegidas dos seres humanos a qualquer custo.

Assim, as reuniões de cúpula sempre foram cercadas por sigilo absoluto, sendo também extremamente raras.

Na verdade, Will-C só havia participado de uma dessas assembleias em toda a sua vida, quando se discutiu a crise

provocada pelo desmatamento e pelos incêndios florestais ocorridos em Bornéu em 2006. Nessa ocasião, o habitat natural do sudeste asiático sofreu uma verdadeira chacina, com o desaparecimento de um terço da população de orangotangos da região e, segundo relatos de testemunhas, com tempestades de penas caindo do céu enfumaçado quando bandos de aves exóticas foram atingidos pelo calor intenso e pela fumaça asfixiante provocados por um inferno devastador.

Como Will-C era apenas um filhote nessa época, faltara-lhe a capacidade de concentração e o vocabulário para entender plenamente as implicações mais amplas do apaixonado debate que tomou conta da Grande Cúpula, mas a lembrança de seu falecido pai (um felídeo cinza-chumbo de peito quadrado, tido por muitos como um dos melhores delegados felinos) narrando com gravidade os detalhes do desastre provocado pelo homem e explicando a situação em um contexto que envolvia problemas anteriores deixara uma impressão extremamente marcante e duradoura.

Apesar da herança genética e dos sinais promissores, Will-C jamais ocupara um cargo do alto escalão, mas sua prodigiosa memória para detalhes, que fizera dele um escriturário do Conselho Felino, permitia que soubesse de cor os nomes, datas e lugares que haviam pontuado o discurso de seu pai na assembleia daquela noite.

Por exemplo, o desastre de Bhopal, na Índia, em 1984, quando quarenta toneladas de gases tóxicos vazaram acidentalmente de uma fábrica de pesticidas causando uma grande devastação, bem como o vazamento de produtos químicos da fábrica da Sandoz, na Suíça, dois anos depois, que tingiu o rio Reno de vermelho e dizimou mais de meio milhão de peixes em seu caminho até o mar do Norte. Ou mesmo a inundação deliberada e indiscriminada de aproximadamente 1500 quilômetros quadrados de floresta tropical intocada e densamente povoada. Esse acontecimento condenou

várias gerações de centenas de milhares de espécies a uma sepultura sombria e alagada, sendo que muitas desapareceram para sempre.

Tudo em nome do progresso, tudo para transformar o nobre e selvagem rio Suriname, no norte da América do Sul, em um grande lago de água estagnada que os humanos chamam de reservatório.

Essa lembrança ainda o deixava arrepiado. Ele odiava água, mas uma inundação imprevista, inescapável, era algo concebível apenas em pesadelos.

E foi assim que, nos dias que antecederam a Grande Cúpula, Will-C foi percebendo uma sensação de medo crescente. O que o homem havia feito dessa vez para ameaçar a ordem natural das coisas? E que ações tomaria o Conselho de Anciãos para corrigir esses males?

Will-C sabia que não deveria perder tempo com especulações. *A preocupação lança uma grande sombra sobre as coisas pequenas,* costumava dizer seu pai. No entanto, isso não tornava mais fácil a espera.

Will-C tinha vivido com a família Beltane por mais de 21 anos felinos, o que era mais de metade da sua vida, e o laço que haviam criado nesse tempo, especialmente a amizade que se desenvolvera entre ele e a criança humana Drue era algo especial, profundo, diferente de todas as relações interespecies que ele conhecia. E isso era o que mais o preocupava.

No fundo, Will-C sentia que tudo o que estava para acontecer entraria para a história, e ele esperava apenas que isso não colocasse sua adorada família humana em perigo mortal e que os acontecimentos não o obrigassem a fazer uma escolha entre as duas espécies.

Capítulo 2

Na noite da Grande Cúpula, Will-C encontrava-se, como sempre, enrolado aos pés da cama de Drue. Ele abriu um dos olhos para se certificar de que sua amiga dormia profundamente. Avaliou sua respiração e, então, quando ela se virou sob o edredom, pulou agilmente para o tapete de lã.

Parou um instante para ter certeza de que Drue havia se acomodado e continuava dormindo e, atravessando silenciosamente o piso de tábuas brancas, cruzou a porta que sempre ficava aberta para que ele pudesse entrar e sair do quarto.

Depois de descer a escada, Will-C foi até a cozinha, fria e escura àquela hora, e dirigiu-se para a porta dos fundos, onde empurrou a portinhola com o focinho e saiu para o jardim.

Com as orelhas em pé e os sentidos aguçados, inspirou o ar frio da noite e começou a processar as informações trazidas pela brisa. Com a lua encoberta por nuvens pesadas, seu focinho lhe contaria até mais do que seus olhos a respeito de toda a atividade em sua área desde o pôr do sol.

Os porcos-espinhos estiveram ocupados. Os morcegos também. Era evidente que um texugo cavara um buraco no calçamento em algum ponto das redondezas, pois seu poderoso odor almiscarado era inconfundível. Em qualquer outra noite, Will-C teria usado isso como desculpa para dar uma volta completa em seu território, mas essa não era uma noite qualquer.

Ele sacudiu o corpo, fazendo tilintar a pequena medalha de identificação em sua coleira, e estudou o imenso céu nublado.

Ainda faltavam alguns dias para a chegada da Fértil Lua Cheia, chamada assim porque anuncia a elevação das temperaturas no solo, o que aumenta a atividade das minhocas e favorece a fertilização. Isso significava que o piso do jardim estaria frio, e, por um instante, Will-C pensou em voltar e se enrolar de novo aos pés da cama quente de Drue, mas a verdade é que essa não era uma opção. Como escriturário do Conselho Felino, sua presença era não apenas esperada, mas obrigatória.

Ele venceu as lajotas do jardim com saltos largos e se consolou ao pensar que pelo menos não estava chovendo. Cortou caminho por um pequeno buraco na base da cerca viva que circundava a casa dos Beltane e, movimentando-se com habilidade através de urtigas e samambaias, chegou à Oakwood Lane.

O longo e estreito caminho coberto por pedras moídas e comprimidas serpenteava pela paisagem como o leito de um rio seco, com afluentes cinzentos e esburacados forjando uma ligação empoeirada entre construções que os humanos haviam erguido muito tempo atrás nos arredores da floresta: a fazenda Callow, a serraria no parque Oakwood e o vilarejo de Kingley Burh.

Um utilitário pesado surgiu de repente, fazendo as curvas da estrada com tanta velocidade que sua carroceria enorme sacudia com o movimento. Os pneus imensos atropelavam os jacintos e os pés de alho selvagem que cresciam à beira do caminho.

Will-C desviou o olhar ao ser atingido pela luz dos faróis. O veículo continuou, criando um túnel de luz dourada através da noite escura e deixando em seu rastro centenas de pares de olhos brilhantes, que logo desapareceram nas cervas vivas.

Will-C ficou parado até que a noite o encobrisse novamente. Depois, seguiu em disparada em direção ao norte, pulou a vala de drenagem coberta de lixo e tomou o rumo da antiga floresta de coníferas.

— Ei, Will-C! Espere... — A voz veio do meio de um emaranhado de pés de framboesa. Will-C diminuiu o ritmo, mas não parou. — Espere, Will-C. Sou eu.

Will-C reconheceu a voz áspera. Era Yoshi, um gato desengonçado do vilarejo, um conjunto desordenado de pele e ossos que quase não tinha pelos, apenas alguns fios brotando nas costas e na cauda.

— Olá, Yo — disse Will-C quando Yoshi se aproximou dele. Ao redor, os bosques fervilhavam com a movimentação.

— Parece que o comparecimento será enorme — sussurrou Yoshi com entusiasmo.

— É o que parece.

— Você ouviu alguma coisa... qualquer coisa... sobre o que se trata, afinal?

— Não sei nada além do que você sabe, Yo — respondeu Will-C, voltando a acelerar o ritmo.

— Mas deve ser algo importante, não?

— Imagino que sim.

— Alguma coisa realmente importante?

— Pode ser.

— O que diz nosso delegado?

— Ainda não falei com ele.

— O que você acha que é?

— Como eu disse, realmente não sei mais que você. O melhor é esperar até ouvirmos o que Hobbes e o Conselho de Anciãos têm a dizer.

— Poder ser a gripe — arriscou Yoshi. — Uma mutação genética que passa de uma espécie para outra. Ouvi falar que as aves agora podem pegar a gripe dos humanos.

A trilha ficou mais estreita entre um ajuntamento de arbustos de azevinho, obrigando Will-C a ir mais devagar.

— Ou talvez seja aquele negócio da imigração... Você soube que eles reintroduziram lobos nas Terras Altas da Escócia? Lobos. Quer dizer, por que não aproveitam e reintroduzem também os tigres-dentes-de-sabre?

Eles também viviam ali. Será que os humanos entendem alguma coisa de evolução?

— Na verdade, o problema não é a evolução. A caça...

— Pesquisa científica! Aposto que é isso. Tive um primo que conhecia alguém que tinha um amigo cuja família inteira foi enviada para um desses laboratórios com muros altos, cercados por arame farpado. Ele nunca mais ouviu falar deles. Talvez estejam pensando em construir um lugar desses por aqui. O que você acha? Inúmeros animais atravessavam o caminho de Will-C, e, sempre que ele cruzava com um felino, trocavam um cumprimento ou um aceno de cabeça. Todos estavam um pouco nervosos, em uma mistura de expectativa e ansiedade, e a tendência natural era que se aproximassem de seus pares.

Apesar de ocupar o cargo mais baixo da burocracia (seu papel na Grande Cúpula não envolveria nada muito exaustivo além de fazer anotações mentais quando o delegado felino estivesse falando), Will-C tinha um temperamento tranquilo que despertava a confiança dos outros, especialmente daqueles parecidos com Yoshi, um imigrante do Extremo Leste que vivia à margem da sociedade Animalia local.

Will-C não julgava nem discriminava, e, por ter também suas próprias limitações físicas devido à falta de uma pata traseira, aparentemente sem queixas, havia se tornado uma espécie de ponto de apoio para os felinos que se sentiam intimidados diante dos representantes eleitos. Will-C era, em suma, acessível, e isso tinha seu lado bom e seu lado ruim.

— Ninguém quer ser um beagle, isso é fato – disse Yoshi, acelerando o passo para alcançar Will-C.

— Não.

— Nem um porquinho-da-índia. Já imaginou? Ainda bem que são criaturas estúpidas. Você sabia que na América do Sul, de onde eles vêm, os feiticeiros de algumas tribos esfregam os coitados nas pessoas doentes? Dá para acreditar numa coisa dessas? Não admira que comecem a guinchar quando os humanos tentam pegá-los.

Will-C sorriu e assentiu. Ele tinha ouvido as histórias e as teorias malucas de Yoshi uma centena de vezes, mas gostava dele e não queria ofendê-lo, por isso permitia que continuasse tagarelando.

Apesar de ter Yoshi ao seu lado, Will-C estava conseguindo manter um bom ritmo até um gato listrado e pesadão, com o nariz quebrado e uma orelha cortada, saltar do meio de uma moita de milefólio e bloquear o caminho. Um grupo heterogêneo de gatos selvagens formou fileiras atrás dele.

Pouco propenso a lutar ou a correr, e temendo por sua segurança, Yoshi finalmente ficou quieto e se escondeu atrás de Will-C.

— E aí, Esquisitão?

— Olá, Lennox – respondeu Will-C, esforçando-se para parecer feliz em vê-lo.

— Viu Obz?

— Desculpe, não entendi.

— Obz.

— Obz?

— Obz.

— Você quer dizer Hobbes, nosso delegado? Não. Ainda não.

— E aí, seu Lesma? – disse um gato da turma de Lennox.

— Ei, Yoki – outro provocou.

— É Yoshi – corrigiu Yoshi timidamente.

— Adorei seu pelo. Não... espera. Tem mais do que um!

Will-C suspirou. Detestava ver Yoshi sofrer essas provocações, mas não podia se atrasar ainda mais tentando intervir.

— Pelo amor dos ácaros – disse Yoshi, olhando de soslaio para a lua. — Já está tarde. É melhor irmos.

Quando Yoshi deu um passo à frente, Lennox bloqueou seu caminho, cobrindo Will-C com uma sombra tão profunda e pesada quanto sua voz.

— Ouvi dizer que tem coisa grande rolando...

— Coisa grande, sim, sim, com certeza – disse Yoshi, tentando se esquivar das mordidas e patadas dos outros gatos.

— Uma coisa bem grande...

— Exatamente. Era isso o que eu estava dizendo...

— Cale a boca, seu verme! Estou falando com o Esquisitão – grunhiu Lennox. — Ouvi dizer que tem coisa grande rolando e não acho que Obz é o cara para cuidar disso.

— Hobbes é o delegado eleito – respondeu Will-C timidamente.

A turma de Lennox iniciou imediatamente um coro de comentários depreciativos sobre cédulas fraudulentas e votos de cabresto, bem como sobre Will-C não ser um felino à altura de seu pai enquanto Lennox não tirava os olhos dele.

Por fim, Will-C elevou o tom e sua voz foi ouvida em meio ao alvoroço.

— Escutem... escutem... Por que não esperamos para ouvir o que o delegado e o Conselho de Anciãos têm a dizer? Não podemos tirar conclusões precipitadas. Precisamos lembrar que estamos juntos. Temos a responsabilidade de permanecer unidos... e... apresentar uma posição unificada. Solidariedade... é isso. Temos de respeitar nossas diferenças e deixá-las de lado até o encerramento da Grande Cúpula.

Todos os olhares se voltaram para Lennox, que continuava olhando fixamente para Will-C.

— Afinal de contas, é o que diz o estatuto – acrescentou Will-C nervosamente. — E não se preocupem... porque a preocupação... Bem, a preocupação lança uma grande sombra...

— Sobre as coisas pequenas – completou Lennox. — E seu velho lhe deixou uma sombra enorme, Esquisitão.

Por um momento, Will-C abaixou a cabeça. Ele sabia que nunca estaria à altura de seu pai, que jamais faria jus ao legado de seu velho progenitor.

– Diga a Obz que estou de olho nele – grunhiu Lennox enquanto se afastava. – E é bom que esse sujeito lamacento fique em casa quando chegar a lua cheia. Ele é uma vergonha para os gatos.

Com essa alfinetada, Lennox desapareceu na mata, seguido por sua trupe.

Cabisbaixo, Yoshi começou a se esgueirar para longe, mas Will-C impediu que se afastasse.

– Vamos lá, Yoshi. Não podemos chegar atrasados. E você estava falando de porquinhos-da-índia. É verdade mesmo aquilo que falou sobre os feiticeiros?

As orelhas de Yoshi logo ficaram em pé e ele ergueu a cabeça.

Will-C

seguiu pela trilha a meio galope, com o saco mal-ajambrado de pele e ossos ao seu lado.

*

À medida que se aproximava da meia-noite, o manto de nuvens que encobria Kingley Burh se dissolvia e revelava um céu salpicado de estrelas.

O luar banhava os túmulos da Idade do Bronze em Bow Hill, varrendo as íngremes escarpas do vale coberto de grama e atravessando as copas das árvores da maior e mais antiga floresta de coníferas da Europa para iluminar a movimentação desenfreada lá embaixo.

Milhares de criaturas de todos os tipos – algumas, como ninfas e centauros, sequer conhecidas pelos humanos – ocupavam galhos, pedras e folhas. Entretanto, havia certa ordem no caos aparente. De acordo com o protocolo oficial, os animais formavam uma série de amplos círculos concêntricos, como os anéis nos troncos das árvores, que se espalhavam pela floresta.

Os membros mais velhos de cada espécie tinham prioridade, formando os círculos mais próximos do centro, com os delegados, como ponteiros de uma bússola, completando o anel central. Dentro dele, ocupando o que era considerado solo sagrado enquanto durasse todo o processo, estavam reunidos os membros mais velhos do Conselho de Anciãos: um veado vermelho, um centauro, uma coruja de orelhas compridas, um javali selvagem, uma raposa e o próprio procônsul distrital, um sapo verde-escuro muito grande e balofo chamado Natterjack.

Enquanto os pios retumbantes de uma coruja de celeiro anunciavam que a Grande Cúpula estava prestes a começar, Will-C e Yoshi abriam caminho pelo meio da grande multidão, desculpando-se aqui e ali. Yoshi ficou para trás quando Will-C assumiu seu lugar perto do delegado felino adjunto, um siamês chamado Rani, que por sua vez estava ao lado de Hobbes, um birmanês azul de olhos amarelados.

- Você está atrasado – disparou Rani.
- Sinto muito – respondeu Will-C debilmente.
- Acho bom que sinta – repetiu Rani.

Hobbes, com os bigodes eriçados, olhou para os dois demoradamente, com uma expressão de contrariedade. Então, ao cessarem os pios da coruja, todos os olhos se voltaram para o imponente Conselho de Anciãos. Eles estavam alinhados à frente de uma conífera de dois mil anos de idade, com um tronco tão largo que parecia uma fortaleza às suas costas.

Natterjack desapareceu em um buraco na estrutura da raiz, subiu por uma cavidade no interior do tronco e ressurgiu com um gesto teatral nos galhos sinuosos que garantiam um ponto de observação privilegiado.

O ar estava cheio de expectativa enquanto Natterjack examinava a multidão como um general rugoso, de cócoras, inspecionando suas tropas.

Ele esperou pacientemente até que cessasse a animada tagarelice de milhares de bicos e focinhos, e então estufou o peito num gesto carregado de dramaticidade antes de começar seu discurso.

— Camaradas, delegados, companheiros animalis, *resignados* – esta última palavra soou carregada de desdém –, eu, seu procônsul distrital, com o poder que me foi conferido pela honorável Assembleia da Terra, convoquei a todos para esta reunião de emergência, uma entre dezenas de milhares que estão ocorrendo neste instante em cada floresta, em cada montanha, em cada oceano de nosso sagrado planeta, para alertar todos vocês para o maior perigo que já enfrentamos.

Se a floresta já estava em silêncio antes, agora era possível ouvir os vermes cavoucando a terra embaixo das árvores. Natterjack massageou a garganta antes de prosseguir.

— O nome desse flagelo sinistro e mortal é Sexta Onda, uma extinção em massa numa escala sem precedentes. A própria Mãe Natureza, em sua sabedoria infinita, foi responsável pelas cinco extinções massivas já sofridas pelo nosso mundo. Foram medidas dolorosas, mas necessárias para garantir o equilíbrio natural das coisas. Contudo, a sexta extinção, potencialmente tão devastadora quanto todas as outras cinco reunidas, está sendo causada pelas atividades de uma única espécie de primata...

Ele levantou um dedo preso à membrana interdigital para dar maior ênfase ao seu discurso.

— O HOMEM!

Essa palavra desencadeou uma reação barulhenta de guinchos, grunhidos e gritos por toda a floresta.

Faelken, um falcão-gerifalte prateado, desceu silenciosamente do céu escuro e pousou em uma árvore próxima a Natterjack. O procônsul captou a proximidade da temível ave de rapina com um olhar conspiratório; então, apoiou-se nas patas traseiras e estendeu as patas dianteiras para pedir ordem. Os delegados, por sua vez,

pediram silêncio aos seus clãs, mas foi preciso o rugido de Rauthaz, o veado vermelho ancião, para chamar a atenção de todos.

— Animalis, ouçam com atenção: seu procônsul fala a verdade. A apenas meio dia de distância desta mata, outro navio gigantesco virou em águas turbulentas, derramando mais de 25 mil toneladas de morte negra no oceano.

— Quatrocentos quilômetros já foram atingidos pela poluição tóxica que os humanos retiram das profundezas da Terra e 100 mil aves marinhas perderam a vida ou foram mutiladas.

— O ancião Rauthaz está certo – disse uma andorinha-do-mar muito nervosa. – Sobrevoei os destroços do naufrágio quando estava a caminho daqui. O veneno negro ainda estava vazando.

A multidão acolheu o testemunho com suspiros e acenos de cabeça.

Iniciou-se então um debate em que se discutiu quanto tempo a Mãe Natureza levaria para sanar os danos causados pelo petroleiro. Todos os anciãos concordavam que seu impacto seria sentido por várias gerações.

Entretanto, apesar do relato sombrio e desanimador, não era nada que já não tivessem ouvido antes.

A enxurrada de protestos e discussões interespecies foi observada atentamente por Natterjack, que avaliou cuidadosamente o ânimo e o tom das conversas antes de voltar a falar.

— Os honoráveis membros da Assembleia da Terra, a mais poderosa autoridade de toda a Animalia, realizaram uma investigação muito ampla e profunda dessa última afronta perpetrada pelos humanos, apenas mais um entre tantos acontecimentos terríveis detectados em todo o mundo no decorrer do último ciclo das estações. O que descobriram não é nada animador, camaradas, e parece que chegou a hora de mudar. Até agora, nossos líderes sempre defenderam a tolerância, mas as evidências sugerem que a exploração temerária do mundo natural

continuará a ser praticada pelos humanos até que não reste mais nada para destruir. Qualquer esperança no sentido de que os humanos pudessem evoluir como espécie e reconhecer os erros de suas atitudes evaporou como o orvalho da manhã. É evidente que, em vez de tentarem viver em harmonia com a natureza, os humanos acham que estão acima dela e que o mundo e tudo o que existe nele pode ser usado e abusado ao seu bel-prazer! Nenhuma outra criatura da Terra se apossa das matérias-primas de florestas, planícies e oceanos para transformá-las em montanhas de lixo envenenado inúteis para a realimentação do solo. Só os humanos! Apesar de não poderem escapar do grande ciclo da vida que sustenta todas as criaturas, os danos que causam, geração após geração, acabarão colocando um fim ao próprio ciclo, à própria força vital que nos liga uns aos outros.

A maioria dos presentes, até mesmo alguns dos resignados, assentiu com a cabeça, concordando com essa avaliação condenatória.

Natterjack pulava de um galho para outro, procurando ficar mais próximo da multidão e diminuir a distância entre suas palavras e seu alvo.

— A cada cinquenta respirações, mais uma espécie animal deixa de existir. Enquanto isso, as fileiras da humanidade continuam a se expandir.

Já são quase 7 bilhões! Nesse ritmo, metade de todas as espécies de aves e mamíferos desaparecerá daqui a duas gerações.

A multidão ficava cada vez mais exaltada enquanto Natterjack prosseguia com seu discurso, selecionando possíveis vítimas aleatoriamente.

— Furões, estorninhos, ratazanas, gatos! Qualquer um pode ser o próximo!

De repente, Will-C se viu cara a cara com o anfíbio rugoso, que apertou seu pescoço com os dedos unidos por membranas

interdigitais. Will-C se debateu para buscar ar e pôde respirar aliviado quando um grito vindo das profundezas da mata distraiu o procônsul.

— E o que vamos fazer?

Natterjack comprimiu os olhos. Essas eram as palavras que estava esperando ouvir. Ele soltou Will-C, estufou o peito e endireitou-se para parecer mais imponente.

— O que vamos fazer? Bem... vamos nos unir!

— Unir? – Questionaram dezenas de animais em unísono.

— Exatamente. Estratégias para retomar o controle sobre a Terra foram debatidas nos mais altos círculos. Chegou-se a um acordo. Uma ação direta é necessária para acabar com o domínio da humanidade e a gestão irresponsável do planeta.

— Mas como? – perguntou outra voz preocupada.

— É simples – retrucou Natterjack. — Juntos, vamos repelir a Sexta Onda.

— E como faremos isso? – Questionou um roedor.

Natterjack estava exultante. Esse era o momento decisivo de seu mandato como procônsul distrital e estava sendo saboreado a cada minuto.

— *Com a total e completa erradicação da raça humana.*

Um suspiro coletivo sacudiu o ar, avançando pela multidão como uma onda e alcançando os círculos mais distantes nas profundezas da floresta. As palavras de Natterjack eram repetidas com sussurros incrédulos.

O sapo percebeu o medo, o choque e a incerteza na expressão daqueles que estavam logo abaixo, especialmente dos resignados. Cada grupo se voltava para seu delegado em busca de um gesto que o tranquilizasse, pois era claro que a Assembleia da Terra não podia partir para uma ação tão drástica.

Natterjack era um mestre da manipulação e viu naquelas expressões assustadas a revelação de seu destino.

— É verdade que temos pela frente uma provação das mais penosas. Para aqueles que vivem com os humanos, os resignados que recebem sua comida e dormem em suas estranhas cavernas de paredes retas, essa ação implicará um imenso e doloroso sacrifício pessoal. Sua coragem não passará em branco e será recompensada na luta contra a monstruosa tirania que precisamos enfrentar.

Com pensamentos se sucedendo vertiginosamente, sentindo o coração acelerado, Will-C se esforçava para entender a situação. Yoshi e os outros gatos esperavam que Rani e Hobbes expressassem suas dúvidas e confrontassem o procônsul e os anciãos, mas eles nada fizeram. Nada disseram.

Então, uma figura familiar chamou a atenção de Will-C. Só por sua expressão era evidente que Lennox, e todo o seu grupo, agora tinha certeza de que não se enganara: eleito ou não, Hobbes não estava à altura do cargo de delegado e, por associação, Will-C não era muito melhor do que ele.

Somente o respeito de Lennox pelo pai de Will-C o impedira de destituir Hobbes e Rani à força, decisão que agora lamentava profundamente.

Lennox abriu caminho pelo meio da multidão, seguido por sua trupe, enquanto Will-C o observava com vergonha. Fossem quais fossem os acontecimentos que o futuro reservava, Will-C tinha certeza de que a frágil lealdade de Lennox havia se dissipado naquela breve troca de olhares.

Uma pomba branca chamada Lívia, representante de todas as pombas, alçou voo e falou eloquentemente sobre o apreço da natureza pela diversidade, dizendo que os humanos eram uma parte intrínseca do equilíbrio da vida na Terra. A coruja de orelhas compridas do Conselho de Anciãos foi rápida na resposta e lembrou-a de que o planeta se mantivera muito bem durante milhões de anos até o surgimento da raça humana.

Um nobre leão-da-rodésia, chamado Jacob, defendeu a clemência com os humanos que viviam em harmonia com a natureza e o reino animal.

— E nossa dívida com os filhos e filhas de Jafé? Se não fosse a arca construída por seu pai, não estaríamos aqui.

— Mitos e lendas – murmurou o ancião centauro.

Jacob não se deu por vencido.

— Mitos e lendas? Meu honorável amigo está sugerindo redefinir o passado e não só o futuro?

— Somos apenas os mensageiros – disse o ancião astuto enquanto os conselheiros trocavam olhares preocupados. – A Assembleia da Terra se pronunciou. O veredito está dado.

Hobbes continuou em silêncio. Por fim, exasperado, Will-C conseguiu encontrar sua voz.

— E se... E se alguns resignados decidirem que não participarão... E se alguns decidirem inclusive... Que... Que irão defender suas famílias humanas contra qualquer ataque?

Todos os olhares se voltaram para Will-C. Os anciãos não disfarçaram a expressão de desaprovação. Hobbes exibiu um sorriso curto, como se pedisse desculpas. Rani engoliu em seco. Natterjack olhou para ele fixamente.

— Você ousaria desafiar o Conselho de Anciãos? – Perguntou o sapo, incrédulo.

— Não! Ele não ousaria – balbuciou Hobbes.

— Ele está falando por todos os felinos? – Questionou o centauro.

— Não! – Responderam Rani e Hobbes em uníssono. — Não está!

— Nosso objetivo é a vitória – bramiu Natterjack, voltando-se para a multidão novamente. — A vitória a qualquer preço. A vitória apesar do sacrifício e do horror. A guerra foi declarada e quem se opuser à revolução terá o mesmo destino dos humanos.

Outra onda de suspiros ansiosos agitou a multidão.

Lívia bateu as asas e voou em pequenos círculos sobre a multidão.

Disfarçando a ansiedade e seus temores mais sombrios, apelou para a vaidade dos anciãos com um tom moderado: — Mas é claro que o sábio e honorável Conselho de Anciãos tem poder para propor um recurso em nosso nome, certo? Se reunirmos um número suficiente para apoiar o conselho em uma decisão tão corajosa e audaciosa, talvez possamos evitar a guerra. Um recurso pelo menos garantiria tempo para discutirmos mais a questão. Todos sabemos que os humanos são tolos e imprudentes, mas sempre encontramos uma forma de conviver com eles.

Viver e deixar viver. Esse é nosso modo de agir.

As palavras de Lívia despertaram um fio de esperança nos resignados.

— Até a honorável Assembleia da Terra não tolerará um derramamento de sangue sem os votos da maioria.

Natterjack percebeu que Lívia havia tocado o coração de muitos, que agora estavam somando suas vozes ao pedido por um recurso.

— A fase de conversa está encerrada. Foi decretado que iremos travar uma guerra até a morte por terra, por mar e por ar!

Quebrando o protocolo, Lívia voou por cima dos anciãos atônitos e aproximou-se de Natterjack.

— Não. Eu lhe imploro, procônsul. Essa guerra é injusta. Se respondermos com violência à violência dos humanos, seremos iguais a eles.

Natterjack fez um sinal para Faelken, que fechou as asas e mergulhou em direção à pomba.

Lívia percebeu o perigo e tentou escapar, mas era velha e lenta demais.

Faelken atacou, enfiando as garras no corpo frágil dela durante sua descida vertiginosa. A velocidade do ataque foi assustadora, e

Lívia foi atirada contra o solo. Após o impacto, Faelken se desvencilhou dela e voltou a subir pelo ar.

A exibição de força mortal e o corpo sem vida de Lívia silenciaram a multidão. Aproveitando-se do fato de que a pomba havia quebrado o protocolo e ciente de que poucos tinham ouvido seu último pedido, Natterjack reagrupou as tropas mais uma vez.

— Ouçam bem, camaradas animalis, se os humanos tomarem conhecimento de nossa missão, não hesitarão em trucidar cada um de nós e nossas crias. Não haverá negociação, apenas a morte certa para todos os animalis.

Seus olhos pousaram sobre o corpo inerte da pomba.

— Não podemos tolerar nenhum traidor entre nós. Se não estivermos à altura da tarefa que recebemos, o futuro estará perdido para nós. Não haverá mais história natural... apenas história humana. E não podemos permitir isso!

Natterjack finalmente voltou a ser ovacionado e a receber gritos de apoio vindos dos círculos mais distantes.

— O reino dos homens acabará rapidamente e sem aviso. Usaremos dentes, garras e presas. Divulguem a notícia entre aqueles que não puderam comparecer e informem os nomes de qualquer opositor. Reparem que há poucos caninos presentes esta noite. Eles têm menos liberdade do que a maioria de nós e talvez muitos não tenham conseguido sair sem serem notados, mas existem muitos que foram corrompidos, que sofreram uma lavagem cerebral, e podemos esperar traição e resistência.

Jacob sentiu o peso do olhar de Natterjack.

— Isso não pode impedir que persigamos nosso objetivo. Precisamos alcançar a vitória para garantir um futuro para o reino animal. Precisamos lutar juntos para não morrermos juntos. Vocês estão comigo, animalis?

— Estou pronto – disse uma voz entusiasmada no meio da multidão.

— À vitória! — Gritou outra voz. Depois outra. E mais outra.

— Muito bem — disse Natterjack. — O poderoso sol se erguerá e se porá duas vezes antes do início da batalha sob a Fértil Lua Cheia. Até lá, vocês só devem beber água. Precisamos jejuar para que nossos instintos estejam aguçados. Quando o inimigo cair, haverá carne suficiente para enchermos a barriga. Esse será o momento que todos esperamos!

Os animais se uniram em um único grito que correu pela floresta enquanto Natterjack saboreava cada ganido, grunhido e uivo.

Porém, nem todos compartilhavam desse entusiasmo. Para Will-C, Yoshi, Jacob e todos os outros resignados, a facilidade com que Natterjack havia incitado a multidão, que parecia sedenta por sangue, não poderia ser mais aterrorizadora. Até mesmo alguns dos anciãos trocaram olhares de preocupação enquanto o procônsul distrital, com Faelken ao seu lado, saboreava aquele momento como um ditador tirânico, obcecado pelo poder, os olhos brilhando com uma intensidade assustadora e quase humana.

Capítulo 3

Drue sentiu que havia alguma coisa errada antes mesmo de abrir os olhos naquela fatídica manhã de primavera em que Will-C desapareceu. É verdade que tivera um sono agitado durante toda a noite; seu edredom lhe oferecia um refúgio muito frágil contra o vendaval que parecia querer arrancar a janela do quarto. No entanto, não foi só isso e não tinha nada a ver com o fato de ter permanecido em seu quarto, em sua cama.

Desde que começara a dar os primeiros passos, Drue, que era filha única, escapulia com os pés descalços pelo corredor para se enfiar na cama dos pais e se esconder dos raios e trovões ao primeiro sinal de tempestade.

Seu pai tentara amenizar esse medo ensinando-a a interpretar os sinais de que haveria uma mudança climática observando o voo das gaivotas ao passarem por uma corrente de ar ascendente ou as andorinhas voando baixo e aranhas diminuindo suas teias, mas Drue havia usado esse conhecimento para ir direto para o quarto dos pais na hora de deitar, poupando tempo e trabalho a todos.

Agora era diferente. Drue não sabia dizer exatamente por que, mas era.

Quando acordou e viu que Will-C não estava encolhido em seu lugar predileto aos pés da cama, sentiu que seus piores temores se confirmavam.

Se a sabedoria popular de seu pai lhe ensinara alguma coisa era que deveria confiar em sua intuição. Se um novo capítulo de suas vidas estava começando, desejava apenas que Will-C fizesse parte

dele, que não tivesse sido atropelado nem caído em uma das armadilhas para coelhos montadas pelo filho do fazendeiro Callow.

Drue simplesmente não conseguia imaginar a vida sem a companhia de seu amigo felino.

Descrito como um gato preto na ficha da clínica veterinária homeopática de Downs (apesar de que, olhando atentamente sob a luz certa, dava para ver que os pelos embaixo da barriga eram marrom-chocolate), Will-C foi batizado assim porque o pai de Drue não gostava de ver animais presos como bichos domesticados. “Cativos”, dizia ele. “Prisioneiros de Patas.”

Sempre que Drue dizia que queria muito ter um bichinho de estimação, algo que havia feito com frequência desde que começara a falar, sua mãe sorria, colocava uma mecha de seu cabelo atrás da orelha e dizia “Veremos”¹ antes de mudar de assunto.

Apesar da pouca idade, Drue sabia que essa era apenas uma forma sutil usada pelos adultos para dizerem não, mas nunca deixou que percebessem que sabia, nunca criou confusão, teve um chique ou deixou que sufocassem seu desejo de amar e ser amada por um amigo peludo.

*

Esse dia chegou no mesmo ano em que sua mãe, Serah, morreu. Para Drue, foi um ano sem estações, em que a primavera se transformou imediatamente em inverno, o mais frio e sombrio da história. Nesse ano, Drue comemoraria seu nono aniversário, mas, como ainda estava assustada, magoada e zangada com a perda de sua mãe, não teve nenhum interesse em marcar a data com uma comemoração. Isso estava fora de cogitação. Na verdade, não conseguia sequer imaginar que algum dia voltaria a querer comemorar alguma coisa.

Sem o encanto da mãe para iluminar sua vida, os dias pareciam um peso que ela precisava suportar desde o momento em que acordava, e os aniversários não eram exceção. Por que marcar a

passagem do tempo se tudo o que ele fazia era afastá-la ainda mais das boas lembranças e da sensação de pertencimento?

Afastando-se dos amigos, até mesmo daqueles que eram mais próximos, Drue se fechou em si mesma, procurando esconder-se sempre que podia.

Era como se estivesse punindo a si mesma, privando-se da alegria e das amizades, e assim punindo de alguma forma o próprio mundo.

No início, Drue se desligou da escola completamente, mas, ao perceber que isso só chamava mais atenção, começou a se esforçar nas aulas. Nada como antigamente, é claro, apenas o suficiente para não aparecer no radar da professora. Apenas o suficiente para se livrar de todas aquelas pessoas que se aproximavam para colocar um braço em seus ombros, para comentar seu jeito de escrever ou para elogiar seu cabelo – *Pelo amor de Deus, eu só lavei a cabeça!* – ou mesmo para cumprimentá-la por estar sentada em sua carteira quando era ali que deveria estar.

E assim se estabeleceu uma rotina, e os dias se transformaram em semanas e as semanas, em meses, com Drue passando cada vez mais tempo sozinha no seu quarto.

Seu pai sabia que era melhor não interferir, mas daria tudo para poupar a filha daquele sofrimento, mesmo que também sentisse o imenso vazio deixado por sua esposa e companheira. Quinn Beltane já estava familiarizado com essas perdas: seus pais, e até seus dois irmãos, um mais jovem e outro mais velho, haviam partido desta vida havia muito tempo. Ele sabia que era preciso tempo e espaço e que cada um lidava com o processo de luto à sua maneira.

Quando finalmente chegou o dia do nono aniversário de Drue, em um domingo no início da primavera, todo o condado de West Sussex, na verdade toda a costa do sul da Inglaterra, estava envolto por uma fina camada de neblina, através da qual caía uma garoa fina e contínua.

Perfeito, pensou Drue ao abrir as cortinas. Tinha acordado tarde e, depois de vestir a roupa que havia usado no dia anterior – calça jeans e blusão de moletom velho – e de prender os cabelos com um elástico verde, desceu até a cozinha.

Apesar do clima, seu pai estava no quintal, mexendo em uma das árvores frutíferas. Drue ficou observando pela janela que ficava acima da pia. Por sua experiência, sabia que ele estava fazendo um enxerto.

Em estações anteriores, ela o havia ajudado nesse trabalho; sua tarefa era preparar as pequenas mudas que seriam amarradas com barbante e cera de enxerto nos cortes feitos nos galhos mais grossos. Quinn explicara a ela que essa é uma forma de introduzir um novo polinizador para as árvores adjacentes ou criar uma nova variedade da planta que estava ficando velha e cansada. Para Drue, aquilo parecia mágica, pura e simplesmente, uma forma de fazer peras nascerem em uma macieira.

Como sempre, Quinn pareceu sentir que a filha o observava. Ele acenou e sorriu. Quando Drue se afastou da janela, ele deixou as ferramentas no chão e voltou para dentro da casa.

Depois de tirar as botas cheias de barro e o avental, lavou as mãos e beijou a testa de Drue. Em silêncio, eles prepararam o café da manhã de aniversário sem comemoração: suco de laranja com romã, ovos mexidos, tomates assados e torrada com manteiga. A única condição inegociável no arranjo doméstico era que Drue fizesse as refeições na companhia do pai.

Enquanto Quinn preparava um chá em uma caneca com a borda lascada, Drue ajudou a limpar a mesa e a lavar a louça e foi para seu quarto.

Deitada na cama de campanha do século XIX, que havia pertencido ao seu bisavô materno (e que ela e sua mãe haviam pintado as ferragens de branco e enfeitado com luzinhas para eliminar qualquer vestígio das batalhas em campos estrangeiros),

Drue ficou olhando para as estrelas que havia colado no teto do quarto muito tempo antes e percebeu que elas haviam perdido toda a sua magia.

Ainda brilhavam no escuro, mas não havia mais a promessa de viagens intergalácticas pela imensidão do universo; eram apenas pedaços de papel colorido que pediria que seu pai arrancasse na próxima vez em que começasse a arrumar alguma coisa na casa. Também não via mais sentido nos brinquedos que ficavam em cima do guarda-roupa. Nem mesmo a zebra com a qual dormia desde que tinha três anos escaparia da limpeza.

Para ela, já estava mais do que na hora de se livrar das coisas infantis.

Drue ouviu a porta dos fundos bater quando seu pai voltou a sair para trabalhar no quintal, mas depois, com os fones do iPod nos ouvidos, desligou-se de tudo ao redor, menos da compilação de músicas que não ouvia havia quase um ano: a trilha sonora de uma época mais feliz, de um mundo diferente.

Drue conseguira criar uma barreira mental entre si mesma e a realidade atual e até funcionara... por algum tempo.

Então, Serah ressurgiu em sua mente.

Drue conseguiu ver os olhos sorridentes de sua mãe, verde-acinzentados e muito vivos. Sentiu o perfume suave de alfazema que ela colocava na água para passar suas roupas e conseguiu sentir seu toque suave, os dedos esguios (com as unhas roídas) que acariciavam seu rosto, amarravam os cadarços dos tênis e examinavam seu cabelo como uma mãe macaca todas as vezes que falavam de um surto de piolhos na escola. "Piolhos!" Drue se lembrava de que sua mãe ficara arrepiada. Lembrava-se do choque e do horror ao descobrirem os piolhos quando estavam indo passar um fim de semana na casa da tia Mary e da parada que fizeram durante a viagem de trem para comprar um xampu especial e lavar a

cabeça de Drue. Elas gargalhavam sempre que relembavam o episódio. Costumavam rir muito.

Não que Drue jamais tivesse visto sua mãe zangada. Isso acontecia, e não foram poucas vezes, mas qualquer que fosse o motivo, por mais terrível que parecesse no momento, a irritação passava rapidamente.

Generosa, uma alma sábia, uma amiga leal. Foi assim que as pessoas que a conheciam descreveram Serah em seu funeral.

Contudo, independentemente das palavras usadas para defini-la, não havia dúvida de que ela fora abençoada com uma capacidade verdadeiramente milagrosa para fazer as pessoas enxergarem o melhor em tudo. Até mesmo na morte.

Drue sabia que, por conta de sua fé, de sua crença em outra vida, Serah não tinha medo de morrer e só ficara muito triste por não poderem passar mais tempo juntas neste mundo.

Elas conversaram sobre isso muitas vezes, embora Drue não gostasse de tocar nesse assunto na hora de dormir. Falaram muito sobre as razões para sua mãe fazer a passagem, como ela costumava dizer.

Drue ouvira atentamente palavras estranhas como quimioterapia, imunoterapia e linfonodos, alimentando a esperança de que um desses termos contivesse um encantamento secreto que fizesse sua mãe ficar boa.

No entanto, isso não aconteceu.

Então, começou a sussurrar preces todos os dias, de manhã e à noite, mas parecia que não eram ouvidas.

Quando seu pai finalmente lhe deu a notícia que ela tanto temia, seus olhos se encheram de lágrimas, mas, no início, para sua surpresa, não conseguiu chorar. Era como se estivesse em estado de choque.

Depois, com o passar do tempo, o choque foi se transformando em raiva.

A raiva se transformou em medo. E em pouco tempo o medo se metamorfoseou em culpa. Drue se convenceu de que, por algum motivo, era responsável pelo que acontecera. A morte de sua mãe era um castigo divino por algo que fizera ou pensara.

Inconsolável, as lágrimas finalmente começaram a brotar, e ela chorou até não ter mais lágrimas. E então chorou sem elas. Sem ter como chorar para fora, chorou por dentro. E, apesar de todo o amor e toda a compreensão demonstrados por seu pai, ela tinha a impressão de que não conseguiria fazer outra coisa pelo resto da vida a não ser chorar por dentro.

Isso durou até a noite de seu nono aniversário, quando a presença de Serah pareceu ocupar todo o quarto. Drue estava mergulhada em pensamentos melancólicos quando sentiu repentinamente o cheiro de alfazema, tão inebriante quanto um campo florido no verão.

Ela se sentou na cama e viu a cortina se mexer. Não podia ser o vento, pois tinha fechado o vidro. Deduziu que era alguma corrente de ar que entrara por baixo da porta, mas começou a ouvir batidas no vidro, mais fortes e insistentes do que a chuva que caía desde a manhã.

Sem pensar, Drue murmurou: “Mamãe?”

As batidas continuaram atrás da cortina.

Drue saiu da cama e atravessou o quarto lentamente. Após hesitar por um instante, afastou a cortina para ver o que havia lá fora. No início não viu nada além da garoa e da luz de um avião cruzando o céu.

Então, ela o viu. Um gato... Uma pequena criatura imunda, com grandes olhos amendoados, precariamente empoleirado em um galho alto da macieira que ficava bem em frente à sua janela. Era magro como um palito e surpreendentemente ágil para quem não tinha uma pata. Seus pelos escuros pareciam tão ásperos, emaranhados e encharcados quanto os pelos da cabra selvagem que

ela e seu pai haviam tirado da piscina em Maiorca, na última viagem de férias da família. Contudo, por mais acabado que estivesse, assim que recomeçou a miar baixinho, um miado queixoso, derreteu seu jovem coração.

Apesar de estar absolutamente convencida de que sua mãe tinha enviado o gato para mostrar que seu espírito continuava perto dela, algo que Drue não via a hora de contar ao seu pai, ela decidiu que, pelo menos durante as primeiras semanas, era melhor manter seu novo amigo escondido, já que talvez fossem os únicos momentos que passariam juntos.

E assim teve início a amizade. Usando um velho blusão da escola, Drue montou uma cama nos fundos do guarda-roupa. Todos os dias, ela limpava e penteava o gato com uma escova de cabelo velha até deixar os pelos tão brilhantes quanto a pelagem das panteras que tinha visto nas revistas de seu pai. Todas as manhãs e todas as noites, Drue o alimentava com as sobras que deixava em seu prato.

*

Esse arranjo durou algum tempo, até uma noite em que Drue e seu pai

estavam lavando a louça após o jantar e observando, pela janela da cozinha, os morcegos que voavam entre a garagem e o velho celeiro ao lado da casa.

Quinn Beltane parecia perdido em seus pensamentos enquanto lavava os talheres acompanhando aquele balé noturno.

Como costumava fazer, Drue aproveitou o momento para pegar algumas sobras sem que o pai reparasse – nessa noite, um pedaço de torta de legumes – e escondê-las na manga da blusa. Depois, olhou rapidamente para seu pai e achou que ele não percebera nada. No entanto, ao entregar-lhe um pano de prato limpo, que havia tirado da gaveta ao lado da pia, ele disse: — Carnívora.

— O que?

— Carnívora – repetiu ele, como se a palavra fosse suficiente para expressar o que queria dizer.

Drue baixou os olhos. Sentiu que ouviria um sermão e podia adivinhar do que se tratava. Seu pai passou-lhe uma travessa para enxugar.

— Carnívora – disse Quinn mais uma vez. — Uma grande ordem de mamíferos carnívoros que inclui caninos, ursídeos e *felinos*.

Drue enxugou a travessa com toda a sua atenção, muito mais atenção do que a tarefa exigia. Quinn pegou a travessa e entregou-lhe um prato molhado. Então, suspirou e voltou a falar.

— Meu anjo, um gato não pode comer apenas cenouras, ervilhas e tortas de legumes.

— Nós comemos – respondeu ela sem titubear. Tivera um tempo precioso para elaborar uma defesa rápida enquanto enxugava a travessa. — E seres humanos também são carnívoros.

— É diferente.

— Por quê? Não é você quem vive dizendo que devemos tratar todas as coisas vivas com o mesmo respeito? Então por que os gatos não podem gostar de cenoura, ervilha, brócolis e... até de feijão e torrada? Exatamente como nós gostamos?

— Porque essa não é a natureza deles.

Drue podia sentir que a separação de Will-C era iminente.

— Bom, isso pode acontecer por causa da criação, e não da natureza, como a mamãe dizia – respondeu Drue. – Algumas crianças se enchem de porcarias no lugar de comida saudável.

Quinn percebeu que sua filha não entregaria os pontos facilmente e teve de conter um sorriso.

— Esse é um bom argumento, mas os gatos não são apenas carnívoros, meu anjo. São carnívoros estritos ou obrigatórios e precisam comer carne porque seu aparelho digestivo não consegue sintetizar os aminoácidos necessários à sua dieta comendo apenas vegetais. Os humanos conseguem.

— Ah... — Drue deixou a palavra escapar, sem saber o que dizer. Ela abriu a boca como se tivesse outra resposta brilhante, mas só repetiu o que havia dito: — Ah...

Quinn olhou para a filha e levantou seu queixo.

— Mas todas as regras têm uma exceção. Então, vamos lá. Vamos ver esse quadrúpede carnívoro e vegetariano.

Pelo tom da voz de Quinn, Drue sentiu que Will-C teria permissão para ficar e abraçou o pai, esticando-se para beijar seu rosto. Depois, saiu correndo escada acima para pegar seu amigo clandestino, deixando uma explicação pelo caminho.

— Na verdade, ele só tem três patas, mas não parece se importar com isso.

— Deve ser habilidoso. Não me admira que vocês tenham se dado tão bem. E qual é o nome do nosso hóspede?

— Will-C.

Quinn sorriu, sentindo um imenso alívio ao ver a animação da filha. Em silêncio, fez uma prece de agradecimento a Serah. Ele sabia que a dor e a saudade continuariam a ocupar um lugar no coração de Drue, como ocupavam no seu coração, mas pelo menos ela parecia ter reencontrado seu sorriso, sua luz interior.

E foi assim que Will-C passou a viver na casa dos Beltane, nos arredores do vilarejo de Kingley Burh. Nos três anos seguintes, ele e Drue tornaram-se inseparáveis. Melhores amigos. E, para Drue, não havia nada que pudesse separá-los.

¹ Em inglês, “veremos” (“we’ll see”) tem uma sonoridade bem similar a Will-C. (N.E.)

Capítulo 4

Após o discurso do procônsul distrital, os anciãos receberam a incumbência de elaborar um plano de batalha e distribuir as tarefas entre todas as espécies de acordo com seus pontos fortes. A prioridade era cortar tanto as comunicações entre humanos como a geração e o fornecimento de energia.

Apesar de não entender perfeitamente os princípios que faziam essas coisas funcionarem, a Assembleia da Terra sabia que as árvores sem vida dos humanos, com suas serpentes de linhas de telefone e de cabos de energia, eram fundamentais. Eles podiam ver a aura de energia, a radiação luminescente que emanava dessas árvores e de outras estruturas parecidas com pratos que recebiam sinais de satélites, de telefones móveis e de centrais elétricas.

Criaturas cavadoras como ratazanas, toupeiras e coelhos enfraqueceriam as fundações no solo, enquanto cavalos, veados e mamíferos maiores, como elefantes, ursos, bisões etc., dependendo da localização geográfica, usariam sua força bruta para derrubar todas as estruturas que pudessem. Seus camaradas alados, reunidos em bandos grandes e densos, capazes de transformar os dias em noites, interromperiam qualquer sinal de rádio remanescente.

Passaram-se mais duas horas até que os anciãos animalis de Kingley Burh se satisfizessem com as atribuições de cada membro da comunidade, determinando seus papéis e alvos na operação. Ninguém esperava que os resignados atacassem suas famílias de adoção, por isso eles receberam tarefas alternativas. Muitos, na verdade, nem participariam da ação na linha de frente, trabalhando

apenas na rede de apoio. Por causa da primavera, havia muitos animais jovens e recém-nascidos que precisavam de cuidados e também seria preciso colher ervas e raízes medicinais para cuidar dos guerreiros feridos na batalha.

A velha floresta readquirira vida com toda aquela movimentação, mas o clima dominante era de resignação sombria, mesmo entre aqueles favoráveis à reforma e à revolução. Após o discurso de Natterjack e a montagem da estratégia planejada pelos anciãos, todos sabiam que teriam pela frente uma missão sangrenta e perigosa.

Apesar de concordarem que seus esforços coordenados e o elemento-surpresa dariam ao reino animal uma vantagem inicial, não demorou para que se lembrassem das armas dos humanos: lagos de produtos químicos mais letais do que o veneno das cobras e abrigos de ferro com coberturas mais grossas do que a pele dos rinocerontes, capazes de transportar os humanos acima das nuvens e de levá-los ao fundo do oceano, mergulhando tão profundamente quanto a poderosa baleia-azul.

Não havia dúvidas de que o homem moderno era um inimigo formidável e de que também era dotado de uma poderosa vantagem psicológica: por milhares de anos, havia travado guerras, caçado e, o que era considerado gravíssimo, matado por prazer, algo praticamente inimaginável no reino dos animalis. Entre eles, com pouquíssimas exceções, uma vida só era tirada para servir como alimento ou por uma questão de sobrevivência.

Não que Will-C estivesse em condições de pensar nessas coisas. Lennox e seu grupo já tinham ido embora havia muito tempo, mas o restante da população felina de Kingley Burh reunira-se em torno de Hobbes e Rani em busca de orientação. Eram resignados como ele. Amavam seus companheiros humanos e não queriam participar daquela guerra.

Falou-se em motim, em resistência organizada e em fazer alguma coisa para alertar as famílias humanas para o perigo que corriam. Por outro lado, e se o aviso do procônsul tivesse fundamento? E se os humanos não fizessem qualquer diferenciação entre eles por se tratar de uma questão de sobrevivência? Estavam dispostos a correr o risco de condenar à morte seus irmãos animalis e suas crias na tentativa de ajudar o inimigo?

Os pensamentos de Will-C pareciam dar um nó em sua cabeça. Precisava salvar Drue, mas como faria isso? O que seu pai teria feito em uma situação como aquela?

Instinto.

Precisava confiar em seu instinto. O que ele estava dizendo?

Espaço.

Espaço para respirar. Espaço para pensar. Precisava elaborar um plano e era evidente que não conseguiria fazer isso ali.

— Não sou seu representante eleito? – Questionou Hobbes subitamente, para domar os gatos sobressaltados, ecoando o timbre autoritário de Natterjack. — Muito bem, então vocês precisam confiar em mim. Por enquanto, devemos atentar para as palavras do Conselho de Anciãos...

— E agir como selvagens? – Gritou alguém.

— Não, selvagens não. Soldados. Agora estamos em guerra e precisamos obedecer a ordens. Voltem para suas casas e preparem-se para a batalha.

Aquelas não eram as palavras tranquilizadoras que os resignados esperavam ouvir. Quando o delegado e seu adjunto foram embora, Will-C

falou para os poucos que ficaram.

— Dizem que somos soldados. É verdade, pois não temos alternativa senão lutar, mas cabe a nós escolher pelo que lutaremos. Talvez ainda haja esperança.

— E quem irá nos liderar? Você? – Perguntou um gato da raça devon rex.

— A Assembleia da Terra é muito poderosa. Morreremos junto com os humanos – disse um gato persa.

Um a um, todos se afastaram, cabisbaixos, com as orelhas em pé, balançando a cauda entre as pernas. Tinham sido derrotados antes mesmo do começo da guerra, mas, após dar alguns passos, Yoshi se virou para trás.

— É verdade, não é Will-C? Não há nada que possamos fazer?

— Se pensa assim, então vá. Vá com eles – disse Will-C.

Então, uma sombra sinistra cobriu o solo, engolfando-os. Quando olharam para cima, viram Faelken descendo como se viesse direto da lua, pousando sobre as raízes de uma árvore caída. Seu olhar penetrante cravou-se em Will-C.

— Os anciãos convocaram uma reunião de todos os funcionários do conselho.

— Mas a reunião de cúpula já foi encerrada – disse Will-C.

— Trata-se de uma reunião particular. Estão à sua espera.

— Onde?

— Junto ao Carvalho do Santuário perto do rio – respondeu Faelken, voltando sua atenção para Yoshi. — Apenas os funcionários eleitos.

— Estarei lá – disse Will-C.

O falcão começou a bicar suas garras, as mesmas garras que haviam tirado a vida da pobre Lívia.

— Diga a eles que estarei lá – repetiu Will-C, esforçando-se para demonstrar autoridade.

O falcão continuou examinando os gatos por alguns instantes e depois alçou voo, formando um círculo amplo antes de desaparecer acima da copa das árvores.

Yoshi estremeceu. A temperatura havia despencado nas últimas horas, e uma brisa fria corria pelo meio das árvores. Sem qualquer

pelagem para manter seu corpo aquecido, Yoshi sentia mais frio do que os outros.

Will-C levantou o focinho para inalar e interpretar a corrente de ar, uma rajada de ar úmido impregnada pelo sal de um oceano distante, que nem Will-C nem Yoshi conheciam.

— Uma tempestade se aproxima. Vá para casa, Yoshi. Fique com sua família. Eu o encontrarei quando chegar a hora.

— Mas o que você vai fazer?

— Ainda não sei – respondeu Will-C francamente.

— Eu não conseguiria ferir um humano.

— Você não precisará fazer isso. Prometo. Agora vá. Preciso descobrir o que os anciãos estão planejando. Talvez ainda haja uma saída.

— Não confio neles. Você viu o que aconteceu com Lívia.

— Lívia cometeu um erro. Ela quebrou o protocolo – respondeu Will-C, mais severamente do que pretendia.

— Ainda assim, foi um assassinato.

— Sim.

— Então, devemos denunciar Natterjack às autoridades – disse Yoshi, assustado e frustrado.

— O sapo tem uma centena de testemunhas que dirão à Assembleia da Terra que Lívia estava incitando atos de traição.

— Mais um motivo para não confiar nele – insistiu Yoshi, tremendo.

— De qualquer forma, levaríamos dias para conseguir falar com a Assembleia e, até lá, a guerra já teria começado.

— O que vamos fazer?

— Eu vou à reunião. Ouvirei o que eles têm a dizer. Depois decidirei.

— E se for uma armadilha?

— Não se preocupe. Nem mesmo o procônsul distrital pode desafiar a trégua decretada pela cúpula ou violar o Código de

Conduta em ser provocado. Agora vá, senão vou me atrasar mais uma vez.

Uma chuva leve começou a cair enquanto Will-C pulava para um tronco caído e coberto de musgo e desaparecia nas sombras da floresta sem olhar para trás.

Capítulo 5

Drue vestiu rapidamente as primeiras roupas que encontrou. Tirou o celular do carregador, enfiou-o no bolso das calças jeans e saiu depressa do quarto.

Uma hora depois, após procurar em todos os armários e em cada canto da casa, sem sinal de Will-C, e muito menos de seu pai, Drue saiu para o quintal.

Ainda era cedo. O sol tinha acabado de surgir atrás das árvores, porém mal podia ser visto por causa das nuvens. Quinn dizia que essas nuvens carregadas de chuva eram chamadas de cumulonimbus e indicavam que o mau tempo persistiria.

Drue puxou o zíper do casaco até a altura do pescoço e caminhou pelo gramado. O vendaval que havia fustigado a janela de seu quarto deixara marcas aqui e ali, como vasos revirados, uma roseira caída e até galhos grossos arrancados das árvores frutíferas.

— Will-C! — Chamou ela. — Peixe, peixe, peeeixe! — Acrescentou Drue, sabendo que ele era incapaz de resistir à promessa de um filé de peixe recém-cozido.

Ela foi até a horta e checkou o galpão onde plantavam as mudas em vasos, o lugar onde preparavam a compostagem e o velho celeiro. Por fim, decidiu ir até a garagem, onde imaginou que encontraria o pai ocupado em sua bancada de trabalho. Quando abriu a porta lateral e percebeu que a velha picape não estava ali, imaginou que seu pai tivesse saído para atender um chamado. O robusto Land Rover Defender, do início da década de 1960, era equipado com um reboque que já salvara muitos motoristas dos

campos lamacentos e das valas de drenagem dos arredores. Por isso, para muitos dos moradores das redondezas, Quinn era o primeiro a ser chamado em uma situação de crise.

Quando Drue finalmente conseguiu falar com o pai pelo celular, descobriu que ele estava do outro lado da cidade, ajudando a escorar um riacho que transbordara e inundara o caminho que levava à igreja de São Nicolau.

Quinn não gostava de falar muito ao telefone, por isso ela foi direto ao ponto e perguntou se ele tinha visto Will-C. Contou que procurara em todos os cantos e não encontrara o gato, mas o pai disse-lhe para não se preocupar e lembrou-a de usar o casaco impermeável com capuz por cima do uniforme da escola, pois choveria ainda mais.

O telefonema não a tranquilizou nem um pouco, e ela fez mais uma busca pelo quintal. Depois, voltou à garagem para pegar a bicicleta.

Quando Drue chegou ao outro lado da cidade, Quinn já tinha a situação sob controle e vários voluntários ajudavam a tirar a água lamacenta que tomara a estradinha da igreja.

Vestido com as calças de borracha que usava em pescarias, ele estava puxando uma sacola plástica encharcada, que jogou sobre a pilha de detritos que retirara do leito do rio, incluindo latinhas de bebida, garrafas e até os restos de uma árvore de Natal.

— Por que as pessoas fazem isso? — Perguntou um voluntário, apoiando o queixo barbudo no cabo de uma vassoura.

— Vivemos em uma sociedade consumista e descartável — disse outro voluntário.

— O problema é que as coisas não se desmancham simplesmente — acrescentou Quinn.

— Você está certo, senhor B — disse o homem barbudo. — Você está mesmo certo.

— Pai! – chamou Drue, aproximando-se com sua bicicleta e quase caindo quando dois labradores pretos começaram a latir furiosamente pela janela traseira de um Volvo estacionado ao seu lado.

— Bom dia, Drue – disse o barbudo.

— Oi, senhor Deacon – disse ela, educadamente, afastando-se dos cães.

— Hoje não tem aula?

Antes que Drue pudesse responder, seu pai se aproximou.

— O que está fazendo aqui, meu anjo? Se é por causa de Will-C...

— Will-C? – Perguntou o senhor Deacon.

— Meu gato.

— Achei que já tivéssemos conversado...

— Mas ele sumiu, pai... Procurei em toda parte. Acho que aconteceu alguma coisa ruim.

Pela expressão de seu rosto, Drue percebeu que o pai não estava nada satisfeito e abaixou os olhos.

— Deve ter ficado assustado com a tempestade – disse o senhor Deacon.

— Veja os meus cachorros – continuou ele, apontando para os labradores.

— Não pararam de latir a manhã inteira.

Drue olhou para os cães, que tinham os focinhos grudados no vidro sujo de saliva e os dentes arreganhados.

— Monty! Nelson! – Gritou o senhor Deacon, mas o tom autoritário não conseguiu acalmá-los.

— Acho que vocês podem continuar sem mim – disse Quinn, colocando a bicicleta de Drue na picape. Depois, ele tirou as calças de borracha e fez um sinal para que Drue entrasse no carro.

— Não se preocupe, mocinha – disse o senhor Deacon. — Seu gato vai aparecer. Assim que a fome apertar. Eles sabem o que é bom para eles.

Drue não respondeu e continuou olhando para os pés, segurando o celular que estava em seu bolso. Despedindo-se com um aceno de mão, Quinn assumiu o volante do carro e seguiram para casa. Não trocaram uma palavra durante todo o trajeto; só o barulho do motor a diesel e dos pneus passando pelos buracos da estrada encharcada pontuavam o silêncio pesado.

Ao cruzarem o portão da entrada da propriedade, Quinn falou pela primeira vez, resumindo a situação: ele precisava trabalhar, Drue precisava ir para a escola. Ele achava que Will-C logo retornaria, mas, como teria de verificar os estragos causados pela tempestade, ficaria atento. Se não tivessem notícia do gato até a hora do almoço, iniciaria uma busca rigorosa.

Porém, Drue teria de prometer que não faltaria à aula para procurar o gato. Ele não queria se preocupar com o sumiço dos dois. Drue concordou solenemente com um aceno de cabeça, saiu do carro e entrou correndo na casa para trocar a roupa pelo uniforme da escola e pegar seu material.

Quinn continuou no carro, esperando por Drue para levá-la ao vilarejo.

Enquanto isso, baixou o vidro da janela e examinou o céu. As nuvens continuavam lá, embora a chuva tivesse dado uma trégua. No entanto, o que realmente chamou sua atenção foi a ausência de qualquer ave no céu.

Nenhuma ave no céu. Nem nos galhos das árvores. Nem no telhado. Nem ciscando as sementes e as migalhas que Drue costumava deixar no comedouro de madeira que haviam construído juntos. Normalmente, tentilhões, chamarizes, pardais, escrevedeiras, pica-paus e até faisões se refestelavam ali ou faziam muito barulho para avisar que Drue esquecera suas obrigações e que eles precisavam comer.

Quinn observou a paisagem com um olhar pensativo, mas, quando Drue ressurgiu na porta, trazendo a mochila da escola, sua

expressão se transformou, e ele se esforçou para exibir um sorriso tranquilizador.

Capítulo 6

As primeiras aulas foram de inglês e história; apesar de esta última ser uma das matérias preferidas de Drue, ela tinha a impressão de que o tempo passava em ritmo de tartaruga.

Foi preciso reunir toda a sua força de vontade para fingir interesse por nomes, datas e lugares escritos com giz no quadro-negro. Não foram poucas as vezes que precisou se esconder atrás da aluna à sua frente quando o professor passou os olhos pela sala após fazer uma pergunta. Sua cabeça simplesmente não estava ali.

A direção da escola havia proibido o uso de celulares, pois muitas crianças não conseguiam resistir à vontade de jogar ou enviar mensagens e fotos durante as aulas. Por isso, só no intervalo, quando todos os outros alunos da turma foram para o pátio, Drue conseguiu se esconder no abrigo construído durante a Segunda Guerra Mundial, que agora era usado para guardar os equipamentos de jardinagem, e tentar fazer uma ligação rápida sem que ninguém visse.

As notícias não eram nada animadoras: não havia nenhum sinal de Will-C e ela ainda teria de assistir outras aulas até poder telefonar novamente na hora do almoço. Seu único consolo era seu pai ter prometido que procuraria Will-C, e ele jamais deixaria de cumprir uma promessa.

Ainda assim, Drue considerou a possibilidade de cruzar o campo que ficava atrás do abrigo e empreender uma busca por sua própria conta, e talvez tivesse mesmo feito isso se não encontrasse a senhora Gamph, a diretora adjunta, ao sair do abrigo.

Com o celular confiscado até a hora da saída e a ameaça de um castigo pairando sobre sua cabeça, Drue foi obrigada a voltar para a sala de aula e sofrer em silêncio.

A segunda metade da manhã correu mais ou menos como a primeira parte das aulas, mas, na hora do almoço, Drue descobriu que não estava sofrendo sozinha. Ao entrar na cantina, aproximou-se de um grupo de meninas mais velhas para pedir um celular emprestado e então descobriu que todas estavam tão nervosas quanto ela, tentando obter notícias de seus animais de estimação.

Alunos de cinco escolas do condado estavam trocando mensagens sobre os desaparecimentos e havia fotos de animais “perdidos” – gatos, principalmente, mas também cães e até uma cobra – espalhadas pelo Facebook, pelo Twitter e por vários blogs, com informações para contato.

As notícias não a deixavam mais próxima de Will-C, e ela estremeceu ao ouvir boatos de que uma quadrilha estava sequestrando animais de estimação para conseguir um resgate em dinheiro, mas no fundo, mesmo sem saber por que, Drue tinha certeza de que ela e seu gato logo estariam juntos.

Xingando a escola e todas as suas regras e regulamentos, ela desejou ter poderes mágicos sobre o tempo e dar fim às horas, aos minutos e aos segundos insuportáveis que passaria nas aulas de ciências e de matemática até as quatro horas da tarde.

Capítulo 7

Depois de se separar de Will-C na noite da Grande Cúpula, Yoshi manteve uma vigilância constante junto a uma das janelas da casa em que vivia com sua companheira humana, uma solteirona gentil chamada senhora Haruki.

Um dia inteiro, uma noite e metade de uma manhã já tinham passado sem qualquer notícia de seu amigo e, apesar do cansaço devido à falta de sono, Yoshi tinha consciência de que o sol que aquecia sua pele enrugada através do vidro da janela seria o último antes que a Fértil Lua Cheia surgisse no céu novamente, o sinal de que a guerra entre a humanidade e os animalis começaria.

Por isso, foi com um misto de alívio e apreensão que ele avistou a companheira humana de Will-C. Mesmo estando longe, tinha certeza de que era ela e, assim que a garota se aproximou da porta da casa com sua bicicleta, Yoshi abandonou seu posto e disparou em direção à sala.

Após procurar insistentemente por Will-C, mas sem sucesso, Drue havia passado toda a manhã de sábado distribuindo pequenos cartazes impressos em papel reciclado, que ela mesma fizera em seu computador na noite anterior. Os cartazes tinham uma foto com o nome de Will-C, telefone para contato e os dizeres: *Desaparecido Gato muito amigável de três patas Ofereço recompensa* Aquela era apenas mais uma parada de uma longa procura de porta em porta, por isso foi com certa impaciência que tocou a campainha e tentou ver o interior da casa pela janela da sala.

Do outro lado da porta, Yoshi olhou para Drue através dos painéis de vidro que imitavam um vitral. A campainha tocou novamente e só então ele percebeu que a senhora Haruki não estava em casa.

Drue tocou a campainha pela terceira vez e colocou a mochila no cesto de arame preso ao guidão da bicicleta.

Yoshi entrou em pânico. Não tinha a menor ideia do que havia levado Drue até sua casa, mas sentiu que era alguma coisa importante e que envolvia Will-C. Precisava chamar a atenção da garota para descobrir. Assim que ela se afastou da porta, Yoshi atravessou a sala, correndo em direção à cozinha, e saiu pela abertura na porta dos fundos.

Quando conseguiu circundar a casa, Drue já estava passando pelo portão.

Ele disparou pelo gramado, cortou caminho por um canteiro de flores e saltou a cerca de ligustro para alcançar o muro de pedra que cercava a propriedade. Não era uma das cenas mais bonitas, mas, com o peito chiando e ofegante e os poucos pelos eriçados, parecendo uma assombração, Yoshi conseguiu chamar a atenção de Drue, que parou para dar atenção ao gato.

— Meu Deus, o que aconteceu com você?

Yoshi, é claro, como a maioria dos animais, não entendia a linguagem humana, mas fez um esforço para superar a barreira linguística.

— Você é a amiga de Will-C – miou, com um sussurro abafado.

— Faz tempo que não nos vemos. A senhora Haruki está bem?

— Perguntou Drue, ignorando o comentário de Yoshi.

— Onde está Will-C? Por que ele não veio? – Respondeu Yoshi.

— O que foi, sua criaturinha esquisita? – Perguntou Drue, fazendo carinho na cabeça do gato.

— É por isso que você está aqui? Por causa de Will-C? Aconteceu alguma coisa?

— Gostaria que você soubesse falar. Talvez pudesse me dizer onde ele está.

Apesar de não ter entendido uma única palavra, Yoshi notou a tristeza na voz da garota.

Drue deixou que o gato esfregasse o focinho na palma de sua mão.

— Está sentindo o cheiro dele? É isso? Você sabe onde está Will-C?

— Will-C! — Miou Yoshi. Aquele som era familiar. Ele o tinha ouvido quando estavam no milharal caçando ratos e alguém chamou seu amigo. — Will-C! Sim! Você está tentando me dizer alguma coisa.

— Você está querendo me dizer alguma coisa? — Perguntou Drue delicadamente.

— Will-C! — Miou Yoshi de novo, fazendo tudo o que podia para conseguir produzir sons parecidos com as palavras de Drue, em uma tentativa desesperada para se comunicar.

— Bom, amiguinho... Preciso ir.

— Ele está em casa? Está ferido? Por que você...?

— Cuide-se — disse Drue, montando na bicicleta e desviando dos carros estacionados ao longo da rua estreita.

— Espere! — Miou Yoshi. — Espere!

Então, ele percebeu que não adiantaria continuar gritando. Os humanos eram a única espécie com a qual era quase impossível estabelecer qualquer comunicação além do básico: feliz, triste, alegre, faminto e zangado. Se a amiga de Will-C tinha alguma notícia a respeito dele, Yoshi jamais descobriria fazendo perguntas.

Eu o encontrarei quando chegar a hora, havia dito Will-C. E, apesar das dúvidas, apesar de sentir que precisava fazer alguma coisa, Yoshi decidiu que a única coisa a fazer naquelas circunstâncias era seguir essas ordens.

Esperaria que seu amigo fizesse contato.

O gato da senhora Haruki refez o caminho de volta para a casa, mas não sem antes fazer um pequeno desvio para atender um chamado da natureza.

Ao cruzar a sala para voltar ao seu posto de vigilância, parou de repente. Em cima do tapete, junto à porta da frente, ele viu... Will-C.

Yoshi se aproximou e examinou o papel atentamente. As palavras não significavam nada para ele, mas a imagem era inconfundível. E o fato de a companheira humana de Will-C ter acabado de sair dali significava que ela provavelmente passara o cartaz por baixo da porta enquanto ele dava a volta pelos fundos da casa.

Ele tinha visto algo parecido com aquilo quando o terrier da casa da frente desaparecera alguns verões atrás. O terrier nunca mais foi visto na vizinhança e pouco depois foi substituído por outros dois.

A mensagem não poderia ser mais clara: Will-C havia desaparecido.

Natterjack, pensou Yoshi, sentindo a ansiedade ser substituída pelo medo.

O sapo tinha alguma coisa a ver com isso.

Capítulo 8

A antiga floresta de Kingley Burh era completamente diferente durante o dia, e, enquanto abria caminho pelo labirinto de coníferas, Yoshi tentava sincronizar sua respiração com a energia das árvores.

Fora Will-C quem mostrara a ele como o poderoso campo de energia das árvores circulava entre uma e outra, contorcendo-se como uma serpente invisível, e como, com a prática, era possível entrar em contato com esse campo para acalmar os nervos e clarear a mente. Yoshi esperava que aquilo pudesse ajudar a fortalecer também sua determinação, pois quanto mais se aprofundava na floresta mais percebia os preparativos para a guerra. Tocas e ninhos eram camuflados ou reforçados. Garras e bicos eram afiados.

Combates eram simulados para melhorar reflexos e aprimorar habilidades.

De vez em quando, Yoshi avistava um humano atravessando a densa floresta, geralmente na companhia de um resignado canino barulhento, que se movimentava desajeitadamente pelo mato ou puxava a coleira.

Sempre que isso acontecia, Yoshi, como os nativos da floresta, parava e permanecia absolutamente imóvel até passar o perigo. Não que os humanos estivessem caçando; pareciam apenas seguir seu curioso padrão de comportamento de forragear sem colher nada, e, apesar de os cães parecerem mais agressivos do que era de costume, Yoshi deduziu que os humanos não faziam ideia do que o destino reservava para eles até o final daquele dia.

Yoshi já se aproximava do Carvalho do Santuário, uma árvore gigantesca com galhos esbranquiçados e sem casca, que saíam de um tronco cavernoso.

Completamente tomado pela hera e por tufo de visco, o carvalho perdera a vida ao ser atingido por um raio muitos séculos atrás e fora transformado em um ponto de referência para todas as criaturas nascidas e criadas em Kingley Burh.

A árvore ficava em uma clareira, às margens de um rio, e, com a luz do sol que penetrava no solo úmido, tojos, bunhos e gramíneas cresciam em abundância ao seu redor. Aproveitando a proteção natural da floresta, Yoshi moveu-se em um amplo semicírculo, aproximando-se cautelosamente do gigantesco carvalho.

Com as orelhas em pé e os sentidos alertas a qualquer som ou movimento, ele mudou a direção ao perceber um burburinho na vegetação rasteira logo à sua frente. Então, ao aproximar-se de canas e juncos, na direção do tal som, pata ante pata, Yoshi avistou seu amigo.

Will-C e alguns resignados que haviam manifestado sua oposição à guerra durante a Grande Cúpula estavam presos em gaiolas formadas por carrinhos de supermercado virados sobre o terreno alagado.

Encharcados, famintos e amedrontados, alguns aceitavam seu destino em silêncio enquanto outros gemiam e lamentavam, agarrados às laterais dos carrinhos, debatendo-se para manter os focinhos acima do nível da água.

Will-C dividia sua gaiola com outros dois gatos: CoCo, um felino cor de chocolate da cidade vizinha de West Stoke e uma gata cinzenta que Yoshi não reconheceu. Ao lado deles, um filhote da raça king charles spaniel se debatia. Quando o cãozinho, esgotado, fechou os olhos e afundou na água, CoCo, agarrado às grades para manter-se vivo, afundou a cabeça e puxou-o pelo pescoço. O filhote

cuspiu água ao entrar em contato com o ar, com as orelhas e os pelos cobertos de algas.

— Will-C – sussurrou Yoshi. — Sou eu.

Will-C não respondeu. Paralisado por sua fobia de água, ele se fechara em si mesmo. Em silêncio e imobilizado pelo medo, ele tinha o olhar perdido em algum ponto distante.

— Will-C – sussurrou Yoshi novamente, aproximando-se mais um pouco.

Entretanto, seus esforços foram em vão, pois o mesmo ambiente que ajudara a mascarar a aproximação furtiva de Yoshi também escondia potenciais inimigos. Subitamente, ele se viu jogado no chão, com o pescoço preso por dentes afiados, cercado por doninhas e ratos.

Então, surgiu um arminho albino, que se ergueu, apoiado nas patas traseiras, e estudou Yoshi com seus olhos vidrados. Alisando os bigodes com uma pata, fez sinal para a doninha que prendia Yoshi, que começou a arrastá-lo na direção das gaiolas.

Parte dos carrinhos tinha sido afundada no leito do rio e as aberturas tinham sido fechadas com pedras. O arminho pulou de uma gaiola para outra, pisando nas patas dos prisioneiros e obrigando-os a afundar na água escura enquanto decidia onde colocaria o novo prisioneiro.

— Seja quem for, não queremos que fique aqui – resmungou CoCo.

O arminho virou-se imediatamente para CoCo.

— Ali! – Gritou o arminho, indicando que Yoshi deveria ser colocado na gaiola com CoCo e os outros gatos.

— Já somos muitos – reclamou CoCo, que conhecia a natureza sádica do arminho e sabia que assim Yoshi seria colocado com eles.

Os ratos empurraram Yoshi, obrigando-o a entrar na água, tiraram uma pedra e empurraram o gato pela fenda. Quando subiu à

superfície, já dentro da gaiola, sufocado e lutando para respirar, ele recebeu a ajuda de CoCo.

O arminho arreganhou os dentes e correu para a terra firme, deixando os ratos e as doninhas guardando os prisioneiros.

— Yoshi, você está bem? – Perguntou CoCo, baixinho, para que os guardas não ouvissem.

— O que aconteceu com Will-C? – Perguntou Yoshi.

— Eu também queria saber... Ele está assim desde que nos prenderam aqui.

— Quem fez isso?

— Natterjack.

— E os anciãos sabem?

— É difícil dizer. Aconteceu depois da Grande Cúpula.

— Na reunião particular?

— Isso... Só que não era uma reunião. Era uma armadilha e caímos direitinho. Estava escuro e eles eram mais numerosos.

Yoshi esticou o pescoço para dar uma olhada nas outras gaiolas.

— Os espões de Natterjack devem estar espalhados por toda a parte. Aqueles que se declararam contrários à guerra foram cercados.

— Por que ele simplesmente...?

— Não matou todo mundo? Como fez com Lívia? Isso seria muito evidente. Até o procônsul precisa justificar suas ações para a Assembleia da Terra.

— Então estamos seguros.

— Até esta noite. Quando surgir a lua cheia e começar a guerra contra a humanidade, quem irá reparar no desaparecimento de alguns resignados diante da maior guerra da história do planeta?

CoCo e Yoshi se olharam em silêncio. Sim, haveria um banho de sangue.

Muitas vidas seriam perdidas em ambos os lados. Com os humanos fora do caminho, talvez até a Assembleia da Terra se

tornasse uma vítima da guerra, derrubada por líderes tribais impiedosos e por funcionários corruptos, como Natterjack, sedentos por mais poder.

— Precisamos fugir – disse Yoshi.

— Como? Eles têm guardas e espiões espalhados pela floresta.

— Precisa haver um jeito. Will-C saberia o que fazer.

Porém, bastava olhar para ele para ter certeza de que não estava em condições de ajudar.

— Ele está assim desde que nos puseram aqui. Não diz nada.

Yoshi decidiu se aproximar do amigo. Perdendo o equilíbrio, teve de debater-se na água, mas conseguiu chegar perto de Will-C e cutucar seu corpo inerte.

Yoshi procurou um lampejo de reconhecimento em seus olhos, mas Will-C olhou para o amigo com uma expressão vazia. Yoshi suplicou e até bajulou o amigo. Falou sobre a visita de Drue. Contou que sua companheira humana estava procurando por ele. Contudo, nada do que disse provocou algum efeito no amigo. CoCo tinha razão. Eles não poderiam contar com a experiência e a inteligência de Will-C.

Depois de levar uma bronca de uma das doninhas, Yoshi ficou quieto. Fez o que pôde para tirar Will-C um pouco mais da água, mas também começou a sentir os efeitos da corrente. Segurando-se em um canto da gaiola, puxou Will-C para dividirem o pouco calor que ainda existia em seus corpos. Tudo o que lhe restava agora era esperar e pensar em algo para sair dali.

Capítulo 9

Diante do computador, Drue logo viu mais um amigo surgir online. Fazia horas que a troca de mensagens transcorria em ritmo acelerado e a quantidade de crianças com animais de estimação desaparecidos só aumentava. Era evidente que não se tratava de um problema localizado ou limitado ao Reino Unido. Eram blogs e mensagens de lugares tão distantes quanto Oslo, Adelaide, Santa Mônica, Allahabad, Pequim, Munique e Moscou, mas a ligação entre os desaparecimentos ainda não havia sido estabelecida.

Drue saiu do bate-papo e pensou sobre o que estava acontecendo. Então, começou a pesquisar as páginas de notícias na internet. As manchetes exibiam sua combinação rotineira: política, esportes, crimes, escândalos e fofocas de celebridades. Nenhuma fazia menção ao que, para Drue, parecia ser o fato mais importante. Frustrada, ela colocou o computador no modo de espera.

Lá fora, o céu era como um grande hematoma brilhante, com vários tons de vermelho a roxo entre camadas de nuvens brancas que flutuavam acima da copa das árvores. Como sempre acontecia quando ficava navegando na internet, o tempo parecia passar de outra maneira. Ainda assim, foi surpreendida pelo pôr do sol. Havia mesmo passado a tarde inteira diante do computador?

Ela se espreguiçou e chegou mais perto da janela. As polias estavam gastas, por isso foi preciso fazer um pouco de força para abrir a janela.

Quando finalmente conseguiu, colocou a cabeça para fora e sentiu o ar fresco.

A macieira estava cheia de brotos, e raminhos cor-de-rosa roçaram os cabelos de Drue quando ela apoiou os braços no peitoril e se inclinou para ver a luz do dia ir embora. Ela lembrou seu primeiro encontro com Will-C.

A árvore crescera um pouco desde então, assim como eles. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela resistiu à vontade de chorar. Seria como admitir a derrota, e ela não pretendia desistir.

Um grupo desordenado de estorninhos cintilantes cruzou o campo de visão de Drue e pousou nos ramos das bétulas que ficavam depois da propriedade dos Beltane. Ela percebeu que havia também melros, tordos e corvos, uma mistura de aves que ela nunca tinha visto antes.

Drue observou o bando por um instante e teve a irritante sensação de estar sendo observada por eles. Então, o encanto foi quebrado pelo barulho familiar do carro de seu pai entrando na garagem. Drue fechou a janela e foi ao encontro dele.



Naquela noite, o jantar foi bastante sério. Drue contou ao pai tudo o que descobrira durante a tarde enquanto beliscava a crosta de queijo do macarrão gratinado.

Quinn Beltane não era um grande fã da internet ou de qualquer engenhoca eletrônica e só tinha um celular por insistência da filha teimosa.

A única coisa que sabia fazer era receber chamadas. Mesmo assim, ele ouviu atentamente tudo o que ela contou. E, dessa vez, não a censurou pelo tempo que havia passado diante do computador. Pelo contrário. Para espanto de Drue, sugeriu que continuasse acompanhando os acontecimentos e que o mantivesse informado.

Para ela, essa reação foi reconfortante, mas também um motivo de preocupação. Deu-lhe uma sensação de missão a cumprir, mas também sugeria que seu pai sabia mais do que deixava transparecer.

A noite seguiu tranquilamente após o jantar. Depois de lavarem a louça, Drue foi tomar banho enquanto seu pai trabalhava no escritório que ficava ao lado da cozinha. Porém, algumas horas depois, quando ele bateu na porta do quarto da filha e disse que precisava ir até o vilarejo para resolver algumas pendências, ela voltou a sentir uma inquietação.

Seu pai raramente a deixava sozinha em casa e jamais fazia isso à noite.

Não que se sentisse insegura. Sabia que podia contar com a senhora Dean, a vizinha que morava na casa da frente, e tinha seu celular caso houvesse uma emergência, mas era a segunda vez que ele rompia um acordo tácito no intervalo de um único dia.

Quinn prometeu que voltaria o mais rápido possível e insistiu para que ela trancasse a porta. Foi o que ela fez antes de correr para o quarto e assumir seu posto de vigilância. Drue puxou o pesado edredom de penas de ganso e colocou-o por cima dos ombros, como se fosse um manto sobre o pijama, e, depois de conferir se o celular estava carregado, acomodou-se no peitoril da janela.

Uma das luzes externas iluminou o jardim quando o sensor de movimento foi acionado por um cachorro que apareceu de repente nos fundos da casa. Ela bateu no vidro para assustar o animal, pois não queria que Will-C fosse surpreendido por um cão desconhecido caso voltasse para casa.

— Xô! Vá embora! – Disse ela em voz alta.

O cachorro olhou para a janela.

Drue bateu no vidro mais uma vez e acenou para afugentá-lo. Como se estivesse obedecendo, ele baixou a cabeça e se afastou.

Ao ver a luz apagada, Drue voltou a aninhar-se sob o edredom, mas, se tivesse ido até uma janela do outro lado da casa, veria que o

cachorro não fora embora; na verdade, simplesmente voltara sua atenção para outra parte do quintal, pois era um cão de caça e estava trabalhando. Com a ajuda das orelhas compridas, roçando a terra com a papada, ele captava inúmeros cheiros com seu focinho incansável. Fazia dois dias que Will-C

desaparecera, e a chuva havia diluído seu cheiro, porém, mesmo que o gato tivesse desaparecido duas semanas antes, esse rastreador inveterado não teria muita dificuldade para encontrar uma pista.

E, assim que encontrou, saiu em disparada, passou pelo portão do jardim com um salto e seguiu na direção de Oakwood Lane.

O caçador parecia avançar pela floresta sem esforço algum, mas suas habilidades olfativas funcionavam a todo vapor, com sutileza e precisão. Ao inspirar, o robusto canino conseguia capturar, filtrar, separar, identificar e catalogar para referências futuras centenas e até mesmo milhares de odores, que poderia comparar e contrastar com aqueles já armazenados em seu arquivo mental.

Como um maestro extremamente talentoso diante de uma orquestra completa executando uma sinfonia, ele conseguia detectar até a nota mais fraca, grave ou aguda e a menor variação no tom, no ritmo ou no andamento de qualquer instrumento e, então, apesar da grande variedade de sons contrastantes, concentrar-se em determinada passagem e isolá-la como se fosse um solo, tudo isso enquanto atravessava um território desconhecido.

Por isso, quando chegou ao campo de prisioneiros improvisado junto ao Carvalho do Santuário, o cão de caça já sabia que inúmeros resignados estavam ali e em uma situação desesperadora.

A presença dos guardas também não foi uma surpresa, mas, em vez de tentar se esconder, o caçador preferiu aproximar-se insolentemente dos ratos e doninhas que estavam prontos para atacar.

— Quem está no comando por aqui? — Latiu o cão de caça. Os guardas continuaram escondidos na mata.

— E então? – Esbravejou o cão impacientemente. — Não tenho a noite toda!

Por fim, uma doninha cinza apareceu diante do cão enquanto outras exibiam apenas o focinho no meio dos arbustos. A doninha ficou em silêncio, examinando-o com um olhar desconfiado.

— É você quem está no comando?

— E quem é você? – Questionou uma voz no meio dos arbustos.

Arminho, pensou o cão. Mordida desagradável. É mais ousado do que doninhas em uma luta.

— Sou funcionário da corte da Assembleia da Terra. Estou aqui para interrogar os prisioneiros.

O arminho saiu dos arbustos e mostrou-se.

— Interrogar? Por quê? – Perguntou o arminho, aproximando-se cautelosamente.

— E você quem é?

— Mustela, chefe da guarda.

— Quero elogiá-lo, Mustela, por seu esquema de segurança. Os prisioneiros estão bem guardados. Certamente mencionarei esse fato em meu relatório.

— Bem, só estou cumprindo nosso... dever.

— Muito bem. Agora, se me permite, os prisioneiros podem ter informações úteis, coisas que não foram reveladas na reunião da Grande Cúpula.

O cão de caça também estava sendo cauteloso. Seu nariz o informava que um grande número de espécies se reunira na floresta, o que sugeria uma cúpula oficial, apesar de não ter sido informado.

— O procônsul não me disse nada a respeito da sua visita – respondeu Mustela, desconfiado.

— Está questionando os métodos dele? Terei prazer em informá-lo sobre isso.

O arminho inspirou profundamente e notou que o cão de caça não usava uma coleira como a que os resignados, especialmente os

caninos, costumavam usar. E se havia uma coisa que não se arriscaria a fazer era contrariar Natterjack.

— Deixem-no passar – ordenou Mustela.

Enquanto duas doninhas conduziam o cão de caça até as gaiolas, o arminho o observava atentamente. Sem tirar os olhos do cão, deu uma ordem à ratazana negra que estava ao seu lado: — Encontre Natterjack.

O cão de caça logo avistou Will-C, mas examinou todas as gaiolas e todos os prisioneiros antes de se voltar para a gaiola com o gato de três patas.

Exibindo um olhar carrancudo, ordenou às doninhas que ficassem onde estavam e se aproximou da gaiola.

— Você aí! Qual é o seu nome? – Rosnou o cão de caça para CoCo. Antes que o gato pudesse responder, ele baixou a voz e sussurrou: — Está tudo bem. Sou um amigo. Vou tirar vocês daqui, mas preciso saber o que está acontecendo. — Depois, ele continuou em voz alta: — Você vai me contar o que preciso saber, por bem ou por mal!

— Quem é você? – Respondeu CoCo, realmente confuso.

— Isso não importa agora. Qual é o problema com Will-C?

— Está em choque, eu acho – disse Yoshi.

— O que aconteceu durante a cúpula? Por que vocês estão presos? – Sussurrou o cão de caça.

— Não diga nada – disse CoCo para Yoshi. Deve ser uma armadilha para que a gente conte tudo. Natterjack usará o que dissermos contra nós.

— Quem é Natterjack?

— Ah! Está vendo? Quem não conhece o procônsul?

— Claro, o procônsul, mas é melhor contarem o que desejo saber – disse o cão de caça. Depois, continuou em voz baixa: — Se eu tirá-los daqui, terão força para lutar?

— Contra as doninhas ou contra os humanos?

— Fique quieto, Yoshi! Ele sabe que não queremos lutar contra os humanos. É por isso que estamos presos aqui.

— Contra os humanos? Do que estão falando?

— Ah, sei! – Retrucou CoCo sarcasticamente. — Então você é o único animalis do planeta que não está sabendo da guerra.

O cão de caça ficou atônito.

— A batalha para impedir a Sexta Onda – explicou Yoshi. — A guerra para aniquilar a raça humana.

As doninhas haviam se aproximado e começavam a demonstrar interesse pela conversa. Por um momento, o cão de caça perdeu a compostura.

— Foi o que a Assembleia da Terra decretou – disse Yoshi. — Como é que você não...

— PRENDAM ELE!

O grito contundente surpreendeu a todos, inclusive aos guardas.

Natterjack tinha voltado com a ratazana que fora chamá-lo e seu olhar cortante foi acompanhado de um gesto acusatório na direção do cão de caça.

Repentinamente, a margem tranquila se transformou em um campo de batalha. As doninhas e os ratos lançaram-se contra o cão de caça, que, por sua vez, atirou o corpo pesado contra os carrinhos que serviam como gaiolas, virando-os e libertando os prisioneiros. Então, ele se voltou contra seus oponentes, atacando-os com as mandíbulas poderosas, que usava para enterrar os dentes na barriga macia dos adversários, e golpeando-os com o crânio duro como pedra. O ar encheu-se de barulho, saliva e água barrenta, tornando-se espesso; canas e juncos eram esmagados por membros e por corpos inteiros que caíam do ar. A água do rio Ems foi tingida de vermelho.

CoCo e vários animais libertados lutavam bravamente ao lado do cão de caça. Yoshi e Will-C, no entanto, enfrentavam outra batalha pela sobrevivência. Enquanto a maioria dos presos tinha conseguido

sair dos carrinhos assim que foram virados, os dois haviam ficado presos e afundavam cada vez mais na água fria.

O choque causado pelo impacto tirara Will-C de seu estado de choque, porém, ao perceber que estava submerso no rio, contorcendo-se e sendo levado pela correnteza, sentiu-se acordado de um sonho terrível para se ver preso em um pesadelo ainda mais aterrorizante. Chutando a água, sem saber que direção tomar, conseguiu chegar à superfície e respirar.

Por sorte, logo depois conseguiu enfiar uma pata na argila macia da margem e escapar da correnteza.

Encharcado, ofegante e exausto, levou algum tempo para se orientar.

Então, apurou os ouvidos e captou um eco muito fraco em meio à balbúrdia.

As lembranças foram voltando com uma velocidade maior do que a própria correnteza: Natterjack, as doninhas, a armadilha... Yoshi! Na margem oposta do rio, avistou seu amigo, que tinha a cara enfiada na água.

— Yoshi! — Gritou ele. Apesar de ter sobrevivido ao rio, sua fobia ainda assombrava seu inconsciente. — Yoshi! — Chamou ele novamente.

Porém, Yoshi não respondia. Desesperado, sem conseguir ficar parado ali enquanto seu amigo afundava no rio, Will-C fez a única coisa que poderia fazer: encheu os pulmões de ar e, apesar da relutância que sentia em cada fibra do seu corpo, pulou na água.

A poderosa correnteza começou a arrastá-lo imediatamente, obrigando Will-C a lutar com todas as suas forças. Ele se debateu, se contorceu e chutou, mas era levado pelo rio, que só permitia que aproveitasse o contato com as pedras do leito para tomar impulso e alcançar a outra margem.

Quando finalmente conseguiu chegar à superfície, engasgando e cuspidando água, Will-C percebeu que fora levado muito metros além

de onde estava, mas pelo menos chegara ao outro lado do rio.

Enquanto puxava Yoshi, que expelia água pela boca e pelas narinas, Will-C percebeu um leve movimento no corpo do amigo, indicando que ele estava respirando.

Aliviado, Will-C olhou para a lua e pensou em Drue. O tempo se esgotava para ambos e, apesar dos esforços que fazia para afastá-lo, um pensamento terrível continuava martelando em sua cabeça: com a batalha que teria início dali a poucas horas, era perfeitamente possível que jamais se vissem novamente.

Capítulo 10

Água. Fria. Limpa. Profunda como o Atlântico. A luz do sol penetrando através da superfície e estalactites resplandecentes de energia pura segmentando águas-marinhas viscosas. Drue seguiu os raios de luz, afundando lentamente em direção ao ponto onde a luz começava a desaparecer. Havia uma figura minúscula à deriva em um vácuo líquido. Abaixo dela, estava a escuridão, negra como o carvão. . E alguma coisa. . Não, não era uma coisa, era. . o quê? Uma sensação. Uma presença.

Acenando. Aquilo era o mar? Ela estava respirando embaixo da água?

Um pontinho de luz surgiu abaixo dela enquanto, acima, a escuridão parecia aumentar. Drue colocou a mão diante do rosto, mas não conseguiu enxergá-la. A serenidade foi substituída pela dúvida. A dúvida levou-a para longe do ponto de luz, de volta à escuridão, de volta ao seu quarto. .

*

— Shhh... Está tudo bem, querida – disse seu pai enquanto ela piscava.

Essas palavras deveriam acalmá-la, mas a tensão na voz do pai era evidente demais. Drue estava dormindo no peitoril da janela, enrolada no edredom, mas, quando seu pai a pegou no colo, o sonho se desfez e ela abriu os olhos. Em silêncio, ele atravessou o quarto, carregando a filha nos braços, e desceu a escada.

— Onde você está indo, pai? – perguntou ela, com uma voz sonolenta.

Fazia muito tempo que seu pai não a carregava assim, e isso reavivou lembranças de verões passados e das vozes de seus pais conversando nos longos passeios de carro à noite, embalando-a como uma cantiga de ninar.

— Por que todas as luzes estão apagadas?

Quando chegaram na sala, Quinn colocou-a no sofá.

— Você precisa prometer uma coisa, meu anjo – disse ele, com a voz séria. — Não abra o trinco para ninguém. Não importa o que aconteça, não importa o que você ouça, prometa que ficará escondida até que eu volte.

Enquanto falava, Quinn moveu o painel de carvalho que escondia a câmara secreta. A pulsação de Drue acelerou.

— O que foi? O que está acontecendo?

— Confie em mim, querida. Não temos tempo para explicações.

— Mas...?

— Rápido, não temos muito tempo.

Drue se enrolou no edredom e andou em direção à caverna onde costumava brincar durante a infância. Antes de entrar, seu pai abraçou-a e beijou-a na testa.

— Você precisa prometer, meu anjo. Mantenha a porta trancada até eu voltar, OK?

— Prometo – disse ela, confirmando as palavras com um aceno da cabeça.

— Essa é a promessa mais importante da sua vida. Não abra para ninguém.

— Já disse que prometo.

— Eu te amo, meu anjo.

— Onde você vai?

— Voltarei assim que puder.

— Não posso ir junto?

— Ainda não... Depois.

— E se eu ficar com medo?

- Você? Você é a minha menina corajosa!
- Tenho o celular, se precisar de você – lembrou ela, tentando controlar a própria ansiedade.
- Não use o celular se não for absolutamente necessário.
- É o que você sempre diz.
- Mas esta noite é diferente... Só use se... – Quinn pensou melhor sobre o que diria e achou melhor se calar.
- Se o quê?
- Só use se precisar mesmo, OK? Mas você não vai precisar. Voltarei logo. Eu te amo.
- Também te amo, pai.

Quinn beijou o rosto da filha e entregou-lhe a trava de madeira que prendia o trinco.

— Cuidado com os dedos – disse ele, colocando o painel novamente em seu lugar. Depois, bateu com os dedos para que ela colocasse a trava no lugar. Então, respirou profundamente, verificou se as janelas estavam trancadas e puxou as cortinas. Depois, foi até a cozinha.

Ele reparou nas tigelas de água e de comida de Will-C junto à porta dos fundos. Drue havia preparado um filé de peixe fresco caso ele voltasse, mas a água e a comida permaneciam intocadas. Quinn abriu a porta dos fundos e pegou uma grande caixa de papelão que estava em cima da bancada da cozinha. Trancando a porta atrás de si, andou tão rápido quanto pôde em direção ao carro, colocou a caixa sobre um assento e sentou-se diante do volante.

Ao ligar o carro e sair, Quinn reparou que não havia acendido os faróis.

Embora ainda não tivesse atingido seu auge, a lua cheia banhava a paisagem com uma aura esbranquiçada que iluminava todos os caminhos. Então, ele acendeu os faróis do carro, pisou no acelerador e pegou a estrada.

Nas árvores, nas sebes, nas sombras de carros estacionados, nas caçambas de lixo, nos postes e nas casas, olhos brilhantes acompanhavam as luzes traseiras do Land Rover que avançava pela noite.

Capítulo 11

A Fértil Lua Cheia jamais brilhara com tanto significado. Por todo o mundo, os cidadãos da Animalia haviam observado e esperado pacientemente para banhar-se com o brilho da esfera dourada ao desferirem o golpe mortal da Assembleia da Terra, um plano de luta conduzido com impressionante precisão militar.

O elemento-surpresa teve um papel fundamental no ataque, mas o poder e a engenhosidade da coalizão animal foram tão devastadores que a raça humana caiu, desintegrando-se pelo caminho, mais rápido do que haviam imaginado os animalis. Em poucas horas, a animalidade havia quebrado a espinha dorsal da humanidade.

As criaturas começaram atacando os sistemas de comunicações, transportes e fornecimento de energia, um golpe inicial que pretendia forçar os recursos dos inimigos até o ponto de ruptura e semear o pânico.

O plano funcionou perfeitamente. Com os serviços de emergência atolados e as forças armadas travadas em estradas engarrafadas, além de falhas nos sistemas ferroviários e telas apagadas nas torres de controle de todos os aeroportos, instalou-se o caos.

Diante do blackout global, os líderes das nações não conseguiram se comunicar com seus comandantes militares. O alto-comando militar, por sua vez, não conseguiu transmitir ordens para as tropas. Até mesmo os melhores estrategistas, dispendo de armas de

destruição em massa, ficaram com as mãos atadas, sem condições de combater um inimigo que se movia nas sombras.

Cobras e sapos venenosos transformaram os tanques de guerra em tumbas, dizimando seus ocupantes. Aviões de caça de última geração nada puderam fazer nos céus ocupados por milhões de aves, e submarinos nucleares foram impotentes contra medusas-cristal e baleias-azuis. Sem um objetivo claro, ogivas nucleares e armas químicas tornaram-se artefatos inúteis.

Forçados a encarar o embate físico, os humanos se viram diante de inimigos mortais, astutos e versáteis. Os animalis compunham uma força de combate motivada, muito superior numericamente e preparada para lutar até a morte, em qualquer terreno, qualquer condição, à noite ou durante o dia, no ar, na terra e no mar.

No momento em que foi declarado estado de emergência mundial e em que os rumores de uma rendição unilateral começaram a correr, já era tarde e não havia qualquer possibilidade de negociação sem os meios para estabelecer contato com o inimigo.

Ninguém foi poupado.

Pela primeira vez em sua breve história, a humanidade se uniu, já à beira do abismo da extinção.

O papel fundamental dos humanos em sua própria ruína era algo que o alto-comando dos animalis havia previsto. Apesar de não compreenderem inteiramente o funcionamento de toda a tecnologia humana, os anciãos tinham consciência de que a maior parte da população tornara-se dependente das máquinas e de que essa dependência havia substituído seus instintos naturais.

Assim que telefones, televisores, computadores, internet, carros e aviões parassem de funcionar, o medo humano se alimentaria de si mesmo. Essa perspectiva logo se concretizou. Sem terem para onde ir, sem um lugar seguro onde se esconder, as pessoas se voltaram umas contra as outras em uma última tentativa desesperada de fuga, em busca de abrigo e de condições de sobrevivência.

Houve exceções. Mães e pais dedicados lutaram bravamente para salvar seus entes queridos, e muitas almas corajosas se sacrificaram para salvar outras. Milhares de humanos caíram protegendo amigos e parentes. Porém, somente as tribos nativas de antigos desertos e florestas tropicais, conhecedoras dos ritmos e da linguagem corporal das criaturas que viviam no seu entorno, haviam previsto a conflagração iminente e reforçado suas defesas. Somente elas, e aqueles protegidos por resignados fiéis, sobreviveram aos pesados ataques iniciais. Contudo, seu futuro não estava garantido.

No mundo industrializado, não havia dúvida quanto ao resultado da ação dos animalis. Pelo menos, o fim foi misericordiosamente rápido. Tinha de ser. Os anciãos do conselho de guerra da Assembleia da Terra imaginaram que, ao perceberem que sua espécie estava condenada, os humanos poderiam, em um ato de desespero, usar sua compreensão rudimentar dos elementos e brincar com o tecido de que é feito o universo, provocando um holocausto nuclear. Isso precisava ser evitado a qualquer custo.

Ao contrário de seus adversários, a maioria dos animalis só ceifara vidas para matar a fome e alimentar suas crias. Não matavam por esporte ou prazer e poucos gostavam de tal coisa. Portanto, estavam ansiosos para acabar com a matança o mais rápido possível.

Os animalis encarregados de invadir laboratórios de pesquisas e instalações onde havia animais em situações de confinamento e matadouros foram confrontados com cenas de humilhação e tortura tão terríveis que jamais conseguiriam apagá-las da memória, vingando-se dos responsáveis sem titubear. E, assim, com um planejamento meticuloso, depois de séculos de subjugação, observando atentamente o adversário mais temido, sendo caçados, massacrados e escravizados, os animalis conseguiram obter uma vitória decisiva.

Dentes, garras e astúcia tinham sido fundamentais, mas, na verdade, como sabiam todos os animalis, a arrogância e a ignorância

da raça humana, bem como sua falta de entendimento dos ritmos do frágil ecossistema do planeta, tinham determinado sua sentença de morte.

Apenas duas coisas haviam sido subestimadas no que foi, ao menos por uma perspectiva fria, em termos militares, uma campanha impecável. A profunda lealdade dos resignados, que resultaria no movimento Resistência dos Animais Domesticados, e algo que teria um impacto ainda mais profundo no futuro do planeta: a natureza da própria natureza.

Capítulo 12

O clamor da batalha nas colinas e nos vilarejos distantes foi trazido pelo vento e entrou pelas janelas quebradas da casa dos Beltane, mas o som que realmente incomodava Drue vinha de dentro da sua própria cabeça... Era o eco das palavras de seu pai: *Não importa o que aconteça, não importa o que você ouça, prometa que ficará escondida até que eu volte.*

Recuando um passo após o outro, munida apenas de uma vassoura para impedir o pavoroso avanço da doninha e das ratazanas, Drue desejou com todas as suas forças ser capaz de voltar no tempo e continuar escondida na câmara secreta.

Mas isso era impossível.

O objetivo de trucidá-la estava estampado no olhar daquelas criaturas.

Seu pé continuava sangrando por causa do corte e, a cada passo para trás, deixava uma marca vermelha nos ladrilhos da cozinha.

A doninha a encarava, e as ratazanas rangiam os dentes. Podiam sentir o medo e a vulnerabilidade de Drue. Era hora de atacar.

Drue agitou a vassoura, jogando a farinha caída nos olhos dos animais que estavam mais próximos. Isso lhe deu alguns segundos preciosos para correr até a escada.

Um rato pulou em suas costas e enfiou os dentes em seu braço. Drue gritou, mas continuou correndo pela escada. Ao tropeçar, acabou esmagando o rato contra a parede. Os outros subiram a escada em seu encalço. Mesmo arranhada e sangrando, Drue

conseguiu-se se livrar da perseguição e se atirou para dentro do quarto, fechando a porta com o pé bem a tempo.

As lágrimas escorriam por seu rosto quando encostou as costas na porta para mantê-la fechada. Podia ouvir os chiados dos roedores e o som das patas arranhando a madeira. Seu coração batia aceleradamente enquanto ela mal conseguia respirar. Por um instante, imaginou que estava segura em seu quarto, mas a trégua durou pouco.

Uma pedra atingiu a janela. Depois vieram outras. Gralhas haviam iniciado um bombardeio aéreo.

O guarda-roupa. Tenho de bloquear a janela com o guarda-roupa. .
Pensou a garota, assustada, mas com o instinto de sobrevivência ainda bem aguçado.

Assim que essa ideia surgiu em sua mente, uma pedra atingiu um vidro da janela e os cacos se espalharam pelo chão.

Ela gritou.

Uma gralha entrou no quarto e voou em círculos junto ao teto antes de mergulhar em direção a Drue com as garras afiadas.

Drue enfiou-se embaixo da cama, mas a gralha foi atrás dela. Então, começou a pegar tudo o que encontrava – um sapato, um CD, uma pasta da escola – e a atirar contra a ave, que não desistia de tentar atingi-la com o bico.

Saindo pelo outro lado da cama, Drue deu de cara com outra gralha em cima do colchão. Quando a ave tentou atingir seus olhos, Drue abaixou-se e pegou o taco de hóquei que estava ao lado do criado-mudo. Ela atingiu a ave com tanta força que o animal não se mexeu mais.

A primeira gralha voltou a aparecer, em um agito de penas negras. A ave voava em círculos pelo quarto fechado, batendo na lâmpada do teto. Drue sacudiu o taco acima da cabeça para evitar que a ave se aproximasse.

Nesse momento, lascas de madeira começaram a cair da porta, pois as ratazanas tinham conseguido abrir caminho.

Drue enfiou a mão no bolso do pijama. O celular!

Sem parar de sacudir o taco, ela começou a digitar os números. Sem sinal.

— Não! – gritou ela, apavorada.

A gralha tentou atingi-la mais uma vez. Outra ave entrou no quarto. E depois mais uma.

Drue usou a luz do flash do celular para cegar momentaneamente as aves e correu até a janela. As paredes cobertas de glicínias estavam sendo escaladas por criaturas que vinham em sua direção com centenas de olhos vidrados, brilhando sob o luar.

Ela guardou o celular no bolso, usou o taco para afastar os cacos de vidro e subiu no peitoril da janela. Um rato pulou em direção a ela, mas Drue conseguiu desviar, fazendo-o cair morto no gramado.

Um morcego entrou na briga, roçando o rosto de Drue com suas asas. Ela sacudiu o taco, que escapou de sua mão e desapareceu nas sombras.

Desesperada, sentindo que a violência se aproximava por todos os lados, ela pulou para a macieira. Com o impacto, os galhos mais fracos quebraram, fazendo-a cair. Contudo, a queda rápida terminou abruptamente quando ela se chocou com um galho enorme. A batida deixou-a sem ar, sentindo uma dor forte na lateral do corpo. Teria quebrado uma costela? Ela não sabia e não tinha tempo para ficar pensando sobre isso. Estava a mais ou menos quatro metros do chão e ratos subiam pelo tronco da árvore.

Um bando de morcegos surgiu no céu. Drue agarrou-se à árvore com um braço e tentou afastá-los com o outro. Um morcego conseguiu prender-se em seus cabelos, e ela começou a gritar e agitar os braços.

Então, escorregou e ficou perigosamente pendurada de cabeça para baixo, com apenas a perna direita enganchada na árvore.

Os morcegos se juntaram aos corvos, que voltaram a atacar. Drue tentou usar o celular, mas ele escorregou de sua mão e caiu na grama. Indefesa, ela se contorceu e gritou, pedindo ajuda, enquanto os ratos se aproximavam.

Mesmo que tivesse visto o cão de caça no jardim, ela não conseguiria ver o terror estampado em seus olhos. Espalhando tudo o que encontrava pelo caminho, ele disparou na direção da macieira e viu a garota cair da árvore, de cabeça para baixo, rumo à morte certa.

O grito agudo de Drue ecoou pela noite.

Então, um segundo antes que seu corpo se chocasse contra o chão, uma gigantesca águia pegou-a no ar e voou com ela para o céu, segurando seu braço com garras fortes o bastante para quebrar seus ossos. Voando cada vez mais alto, a ave deixou para trás as doninhas, as ratazanas e os morcegos.

A macieira, a casa e todo o vilarejo ficavam pequenos à medida que a águia a levava cada vez mais longe, subindo acima das nuvens. Em pouco tempo, a única coisa que Drue conseguia ver era uma colcha de retalhos formada por campos iluminados pelo luar e por focos de incêndio.

Ela sentiu os olhos pesarem. Estava esgotada. A cabeça, as costelas, os braços e os pés, todo o seu corpo doía. Por um instante, ocorreu-lhe que a gigantesca ave de rapina talvez a tivesse arrancado das garras da morte apenas para servi-la em um banquete em seu próprio ninho. Ainda assim, nada poderia fazer a quase 2500 metros do chão e, apesar de todos os seus esforços para manter-se acordada, mergulhou na inconsciência.

A grande águia carregando Drue não era um conjunto difícil de ser detectado sob a luz clara da lua, e, assim que um grupo de corvos e gralhas as avistou, se juntaram para iniciar um ataque aéreo.

Impossibilitada de lutar, pois temia que sua presa caísse, a águia contava somente com sua resistência e experiência para despistar o

grupo alado que se aproximava com claras intenções de abate. Deslocando-se em direção ao canal da Mancha, o imenso animal estendeu suas asas poderosas e bateu-as com toda a força que ainda lhe restava, aproveitando ao máximo a sua capacidade de voo. A quase 10 mil metros do chão, nuvens densas surgiram à frente, sobre o mar, proporcionando um bom esconderijo.

De repente, uma narceja solitária apareceu, cruzando o céu como uma flecha. A águia pegou carona na corrente de vento cruzado para evitar um choque com sua nova adversária, que ficou em rota de colisão com o grupo de aves que perseguia a águia. Após desfazer a formação do pelotão alado, a narceja se desculpou exageradamente, tentando ser simpática e ganhar a atenção do grupo: — Escapavam por pouco, mas ainda podemos pegá-las.

O quase acidente permitiu que a águia se afastasse e, antes que o bando conseguisse transpor a pequena distância entre eles, a grande ave foi envolvida por uma névoa espessa.

Quando a águia conseguiu voltar para o céu aberto, o bando mais parecia uma ninhada de coelhos correndo atrás do próprio rabo nas nuvens mais abaixo. A ave respirou aliviada, mas ainda tinha uma longa distância a percorrer. Além disso, começava a sentir os efeitos dos esforços que fizera para resgatar Drue. Cada músculo, fibra e tendão haviam sido forçados até o limite. E, apesar de segurá-la com firmeza, o cansaço começou a pesar. Por isso, sentiu um grande alívio ao avistar a costa inglesa novamente.

Reorientando sua posição, a águia começou a descer em direção ao solo.

Tentou não pensar no cansaço, pois ainda poderia encontrar perigos pela frente e precisava manter-se atenta. Não que o destino fosse desconhecido, nem que precisasse de um mapa ou uma bússola para chegar no seu destino, pois era capaz de sentir a energia biomagnética que o lugar emitia assim como humanos são capazes de ler placas na estrada. Contudo, precisava ter força

suficiente para concluir a travessia sobre o mar com sua preciosa carga.

Parte II



Nuvem de água e fogo

Capítulo 13

Petróleo. Drue nunca gostou daquele cheiro acre. O Land Rover de seu pai era abastecido com biodiesel caseiro que tinha cheiro de pipoca. Por isso, o cheiro de derivados de petróleo era desagradável e perturbador.

Onde estou?

Drue abriu os olhos e demorou algum tempo para se localizar.

Será que morri? Será que essa é a vida após a morte?

Ela estava em um saco de dormir e balançava suavemente de um lado para outro em uma rede pendurada no interior de uma van. Apesar da pouca luz, conseguiu enxergar a lataria enferrujada e esburacada e a grama alta que entrava pelo buraco de uma das rodas.

Havia uma lona suja de óleo estendida sobre uma pilha de caixas e caixotes entre Drue e o banco da frente do veículo. Faltava uma das portas traseiras, cuja abertura foi coberta por outra lona suja, mas ela conseguiu ver a luz do dia por uma fenda.

O que aconteceu com a noite? O que acontecera durante a noite?

A última coisa de que se lembrava era ter caído da macieira no quintal de sua casa. Em algum ponto nebuloso de sua mente, tinha uma vaga lembrança de voar como um pássaro.

Mas isso não seria possível. Seria? Depois de tudo o que havia acontecido, Drue não tinha nenhuma certeza.

Talvez eu tenha morrido mesmo. Talvez eu seja um anjo, pensou ela, esticando o pescoço e passando a mão nas costas à procura das asas, que não encontrou.

Drue se espreguiçou, tirou as mechas de cabelo que cobriam o rosto e examinou o lugar outra vez. Havia outra lona pendurada na lateral do veículo, funcionando como um toldo. Abaixo da lona, um banco de ônibus servia como sofá. Apesar de gasto e sujo, ela reconheceu o tecido xadrez, parecido com o estofado do ônibus de South Downs que costumava pegar para ir ao shopping, ao cinema em Chichester e aos encontros do grupo de teatro nas noites de segunda-feira.

Talvez eu ainda esteja perto de casa, pensou ela. Essa possibilidade lhe pareceu reconfortante.

De qualquer maneira, onde quer que estivesse, sentia dores por todo o corpo. O rosto, os braços e as pernas exibiam um zigue-zague de cortes e arranhões. Ela abriu o saco de dormir e descobriu que uma perna das calças do pijama estava rasgada. Alguém fizera um curativo em sua perna, onde havia uma grande ferida. Drue tocou a gaze e levou o dedo ao nariz.

Óleo de melaleuca. O odor pungente daquele antisséptico natural era inconfundível, e ela se lembrou imediatamente de uma pessoa.

— Pai — disse ela, baixinho.

Drue se desvencilhou do saco de dormir, passou as pernas para fora da rede e levantou-se. Sentiu dor, mas precisava sair dali e descobrir o que estava acontecendo. Com muito cuidado, foi até a traseira da van e espiou pela janela. Nuvens do tipo cirrus cobriam o imenso céu azul com listras brancas, mas a paisagem era desoladora.

Ela estava em um cemitério de automóveis, com uma infinidade de peças e carcaças de carros, muitas amassadas e empilhadas como fatias de um enorme sanduíche. Um emaranhado de tubos de escapamento enferrujados e baterias formavam a base de uma montanha de pneus velhos e carecas.

Ainda descalça, Drue saiu da van e caminhou entre poças de água suja que refletiam um arco-íris viscoso criado pela mistura de óleos e fluidos automotivos.

Um porco pintado na lataria da van, que devia ter pertencido a um açougueiro, exibia um sorriso congelado. Outra van de entrega de leite ainda tinha caixas com garrafas vazias na traseira. Um trator desmantelado jazia ao seu lado.

Drue olhou para todos os lados, usando uma das mãos para proteger os olhos da luz solar.

— Pai! — Gritou ela. — Paaaaiiiiiiiii!

Sua voz reverberou nas sucatas de metal.

Drue notou uma sombra no chão e, ao olhar para cima, viu o contorno de uma das aves de rapina mais perigosas de toda a natureza. O falcão-peregrino pairou no céu por alguns instantes e, então, desceu com uma velocidade fenomenal na direção de Drue.

Ela saiu correndo, mas tropeçou e caiu no chão.

Em pânico, rolou pelo chão e pegou tudo o que encontrou, como pedras e peças soltas, para atirar contra a ave, mas seus esforços foram inúteis. Em uma fração de segundo, a ave se aproximou dela e, com um movimento fluido e gracioso, transformou-se... em Quinn Beltane!

Um segundo antes, o falcão voava em sua direção. Um segundo depois, seu pai estava ao seu lado, cobrindo sua boca para impedir que um grito saísse de sua garganta.

Quinn pegou Drue e correu com ela para o abrigo mais próximo, a carroceria de um caminhão-betoneira deitada de lado como um gigantesco ovo pré-histórico. Pai e filha entraram correndo pela boca do misturador de concreto.

Quinn colocou um dedo diante da boca para mostrar a Drue que deveria ficar em silêncio, mas, por via das dúvidas, manteve sua boca coberta com a outra mão. Depois, olhou pela abertura enferrujada e fez um sinal com os olhos para que ela fizesse o mesmo. Ela olhou para cima e viu um grande bando de gaivotas.

Grasnando, algumas aves passaram a voar em círculos amplos sobre a montanha de pneus, como que procurando algo.

Depois que as gaivotas sumiram no horizonte, Quinn finalmente soltou a filha e tirou a mão de sua boca.

Drue saiu do esconderijo imediatamente e esbravejou: — Afaste-se de mim!

— Drue...

— Afaste-se! Você não é meu pai! Onde está ele? O que você fez com ele?

— Fique quieta! — Mandou ele, observando o céu. — Você vai atrair as gaivotas.

— E daí? Quem é você? Quinn tentou aproximar-se.

— Drue, confie em mim... Ela continuou afastada.

— Não... Eu vi... Você veio do céu...

— Drue...

— Onde está meu pai?

— Escute...

— Vá embora! Vá embora!

— Olhe, eu sei que você está assustada...

Quinn deu um passo à frente com a mão estendida para Drue, mas ela pegou um pedaço do escapamento de um carro e o ameaçou.

— Fique longe de mim!

— Você está com medo.

— Não tenho medo de você! — Gritou ela.

— Por favor, meu anjo...

— Não me chame assim. Você não me conhece! Não sabe nada a meu respeito!

Quinn deixou os ombros caírem, exibindo uma expressão de desânimo.

Estava física e mentalmente exausto.

— Tudo bem — disse ele, recuando. — Só não podemos nos expor tanto. As patrulhas...

— Patrulhas? Que patrulhas?

— Você viu as gaiivotas. Há também andorinhas nesta área. E até alguns papagaios-do-mar. Estamos muito perto da costa. Como está sua perna?

— Quem é você? Onde estamos?

— Eu vou lhe contar tudo, mas não aqui. Lá dentro.

— Não!

Drue levantou o escapamento enferrujado ameaçadoramente.

— Drue, largue isso... Você ainda vai se machucar.

— Fique longe de mim!

Drue continuou firme. Estava em pânico e nunca sentira tanto medo em sua vida. Até a luta contra o arminho e as ratazanas parecia brincadeira perto disso. Porém, sua veia desafiadora ressurgira. Ela estava realmente pronta para lutar, se necessário. Quinn a avaliou com um rápido olhar e acenou com a cabeça em sinal de aprovação.

— Você precisará ser forte para sobreviver. Nós precisaremos.

Quinn se virou e, com movimentos rápidos e agachado, usou os veículos destruídos como proteção para começar a atravessar a área do desmanche em direção ao esconderijo. Mesmo desconfiada e assustada, o instinto de Drue a impelia a seguir aquela figura. Com a barba por fazer, os olhos escuros e os cabelos grisalhos despenteados, a figura curvada que usava calças cáqui e camisa de veludo certamente lembrava seu pai, mas, depois do que tinha visto, podia muito bem ser um alienígena. Por outro lado, tinha acabado de vencer uma discussão e, mesmo assim, continuava com a sensação de ter perdido, exatamente como acontecia quando discutia com seu pai.

— Por que devo confiar em você?

— Porque quase perdeu a vida na última vez que me desobedeceu. E sem Will-C, meu anjo, sou tudo o que você tem.

Então, ele correu de novo, na direção do esconderijo, e Drue teve certeza de que, por mais estranha e perturbadora que fosse aquela situação, e qualquer que fosse a explicação para aquela bizarra

transmutação, uma coisa era certa: aquela figura que buscava proteção nas sombras era exatamente quem dizia ser.

Era Quinn Beltane. Era seu pai.

Capítulo 14

Ao entrar na van, Drue encontrou o pai bastante ocupado. Ele havia tirado a lona que cobria as caixas e estava fazendo um inventário das latas de comida e garrafas de água. Depois, pegou algumas coisas em uma mochila e montou um pequeno forno, que funcionava com energia solar. Na verdade, era uma caixa de isopor forrada com papel-alumínio e cheia de furos para a entrada da luz do sol.

Enquanto ele examinava o forno improvisado, Drue largou o pedaço de escapamento que ainda segurava.

— Pensei que você fosse contra a ideia de guardar água em garrafas de plástico. Não é ruim para o planeta?

Drue queria apenas quebrar o gelo com o comentário, mas seus lábios começaram a tremer, e a garota decidida e mal-humorada se transformou em uma menina assustada.

Quinn a abraçou ao vê-la soluçar.

— Quero ir para casa... Só quero ir para casa!

— Shhh! Shhh!

— O que aconteceu? Eu não entendo... O mundo... não pode mudar assim... como se muda o canal de tv. Não pode. Quero voltar para casa.

Quero encontrar Will-C!

— Eu sei, meu anjo.

— Diga que vai ficar tudo bem, papai! Diga, papai...

Apesar de ter escapado por um triz, Drue estava bem. Quinn sabia que quase perdera a filha, um pensamento que o deixava com

os olhos cheios de lágrimas.

— Eu te amo, meu anjo. E... e... estou aqui.

Assustada e confusa, Drue abraçou o pai e chorou.

*

Mais tarde, enquanto Drue observava a panela de arroz integral dentro do forno solar, Quinn, descascando cenoura e abobrinha, começou a preparar a filha para uma nova vida nesse novo mundo. Pragmático como sempre, ele começou pelo básico e explicou que o reino animal estava em guerra contra os humanos.

Drue sentira o ataque dos animais na pele, é claro, mas imaginou que os acontecimentos da noite anterior tinham sido uma aberração da natureza, um incidente isolado que poderia ter alguma explicação maluca. Porém, as palavras de Quinn sugeriam o contrário.

— É como aquilo que li a respeito dos elefantes na África? — Perguntou ela. — Quando eles começaram a destruir os vilarejos porque as pessoas estavam construindo nas áreas em que se reproduziam e se alimentavam?

— Algo assim... Só que em escala muito maior.

— Talvez parem se os caçadores e as pessoas que derrubam árvores e destroem florestas os deixarem viverem em paz...

— Parece que é muito tarde para isso, meu anjo. Não se trata de uma espécie apenas. Todo o reino animal está unido, em todo o condado, talvez em todo o país.

— E em todo o mundo? — Perguntou Drue, incrédula.

— Talvez — respondeu Quinn cautelosamente, tentando protegê-la da terrível verdade até onde pudesse.

— Mas não os animais de estimação... Não Will-C...

— Não, Will-C não. Muitos animais permaneceram fiéis às suas famílias humanas.

- E o que vai acontecer com eles?
- Imagino que farão o melhor que puderem. Que tal este arroz?
- Perguntou Quinn, colocando os legumes sobre o arroz.
 - Não mude de assunto.
 - Mais alguns minutos e estará pronto. Você está com fome?
 - Pai, você não pode agir como se tudo... Você se transformou em uma maldita ave!
 - Um falcão! E não diga *maldita*!
 - Pai! Como você...? Isso é uma loucura! Você é um... você sabe... X-Men ou Homem-Aranha ou algo assim? Tipo um mutante com superpoderes?
 - Não, querida. Nada de superpoderes. Sou um Nsray.
 - Um o quê?
 - Um Nsray. É o nome de um povo. Uma tribo, na verdade. A palavra vem de uma língua antiga, o aramaico. Nessa língua, *nazuraya* quer dizer “detentor de conhecimentos secretos”.
 - Ah, mas que explicação mais chata!
 - OK, OK, temos sim um tipo de poder...
 - Sim?
 - Faz parte do DNA do nosso povo... Temos o poder de adquirir a forma animal. — Então não somos daqui?
 - Daqui? Você está falando de Sussex? Bem, nossos ancestrais vieram da Mesopotâmia, de um assentamento próximo ao mar Negro.
 - Esse mar é do tamanho de um lago.
 - É mesmo.
 - Fizemos um trabalho na escola.
 - Que bom. Então ensinam alguma coisa além de bisbilhotar na rede de computadores?
 - *Rede de computadores?* Pai, você é tão *velho*!
 - Velho e faminto. E com um Beltane faminto...
 - Não se brinca.

— Exatamente. Vamos comer. Depois eu conto mais. Conto tudo.

Drue colocou um pouco de arroz e legumes em dois pratos de metal e passou um para seu pai, que encheu dois copos de água. Então, movimentando os braços como se fizesse mágica, Quinn apresentou a ela um vidro de molho de soja para temperar a comida.

Enquanto comiam, mastigando calmamente, Quinn explicou que havia escolhido o cemitério de automóveis porque as toxinas do aterro sanitário adjacente haviam contaminado o solo de tal forma que até os urubus evitavam aquele lugar. E, agora que podiam encontrar o que quisessem nos vilarejos e cidades do país, nem mesmo os ratos voltariam tão cedo.

Quinn falou sobre os suprimentos, explicando que tinham o bastante para vários meses, se planejassem as refeições cuidadosamente, e que a alimentação seria complementada com frutas, raízes e ervas frescas colhidas diariamente nos bosques próximos. Além dos equipamentos básicos para acampamento, como utensílios para cozinhar e dormir e um canivete suíço, Quinn construía uma latrina e um chuveiro, que usariam pouco e somente na escuridão, aproveitando a água da chuva.

Ele explicou que estava buscando outro esconderijo, caso aquele fosse descoberto, e disse-lhe para jamais acender uma fogueira. Nunca. A fumaça chamaria atenção a quilômetros de distância. Usariam apenas a energia solar para aquecer água e cozinhar.

Cansada de ouvir tudo aquilo, Drue retomou sua pergunta inicial: — Explique de novo esse negócio de Nus... Nas... Esse negócio de virar falcão.

— *Nsray*.

— *Nsray*. OK. Parece legal. Como aquelas coisas que lemos nos mangás.

Quinn balançou a cabeça, sem dar muita importância ao comentário.

— *Não importa o que você está lendo, desde que esteja lendo* – disse ela, imitando a voz do pai.

Quinn sorriu e olhou para o rosto da filha, que continuava suave e inocente apesar dos cortes e machucados.

— Então você pode se transformar em qualquer coisa?

— Em qualquer animal.

— Que legal! E se você se transformar em um velociraptor?

— Em qualquer animal *vivo*.

— Um tigre-de-bengala?

— Isso não é brincadeira. E não é mágica. Como eu disse, não é um superpoder. É uma... habilidade. Um dom... É isso, o dom da metamorfose.

Algo que deve ser protegido e respeitado.

— Podemos ser mais específicos?

— Como assim?

— Contexto... Como funciona? Qual é a sensação?

— Você deveria....

— Ouvir em vez de falar. Eu estou ouvindo, mas mesmo assim...

— É como sua...

— Mãe.

— Você se parece tanto com ela.

Quinn estudou o rosto da filha.

— Tudo bem – continuou ele. — Muito tempo atrás, nosso povo foi expulso de sua terra pelos hititas. Eles tinham um dos impérios mais poderosos do mundo. Eram mais poderosos do que os egípcios e estavam sempre em guerra por território.

— Mas os Nss... Nass...

— Nsray. *Nass-ray*.

— Eles não podiam lutar?

— Para se defender, sim. Os Nsray são guerreiros formidáveis, mas, se puderem escolher, devem sempre seguir o caminho da não violência.

- Não podem lutar para proteger suas casas?
 - Você sabe o que é um nômade?
 - Alguém que não se fixa em um lugar. Como os povos no deserto do Saara, que estão sempre em busca de água.
 - Exatamente. Os Nsray tinham sido nômades no passado e tornaram-se nômades novamente. Não é à toa que ficaram conhecidos como Povo da Água e das Nuvens. Eles fluíam como água e se movimentavam como as nuvens.
 - E para onde foram?
 - Seguiram para oeste até chegarem a um lugar chamado Jutlândia, onde agora fica a Dinamarca e o extremo norte da Alemanha.
 - E eles puderam ficar ali?
 - Os jutos eram um povo mais pacífico, e, com o passar do tempo, os Nsray criaram laços com eles. Houve até casamentos entre os clãs, mas isso não pôs um fim ao desejo de seguir em frente. Muitos continuaram a migração, indo para Inglaterra, França, Espanha e norte da África.
- Drue imaginou o grupo chegando à costa de Sussex pela primeira vez.
- Crianças animadas, com olhos brilhantes e cabelos desgrenhados pela brisa do mar. As velas açoitadas pelo vento e os remos lutando contra as ondas enquanto se aproximavam dos grandes rochedos de calcário. Ela imaginou até suas peles bronzeadas e curtidas pela vida ao ar livre.
- E a... — Drue tentou encontrar a palavra mais apropriada. — E a *mudança*?
 - Você está falando da minha metamorfose em falcão?
- Drue fez que sim com a cabeça.
- É uma forma muito útil para o trabalho de reconhecimento de algum lugar. Visão aguçada.

Quinn sabia muito bem que isso não respondia à pergunta de Drue.

— Você se lembra da águia que a trouxe até aqui?

— Era você?

— E do cão de caça?

— Aquele que apareceu no quintal?

— Aquele que você mandou embora. Ela corou ao lembrar-se do episódio.

— *Mudança de forma.*

— Como? Como você faz isso?

— Bem, é uma arte ancestral. Um estado mental.

— Mas você é... normal?

— Não sei o que você quer dizer com normal – respondeu Quinn com um sorriso. – Sou metamorfo, mas sou humano, sim. De carne e osso. Veja...

Ele arregaçou uma das mangas da camisa e mostrou as marcas de mordidas e cortes que havia sofrido na luta contra o arminho e as doninhas junto ao Carvalho do Santuário.

— Está vendo? Nós também sangramos quando sofremos um corte, mas os Nsray... Bem, é difícil explicar em termos simples.

— Não sou idiota – disse ela, indignada.

— Não, é claro que não é... O que estou tentando dizer é que existem diferentes níveis de realidade. De existência. A maneira como percebemos as coisas no mundo e a maneira como elas realmente são. Há uma diferença entre a vida que vivemos dentro de nós e nossa vida exterior. Os Nsray conseguem treinar a mente para acabar com essa divisão, para acessar e influenciar a energia viva que nos cerca.

Pela expressão do seu rosto, as dúvidas de Drue não pareciam ter sido esclarecidas.

— Veja uma coisa... – disse Quinn, pegando o garfo que havia usado para comer. Ele bateu no prato que ainda estava no colo de

Drue. — Parece bem sólido, não é?

Drue concordou com um movimento da cabeça.

— Agora você.

Parecia idiotice, mas Drue bateu no prato com o garfo.

— São dois objetos sólidos, certo? O prato e o garfo.

— Sim.

— Só que não.

— Não o quê? — perguntou Drue, confusa.

— Não são sólidos. Essa é a questão. Trata-se apenas de percepção, da forma como pensamos. Isso também acontece com esses bancos — continuou Quinn, cada vez mais animado. — E com essa caixa, com essa van e essa mão.

Ele levantou a mão direita e estendeu os dedos diante de Drue antes de levantar-se.

— Não são sólidos. Até os cientistas acabaram descobrindo que o átomo, que durante muito, muito tempo, foi considerado a menor partícula pelos grandes físicos...

— Como Einstein — interrompeu Drue, fazendo questão de mostrar que estava acompanhando o raciocínio.

— Na verdade, o componente essencial de tudo o que vemos ao nosso redor não é sólido. Até as partículas subatômicas, os quarks e léptons, são pequenas partes pulsantes de energia viva. São como... ideias. Mais como pensamentos do que coisas.

— Pensamentos?

— A imaginação pode ser muito poderosa. Todas as grandes aventuras, todas as grandes invenções, por mais malucas ou impossíveis que pudessem parecer, começaram como uma ideia na mente de alguém.

— Imagino que sim.

— Então, você pode começar a olhar e a pensar além da *superfície* das coisas... Só *assim* você vai conseguir enxergar. Os Nsray descobriram o segredo desse dom muitos séculos atrás, o que

marcou o início de uma jornada de descoberta que continua até hoje. Não é mágica. Nem superpoder.

Trata-se apenas de aproveitar o potencial da mente humana, algo que, infelizmente, a maioria das pessoas não consegue fazer.

— Mas se esse garfo não é real...

— Eu não disse que não é real.

— Certo... Se não é sólido...

— Melhor.

— Então por que sinto dor quando espeto minha mão com o garfo?

— Boa pergunta. Do que ele é feito?

— Metal.

Quinn franziu a testa, parecendo decepcionado.

— Ah... Átomos... Quarks!

— Certo. E você é feita do quê?

— Quarks.

— E eles são?

— Energia! – Exclamou Drue, animada, como se tivesse entendido o conceito, mas então percebeu que não tinha compreendido. — E quando uma energia esbarra em outra energia... Mas isso não faz sentido. A energia também esbarra em energia quando pego o prato ou tiro a meia ou escovo os dentes, mas isso não dói. Não entendo.

— Tudo bem. Não precisa entender. Ainda.

— Por que você nunca me contou?

— Você não estava preparada.

— Você mentiu...

— Menti?

— Manter uma coisa em segredo é tão sério quanto mentir.

— Você preferiria que eu tivesse contado que nossos ancestrais eram temidos, perseguidos e queimados na fogueira por mentes fracas e supersticiosas, que acreditavam que eles praticavam

bruxaria e magia negra? Ou que a inscrição gravada na entrada da câmara secreta em nossa casa não foi obra de um clérigo renegado, mas feita por um Nsray que acabou morto com um tiro no coração após ser perseguido por uma multidão que acreditava que ele era um lobisomem? Eu pretendia contar tudo, querida, quando você tivesse idade para entender.

— Mamãe sabia?

— Sim, ela sabia.

— E ela pertencia ao Povo da Água e das Nuvens?

— Não.

Drue se esforçou para concatenar os pensamentos, que se dispersavam em várias direções.

— Isso é megaintenso – disse ela, como se estivesse em uma de suas histórias em quadrinhos.

— De certa forma, não poderia ser mais simples. É uma questão de percepção. Transformar madeira em fogo e em fumaça ou água em gelo também deve ter parecido mágica para quem viu essas coisas pela primeira vez, mas agora chega desse assunto. Temos companhia.

Drue olhou pela fresta por baixo da lona colocada na traseira da van. Lá fora, uma narceja, com seu bico enorme, andava de um lado para o outro.

Drue ficou em pé e preparou-se, segurando o garfo firmemente como se fosse uma arma.

Quinn se aproximou e segurou seu pulso.

— Tudo bem, meu anjo. Esse é Gallinago. É um amigo.

Drue ficou olhando enquanto seu pai saía pela traseira da van, erguendo a lona. Num piscar de olhos, ele se transformou e passou a voar como um falcão. Do esconderijo, ela viu as duas aves voarem em círculos antes de pousarem em cima de um caminhão. *Isso é muito bizarro*, pensou ela. Porém, depois do susto inicial, a habilidade de seu pai não parecia tão chocante, talvez devido à sua infância

imersa em contos de fada e magia, como *Alice no País das Maravilhas*, *As crônicas de Nárnia* e *Fernão Capelo Gaiivota*.

Talvez por isso eu seja diferente de todo mundo na escola. Não é apenas uma imaginação fértil, como diziam os professores. É mais do que isso, pensou ela. *Está no meu sangue. Nos meus genes.*

Drue observou os pássaros e ficou pensando em como seria conversar com um animal.

Como será a língua dos bichos quando você realmente entende o que estão dizendo? Como será a voz de Will-C?

Will-C. Onde estaria ele? Por que sumiu? Será que sabia o que estava para acontecer e não me contou?

Esse pensamento ficou martelando em sua cabeça.

Sem Will-C, sou tudo o que você tem, dissera seu pai. Sem Will-C. Parecia que seu pai sabia que alguma coisa horrível acontecera a ele. Apesar de uma parte sua não querer saber o que era, decidiu que perguntaria ao pai assim que ele voltasse.

De repente, Drue se sentiu vulnerável, boba até, por ainda estar usando o pijama rasgado. Felizmente seu pai trouxera uma muda de roupas junto com as provisões.

Capítulo 15

Will-C e Yoshi deixaram a floresta de coníferas, atravessaram a Oakwood Lane, passaram pela serraria e seguiram em direção a Kingley Burh.

Carregando as cicatrizes de seu martírio, avançaram cautelosamente e avaliaram o terreno em todas as direções para evitar os capangas de Natterjack e qualquer armadilha.

O sol banhava a serraria, mas, apesar do horário, o lugar parecia um cemitério. As empilhadeiras estavam paradas; as serras e motosserras, equipamentos que normalmente enchem o ar com seu barulho constante, estavam em silêncio. Tiras de tecido rasgado estavam espalhadas pelas sebes e flutuavam no ar. Luvas de couro e botas jaziam abandonadas na grama. Crânios e ossos cobriam os caminhos.

Will-C e Yoshi se olharam em silêncio.

Quando chegaram à bifurcação da estrada, diante da entrada da fazenda Callow, atinaram que cada um teria de seguir seu caminho. Ambos estavam ansiosos para descobrir o que havia acontecido com seus companheiros humanos.

— Tem certeza de que não quer vir comigo? Depois eu vou com você – sugeriu Will-C.

— Não, está tudo bem – respondeu Yoshi.

Will-C sentiu o peso da culpa. Yoshi arriscara sua vida para salvá-lo.

— Então, eu vou com você – disse Will-C. E, por mais difícil que fosse, estava falando sério.

- Não... Está tudo bem. Vá atrás de Drue.
- Tem certeza?
- Sim ... Quer dizer, estou apavorado.
- Eu também – admitiu Will-C.
- Mas talvez esteja tudo bem.
- Talvez – repetiu Will-C, esforçando-se para parecer convincente.
- Desculpe-me por não ter ajudado mais.
- Você foi me procurar. Foi preciso muita coragem.
- Não foi o que eu senti.
- Você é muito mais corajoso do que pensa, Yo. É um exemplo para nós.

Will-C encostou sua cabeça na cabeça do amigo, um gesto que dizia muito sobre como aquela experiência aprofundara os laços que os uniam.

Depois, afastou-se para continuar a jornada para casa.

Alguns minutos depois, Will-C estava em seu próprio território, avançando pelo caminho de pedras que levava até a porta dos fundos da casa dos Beltane. Ele parou ao ver a cortina flutuando através dos vidros quebrados da janela do quarto de Drue e, depois, ao averiguar o interior da casa, que fora saqueada. Ao sair da casa e ver o celular de Drue caído sob a macieira, teve seus piores temores confirmados.

Will-C sabia que Drue levava aquele aparelho para onde quer que fosse e que falava com ele, até lembrou-se do dia em que ela encostou o rosto no seu focinho e apertou um botão no aparelho, rindo ao ver os dois lá dentro, como um reflexo em um lago congelado.

Agora, o aparelho estava riscado e quebrado, embaixo do galho onde se viram pela primeira vez, anos atrás.

Remorso. Uma dor parecida com uma fome que jamais conseguiria saciar.

Ele havia fracassado. Não conseguira protegê-la. E a vida nunca mais seria a mesma.

É claro que não seria. Will-C ouviu novamente a voz de seu pai, ecoando na brisa que soprava na propriedade dos Beltane: *A vida é mudança.*

Capítulo 16

Quinn Beltane não exercitava sua capacidade de mudar de forma havia muitos anos e precisou de toda a concentração para manter sua forma animal e conversar com a narceja, principalmente porque Gallinago tinha um sotaque irlandês muito carregado.

Durante a maior parte do tempo, contentou-se em ouvir as notícias que Gallinago trouxera de seus voos, que não só confirmavam o que Quinn descobrira com os resignados presos com Will-C, mas pintavam uma cena ainda mais forte e angustiante da campanha triunfante da Assembleia da Terra.

Por respeito ao amigo, Gallinago limitou os detalhes sangrentos ao mínimo e falou sobre o movimento de resistência, explicando que havia uma rede heterogênea e bastante engajada de resignados que decidiram oferecer refúgios seguros para qualquer humano que tivesse sobrevivido à matança.

Quinn ficou feliz em saber que, fosse em função das circunstâncias, por pura sorte ou graças ao local de nascimento – como os aborígenes Ngadjonji, da Austrália; o povo San, no Kalahari e os sentinelenses, do arquipélago Andamão e Nicobar –, havia mais sobreviventes. Uma coisa, no entanto, era certa: o reinado do homem industrializado como espécie alfa, como força dominante no mundo, havia acabado.

Quinn ouviu todas as notícias, boas e más, com a mesma reação comedida. Não porque fosse particularmente corajoso ou porque lhe faltasse empatia, pois a dor da perda de amigos e vizinhos e do desaparecimento de milhões de inocentes junto com os culpados era

quase insuportável, mas a verdade era que a guerra não o surpreendera tanto assim. O que lhe deixara surpreso fora o momento e a escala da tragédia, mas não a alteração no jogo do poder. Esse conhecimento estava entranhado na sabedoria Nsray, de que todas as coisas são uma só e estão em permanente mutação. Por causa disso, Quinn se recriminava por não ter dedicado tempo a preparar-se mais cedo para o inevitável conflito. Baixara a guarda e passara pouquíssimo tempo na companhia dos seus semelhantes.

As imagens do conflito surgiram tão vívidas em sua mente que ele se desconcentrou por um momento. Seu velho companheiro Gallinago percebeu imediatamente, soltou um guincho assustado e levantou voo. A forma de falcão começara a enfraquecer, resultando em uma criatura que não era ave nem humana. Quinn retomou a forma de falcão e juntou-se a Gallinago, voando em círculos sobre o cemitério de automóveis.

Ele sabia que, de agora em diante, teria de mostrar seu valor. Teria de passar mais tempo com os animalis e precisaria de certa ajuda da Mãe Natureza para amparar Drue na jornada que seriam obrigados a empreender.

— Nem sei como agradecer por tudo o que você fez, Gallinago, mas acho que não estaremos seguros por muito tempo neste lugar. É melhor você ir antes que surja outra patrulha.

— Você salvou minha vida uma vez, não lembra?

— Dívida que está mais do que paga com a ajuda que me deu para escapar dos corvos e urubus. Vá para casa e fique com sua família – disse Quinn, acompanhando a narceja em um voo em espiral.

— Não tenho família.

— Seus amigos.

— Pensei que você fosse meu amigo.

— É claro que sou, e é por isso que acho que deve ir embora.

— Justamente quando as coisas estão começando a ficar interessantes...

— Você é um sujeito teimoso.

— Deve ser por causa daquela poça de óleo de onde você me tirou. Pode ter afetado meu cérebro.

Quinn fez um volteio e aproximou-se do amigo.

— Acho que será perigoso.

— E você já tem algum plano?

— É mais uma ideia do que um plano.

— E qual é?

— Você saberá na hora certa, meu amigo.

— E a menina?

— Ela é mais forte do que parece.

— Tem certeza?

Cento e cinquenta metros abaixo, Druce colocou a cabeça para fora da van para procurar as aves.

Quinn a viu e imediatamente fechou as asas e mergulhou em sua direção.

Com a velocidade, uma onda de pura eletricidade estática fustigou sua plumagem, lembrando-o do poder libertador da transmutação e da presença, até mesmo naquele buraco, dos elementos primordiais que determinariam o destino da sua família.

Capítulo 17

Um metamorfo. A notícia chegou até Natterjack, que se aquecia em uma lajota de granito à beira de um lago ornamental no centro de uma casa envidraçada.

Muitos painéis de vidro que ocupavam o teto estavam destruídos, bem como a porta principal. Ainda assim, a temperatura estava muito mais alta no interior da estufa da Reserva Natural de Downs do que lá fora. Mariposas e borboletas raras e exóticas, de todos os tipos, como *Greta oto*, *Opisthoptis luteolata*, *Junonia coenia* e neuropteras, e de todos os continentes, voavam entre plantas tropicais, lavandas e rododendros. Rãs, sapos e lagartos se empanturravam com larvas e casulos de traças, mas as iguarias e o bufê esvoaçante eram reservados ao próprio Natterjack.

— Você ouviu o que eu disse, Natterjack? – Perguntou uma ratazana marrom, integrante de um grupo de ratos tão compacto que parecia uma única entidade com várias cabeças e vários rabos.

— Um *metamorfo*.

— Tem certeza? – Perguntou Natterjack, esticando a língua comprida para pegar uma borboleta azul no ar. Ele mastigou a delicada criatura e engoliu-a com prazer.

— Absoluta.

— Primeiro, ele apareceu como cachorro...

— Um cachorro muito grande – acrescentou um rato.

— Um cão de caça – disse um corvo, acomodando-se nas vigas.

— Depois, quando a criança humana estava caindo... – disse a ratazana marrom.

- Como um camaleão mudando sua pele...
- Num piscar de olhos...
- Rápido como uma cobra-d'água...
- Mais rápido ainda...
- Transformou-se em ave...
- Em uma águia...
- Com as asas tão grandes quanto este lago...
- Maiores...
- Garras grossas como raízes...
- Mais grossas.
- Pegou a garota no ar...
- Quando já estava nos braços da *morte*...

Uma carpa surgiu na superfície do lago, mas desapareceu assim que Faelken entrou pela porta aberta. A ave imponente pousou num belo lilás plantado em um vaso.

– Um metamorfo... – ruminou Natterjack.

– É verdade – disse Faelken. – Os corvos e urubus não falam sobre outra coisa. Perseguiram a águia, mas perderam o alvo quando estavam sobre o mar.

– Pena que você não estava lá, Faelken – murmurou Natterjack, observando uma trêmula crisálida. Uma borboleta emergiu lentamente da pupa, batendo vigorosamente as asas pretas salpicadas de pontos laranja, enquanto se adaptava à sua nova forma, à sua nova vida.

A notícia de que a companheira humana de Will-C havia escapado da matança com a ajuda de uma ave rara e exótica causou uma inesperada agitação nas ambições já exacerbadas de Natterjack.

Consagrados na mitologia animalis, os metamorfos eram tidos como uma espécie de Santo Graal pelos predadores do reino animal, tão esquivos quanto o Yeti, conhecido nas lendas humanas como Abominável Homem das Neves. Eram a presa mais cobiçada, dotada de poderes extraordinários que, segundo as lendas, poderiam ser

adquiridos por qualquer caçador com habilidade e coragem suficientes para capturar um metamorfo e comer seu coração.

— E você está dizendo que a humana, essa jovem que ele salvou, vivia com o resignado de três patas?

— Sim, o gato preto sem...

O sapo finalmente se mexeu e pulou na água.

— Devemos mandar um pelotão de caça? – Perguntou a ratazana marrom.

— Atrás do metamorfo? Não. Você jamais o encontrará. Eles são muito traiçoeiros.

— Então vai deixar que eles escapem?

— Quem falou em escapar?

— O que vamos fazer? – Inquiriu outra ratazana.

— Encontrem o resignado de três patas. Se ele estiver vivo, e sua companheira humana estiver viva, eles tentarão encontrar um ao outro. Se encontrarmos um, encontraremos o outro.

— E então? – Insistiu a ratazana marrom.

Sem atentar para o perigo, a jovem borboleta levantou voo. A língua de Natterjack alcançou-a imediatamente.

— Então, o metamorfo virá atrás de nós – disse Natterjack, saboreando seu petisco.

Capítulo 18

O microclima de Sussex, com suas condições meteorológicas singulares, frequentemente em desacordo com a previsão para o resto do país, era uma verdadeira idiosincrasia, uma peculiaridade apreciada por Quinn. Dias lindos que terminavam com inundações, tempestades que desabavam subitamente de um céu azul e chuvas de granizo em plena primavera. Era preciso ficar atento, de olho na Mãe Natureza. Ainda assim, ele jamais sentira tamanho alívio com a possibilidade de chuva.

O céu era um caldeirão de nuvens cinzentas provenientes do canal da Mancha. O vento também ajudaria a dispersar os odores e agiria a favor dos Beltane, mas Quinn ansiava ainda mais pela promessa de limpeza das cicatrizes físicas da matança. Em algum momento, sua filha precisaria voltar àquele mundo – pelo menos ele rezava para que isso acontecesse e esperava que ela encontrasse esperança em vez de desespero. Se não fosse uma tela em branco, que ao menos pudesse desenhar seu próprio futuro.

Não que o futuro fosse uma prioridade na cabeça de Drue. Ela ainda estava presa ao passado. Quando Quinn explicou o que havia acontecido no Carvalho do Santuário, Drue reagiu: – Ele foi levado pela correnteza! – Gritou ela, interrompendo o pai. – Levado pela correnteza não quer dizer que ele morreu afogado. Will-C pode estar em algum lugar esperando por mim. Pode estar ferido. Preciso procurar por ele.

– Você não vai a lugar algum – disse Quinn com a voz firme.

— Mas não podemos simplesmente abandoná-lo à própria sorte. Depois do que você contou... Prisioneiro... Ele arriscou a vida por nós.

— Drue, é muito perigoso sair à procura de um... um...

— Um gato. Vamos lá, diga: um gato!

— Não vou discutir com você.

— Mas eu vou discutir com você!

— Você tem ideia do que pode encontrar lá fora? Já pensou nisso por um segundo que seja? Mesmo que fosse seguro, o que não é... Não. O que Will-C e os outros fizeram foi extremamente corajoso e jamais poderemos esquecer esse enorme sacrifício, mas, mesmo que ainda esteja vivo, ele não gostaria que você arriscasse sua vida. Era exatamente sua vida que ele estava tentando proteger, entende?

— Você não entende que é exatamente por isso que precisamos tentar encontrá-lo?

Quinn percebeu a determinação nos olhos da filha. Não tinha dúvida de que sua teimosia a levaria a desafiar o bom senso e a fugir dali assim que tivesse uma oportunidade.

Gallinago observava a cena e, apesar de não ter entendido uma palavra, percebeu que haviam tido uma desavença e que, pela expressão do rosto e pela linguagem corporal, Quinn havia perdido. Não ficou surpreso ao ver o velho amigo reassumir a forma de falcão para contar-lhe os detalhes.

Quinn decidira voltar para Kingley Burh. Seria uma opção útil por vários motivos. Em primeiro lugar, porque, apesar de não ter muitas esperanças, uma procura por Will-C tranquilizaria Drue ao menos por algum tempo. Em segundo lugar, seria uma oportunidade para ver por si mesmo como os animalis locais haviam reagido à descoberta de que há um metamorfo entre eles. Em terceiro lugar, poderia descobrir se algum humano havia sobrevivido aos ataques e às buscas impiedosas que se seguiram. Talvez pudesse ajudar alguém.

Com essas coisas em mente, e sabendo que enfrentaria a morte certa se fosse capturado, Quinn pediu ao amigo que ficasse para proteger Drue.

Gallinago concordou prontamente, mas, ciente de que a menina era teimosa e determinada, expressou sua preocupação, especialmente pelo fato de que ela não falava nem entendia a língua dos animais.

Quinn sabia que os riscos eram enormes, qualquer que fosse o caminho que decidissem trilhar, mas achava que valia pena. Porém, estava certo de que não deixaria Drue por sua própria conta, pois isso seria uma encrenca garantida.

Retomando sua forma humana, Quinn colocou o plano em prática. De um dos caixotes, tirou uma maleta de couro contendo um par de binóculos, meia dúzia de lápis de cor presos por um elástico vermelho, um caderno de desenho feito com papel reciclado e uma bússola nova em folha, guardada em um pequeno saco de náilon.

— O que é isso? – Perguntou a filha.

— Preciso que você vigie o lugar. Temos de manter um registro preciso de todas as aves que se aproximarem desse terreno.

Precisamos saber se as patrulhas aéreas seguem algum padrão, a que horas costumam passar, em que direção, altitude, número e espécies.

— E se eu não souber o nome da espécie?

— Faça um desenho. Não precisa ser perfeito, mas tente colocar o máximo de detalhes que conseguir perceber. Assim poderemos avaliar o perigo que corremos. Precisamos saber exatamente o que estamos enfrentando antes de expandirmos nosso território e deixarmos o esconderijo com mais liberdade.

— Não vou conseguir ver muita coisa daqui.

— Eu sei, mas você pode ir até a carcaça do ônibus que está do outro lado do terreno. Assim estará protegida e terá uma boa vista do horizonte, mas é fundamental ficar absolutamente imóvel.

Algumas aves conseguem enxergar tão longe quanto você com esses

binóculos. As ógeas conseguem detectar o movimento de uma libélula a uma distância de duzentos metros e os peneireiros localizam um inseto doze metros abaixo. Por isso, fique atenta. Gallinago vai ajudá-la. Ele avisará quando algo se aproximar para que você esteja preparada.

— Como ele vai fazer isso?

— Gallinago! – Chamou Quinn, virando-se para a ave.

A narceja reconheceu seu nome e entendeu que era a deixa para fazer algumas manobras aéreas no interior da van.

— Está vendo como ele inclina as asas de um lado para outro como se formassem uma gangorra? Esse será o sinal de que alguma coisa se aproxima no céu.

Gallinago subiu e bateu as asas como se aplaudisse.

— Ele baterá as asas assim se vir alguma coisa no chão. Então, Gallinago mergulhou em espiral e chegou tão perto que Drue encolheu-se para não ser atingida pelo bico enorme.

— Ei! De que lado você está? – Reclamou ela.

— Um mergulho em espiral significa que você deve se esconder – explicou Quinn, sorrindo. — Você acha que guardou tudo?

— É claro – respondeu Drue, olhando para a ave com uma expressão azeda.

Quinn abriu uma mochila e mostrou três sinalizadores à filha.

— Em caso de emergência, se estiver em perigo, aponte um sinalizador para o alto e atire.

Drue pegou o objeto. Era um tubo laranja com uma ponta vermelha.

— É um foguete sinalizador com paraquedas. A ponta vermelha fica virada para baixo.

Drue segurou o sinalizador, seguindo as instruções do pai.

— Isso mesmo. Agora, afaste o sinalizador, deixando-o paralelo ao seu corpo. Desatarraxe a ponta e verá uma argola detonadora. Se você puxar a argola com força, o sinalizador explodirá em direção ao

céu. Tome cuidado para não disparar agora – acrescentou ele rapidamente ao vê-la mexer na argola.

— Ele sobe cerca de 300 metros e volta para o chão em um paraquedas.

No alto, ele espalha um brilho vermelho que pode ser visto a cerca de 40

quilômetros, por isso só use o sinalizador como último recurso. A maioria dos animais jamais viu isso, mas eles conhecem fogos de artifício e sabem que só podem significar que há humanos por perto.

Drue acenou afirmativamente com a cabeça.

Quinn acrescentou uma garrafa de água, três maçãs verdes, uma pequena barra de chocolate amargo e um canivete suíço ao kit de sobrevivência.

— Com isso, você ficará longe de problemas por algumas horas.

Drue colocou o sinalizador na mochila, junto com as outras coisas.

— E então? Pronta para pegar esse ônibus? – Perguntou Quinn, sorrindo.

— Sim – disse ela, tensa. — Estou pronta.

Capítulo 19

Gallinago e seu pai na forma de falcão. Essas foram as primeiras aves que Drue avistou ao colocar os binóculos diante dos olhos. Eles subiram lado a lado e seguiram em direção à costa.

Drue já assumira seu posto em um banco do ônibus vermelho. As janelas não tinham mais vidros e o interior ainda expunha as marcas de um incêndio bem feio.

Talvez tenha sido alvo de um ataque terrorista, pensou Drue. Tantas guerras. E para quê?

Ela conferiu a bússola e voltou sua atenção para a planilha que desenhara no caderno de desenho. Sul-sudeste.

O falcão e a narceja tinham ido no sentido contrário da rota que haviam seguido para chegar ali. Drue verificou as horas no relógio solar de seu pai.

Como era muito grande e pesado para ser usado no pulso, ela o acomodou mais acima, no braço, como um bracelete.

— Quinze minutos para as duas horas – disse ela, pegando o lápis para anotar o horário ao lado das outras informações da planilha.

Aves: 2

Espécies: 1 falcão e 1 narceja Hora: 13h45

Sentido: sul-sudeste Altitude: 15 metros aproximadamente

Duração do voo:

Drue pegou os binóculos a tempo de ver Gallinago afastar-se de Quinn no horizonte. Ela anotou três minutos na coluna de duração do voo.

Quando olhou novamente, Gallinago estava voando numa altitude ainda maior e fazia um grande círculo sobre o terreno. Drue pensou em criar outra coluna para registrar essa informação, mas achou melhor não.

Depois de dar uma mordida na barra de chocolate, ela estabeleceu um ritmo de trabalho, examinando o céu por partes. Seus olhos se moviam do norte para o leste, do leste para o sul e assim por diante, seguindo a direção da bússola, até que o quadrado de chocolate orgânico derretesse em sua boca.

Gallinago continuou voando em círculos, deixando-se conduzir pela brisa. Drue invejou aquela liberdade. Daria tudo para poder voar ao lado do pai e sair à procura de Will-C. Em vez disso, as horas passavam lentamente, o chocolate se desfazia lentamente e, além de nuvens de chuva, não havia nada muito importante no imenso céu acinzentado.

Não demorou muito para que a pergunta que ela relutava em fazer, que temia fazer, invadisse sua mente, impedindo que se concentrasse em qualquer outra coisa. As pessoas sempre disseram que, apesar de ser mais parecida com a mãe, seu temperamento e sua personalidade tinham mais a ver com seu pai. Bem, se era assim, talvez corresse mais sangue paterno do que materno em suas veias. E nesse caso...

Talvez eu tenha herdado esse dom. . . , pensou ela. Talvez eu consiga aprender a correr como um guepardo, a voar como uma gaivota, a nadar como um golfinho.

Afinal, não é mágica. Nem superpoderes. Basta ver as coisas de maneira diferente.

Ela colocou os binóculos diante dos olhos e ajustou o foco.

Das sombras para a luz.

Lenta, mas seguramente, ela estava começando a compreender.

Capítulo 20

Quando percebeu que estava com fome, Will-C sentiu que, na verdade, estava morrendo de fome. Literalmente. Não tinha comido nada desde que saíra na noite da Grande Cúpula. E isso lhe ocorreu quando abriu os olhos e, para seu espanto, viu um peixe vivo se debatendo à sua frente.

A situação era ainda mais espantosa porque estava enrolado como uma bola na cama desarrumada de Drue, onde se acomodara depois de encontrar o celular no quintal. Foi preciso fazer um esforço considerável para levantar a cabeça cansada apoiada nas patas cruzadas. O peixe, uma carpa, continuava lutando para respirar, contorcendo o corpo prateado.

Por um instante, Will-C imaginou que era uma alucinação, como na vez em que mastigou grama para facilitar a digestão e, sem querer, comeu algumas folhas de pervinca. No dia seguinte, passou horas convencido de que sua cauda era uma enguia.

Will-C piscou os olhos para ver se a carpa desapareceria, mas ela continuou ali, debatendo-se. O quarto parecia estar tomado por uma névoa, com algumas formas e cores indefinidas aflorando aqui e ali. Ele pensou em simplesmente fechar os olhos e voltar a dormir, dormir o sono final, mas ouviu uma voz.

— E então? Não vai comer?

Will-C levantou a cabeça de novo e, apesar de atordoado, conseguiu detectar um movimento.

— Resignados! – Disse a voz, cheia de desdém.

Will-C tentou farejar algo no ar, mas seu olfato estava tão fraco quanto sua visão. A carpa fez um último movimento desesperado, que resultou em uma queda espetacular da cama para o chão.

Will-C levou um susto quando o falcão passou por ele, pegou o peixe e colocou-o na armação de ferro aos pés da cama de Drue. Faelken soltou a carpa diante dele outra vez, desta vez inerte.

— Se não quiser, eu como. Você parece faminto.

O olhar do gato passou do peixe para a ave e voltou a fixar-se no peixe.

Apesar de faminto, ele ainda não estava inteiramente convencido de que aquilo era real.

— Muito bem, então. Eu fico com ele. É melhor enquanto ainda está fresco – disse Faelken, pulando para a cama e cortando a carpa ao meio com um único golpe do bico.

Will-C tentou falar, mas sua garganta estava seca e sua língua, pesada.

— Escute, só estou tentando ajudar, OK?

— Por que... – Will-C mal conseguia sussurrar. — Por que... você me ajudaria?

— Você não confia em mim. É esperto em não confiar mesmo. Agora entendo por que se tornou secretário do Conselho Felino. Você é esperto e assim poupamos tempo. Eu poderia tentar fazer com que você acreditasse que mudei e que sinto pena de todos os resignados abandonados, mas não é verdade. No fundo do seu cérebro de felino, você saberia que é mentira.

Então, eis a verdade pura e simples: preciso da sua ajuda.

— Você? Precisa da minha ajuda? – balbuciou Will-C.

— Exatamente. Veja bem, para mim você está aqui nesse estado, morrendo de fome e sentindo pena de si mesmo, porque sente falta da sua companheira humana, não é?

Faelken comeu um pedaço da carpa.

— Tem certeza de que não quer um pouco? Está delicioso...

Então, mas o fato é que sua amiga está viva.

Will-C sentiu uma onda de emoção aquecer seu corpo e, então, começou a prestar atenção ao que o falcão dizia.

— Pelo menos nós acreditamos que esteja.

— *Nós?* Está falando de Natterjack?

— Sim. O sapo me mandou vir à sua procura, pois todos queremos que você encontre sua amiga humana.

— Ah, sim, é claro que sim...

— Estou falando a verdade. Já disse que não vou tentar enganá-lo. Pessoalmente, não dou a mínima para ela, estando viva ou morta, mas, pelo que sabemos, ela está viva e foi feita prisioneira.

— Por quem?

— Por um metamorfo que a pegou nessa macieira, diante desta janela. Por isso imaginamos que talvez você soubesse algo que não sabemos. Algo que nos leve até o covil do metamorfo.

— Para matarem os dois?

— Bem, não posso negar que é exatamente o que Natterjack tem em mente, mas estou disposto a fazer um acordo. Veja bem... Eu quero o metamorfo só para mim. Por isso, se me ajudar, eu o ajudarei. A criança humana não me interessa. Leve-me até ela, e, quando o metamorfo for meu, vocês estarão livres. Não vou fazer mal algum e cuidarei para que o sapo também não faça.

— E por que eu deveria acreditar em você?

— Porque agora você pode procurar Natterjack e me denunciar. Quanto tempo acha que eu viveria depois que ele soubesse dessa minha proposta? Ele controla todos os animalis num raio de milhares de quilômetros. Você viu como estavam sedentos por sangue na Grande Cúpula. Estou assumindo um grande risco. Pense nisso.

— Se ele é tão poderoso assim, por que devo acreditar que você conseguiria proteger a mim e a Drue?

— Drue? É esse o nome dela?

Will-C percebeu que havia cometido um erro e recriminou-se silenciosamente. *Conhecimento é poder*, dizia seu pai.

— Quando eu tiver o metamorfo, nem mesmo a Assembleia da Terra ousará cruzar meu caminho – disse Faelken, abrindo as asas e voando até a janela quebrada.

— E se eu me recusar a ajudar?

— Natterjack acabará encontrando o metamorfo. Já mandou um petrel seguir o rastro dele, e essas aves conseguem localizar qualquer coisa.

Quando ele tiver o que quer, todos vocês morrerão. Pense nisso. Voltarei antes do anoitecer para saber sua resposta.

Dizendo isso, ele saiu voando pela janela.

Will-C olhou para o peixe mutilado mais uma vez. Apesar de estar faminto, não lhe parecia correto ver o peixe na cama de Drue, por isso ele empurrou o que restava do animal. Depois, reunindo as forças que lhe restavam, pulou para o chão. Apesar de sua pata traseira aguentar o impacto, as patas dianteiras cederam, fazendo com que ele batesse com a mandíbula nas tábuas do piso. O golpe foi mais chocante do que dolorido.

Ele estava mais fraco do que imaginara.

Nesse momento, sumiram todas as suas restrições quanto a aceitar a maldosa proposta de Faelken. Se Drue estava viva, e se quisesse ajudá-la, precisava estar forte. Precisava desesperadamente de comida e de água. Sem perder mais tempo, Will-C devorou o peixe.

Capítulo 21

Quinn havia deixado a forma de falcão e se transformado em um andorinhão para sobrevoar o Carvalho do Santuário, usando a grande mobilidade e a velocidade dessa espécie para fazer o voo de reconhecimento.

Uma camada de gotículas de chuva cobria a floresta. Os carrinhos de supermercado continuavam no rio, mas Quinn não encontrou sinais de vida ao fazer um voo rasante. Serpenteando por galhos e juncos, acompanhou o curso do rio. Foi e voltou várias vezes, examinando atentamente as duas margens, e ficou aliviado por não ver o corpo de Will-C entre os animalis que jaziam na mata.

Quando a chuva voltou a cair com força, Quinn alterou seu curso.

Cortando o ar como uma flecha, sobrevoou o vilarejo de Kingley Burh. A área fora transformada em um campo de guerra coberto de sangue, um trágico monumento a uma civilização que perdera o rumo e terminara pagando o preço.

Ao passar pela fazenda da família Callow, ele ouviu um barulho dentro do grande celeiro que ficava ao lado do estábulo. Com um pequeno movimento da ponta da asa, fez a volta e confirmou que havia alguém ou alguma coisa dentro do celeiro, batendo na porta.

Aproximando-se mais um pouco, viu um grande cadeado jogado no chão, apesar de a porta estar fechada. Sobrevoando o telhado, Quinn encontrou uma passagem sob a calha.

Ao pousar em uma das vigas de metal junto ao teto, ele se transformou em coruja para enxergar melhor na escuridão. Abaixo

dele, uma égua cinza sacudia a cabeça antes de erguer as patas traseiras e bater na porta novamente. Apesar de seus esforços, a porta continuava firmemente fechada, mas, a cada vez que balançava, um brilho de esperança iluminava centenas de olhos no piso de concreto.

Cães e gatos formavam a maioria dos resignados presos ali, mas havia também cabras, gansos, um macaco, um galo e um casal de pavões. Quinn se aproximou da égua antes que ela batesse na porta outra vez.

— Espere! Pare com isso. Poupe suas forças. Eu vou abrir.

A égua olhou para a coruja com seus olhos vidrados.

— Você? — Perguntou o macaco. — Por que você nos ajudaria?

— Quem fez isso?

— Quem fez isso? Vocês! Os animalis. A Assembleia da Terra.

São piores do que os humanos. Estamos sem água e sem comida.

Eles nos trancaram para morrermos aqui.

— Porque somos resignados — acrescentou uma cabra.

— Eles sempre nos odiaram — disse outra cabra.

— Não foi a Assembleia da Terra, e sim os anciãos locais — disse um dos pavões. — Eles assumiram o comando.

— Foi o sapo. Ele envenenou a mente de todos os outros — disse um ganso.

— Foi Natterjack — disse um white highland terrier. — Ele quer matar todos nós.

— Meus filhotes! — Disse uma gata desorientada, andando a esmo. — Alguém viu meus filhotes?

Quando a coruja desapareceu nas sombras do teto, a égua, exausta, abaixou a cabeça.

Quinn mudou a forma de coruja para andorinhão e saiu pela fresta.

Depois, ao descer para o solo, olhou ao redor para ter certeza de que não havia ninguém por perto e adquiriu sua forma humana. Ele

puxou o ferrolho da porta, mas, ao tentar abri-la, percebeu que fora entortada pelas pancadas da égua. Quinn usou toda a sua força, mas não conseguiu abrir a porta.

A égua conseguiu vê-lo por uma pequena fresta.

— Um humano!

— Um humano? Tem certeza? – perguntou o macaco.

— Não pode ser! – Comentou um dos prisioneiros.

— Quem é?

— Acho que o conheço... Acho que já o vi conversando com o fazendeiro Callow. Ele vai nos ajudar – disse a égua.

De repente, o celeiro ganhou vida com a movimentação dos animais, pulando uns por cima dos outros para chegarem perto da porta.

— Esperem! – Gritou Quinn.

— Silêncio! – Disse a égua. — Os ratos ainda podem estar por perto.

Quinn atravessou o pátio, mudando para a forma de andorinhão mais uma vez. A égua, com os olhos grudados na fresta, viu a transformação.

— Um metamorfo! – Sussurrou ela, atônita.

— O que é isso? – perguntou o macaco. — O que está acontecendo?

— Shhhh!

— Ele vai nos tirar daqui! Ele vai nos tirar daqui!

Alguns minutos depois, o barulho do motor anunciou a aproximação de um trator, com Quinn ao volante. Ele virou o trator e engatou a marcha a ré, acelerando em direção à porta.

— Afastem-se! – Gritou ele.

A égua não precisou entender a linguagem humana para compreender o significado do que ele dissera.

— Para trás! Para trás! – Gritou ela para os outros resignados. Quando o trator bateu na porta de aço, as fundações do prédio

balançaram. Quinn mudou a marcha, acelerou, deslocando o veículo para a frente e voltou a engatar a marcha a ré. Na terceira batida, uma das portas cedeu.

O pai de Drue mudou sua forma novamente e, como andorinhão, voou em círculos sobre a propriedade. Lentamente, os resignados saíram do celeiro e olharam para o céu, abrindo suas bocas para sorver a chuva e sentindo seu poder restaurador.

A égua balançou a cauda e bebeu a água acumulada em uma poça.

— Muito obrigada – disse ela quando Quinn pousou ao seu lado.

— E o fazendeiro Callow e sua família?

A égua sacudiu a cabeça.

— Não pudemos fazer nada.

Aos poucos, os resignados se espalhavam pela propriedade, com medo e sem saber o que fazer.

— Para onde eles vão? — Quinn perguntou.

— Para onde você iria? — respondeu a égua.

— É melhor que vocês fiquem juntos. É mais seguro.

— Isso não foi muito útil antes — disse ela, virando a cabeça para os corpos dos resignados que não haviam sobrevivido ao encarceramento.

— Sinto muito.

A égua tomou um pouco mais de água da chuva.

— Eles vão voltar?

— Sinceramente? Não sei. Acho que não, mas não sei. Tudo depende de quanto tempo a aliança entre os animalis vai durar. Há muita história e muita hostilidade entre as espécies. Com os humanos fora do caminho, é provável que as inimizades venham à tona. Os predadores lutarão uns contra os outros pelo poder.

— Então eles venceram a guerra contra os humanos?

— Não tenho certeza, mas os humanos não estão mais no comando.

— Nunca estiveram. Esse foi o problema — disse a égua.

— Bem, isso é passado — disse Quinn, mais preocupado com o futuro. — Vencer a guerra contra os humanos é uma coisa, mas precisamos ver o que acontecerá daqui para a frente.

— O tempo dirá... E você? Ficaré conosco?

— Precisam de mim em outro lugar.

— Eu entendo... Diga-me uma coisa: você é o futuro?

— O futuro?

— Seu povo. Os Nsray. Pelo que dizem as lendas, eles já foram uma grande força.

— Bem... — Quinn enfiou o bico de andorinhão na água e tomou um gole.

— A natureza prospera na diversidade. Sempre foi assim. Não vejo motivo para duvidar de que continuará a ser assim.

Dizendo isso, Quinn abriu as asas e voou. A égua observou o pequeno pássaro subir em espiral.

— Eu não sei seu nome — disse a égua em voz alta.

— Quinn.

— Eu me chamo Kipling, caso precise...

Porém, Quinn já estava longe, voando em alta velocidade pelo céu aberto.

Capítulo 22

Quinn retomou a busca por Will-C, mas não conseguiu esquecer a pergunta que ouvira: “Você é o futuro?”

Gallinago relatara a provável existência de sobreviventes humanos espalhados pelo mundo, após a fúria coordenada e poderosa da natureza contra a raça humana, e a questão era saber se seria possível conseguir uma trégua, entre os representantes dos dois mundos, antes que esses poucos sobreviventes fossem perseguidos e o homem moderno fosse extinto, como acontecera no passado com os neandertais. E quem melhor para desempenhar o papel de emissário senão alguém capaz de trafegar pelos dois mundos?

Ao longo dos séculos, os Nsray haviam sido igualmente temidos, reverenciados e perseguidos, tanto pelos humanos como pelos animalis, mas agora Quinn via uma chance de acabar com essa perseguição. Das cinzas de uma cultura surgiria outra, mais evoluída e transformada. Era um preço terrível, sem dúvida, mas um dia, talvez, fosse possível dizer que a vida de milhões não havia sido ceifada em vão.

Quinn bateu as asas com força e procurou concentrar-se em sua tarefa mais imediata. A chuva não dava trégua, martelando os telhados, enchendo as calhas e lavando as ruas silenciosas. Cruzando o céu nublado, ele finalmente sobrevoou sua própria garagem e voou em círculos sobre o velho Land Rover, que continuava no lugar onde o havia deixado na noite em que salvara Drue. Diante da casa, voltaram à tona as lembranças de sua família e de uma vida congelada no tempo.

Quinn pousou no peitoril da janela da cozinha e ouviu atentamente.

Silêncio. Ele passou por um buraco aberto no vidro e mudou sua forma novamente. Trocando a velocidade pela discrição, transformou-se em uma pequena corruíra.

O estrago feito na casa não o surpreendeu, mas ele precisou de alguns minutos para se conformar com a extensão e com a violência do ataque.

Durante toda a sua vida, fizera o possível para proteger o meio ambiente e a vida selvagem, mas, mesmo assim, ele e sua filha não escaparam da revolta dos animalis. Suas boas intenções, assim como as ações de milhares de humanos como ele, não tinham sido suficientes para protegê-los. Ainda assim, não guardava rancor pelas criaturas responsáveis por tamanha destruição, pois sabia que também seria capaz de qualquer coisa se a sobrevivência de seus entes queridos estivesse em jogo.

Então, Quinn voou pela sala, pousou no painel que ficava acima da entrada da câmara secreta e seguiu até o corrimão ao pé da escada. As marcas na porta do quarto de Drue revelavam a ferocidade do ataque que ela tivera de enfrentar. Quinn fez uma prece silenciosa em agradecimento por sua filha ter escapado com vida.

Passando pelo buraco aberto na porta, ele pousou na cabeceira da cama, onde viu a espinha de peixe, mas nenhum sinal de Will-C.

Ao voar em direção à janela, ouviu um barulho no interior da casa. Então, parou no peitoril, sentindo a chuva molhar suas penas e a cortina.

Quinn decidiu que era melhor ir embora, pois estava ansioso para voltar para perto de Drue, mas ouviu alguma coisa. Havia alguém na casa. Ele abriu as asas, atravessou o quarto e quando ia pousar no alto da escada, foi atingido por um projétil preto, uma bola de pelos com garras... Will-C!

Com o impacto, presa e predador rolaram escada abaixo, formando um único pacote de penas e pelos.

Felizmente, apesar de ter ficado preso entre as patas dianteiras do felino e ter a mandíbula de seu oponente bem próximo de sua plumagem, ele não foi mordido por Will-C, que não conseguira seu intento.

Ao caírem, Quinn assumiu rapidamente a forma de um gato e depois a de um feroz dobermann, mas era tarde demais. Caindo pesadamente sobre uma das patas, ele sentiu o osso quebrar. Então cambaleou e bateu a cabeça no corrimão da escada.

Toda essa movimentação não durou mais do que alguns segundos. Will-C, no entanto, demorou mais tempo para perceber o que fizera. Enquanto o dobermann continuava estendido no chão, ele percebia que, na verdade, havia capturado um metamorfo e não conseguia acreditar na facilidade com que havia conseguido realizar essa proeza. A criatura mais esquiva do planeta caíra diante de um simples resignado. Ele pensou em como seu pai ficaria orgulhoso. Aquilo seria uma lenda. Ou não seria?

À medida que a forma de dobermann começou a enfraquecer lentamente, Quinn foi readquirindo sua forma humana, fazendo Will-C entender o que havia acontecido.

— Não, não, não! — gritou ele. — É você... Você... é você... E eu o matei.

Will-C não sabia muita coisa sobre fisiologia humana, mas, pelo tempo que havia passado com Drue, aprendera o suficiente para saber que tinham um coração que batia como o coração dos outros mamíferos e que era possível sentir sua respiração quando expiravam. Ele se abaixou e encostou o focinho na cabeça de Quinn para tentar descobrir se havia algum sinal de vida.

— Respire, não morra! Respire, por favor!

Ao sentir o ar sair do nariz de Quinn, Will-C ficou profundamente aliviado. Então, Quinn teve um espasmo, mas não

recuperou a consciência.

De repente, o felino lembrou-se de que Faelken logo voltaria. Will-C não havia matado o metamorfo, mas podia ter dado ao falcão uma chance que ele não desperdiçaria. Ele resolveu tentar esconder Quinn e começou a puxá-lo pela calça. Contudo, inerte, o corpo do pai de Drue era pesado demais. Will-C sentou-se no chão para recuperar o fôlego.

Acorde, pensou ele. Você precisa acordar!

Capítulo 23

Na primeira noite que passou sozinha no ferro-velho, Drue seguiu à risca a rotina que seu pai estabelecera, esperando que ele retornasse antes que ela adormecesse. Quando acordou na manhã seguinte e descobriu que ele não tinha voltado, ficou preocupada, temendo o pior. Era como se estivesse outra vez no interior da câmara secreta. Deveria simplesmente esperar ou sair para procurá-lo?

Gallinago estava em cima de uma caixa, perto da porta, com as asas dobradas junto ao corpo.

— Meu pai! — Disse ela, levantando-se. — Quinn. Você precisa ir atrás dele.

Gallinago olhou para ela, parecendo confuso.

A frustração por não conseguir se comunicar na língua dos animalis conferia à sua voz um tom ameaçador.

— Você não entende? Precisa ir procurá-lo!

Gallinago levantou voo quando Drue apontou para ele.

— Vá! — Gritou ela, levantando a ponta da lona e apontando para o céu, sem se importar com a chuva que molhava a blusa de seu pijama.

Gallinago manteve-se distante, voando em pequenos círculos. Drue olhou ao redor, pensando em algo que pudesse ajudá-la a se comunicar com ele.

Um desenho!

Ela pegou o caderno e desenhou três figuras: uma narceja, uma menina e um homem com asas. Então, acenou para que Gallinago se

aproximasse, e, apesar da hesitação inicial, ele finalmente pousou ao lado de Drue. Ela mostrou o desenho a Gallinago.

— Você — disse ela, apontando para a narceja desenhada. — Gallinago.

Depois, indicou o desenho da menina.

— Eu. Drue.

Quando ela apontou para a última figura, o homem com asas, Gallinago disse “Quinn”, mas Drue ouviu apenas uma espécie de espirro.

— Quiiiiiinnnnn! — Disse ela, enfática. — Meu pai. Você entende? Nsray.

Metamorfo.

Gallinago balançou a cabeça, mas não houve outra indicação de que entendera o que ela estava dizendo.

Drue abriu os braços e fez um movimento, como se estivesse batendo asas.

— Isso é o que vocês fazem — disse ela. — Vocês voam. Gallinago bateu as asas.

— Sim! Isso mesmo! — Gritou ela.

Drue correu até a porta da van e levantou a lona.

— Voe! Encontre Quinn. Encontre meu pai.

Gallinago passou voando por Drue e subiu em direção ao céu, mas parou, como se fosse voltar para ela. Drue levantou um braço e apontou para o horizonte, na direção em que vira seu pai pela última vez.

— Vá! Encontre meu pai.

A narceja soltou um guincho e voou na direção que Drue havia apontado.

Ela acompanhou a ave com o olhar, vendo-a desaparecer no céu nublado.

Voe, pensou ela. *Voe*. Drue olhou para suas mãos e braços e pensou a mesma coisa. Fechou os olhos e comprimiu os lábios,

concentrando-se, desejando que seus braços se transformassem em asas.

Voe!

Nada. Asas. Preciso de asas. Quero que meus braços se transformem em asas.

Nada aconteceu.

Sou uma ave. Uma gaiivota. Posso VOAR!

Drue abriu os olhos. Suas mãos ainda eram apenas mãos. Seus braços ainda eram apenas braços. Ela ainda era apenas Drue Beltane, uma garota de 12 anos num pijama amarrotado. Ela tentou de novo e até pulou um pouco para ver se ajudava.

Não é mágica. Posso voar!

Mesmo assim, nada aconteceu. Drue tentou mais uma vez, pulando da traseira da van, mas tudo o que conseguiu foi cair no chão, arranhando o joelho. O curativo continuou firme em seu lugar, mas ela sentiu a ferida abrir e a gaze foi tingida de sangue.

Aborrecida, limpou as mãos e ficou em pé. Ao olhar para o céu, viu Gallinago voando em círculos. Drue correu para pegar os binóculos e vasculhou o céu. Nenhum sinal de vida além da narceja.

Esquecendo a precaução, ela saiu correndo sob a chuva, pisando com os pés descalços nas poças de água gordurosa até chegar ao ônibus de dois andares. Então, subiu as escadas internas e fez um reconhecimento completo do terreno ao redor. Nem sinal de Quinn.

Drue voltou a olhar para Gallinago, usando os binóculos, e viu a narceja fazer um grande círculo sobre o terreno.

Será que não entendeu o recado? Ou entendeu e decidiu não obedecer?

Aborrecida, ela se sentou num banco do ônibus para pensar. Tirou as mechas de cabelo molhado que tinham ficado coladas em seu rosto e observou os próprios pés sujos de lama. Seu pijama estava encharcado, e o curativo estava coberto de sangue. Desejou poder tomar um banho, comer ovos mexidos com torradas amanteigadas e tomar um leite com chocolate quentinho. Queria que

seu pai voltasse. Queria ir para casa. Ficar embaixo do edredom, em sua cama. Queria ver Will-C. Queria poder fazer com que tudo voltasse a ser como era antes.

Drue viu Gallinago completar outra volta. A dor e a frustração foram aumentando em seu peito, fazendo-a sentir que não aguentava mais. Ela foi até a janela e gritou. O som agudo ecoou nas peças de metal espalhadas pelo terreno abandonado. Gallinago, assustado, mudou seu curso abruptamente e desceu até o ônibus, esperando encontrar Drue atracada com um agressor.

Em vez disso, ela olhou para ele desafiadoramente. Gallinago alçou voo novamente e então mergulhou em espiral para mostrar que aquilo não era seguro e que Drue precisava esconder-se.

— Eu não dou a mínima!

A narceja voou e desceu novamente em espiral, desta vez aproximando-se mais.

— Eu não dou a mínima! Não me importo se me encontrarem!

Gallinago percebeu que estava deixando a menina ainda mais nervosa e decidiu afastar-se e retomar seu padrão de voo. Enquanto a narceja voava em círculos sobre o ferro-velho, Drue saiu do ônibus, atravessou o terreno encharcado e voltou para o esconderijo.

Capítulo 24

Will-C pulou no peito de Quinn e lambeu seu rosto. Ele repetiu o gesto por quase uma hora, mas o pai de Drue não acordou. Por fim, movido pela frustração, Will-C mordeu a ponta do nariz de Quinn e conseguiu o que queria, pois ele soltou um grito e endireitou-se imediatamente, jogando o gato no chão.

— Ai!

Will-C pulou para o colo de Quinn, feliz por vê-lo acordado.

— Você está bem! Está vivo!

— Você quer...

— Eu estava tão preocupado!

— Você quer...

— Eu não sabia se...

— Você quer sair de cima de mim, seu maldito saco de pulgas!

Will-C não entendeu as palavras, mas o tom da voz de Quinn era muito claro. Ele se afastou, com o rabo entre as pernas, e sentou-se embaixo da mesa da cozinha, com uma expressão de culpa. Quinn sentiu que fraturara o pulso ao cair da escada. Ele percebeu que o gato ficou com a consciência pesada e decidiu transformar-se em felino para tranquilizar Will-C. Quinn não o considerava culpado e sabia que se alguém tinha culpa naquela situação era ele mesmo, já que baixara a guarda.

Will-C ficou agradecido, ainda que um pouco preocupado. O ferimento não havia comprometido a habilidade de Quinn para transformar-se, mas prejudicara sua capacidade de concentração,

tornando a metamorfose mais fluida. Sua presença ficaria mais branda, como se fosse uma imagem desfocada.

O problema mais imediato era que o ferimento limitava suas possibilidades de escolha. Não adiantaria transformar-se em ave, pois não poderia voar. Isso significava que precisaria voltar a pé, uma viagem de proporções épicas.

Will-C estava ansioso para acompanhar Quinn nessa viagem tão logo fosse possível, mas, assim que falou sobre a proposta de Faelken para trair Natterjack e conquistar os poderes de um metamorfo, Quinn decidiu que precisavam ficar. Ele sabia que era necessário enfrentar o falcão e o sapo antes de ir ao encontro de Drue, pois não queria expor o esconderijo e colocá-la em perigo.

Quinn não sabia que, para sua filha, o perigo e o destino se revelariam dois lados da mesma moeda.

Capítulo 25

Morcegos. Ao acordar de um sono profundo, Drue levou algum tempo para perceber que estava cercada por eles. Instintivamente, saiu da rede e engatinhou no escuro, procurando a mochila.

Ela sentiu as garras afiadas e os movimentos das asas acima de sua cabeça. Percebeu os focinhos pequenos e cruéis e os olhos vidrados.

Agitando os braços, fez o possível para afastar os agressores. Os guinchos de Gallinago ecoavam nas paredes de metal enquanto ele voava freneticamente em círculos, fustigado por um turbilhão de mamíferos voadores.

Drue tropeçou na mochila, abriu o bolso lateral e pegou o sinalizador.

Com morcegos avançando contra sua cabeça e seu rosto, ela puxou a argola.

Uma explosão de luz encheu o ar quando o sinalizador bateu no teto da van e ricocheteou pelo interior, envolvendo tudo em uma nuvem de fumaça vermelha.

Os morcegos entraram em pânico, bateram contra as paredes, trombaram uns com os outros e fugiram. Drue buscou refúgio atrás das caixas enquanto o sinalizador continuava a brilhar. Ela olhou em volta e não viu a narceja.

— Gallinago! Gallinago!

Ainda havia muita fumaça no ar, densa e sufocante, quando as últimas faíscas caíram sobre as caixas e o caderno de Drue. Uma súbita rajada de vento, no entanto, reavivou as faíscas, espalhando o

fogo rapidamente. As chamas obstruíram a rota de fuga enquanto Drue se encolhia em um canto.

— Gallinago! — Chamou ela mais uma vez.

Línguas de fogo se aproximavam sem deixar saída... Então, Drue lembrou-se do buraco na roda enferrujada, por onde entrava o mato, mas seria grande o bastante para permitir a passagem?

As caixas foram tomadas pelo fogo. As cortinas estavam em chamas.

Drue atirou-se no chão, tossindo por causa da fumaça, e arrastou-se até o buraco. O calor era insuportável. Ao perceber que não conseguiria passar, começou a bater nas bordas enferrujadas. Alguns pedaços de metal cederam, mas o buraco continuava pequeno demais.

Prestes a ser engolida pelas chamas, ela fechou os olhos e soltou um grito aterrorizado: — SOCORRO!

Então, ela sentiu um calor abrasador sob a pele. Dentro dos ossos.

Dentro do cérebro.

Um fogo eletroquímico tão terrível e violento quanto aquele que consumia tudo ao seu redor ardia dentro de sua cabeça. E, quando abriu os olhos novamente, estava fora da van, de cabeça para baixo no chassi do veículo, que agora parecia tão grande quanto um transatlântico.

Suas mãos tinham dedos com garras.

Seus braços pequenos eram cinza-esverdeados e seu corpo coberto de escamas era salpicado por pontos brancos que iam até a ponta da cauda. Ela se transformara em um lagarto!

Ao se recuperar do choque, Drue se soltou e caiu no chão como uma garota normal. Apavorada, mas movida pela adrenalina, ela se levantou e correu para longe do fogo que engolia a van, encontrando refúgio em uma pilha de pneus. Encolhida e tremendo

incontrolavelmente, abraçou os joelhos e rezou para que os morcegos não tivessem percebido que ela escapara.

Felizmente, devido à garoa incessante, o fogo não se espalhou, mas manteve-se vivo por quase uma hora, destruindo completamente o esconderijo dos Beltane. Apesar do medo e do frio, Drue caiu em um sono profundo.

Capítulo 26

Quinn pediu que Will-C voltasse para a cama de Drue e esperasse por Faelken enquanto ele, assumindo a forma de lince para aproveitar as habilidades noturnas desse animal, ficaria atrás do guarda-roupa, vigiando a porta e a janela sem ser visto.

Ao amanhecer, Quinn espreguiçou-se e, enquanto Will-C dormia na cama, mancou até a cozinha.

Tomando cuidado para manter-se longe das janelas, Quinn voltou à forma humana e fez uma tipoia com panos de prato para aliviar a dor no pulso fraturado. Depois de tomar arnica e um analgésico e beber um pouco de água, procurou alguma coisa para comer. Como esperava, os enlatados não haviam despertado o interesse dos animais.

Depois de um café da manhã com filé de peixe e tomate, Quinn separou um pouco de comida e água para Will-C.

Massageando o braço, pensou em Drue. Uma sensação de desconforto o incomodara durante toda a noite. Sabia que precisava voltar para o esconderijo, mas o perigo também rondava a casa. Podia sentir no âmago de seu ser as intenções sombrias que vinham em sua direção através da energia viva da atmosfera, tão evidente para um ancião Nsray quanto óleo boiando sobre a água.

Quinn olhou para o quintal através da janela quebrada, lembrou-se de Drue dando seus primeiros passos ali e rezou para que estivesse bem, para que estivesse escondida e protegida da nova ordem mundial.

Capítulo 27

Água. Fria. Limpa. Profunda como o Atlântico. A luz do sol penetrando através da superfície e estalactites resplandecentes de energia pura segmentando águas-marinhas viscosas. Ao redor, paredes de cristal formando um desfiladeiro de joias cintilantes. Drue estendeu um braço para tocar a escarpa reluzente, mas deslizou para longe, afundando até um ponto onde não havia mais luz. Uma pequena figura solitária à deriva em um vazio aquoso. Abaixo dela, a escuridão negra como carvão e algo mais. . uma sensação. Uma presença. Acenando. Então, um som. Um som familiar. .



Um guincho.

O ruído tocou-a e afastou-a das profundezas e das sombras misteriosas que se sentia obrigada a explorar.

O guincho novamente, mais alto.

Drue abriu os olhos e, do meio dos pneus que a abrigavam, viu a silhueta de Gallinago contra a luz do dia. Ele estava sobrevoando a van queimada e procurava por ela.

Ela começou a recordar os acontecimentos da noite anterior.

Os morcegos.

O fogo.

O lagarto!

Drue estendeu o braço e virou a mão para cima e para baixo, como se a visse pela primeira vez. Mexeu os dedos. Ficou aliviada ao

ver suas unhas, apesar de estarem sujas. *Ainda assim, não se transformara para escapar do fogo?*

— Gallina... — Ela começou a falar, mas parou imediatamente. Falar não era uma boa ideia. Tinha certeza de que seu comportamento atraía os morcegos para o esconderijo e, agora, tudo o que seu pai fizera estava destruído. Todos os suprimentos tinham sido engolidos pelo fogo.

Drue ficou em pé e examinou seus braços e pernas. O corpo que habitava pareceu-lhe estranho, ao mesmo tempo familiar e desconhecido. Viu o reflexo de seu rosto em uma poça de água e aproximou-se. Tirou uma mecha de cabelo que cobria os olhos. Então, fez uma careta, colocando a língua para fora.

Gaiivota, pensou ela, esperando desencadear a mágica transformação, mas nada aconteceu. Ela fechou os olhos, esperando melhorar sua concentração.

Gaiivota. Ela se concentrou na imagem da ave novamente. Então, abriu um olho para espiar seu reflexo na água, vendo apenas o rosto de uma menina.

Tentou pensar em um espécime específico, visualizando uma gaiivota-prateada, com as asas e o dorso cinzentos, a cabeça e a barriga brancas, as patas rosadas e uma mancha vermelha no bico amarelo.

Gaiivota-prateada. .

Drue sentiu a brisa no rosto, levantou os braços como se fossem asas e imaginou-se voando no céu, mas seu reflexo se negava a acompanhar sua imaginação. Frustrada, ela pisou na poça com força.

Ao vê-la, Gallinago aproximou-se, soltando vários guinchos.

— OK, OK, é bom ver você também.

Porém, os guinchos da narceja não eram um cumprimento, e sim um aviso. A ave bateu as asas furiosamente, chegando a encostá-las no rosto de Drue até que ela entendesse.

— O quê? O quê?

Gallinago bateu as asas com mais força, exagerando cada movimento.

— Asas batendo... OK. Isso quer dizer... O que meu pai falou mesmo?

Asas batendo significam... perigo no chão.

Ela olhou em volta e viu uma onda de ratos, com centenas de animais, vindo em sua direção.

Por um instante, Drue ficou sem ação. Então, quando Gallinago guinchou novamente, ela saiu correndo. Ao escorregar e cair, levantou-se e continuou a correr com a maior velocidade de que era capaz.

Gallinago executou alguns mergulhos sobre os ratos, mas eles eram muito numerosos e estavam determinados a alcançar sua presa.

Sentindo o sangue pulsar nas têmporas e as pernas cansadas ao escalar uma pilha de carros amassados, Drue rezou para conseguir voar.

Não é mágica, lembrou a si mesma.

Não é mágica. Eu já fiz isso antes. Tenho de fazer outra vez!

Ao chegar ao topo da colina de ferro-velho, cercada pelos ratos, Drue abriu os braços e, num último ato de fé, atirou-se da torre de lixo enferrujado. Por um instante, seu corpo pequeno ficou solto no ar, como se estivesse voando, mas a gravidade falou mais alto, e ele começou a cair como uma pedra, despencando ao encontro dos vermes que a aguardavam na terra. Então, quando parecia que não tinha como se salvar, Drue começou a subir, formando arcos com suas grandes asas brancas.

Gallinago juntou-se a ela, impressionado com o que vira.

— Você se transformou!

— *Siiiiiiiiimmmmm!* — Gritou ela, emocionada e assustada ao ver-se *transformada* em uma gaivota-prateada.

— E consegue entender o que digo?

— O quê?!

Para um primeiro voo, ela até que estava se saindo muito bem, mas, pelos movimentos desajeitados, Gallinago percebeu que ela não tinha muito controle sobre sua habilidade recém-adquirida.

— É isso aí! Muito bem! — Disse ele para encorajá-la.

Drue mergulhou, deslizou e zanzou no ar. Após quase bater contra o ônibus vermelho, girou atabalhoadamente até finalmente conseguir estabelecer um ritmo constante, subindo cada vez mais alto.

— Calma. Relaxe... Não exagere. Cuidado com as termas. Isso. Isso aí!

Na verdade, Drue só conseguia entender uma ou outra coisa do que Gallinago dizia, pois, como o voo em si, levaria algum tempo para dominar a língua dos animalis. No entanto, naquele momento, sentindo o sol em seu rosto e o vento passando por baixo de suas asas — suas asas! —, isso não tinha importância.

Drue abriu a porta para um mundo completamente novo. Liberdade.

Algo muito maior do que tudo o que já havia imaginado. Simplesmente emocionante.

À medida que adquiria mais confiança, ela fazia mais acrobacias e, ao ver a linha do horizonte ao longo do canal da Mancha, bateu as asas com força e voou em direção à costa.

Deslumbrada com a imagem das ondas do mar batendo na praia, ela mergulhou em direção à água. Gallinago mantivera-se afastado até que chegassem ao mar aberto. Então, ele cruzou o caminho de Drue e acenou para que ela voltasse.

— A praia. Precisamos conversar.

Gallinago foi na frente, deslizando até pousar elegantemente em um robusto quebra-mar. Drue tentou pousar ao lado dele, mas vinha em alta velocidade e bateu contra as pedras. Para piorar a

humilhação, foi levada por uma onda que arrebentou na praia.

Gallinago balançou a cabeça, mas ela não se deixou abater.

— Nossa, que loucura! Quero aprender a voar por todo o mundo.

— Então é melhor aprender a pousar, não? É uma viagem e tanto se não parar para descansar de vez em quando.

— Até que altura podemos subir? Acima das nuvens?

— Chegaremos lá...

— E a velocidade? Qual é o pássaro mais rápido do mundo?

Aposto que é o andorinhão.

— Não... É o falcão-peregrino.

— Um falcão!

— Quando mergulha para pegar a caça, é o animalis mais rápido do planeta.

— Qual é a velocidade dele?

— Bom, medimos a velocidade de maneira diferente, mas acho que é mais ou menos 300 km/h.

— Trezentos quilômetros por hora? É a velocidade de um carro de corrida!

— E eu estou falando de um mergulho.

— E você me ensina? Prometo prestar atenção e seguir todas as instruções. Prometo!

— Você está esquecendo que não sou um falcão. Além disso, prometi ao seu pai que faria tudo para que você ficasse em segurança.

— Meu pai... Precisamos ir atrás dele. Mal posso esperar para ver a cara dele quando nos encontrarmos!

Gallinago começou a falar lentamente, escolhendo as palavras com cuidado.

— As instruções do seu pai... foram... para que esperássemos... sua volta.

— Mas onde vamos esperar? O esconderijo pegou fogo!

— E você acha que ele vai gostar de saber?

- Gallinago, precisamos encontrá-lo.
 - É muito perigoso.
 - Se está com medo, vou sozinha.
 - Medo?
 - Não se preocupe, não contarei a ele — disse Drue, abrindo as asas e deixando-se levar pela brisa. — Trezentos quilômetros por hora!
 - É melhor parar com essas ideias...
- Com a ajuda do vento, Drue voou ainda mais alto.
- Não estou ouvindo — gritou ela.
 - Crianças! — Resmungou Gallinago, indo atrás dela. — Acham que sabem tudo!

Capítulo 28

Com um exército de escravos a reboque e viajando no pescoço de um abatido buldogue, Natterjack abandonara sua rica dieta na Reserva Natural para atravessar florestas e campos encharcados pela chuva em direção à antiga casa dos Beltane.

Bardana, milefólio, salsa e outras ervas cresciam em abundância sob as sebes que cercavam a horta, formando um abrigo perfeito para os animalis encarregados da vigilância no local. As forças terrestres eram complementadas por um exército de aves escondidas nas copas das árvores.

Faelken notou a aproximação do procônsul distrital e aproximou-se para fazer seu relatório.

— Muito bem — disse Natterjack enquanto o buldogue abaixava a cabeça para que o sapo escorregasse até o chão. — O que tem a dizer? O metamorfo mordeu a isca?

O exército de ratos, camundongos e doninhas espalhou-se imediatamente para cercar a propriedade.

— O gato não saiu desde que falei com ele — disse Faelken.

— Tem certeza?

— Mantivemos uma vigilância permanente. Natterjack observou a casa.

— Ouvi falar de uma visita...

— Um andorinhão — disse um corvo.

Natterjack olhou para Faelken, para o corvo e depois para Faelken novamente.

— Um andorinhão?

— Entrou voando pela janela ontem. Depois, não o vimos mais — disse Faelken. — Por isso mandei avisá-lo.

— Entendo.

— Pode ter sido comido pelo gato — disse uma ratazana.

— É bem provável que tenha sido comido pelo gato — disse outra ratazana.

— Também pode ser que o andorinhão e o resignado sejam amigos — disse um corvo.

— Ou esse andorinhão pode ser o metamorfo — disse Natterjack.

Todos os olhos se voltaram para a casa, iluminada pelo sol matinal.

— Somos numerosos. Se atacarmos por todos os lados... — sugeriu Faelken.

— Não. Ainda não — respondeu Natterjack. — Antes precisamos ter certeza de que é mesmo o metamorfo ou desperdiçaremos o elemento-surpresa. Precisamos de olhos dentro da casa.

— Pode ser uma armadilha. Talvez saibam que estamos aqui. Por isso estão escondidos lá dentro — sugeriu uma ratazana.

Todos aqueles que estavam por perto começaram a se esconder sob a vegetação. A missão de reconhecimento parecia perigosa e ninguém queria ser escolhido como voluntário para o sacrifício. Natterjack olhou ao redor, avaliando suas opções.

— Eu vou entrar — disse Faelken, abrindo as asas.

— Não. Precisamos de astúcia e velocidade, sim, mas também é fundamental discrição. E também precisamos de um animalis que não pareça deslocado em uma casa de humanos.

Enquanto eram avaliados por Natterjack, os animalis desviavam o olhar, como crianças evitando o professor na sala de aula. Por fim, o sapo encontrou o que estava procurando: um esquilo.

— Você! — Vociferou Natterjack.

— E... Eu?

— Você será meus olhos e meus ouvidos dentro daquela casa.

— Encontre o resignado de três patas e descubra que companhia ele tem.

✧

O esquilo conhecia dezenas de rotas testadas e aprovadas para a cozinha da casa dos Beltane, por isso não seria difícil entrar ali sem ser notado.

Escolheu o caminho que o levaria até a parte de trás da pia. O território era familiar, mas, desde o início da guerra, todos os espaços que pertenciam aos humanos haviam adquirido uma atmosfera perturbadora, um silêncio estranho, sem o ruído habitual dos eletrodomésticos ao qual as criaturas que viviam por perto estavam habituadas.

Apesar de relutante, o pequeno espião atravessou a cozinha, desviando da louça quebrada e dos escombros espalhados pelo chão.

Não havia sinal do gato ou da ave, e, por um instante, o pequeno espião pensou em voltar para informar isso a Natterjack, mas, de repente, Will-C pulou da mesa com um andorinhão preso em suas mandíbulas. O arganaz levou um susto, mas deduziu que não tinha sido visto. Ele observou atentamente enquanto Will-C atravessava a cozinha e largava a ave em um canto, que caiu no chão ao lado da tigela de comida do gato e não se mexeu mais.

De seu esconderijo, o esquilo tinha a visão comprometida por uma perna da mesa, por isso correu até uma cadeira e subiu por uma das pernas para avaliar a cena.

O gato parecia estar brincando com a ave inerte. Cutucou-a com uma pata, afastou-se, levantou-se e depois voltou a mexer em uma pata. O andorinhão continuava imóvel e, pelo ângulo em que se encontrava uma das asas, era evidente que estava bastante ferido.

Se ainda não está morto, logo estará, pensou o esquilo.

Ele já tinha visto o bastante. Natterjack fizera a coisa certa ao adiar a invasão da casa. O metamorfo ainda não tinha aparecido. Embalado por uma falsa sensação de segurança, o esquilo desceu pela perna da cadeira e fez o caminho de volta até a pia, passando pelo terreno desprotegido dos ladrilhos da cozinha.

Em um piscar de olhos, o andorinhão se transformou em lince, atravessou a cozinha com um salto, e, antes de perceber que corria perigo, o esquilo estava em sua boca. As presas de Quinn, apesar de não o machucarem, seguraram o animal com força até Will-C se juntar a eles, trazendo uma peneira de metal. Quinn colocou o esquilo no chão, prendendo-o com uma pata, até Will-C colocar a peneira por cima dele.

— Eu não vou contar nada, juro. Não vou.

— Contar para quem? — Questionou Quinn.

— Para o procônsul.

— Natterjack está aqui? — Perguntou Will-C.

— Lá fora.

— Ótimo — disse Quinn.

— Ótimo?! — Disse Will-C, achando estranho.

— O lugar está completamente cercado — revelou o esquilo.

— Inteligente.

— Se você me soltar, posso dizer a eles que conseguiu escapar.

Posso dizer que está morto. Posso dizer qualquer coisa que você quiser que eu diga.

— Não se preocupe. Eu mesmo digo.

— Você está louco? Montar uma armadilha para o falcão é uma coisa, mas não podemos lutar contra todo o exército de Natterjack — ponderou Will-C. — Não temos a menor chance.

— Quem falou em lutar? — Perguntou Quinn, transformando-se em esquilo. — Basta cuidar para que nosso amigo não saia daqui.

— O que você pretende... Aonde vai?

— Vou usar nossa arma mais potente.

— Que é...?

— A sede de poder de Natterjack.

Dizendo isso, Quinn desapareceu pelo buraco na parede.

*

Ao se aproximar da horta que ficava nos fundos da casa, Quinn começou a ver as criaturas escondidas nas árvores e sebes. Com o focinho delgado de roedor, inalou o ar para sentir o cheiro do sapo.

Ele não precisaria preocupar-se com isso, pois um grupo de ratazanas havia acompanhado seus passos desde que saíra da casa. Acreditando que ele era o espião, formaram uma escolta para conduzi-lo à presença do procônsul. Um dos ratos, mais velho, olhou com uma expressão de desconfiança para Quinn, que acelerou o passo e atravessou o canteiro de hortelã para disfarçar seu cheiro de Nsray.

O sapo gigantesco montara acampamento junto à pilha de compostagem atrás do galpão. Uma montanha de caramujos vivos fora colocada diante dele, que se divertia comendo cada um que tentava uma fuga dolorosamente lenta. Seu apetite não tinha limites, mas sua fome por informação era ainda maior. Quando Quinn se aproximou, as ratazanas pararam atrás dele, mantendo uma distância respeitosa.

— E então? — Perguntou Natterjack ao pequeno roedor parado à sua frente.

Por um instante, Quinn divertiu-se com a ideia de transformar-se em raposa e acabar com a vida do sapo de uma vez por todas, mas controlou o impulso. Não podia prever a reação dos animalis ali reunidos — ele conseguiria escapar, mas talvez Will-C não conseguisse. Seria muito melhor derrotar o inimigo sem violência.

— Encontrou o resignado?

- Sim.
- E o andorinhão?
- Foi embora.
- Embora?

Faelken aproximou-se e pousou em uma árvore caída.

- Foi para o norte.
- O quê?!
- Impossível — assegurou Faelken. — A vigilância foi permanente.
- Ele era o metamorfo.
- Eu sabia! — Exclamou Natterjack.
- Ele se transformou em um musaranho-anão e fugiu.
- O roedor está mentindo — disse Faelken.
- Então façam uma busca na toca dos humanos. Encontrarão apenas o resignado. O metamorfo o teme, procônsul. Ele sabia sobre a armadilha.
- Como?
- Não sei. Sei apenas o que ouvi da conversa. Ele voltou para reunir o gato com sua companheira humana, mas, ao saber da sua presença, fugiu.
- Para onde ele foi? Onde está a criança humana?
- Em uma grande cidade ao norte, que os humanos chamam de Londres.
- O resignado sabe onde fica?
- Não. O resignado não sabe nada. Foi deixado para trás como isca, para não irem atrás do metamorfo, que foi ao encontro da criança.
- E você ouviu tudo isso?
- Sim.
- Então ele fugiu há pouco tempo! Quero os corvos no céu! — Gritou Natterjack. — Procurem nas matas e nos campos. Nenhuma criatura pode sair dos limites de Downs!

No instante seguinte, o céu estava tomado por aves e o chão, apinhado de animais em vigilância. Natterjack montou em seu buldogue. Ele torceu as orelhas do cão para exigir mais velocidade, mas o animal era pesado e não tinha ritmo.

— FAELKEN! — Gritou o gordo batráquio.

O falcão manobrou no ar e emparelhou-se com o cão para que Natterjack pulasse. Apesar de não gostar de transportar passageiros, Faelken sabia que era melhor ficar calado. Não precisou de mais do que alguns segundos para se adaptar ao peso e voltar a subir.

O plano de Quinn parecia funcionar perfeitamente, pois tanto ele quanto Will-C haviam sido esquecidos. Ele respirou aliviado e ficou observando a mobilização dos animalis, mas, de repente, uma gaivota-prateada sobrevoou a propriedade, mergulhou em direção à horta e rolou no chão ao pousar. Os animalis pararam para olhar e ficaram assombrados ao ver a gaivota transformar-se em uma menina. Drue!

— Olhem! Ali! — Gritou um corvo.

Faelken mudou o rumo e fez uma volta. Enquanto Natterjack se enchia de alegria, Quinn foi tomado pelo pavor.

— Drue! — Gritou ele, mas sua voz de minúsculo roedor não passou de um guincho imperceptível.

— Vamos! — Gritou Natterjack, ansioso para apanhar seu prêmio. O falcão recolheu as asas e mergulhou.

Ainda sem perceber o perigo iminente, Drue sentou-se no chão e limpou a sujeira da roupa.

Quinn transformou-se imediatamente em guepardo, saltou no ar e pulou na direção do falcão, impedindo que atacasse sua filha. Faelken perdeu algumas penas, mas sobreviveu, e Quinn ganhou alguns minutos para reassumir a forma humana.

— Corra, Drue, corra! Corra para dentro da casa! — gritou ele.

Logo acima, Natterjack ordenou que Faelken atacasse novamente. O céu ficou escuro, repleto de aves, enquanto os

exércitos em terra voltavam para a casa.

Quinn se transformou em um urso enorme e rugiu com força, fazendo com que os combatentes menos comprometidos com a causa recuassem à procura de um esconderijo. Porém, as ratazanas, os arminhos e as doninhas fecharam os flancos e avançaram, ainda que cautelosamente.

Uma nuvem de corvos e urubus desceu em direção ao urso. Apesar da pata machucada, ele sacudiu os braços para espantar as aves como se fossem moscas. Sangue, pelos e penas se espalharam pelo ar. No calor da batalha, Quinn percebeu que tinha um aliado: uma narceja que usava o bico longo como uma espada na luta contra o inimigo.

— Gallinago!

— Olá!

— Tire Drue daqui.

— Onde ela está?

Indiferente às ratazanas que subiam por suas patas peludas, Quinn tentou localizar a filha na zona de combate.

— DRUE! — Rugiu ele.

Um gavião surgiu ao seu lado e começou a bicar as ratazanas grudadas na pelagem coberta de sangue.

— Está tudo bem! Estou aqui, pai.

— Não! Você não pode ficar aqui! Vá embora!

Com a atenção do urso desviada momentaneamente, as forças terrestres atacaram com seus dentes afiados como navalha. Quinn gritou, mas continuou mexendo os braços e usando sua poderosa mandíbula para defender a si mesmo e a filha daquela terrível carnificina.

— Matem os dois! — Gritou Natterjack, agarrado às costas do falcão. E, então, ele vislumbrou uma chance...

A pelagem do urso estava inteiramente coberta pelas ratazanas, a narceja travava um duelo mortal contra um maçarico-real, e o gavião

tinha sido atraído para o chão por um bando de corvos.

— Ali! — Gritou Natterjack para Faelken, apontando na direção do gavião.

Quando o falcão mergulhou, em alta velocidade, o sapo voou pelo ar e bateu contra um resignado de três patas. Will-C havia entrado na frente de Drue, e, após a batida, rolou pelo gramado agarrado ao sapo.

— Will-C! — Disse ela. Então, percebendo que o sapo estava levando a melhor, Drue gritou: — Não! Deixe-o em paz!

Natterjack agarrou-se a Will-C e arrancou seus bigodes.

Faelken subiu, preparou as garras e mergulhou para matar.

Então, quando todas as esperanças pareciam esgotadas, o irritante Lennox surgiu. Um único golpe do gato listrado tirou Faelken do rumo enquanto seus amigos entravam em campo, interpondo-se entre Drue e Will-C e os mercenários de Natterjack.

Faelken armou o bote, mas Lennox esquivou-se. Faelken atacou de novo, e, dessa vez, foi o buldogue de Natterjack quem encerrou a luta, abocanhando Faelken e triturando o falcão até os ossos.

Natterjack arregalou os olhos ao ver o buldogue ao lado da ave. O cão se virou para seu torturador. O sapo imenso tentou fugir, mas o buldogue foi mais rápido e, depois de algumas passadas largas, jogou todo o seu peso sobre o sapo.

A morte de Natterjack teve um impacto imediato. Com seu líder derrotado, os animalis recuaram para se reagrupar.

Quinn sabia muito bem que aquela fora uma única batalha, e não a guerra, mas, aproveitando a calmaria momentânea, ele cuspiu o sangue em sua boca e começou a disparar ordens para o desajeitado pelotão de resignados.

— Recuar!

— Mas nós podemos com eles — disse Lennox.

— Não. Eles são mais numerosos. Reunirão reforços e atacam novamente. Precisamos recuar.

— Para onde? — Perguntou Will-C. — Para a casa?
— Não. Para a fazenda Callow. Há outros por lá. São amigos.
— Você vem comigo — disse Drue para Will-C.
— Não, nós precisamos ir.
— Não vou deixar Will-C.
— Prefere vê-lo morto? Somos nós quem eles querem. Precisamos afastá-los daqui. Vá até o carro e ligue o motor. As chaves estão no lugar.

— Mas podemos voar...
— Eu não posso. Estou ferido. Além disso, eles conhecem nosso cheiro. Podem seguir nosso rastro.
— Mas um carro é ainda mais fácil...
— FAÇA O QUE MANDEI! AGORA!

Sem dizer mais nada, Drue se afastou. Seus olhos encontraram os olhos assustados de Will-C e, então, ela voou por cima da casa.

Quinn sacudiu o corpo encharcado de sangue quente e grudento. Boa parte era dos animalis, mas ele também sangrava.

— Gallinago, você vai com os resignados. Esperem por nós na fazenda Callow. Nós voltaremos ao anoitecer.

— E se vocês não voltarem?
— Então não voltaremos nunca mais.

Os corvos e as ratazanas estavam reunidos em torno do corpo do procônsul enquanto os outros animalis pareciam ansiosos, à espera de um sinal. Aquilo era o fim? Deveriam se dispersar ou voltar a atacar o inimigo?

Quinn manteve a forma de urso enquanto se retirava de cena, ladeado por Will-C, o buldogue, Lennox e o que restava de seu grupo.

O sinal das ratazanas e dos corvos foi inequívoco. Depois de uma deliberação rápida, todos os carnívoros atacaram o corpo do sapo e se refestelaram.

Um estremeamento de culpa percorreu os observadores, afinal, apesar de ser um sociopata cruel e corrupto, Natterjack fora oficialmente nomeado procônsul, chefe local do Conselho de Anciãos, e tinha sido seu cargo, e não sua personalidade, que levara os animalis do condado a seguir suas ordens.

E, agora, ali estavam eles chupando seus ossos.

Esse simples ato de brutalidade transformou completamente a natureza do conflito. Sem o sapo, e diante da ausência dos outros anciãos, os mercenários ocupariam o espaço. Com a adrenalina correndo em suas veias e o cheiro de sangue no ar, pretendiam começar uma carnificina pela qual ninguém seria responsabilizado.

— Corram — ordenou Quinn, baixinho, transformando-se em guepardo.

Will-C e os outros atravessaram o quintal.

Drue havia assumido sua forma humana e dado a partida no carro. Ela passou para o banco do carona ao ver o guepardo. Quinn também assumiu sua forma humana e abriu a porta ao lado de Drue.

— Você dirige!

— Eu? — Perguntou ela, assustada.

— Você consegue. Já dirigiu antes.

— Só algumas manobras na entrada da casa.

— Drue... — disse Quinn, sentindo uma onda de dor percorrer seu corpo.

— Pai! — Exclamou Drue, preocupada com ele.

— Cinto de segurança! Dirija!

De repente, um urubu pousou no para-brisas e começou a bater no vidro com seu bico curvado.

— DIRIJA! — Gritou Quinn, acionando o limpador de para-brisas.

Drue agarrou o volante e deslizou o corpo para alcançar os pedais.

Corvos, gralhas, urubus e gaivotas começaram a circular em torno do carro, bicando e jogando-se contra os vidros.

— Vamos! Pé na tábua!

— Tábua? Que tábua?

— O acelerador!

— Estou tentando!

Então, o carro saiu do lugar, desceu pela entrada de cascalho, passou por cima de um canteiro de flores e bateu contra o portão antes de pegar a estrada.

— Vamos! Vamos!

— Ir? Para onde? — Perguntou Drue, segurando o volante com toda a força.

— Basta seguir pela estrada! Mais rápido! Mude a marcha. Mais rápido!

À medida que o Land Rover avançava, o número de animais atrás do carro diminuía, mas as coisas no céu eram bem diferentes. Centenas de pássaros continuavam atrás deles.

Um corvo surgiu ao lado de Drue. Com o susto, ela virou o volante e acabou batendo em um carro estacionado. Com o impacto, o retrovisor foi arrancado.

— Fique mais calma. Reduza a velocidade. Você está indo muito bem — disse Quinn.

— Mas as aves... Não vamos conseguir nos livrar delas.

— Não queremos nos livrar delas.

— Se nos pegarem, vão nos matar.

— A ideia é que nos matem antes de nos pegarem.

— O quê?

Quinn segurou o volante.

— Vire aqui. Vamos sair da estrada. Atravesse o campo e prepare-se...

As quatro rodas do Land Rover saíram do chão quando o veículo voou por cima de uma vala de drenagem, passou por uma sebe e

bateu no chão. Quinn pegou o volante, virando o carro na direção de uma estufa e jogando-o contra as paredes de vidro.

Quando o carro se chocou com a estufa, provocando um enorme estrondo, as aves ficaram olhando a distância.

— Para lá! — Gritou Quinn, apontando para um espaço entre algumas mudas.

— Como?

— Acelere!

Alguns corvos se aproximaram da estufa para descobrir o que acontecia.

— Olhem só pra eles! Acham que podem nos enganar! — Comentou um dos corvos. — Assim que ficarem presos na floresta, atacaremos.

O Land Rover surgiu no outro lado da estufa, jogando estilhaços para todos os lados. Arremessando-se contra uma cerca de arame farpado, arrancou as hastes da cerca presas ao chão. O arame farpado ficou preso na grade do carro e as hastes de madeira foram arrastadas para baixo do chassi, batendo perigosamente contra as rodas.

— Pai!

— Tenha fé, meu anjo. Só mais um pouco.

E, então, um lago surgiu à frente.

— Pai! — Gritou Drue.

Se não mudassem a direção, cairiam no lago. E era exatamente isso o que Quinn pretendia.

— Diminua um pouco a velocidade. Não queremos virar ao cair na água.

Abaixe o vidro da sua janela.

— O quê?

— Abaixar o vidro da sua janela!

Drue se esforçou para obedecer à ordem do pai enquanto o carro sacolejava pelo terreno irregular, derrubando mudas e galhos pelo

caminho, mas, apesar do seu esforço, o arame farpado enroscou-se no eixo dianteiro e uma haste de madeira prendeu a roda dianteira do seu lado. Com isso, o carro derrapou na terra macia, virou e caiu no lago de cabeça para baixo.

— Drue, você está bem?

Ela estava em estado de choque, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Drue, respire fundo! Você precisa soltar o cinto de segurança para sairmos daqui.

De repente, houve um rugido de metal retorcido que fez o carro afundar como uma pedra no meio de uma sopa de algas. As aves sobrevoavam o lago em círculos enquanto bolhas de ar subiam para a superfície.

O carro, cada vez mais cheio de água, continuava descendo em direção ao fundo.

Quinn ajudou Drue a livrar-se do cinto. O rosto da filha estava contorcido pelo medo e pelo esforço para prender a respiração e pequenas bolhas de ar escapavam de seus lábios. Quinn fez um sinal para que ela o seguisse e transformou-se em lontra.

Ela não se mexeu, paralisada pelo medo, e ele voltou a assumir a forma humana. Quinn segurou o rosto da filha com as mãos e ergueu-o para que ela respirasse numa bolha de ar que ainda não havia sido tomada pela água.

Drue engasgou, mas conseguiu encher os pulmões de ar. Quinn também aproveitou para respirar e voltou a transformar-se em lontra.

Finalmente, Drue pareceu entender a mensagem e transformou-se em lontra. Eles saíram de dentro do carro e afastaram-se da densa nuvem de lodo que se formara no leito do lago.

No céu, gaivotas se juntaram aos corvos e começaram a mergulhar na água à procura do Land Rover, mas a profundidade do lago, a quantidade de algas e o lodo que se espalhou pela água

com o impacto impediram que as gaivotas chegassem perto do carro e se certificassem de que os metamorfos ainda estavam em seu interior.

— É muito profundo — disse uma gaivota ao sair da água, com uma fina película de limo cobrindo suas penas.

— Precisamos de alguém que possa mergulhar até o fundo — disse um corvo. — Um musaranho ou um rato-do-campo.

— Continuem atentos. Vou procurar ajuda — disse outra gaivota.

Enquanto as aves pousavam nas árvores ao redor do lago, duas lontras subiam à superfície entre uma moita de juncos. Durante um bom tempo, ficaram simplesmente paradas na margem. Tinham tanto a dizer, mas, por enquanto, estavam felizes pelo simples fato de estarem juntas ali.

Capítulo 29

A viagem até a fazenda Callow não foi fácil para Quinn. Além de ter quebrado o pulso quando reencontrou Will-C, ele também fraturara uma costela quando o Land Rover caiu no lago e tinha várias feridas espalhadas pelo corpo por conta da luta contra o exército de Natterjack. Apesar de tudo, fez o possível para que Drue não percebesse a gravidade do seu estado.

Eles assumiram a forma de duas raposas para não atraírem muita atenção. Para não precisar falar muito, Quinn pediu que Drue contasse o que acontecera no ferro-velho.

Não foi preciso pedir duas vezes, pois ela estava ansiosa para contar a ele como descobrira seu dom. Quando a filha terminou seu entusiasmado relato dos detalhes sobre como conseguira escapar dos morcegos e ratazanas, com números inflacionados até dez vezes ao longo da história, Quinn decidiu que estava na hora de alertá-la para que fosse mais cautelosa.

Apesar de estar satisfeito com sua compreensão, ainda que rudimentar, da mecânica da metamorfose, ele sabia que a juventude e a própria personalidade exuberante de Drue poderiam fazer com que ela não desse muita atenção às particularidades do que significava ser um Nsray. Ela precisava entender as regras básicas, e Quinn fez com que sua filha repetisse cada uma para ter certeza de que havia entendido.

— Regra número um: um metamorfo não mantém a forma de outra criatura enquanto está dormindo. Para dormir, é preciso

assumir a forma humana — disse Drue com a voz suave de raposa.

— Muito bem. Regra número dois?

— Os animais têm sentidos mais apurados do que os humanos e alguns conseguem farejar um Nsray.

— Mesmo que estejamos disfarçados de animais. Três?

— Demora algum tempo para dominarmos a natureza de cada criatura, por isso devemos escolher a espécie cuidadosamente.

— É preciso muito, muito cuidado — frisou Quinn. — Em certos aspectos, a terceira regra é a mais importante, pois é fácil esquecer a influência dos instintos sobre a maneira como nos comportamos. Por exemplo, pense na consciência coletiva dos predadores...

— Quais predadores?

— Leões, lobos e até cães ferozes. A mentalidade ligada ao bando pode ser perigosamente intoxicante e você pode se esquecer de quem é. Tenha absoluta certeza de que terá o controle quando adotar uma forma.

— Não é fácil tornar-se um Nsray experiente. É preciso muito estudo, prática e meditação, e só o tempo poderá dizer se esse é mesmo seu destino.

Nunca se esqueça de que essa é uma jornada que começa e termina na mente. Esses corpos que habitamos... Bem, carne e ossos são extremamente úteis, é claro, mas são apenas receptáculos, veículos para a expressão do espírito.

— O que é o espírito?

— Essa é uma questão que o homem tenta responder desde o início dos tempos.

— Mas não é onde mamãe está? No mundo dos espíritos?

— Sim.

— No paraíso.

— Bem, cada cultura tem suas próprias ideias para defini-lo.

— Se a mamãe está lá, deve ser um lugar bacana.

— Sim, você está certa, meu anjo. Deve ser.

Raios de luz atravessavam a densa copa da floresta e pequenas borboletas brancas com manchinhas marrons voavam sobre um vasto tapete de jacintos e alho-dos-ursos. Por um instante, em harmonia com a bela paisagem natural, um dos lugares favoritos de sua amada Serah, Quinn quase esqueceu a dor e o tamanho do desafio que tinha pela frente.

Eles viajaram por muitos quilômetros até que a floresta sombreada se abrisse em um enorme campo de colza. O amarelo luminoso da plantação quase machucava os olhos, mas era uma indicação de que estavam próximos de seu destino. Enquanto seguiam por uma trilha aberta no meio do campo, os metamorfos ouviram um barulho...

Um telefone.

Um *telefone!* Tocando!

O barulho era ao mesmo tempo familiar e, naquelas circunstâncias, surpreendente. Quinn demorou alguns segundos para se conscientizar de que estava realmente ouvindo, e não imaginando, o barulho do telefone.

Com as orelhas em pé, Quinn disparou em busca da origem do barulho. Drue manteve-se por perto, escondendo-se no meio da vegetação, sentindo-se ao mesmo tempo ansiosa e receosa.

O terreno inclinado levava a um grande declive, que, por sua vez, terminava em uma estradinha. A poucos metros de distância, eles viram uma cabine telefônica. Lá dentro, o telefone continuava tocando.

Drue surpreendeu-se com o fato de seu pai, depois de ter chegado tão perto, parecer hesitante. Achava que ele correria até a cabine, mudaria sua forma e atenderia o telefone imediatamente. Havia alguém ligando! Não importava quem era. Era um sobrevivente como eles. E estava do outro lado da linha!

— Pai!

— Shhh!

— Mas... Pai!

— Shhh! — Repetiu Quinn, farejando o ar.

O telefone continuava tocando.

Drue não aguentou mais e correu.

Assim que ela chegou à cabine telefônica, um bufo-real pousou no teto.

Drue ficou imóvel, atenta à ave de rapina, uma caçadora formidável, com garras capazes de quebrar ossos. E, se um bufo-real era sinônimo de problema, a chegada de um parceiro, que ficou voando em círculos acima da cabine, deixou-a apavorada.

O telefone ainda estava tocando.

A ave ameaçadora virou a cabeça para um lado e para o outro, mexeu as orelhas pontudas e ouviu atentamente o curioso chilrear artificial.

— Chamado de um humano? — Perguntou um bufo-real, avaliando a raposa medrosa.

— Você viu algum? — Perguntou Quinn, surpreendendo o bufo-real e a pequena raposa. Depois, foi até a cabine e examinou os arredores como se fosse um soldado em patrulha.

— Humanos. Está vendo algum? — Perguntou novamente Quinn. — Ouvimos o barulho. Vocês estão vendo alguma coisa aí de cima?

As aves não responderam. Quinn notou um bando de gralhas e corvos passando no alto e um grupo de javalis atravessando a mata. Todos seguiam na direção do lago onde o carro dos Beltane havia afundado.

Finalmente, o telefone ficou em silêncio.

— Bem, se não há nada que possamos fazer aqui, é melhor irmos.
— E, sussurrando para Drue, ele completou: — Não corra.

O bufo-real que estava voando pousou ao lado do parceiro e observou as duas raposas indo embora pela estrada.

— Devagar — sussurrou Quinn. — Devagar e não olhe para trás.

Quinn sabia que Drue estava nervosa e que sua vontade era correr e esconder-se na mata, mas, para afastar qualquer suspeita, ele parou no meio da estrada e coçou o pescoço com uma das patas traseiras. O stratagem pareceu funcionar, pois os bufos partiram.

Quinn apressou o passo para alcançar Drue. Juntos, seguiram na direção oposta sob a relativa proteção da vegetação rasteira.

— O que deu em você?

— Sinto muito, pai.

— Não adianta sentir muito — resmungou Quinn. — Eu avisei para tomar cuidado com suas reações instintivas. Eu não vou estar sempre por perto para tirar você de uma situação difícil.

— Mas a ligação... — respondeu Drue, esforçando-se para conter as lágrimas.

— Eu sei.

— Havia alguém do outro lado da linha.

— Eu sei.

— Talvez pudéssemos ajudar.

— Era muito perigoso.

— Mas pai...

— Às vezes é preciso arriscar tudo, mas neste momento não podemos arriscar nossas vidas. Não conseguiríamos ajudar ninguém agora.

Drue abaixou a pequena cabeça de raposa.

— Desculpe-me... Estou cansado, muito cansado... Desculpe-me, meu anjo. Se há sobreviventes em algum lugar, eles receberão ajuda dos resignados e da resistência entre os animalis. Quando chegarmos na fazenda, podemos tentar descobrir alguma coisa, OK?

Quinn tocou o focinho de Drue.

— OK?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Então é melhor irmos. Wil-C e os outros estão esperando por nós.

Eles retomaram a viagem e continuaram em silêncio pelo restante do caminho, imaginando quem poderia estar do outro lado da linha e se um dia conseguiriam encontrar outros humanos.

Capítulo 30

Em contraste com a paz e a serenidade da mata de jacintos, o celeiro de pedra da fazenda Callow fervilhava com uma discussão acalorada. Uma grande porca branca instaurava um tribunal enquanto os animais da fazenda e os resignados, incluindo Will-C, Yoshi, o buldogue e o que restara do grupo de Lennox, observavam.

— Os metamorfos Nsray só nos trarão mais problemas. Pelo que nos contaram esses resignados a respeito do procônsul e do Conselho de Anciãos, é uma loucura nos aliarmos a eles.

— Natterjack está morto. Foi vítima de seus próprios atos — disse Yoshi.

— Não é essa a questão. O sapo era apenas uma marionete da autoridade governante. Vocês acham que os outros membros do Conselho não sabiam o que ele fazia? Ou mesmo a própria Assembleia da Terra?

A menção à reverenciada Assembleia da Terra provocou uma série de olhares preocupados e murmúrios desconsolados.

— É isso mesmo! Não tenho medo de dizer! O fato é que, diante da possível extinção dos humanos, o mundo já não é um lugar seguro para os animalis partidários da paz. Os descendentes de Jafé podem ter sobrevivido até hoje, mas seus dias estão contados, e os nossos também, se nos associarmos a eles.

— Você não está se esquecendo de que foi criada para ser comida? Você não estava tão segura assim com os humanos por perto — disse Gallinago, indignado.

— Eles forneciam comida, abrigo e proteção contra as ameaças que estamos enfrentando agora — argumentou a porca.

— E molho de maçã para temperar — zombou um felino sarnento, lamentando o comentário infeliz assim que notou o olhar de desaprovação de Lennox.

— Então, o que você sugere que façamos? — perguntou a égua cinza.

— Talvez o que você diz seja verdade e temos de enfrentar os fatos: o mundo já não é o mesmo. Criou-se uma nova ordem, mas não estamos sozinhos. Os felinos, caninos e outros resignados são nossos aliados...

— E os metamorfos podem ser nossa garantia de segurança e liberdade — disse a porca branca.

— Você está se contradizendo! — Disse a égua, exasperada.

— Não, não estou. Também não gosto da ideia, mas a verdade é que se entregássemos os metamorfos aos seguidores do sapo...

— Um bando de canalhas — disse Lennox.

— Se entregássemos os metamorfos, talvez pudéssemos garantir nosso futuro neste novo mundo — disse a porca branca.

Gallinago, Will-C e os outros resignados ficaram irritados com a sugestão.

— O metamorfo salvou nossas vidas. E agora você está sugerindo que devemos traí-lo? — Questionou a égua cinza, com a voz carregada de desprezo.

— A questão que a porca levantou é bastante pertinente — disse uma voz no alto de uma pilha de fardos de feno.

— Meu bico também é! Quer ver? — Esbravejou Gallinago, sem paciência para dar continuidade àquela conversa.

Todos os olhos se voltaram para as duas raposas que tinham interrompido o debate.

— Acho que não, meu amigo — respondeu Quinn, saltando do feno para o chão e transformando-se em um formidável border

collie, uma raça de cães que sempre despertara respeito em qualquer fazendeiro.

— Quinn! Você conseguiu! — Gritou Gallinago.

A porca branca tentou disfarçar a vergonha.

— Desculpe-me — disse a égua. — A porca não estava falando pela maioria.

— Tudo bem. Ela tem razão. Estamos sendo caçados e vocês estão arriscando suas vidas.

— É isso o que eu quis dizer — disse a porca, tentando explicar-se.

— Mas entregar dois metamorfos aos renegados não aumentará suas chances de sobrevivência. Quando acabarem conosco, eles virão atrás de mais. Vocês realmente acreditam que podem negociar com as ratazanas, os corvos, os arminhos ou os outros? Eles trancaram vocês para morrerem de fome!

— Então o que podemos fazer? — Perguntou uma ovelha.

— Precisamos saber quem ocupará a vaga de Natterjack como procônsul distrital — disse Quinn.

— Normalmente, seria feita uma nova eleição, mas, com todo o caos provocado pela guerra, é difícil saber — explicou Yoshi.

— Rauthaz, o veado vermelho, é o ancião mais velho do Conselho — disse a égua.

— O sapo jamais deveria ter sido eleito para esse cargo — disse Yoshi.

— Houve rumores de que o sapo fraudou a eleição, mas jamais saberemos a verdade.

O comentário deu início a uma série de reclamações e afirmações sobre quem tinha votado em quem. No meio da discussão, Will-C subiu até o alto da pilha de feno para ficar ao lado de Drue.

Apesar de estarem finalmente juntos, algo que ambos haviam desejado tanto, sentiam-se envergonhados. O fato de Drue ser uma

raposa também não ajudava muito. Will-C, um tanto inseguro, tentou sentir no ar o cheiro de sua antiga companheira.

— Sou eu. Está vendo? — Disse ela, adquirindo sua forma humana.

Depois, pegou Will-C e encheu-o de carinho. Ele esfregou o focinho em seu queixo e ronronou. Então, ela o colocou no chão e, com um sorriso, transformou-se em um gato branco e preto. — Agora podemos conversar — disse ela, feliz.

Will-C levou alguns segundos para processar a informação.

— Podemos conversar?

— Não é uma maluquice?

— Nós podemos conversar... — repetiu Will-C, admirado.

— Sempre imaginei como seria sua voz... E agora aqui estamos!

Conversando!

— Como você faz isso?

— A transformação?

— Dói?

— Não... É meio que... um formigamento. Uma espécie de comichão. É muito rápido. Gatos sentem comichões?

— O que é comichão?

— É um tipo de coceira... Ei! Estou ronronando... É como sorrir por dentro.

Drue pulou em cima de Will-C, e os dois rolaram sobre o feno.

Lá embaixo, a conversa era mais séria.

— Podemos confiar nesse ancião? No veado vermelho? —

Inquiriu Quinn.

— Posso confiar minha vida a ele?

A pergunta foi recebida com um silêncio retumbante. Quinn passou os olhos pelos resignados e pelos animais da fazenda. Embora não percebessem, ele estava exausto, sentindo dores da cabeça aos pés, precisando desesperadamente de um descanso. Reunindo suas últimas forças, ele encheu o peito e ergueu a voz.

— Drue! Will-C! Prestem atenção. Não vou repetir.

Os dois gatos pararam imediatamente.

— Chegou a hora de fazer uma escolha — declarou Quinn. — Temos muitos caminhos pela frente e não vou impedir que cada um faça sua escolha. Depois de ouvir seus argumentos, e depois de ter visto tanto derramamento de sangue, tenho um plano que dará a cada criatura aqui presente uma chance de sobrevivência. Minha filha e eu podemos partir e nos arriscar nessa nova ordem mundial, e cada um aqui também pode fazer isso, mas *juntos* nossas chances são muito maiores.

Os animais ficaram em silêncio. Por fim, a égua cinza falou: — O que realmente pretende?

— Enviaremos alguém com uma mensagem para o Conselho de Anciãos e Rauthaz. A mensagem dirá que, em troca da garantia de segurança e da anistia para os resignados, entregaremos o assassino de Natterjack, o metamorfo que *vocês* capturaram e mantiveram sob custódia, para o julgamento da Assembleia da Terra.

— Pai?

Quinn olhou com severidade para Drue e voltou a falar para os resignados.

— É isso mesmo que ouviram. Vocês me entregam e compram sua liberdade.

O buldogue abaixou a cabeça. Todos sabiam que ele havia desferido o golpe mortal que atingiu o sapo, mas um Nsray estava disposto a assumir a culpa.

Yoshi havia testemunhado os acontecimentos e percebeu que o buldogue estava lutando com sua consciência.

— Por que quer fazer isso se sabe que a Assembleia da Terra certamente determinará sua execução? O ódio que sentem por sua gente é ainda maior do que o ódio que sentem por nós — disse Yoshi.

— Vamos dizer que eu não acredito no ódio. E que a crença é uma arma poderosa. Estou preparado para assumir os riscos.

Os animais começaram a sussurrar entre si.

— Conversem. Pensem. Decidam o que querem fazer — disse Quinn. — Espero uma resposta pela manhã. Gallinago...

— Sim?

— Drue e eu estaremos na casa da fazenda. Posso contar com você para manter a vigilância?

— Você sabe que sim.

A multidão dispersou-se enquanto Quinn virava as costas para sair.

— Drue! — Chamou ele. Drue olhou para Will-C.

— Vamos.

— Tem certeza? — Perguntou o resignado.

— Drue! — Chamou Quinn mais uma vez, com uma impaciência pouco comum.

— Daqui a pouco eu vou — disse Will-C a ela, preocupado com o tom de voz de Quinn.

— Ele ladra, mas não morde. Você sabe...

Drue deu um tapinha na cabeça de Will-C e, ainda como gata, pulou do alto da pilha de feno e foi atrás do pai.

Capítulo 31

Um pesado portão de madeira no muro leste da casa da fazenda Callow dava para uma área reservada para estacionamento, agora vazia exceto por um Citroën laranja apoiado em blocos de concreto. Era delimitada, de um lado, por um canil grande o bastante para abrigar uma dúzia de cães, apesar de estar tão vazio quanto o próprio pátio de estacionamento.

A porta da lavanderia que ficava ao lado da cozinha estava aberta e foi por onde Quinn entrou na casa. Lá dentro, ele reassumiu sua forma humana e caiu, exausto, na única cadeira que continuava inteira junto à mesa de jantar. Como acontecera na cozinha dos Beltane, aquela também fora saqueada e havia potes e panelas espalhados por todo o chão.

Drue também voltou à sua forma humana e fechou a porta da cozinha após entrar. Ela ficou observando o pai por alguns segundos, que tinha a cabeça apoiada nas mãos e os cotovelos sobre a mesa.

— Pai, você está bem?

Quinn virou-se, acenou para ela e abriu os braços para sua única filha.

Drue abraçou o pai, sentindo a camisa úmida de suor e sangue. Ele a abraçou com força, sentindo a respiração curta e difícil.

— Minha menina querida! — Disse ele. — Minha menina querida!

Dor, angústia, medo, frustração, esperança, preocupação e orgulho paterno se manifestaram nesse momento precioso. A relação

entre pai e filha nunca mais seria a mesma. Agora, era mais forte, mais profunda do que jamais fora. E foi durante essa troca simples, mas marcante, que Drue teve pela primeira vez um verdadeiro sentimento de responsabilidade. Ao baixar a guarda, Quinn deixou que ela percebesse sua dor. Os inúmeros ferimentos estavam começando a produzir seus efeitos.

— Pai, você está ferido.

— Não se preocupe. Vou ficar bem.

— Você está sangrando.

— Só estou cansado...

— É mais do que isso. Precisamos limpar esses cortes. Vou procurar algum remédio no banheiro.

— Ferva um pouco de água — disse ele, esforçando-se para pegar uma panela no chão.

— Deixe que eu faço. Descanse. Pode deixar que eu cuido de você.



Mais tarde, depois de comer uma sopa feita com legumes colhidos na horta, com os cortes e as feridas devidamente tratados, Quinn deitou-se no pequeno sofá da sala. Como precaução contra um ataque-surpresa durante a noite, Drue cobriu as janelas com toda a mobília que conseguiu carregar enquanto Will-C fazia o que podia para não atrapalhar.

Havia camas no andar superior, mas Drue, horrorizada, encontrou manchas de sangue secas no tapete da escada. Por isso, ela e o pai concordaram (apesar das evidências de que a família Callow sucumbira e jamais retornaria) que seria desrespeitoso ocupar os quartos abandonados.

Will-C ficou observando enquanto Drue sentava ao lado do pai e arrumava o cobertor para cobri-lo. Quinn sentiu sua presença e se mexeu.

Ele examinou seu rosto pálido, seus cabelos finos e os lindos olhos esverdeados da filha. Ela, por sua vez, examinou o rosto moreno, os cabelos grisalhos e a barba comprida. Ali, deitado, ele parecia menos intimidador e quase frágil.

Drue colocou a palma da mão na testa do pai, que estava úmida de suor.

— Você está se sentindo quente?

— Na verdade, estou com frio.

— Posso acender a lareira...

— Não. Nunca. Não esqueça...

— Eu sei, eu sei... a fumaça.

Quinn olhou atentamente para o rosto da filha.

— A cada dia que passa, você fica ainda mais parecida com sua mãe — disse ele, passando a mão no rosto enrubescido de Drue. Com o movimento, ele mexeu a costela quebrada e sentiu uma dor forte irradiar por todo o corpo.

— O que eu posso fazer? Você precisa de alguma coisa?

— Apenas saber que você está segura, meu anjo. Apenas saber que você está segura.

— Acho que ficaremos bem essa noite, você não acha?

— Sim, mas fale com Gallinago. Garanta que haverá sempre mais de um par de olhos em vigília. Não queremos mais surpresas.

— Vou falar com ele agora.

— Não demore. E não passe a noite brincando com esse saco de pulgas.

Drue sabia que, apesar dos modos rudes, seu pai tinha um fraco por seu adorado gato.

— Pai, você falou mesmo sério?

— Sobre o saco de pulgas?

— Não... Sobre entregar-se para os animalis.

Will-C virou a cabeça, apesar de não entender o que diziam. Além disso, a voz de Quinn estava mais fraca por causa da febre e do cansaço.

— Não se preocupe. Não tenho a intenção de ser servido num almoço de domingo, mas a verdade é que não podemos continuar fugindo. As chances de sermos perseguidos e capturados aumentam a cada dia. E se houver outros sobreviventes, e parece que há, eles têm menos chances de encontrar um lugar seguro do que nós.

— Então você pretende conversar com essa Assembleia da Terra? Quem são eles?

— Eles são uma espécie de governo, algo parecido com a Organização das Nações Unidas. Estabelecem as regras que devem ser seguidas no reino animal.

— Seus líderes são como um primeiro-ministro ou um presidente?

— Mais ou menos.

— E foram eles que começaram a guerra?

— A decisão de lutar foi tomada por eles, sim.

— O que você vai dizer a eles? Por que você acha que vão lhe ouvir?

— Bem, precisamos mostrar que eles têm mais a perder do que a ganhar se não ouvirem o que temos a dizer.

— Como?

— Eu esperava que você pudesse ter uma ideia.

— Eu?

O rosto de Quinn se suavizou quando ele sorriu.

— Estou brincando, meu anjo. Fé. A fé terá um papel importante, por isso eu preciso que você seja forte. Sua jornada será tão desafiadora quanto aquela que tenho pela frente.

— O que você quer dizer? Que jornada?

— Eu planejava fazer uma viagem, mas, devido aos últimos acontecimentos, agora depende de você.

— Você não me engana. Está dizendo isso só para me manter longe.

— Não... Eu até gostaria que isso fosse verdade. O que vou pedir é muito perigoso. Você precisará ter muito juízo e toda a sua coragem de Nsray. Se tivermos sorte, as negociações dos resignados com o Conselho dos Anciãos servirão como uma distração para que você possa escapar sem ser notada.

— Para onde?

— Lonetal. O vale do Lone. Fica na Alemanha.

— O que tem lá?

— O homem-leão.

— O homem-leão? — Perguntou Drue, com uma ponta de nervosismo na voz.

— Você não acha que somos os únicos metamorfos na face da Terra, acha?

— Não... Quer dizer... Eu não pensei...

— Nós não somos.

— Will-C pode ir comigo?

— Atravessar o canal da Mancha? Não. Não é uma viagem que pode ser feita a pé. Se pudesse, eu mesmo iria, mesmo neste estado. Gallinago irá voar com você. Além disso, precisamos ter alguém de confiança para levar a Rauthaz a notícia da minha captura. E não acho que conseguiríamos alguém muito melhor do que esse gato sarnento para essa missão.

Drue olhou para Will-C, que estava desesperado para saber o que estava acontecendo, mas, pela expressão da amiga, ele percebeu que teria de esperar um pouco.

— Eu não quero me separar de você. Tem certeza de que não temos alternativa?

— Eu gostaria que tivéssemos, minha querida, mas não se preocupe, tudo vai dar certo. Você vai ver. Mantenha-se fiel ao seu dom e siga o que diz seu coração. Tome, fique com isso. — Quinn pegou uma pedra branca e lisa guardada no bolso e entregou-a à filha. — Se você estiver perdida, realmente perdida, sem saber para onde ir, segure esta pedra e concentre-se. Ela apontará o caminho.

— Como?

— Espero que você nunca precise descobrir.

Quinn suspirou e gemeu, acomodando-se para ficar mais confortável.

— Vou ver como estão as coisas com Gallinago.

— Descanse bastante. Conversaremos pela manhã — disse Quinn, fechando os olhos.

Drue beijou a testa do pai.

— Boa noite, pai.

— Boa noite, meu anjo.

Drue guardou a pedra branca no bolso e saiu em direção à porta.

— Drue... Nem uma palavra sobre o homem-leão com Will-C, OK? Não é que eu não confie nele, mas é mais seguro para ele, para os resignados e para todos nós que mantenhamos essa conversa só entre nós.

Drue ficou parada, sem responder.

— Promete?

— Prometo.

— Eu te amo, meu anjo.

— Eu também te amo, pai.

Quinn respirou profundamente e voltou a se ajeitar embaixo do cobertor.

O pátio parecia um labirinto criado pelo luar, e, no meio do caminho, Drue se viu admirando as estrelas. Os raios de luz pareciam mais abundantes e pareciam brilhar mais intensamente, e ela se perguntou se isso se devia à ausência de poluição ou se seus

instintos animalis adquiridos recentemente haviam apurado sua percepção.

— O que foi? — Perguntou Will-C.

— As estrelas parecem mais brilhantes para você?

— Não. Acho que não.

— Os animais se perguntam sobre o que pode existir lá em cima?

— Lá em cima?

— No espaço, além das nuvens, nas estrelas.

— A mesma coisa que aqui embaixo.

— O que você quer dizer?

— Bom, eu não entendo muito bem, mas meu pai dizia que é tudo uma coisa só. Está tudo interligado. Não existe lá em cima e aqui embaixo. É tudo uma única coisa.

— E como ele sabia?

— Os animalis foram as primeiras criaturas a irem até lá.

— Até o espaço?

— Sim, trabalhando com os humanos e seus foguetes. Ratos, cães, macacos... Muitos morreram antes de contar o que descobriram, mas uma macaca do Peru voltou e contou muitas histórias.

— Os humanos devem ter ficado impressionados e talvez até um pouco preocupados, com medo de ficarem para trás. Logo depois, pararam de trabalhar com animais e começaram a viajar sozinhos para o espaço. Meu pai dizia que os humanos deveriam ter mandado um gato se realmente quisessem descobrir alguma coisa, mas eles pareciam preferir uma espécie que fosse mais... Bem, não vou dizer idiota, mas mais fácil de manipular.

— Eu ouvi isso — rosnou o buldogue, olhando feio para Will-C quando eles passaram pelo seu posto de vigilância.

— Não que os cães sejam burros, mas eles não amadurecem, se é que você me entende — acrescentou o gato rapidamente.

Drue sorriu e examinou o pátio. Havia gansos no teto do celeiro e no alto da garagem onde ficava o trator. Gallinago fizera um ótimo

trabalho de organização das sentinelas e tinha decidido fazer ele mesmo o primeiro turno de vigilância no cata-vento da casa da fazenda.

— Está tudo bem? — Perguntou Drue.

— Sim, está tudo bem. Como está o velho?

— Dormindo.

— Você também deveria descansar — aconselhou a narceja.

— Já vou. Só quero saber se precisa de ajuda.

— Está tudo em ordem. Os gansos são ótimos cães de guarda, melhores que os próprios cães de guarda.

— Também ouvi isso — disse o buldogue, oculto pelas sombras.

Drue e Will-C fizeram uma volta completa antes de retornarem para a cozinha da casa. Junto à porta, Drue olhou para as estrelas mais uma vez.

Depois de atravessar a sala com pisadas suaves de felino, Drue pulou para a cama improvisada com cobertores colocados por cima das almofadas de duas poltronas, ao lado do sofá onde seu pai dormia. Will-C juntou-se a ela, e eles se acomodaram após darem algumas voltas em círculo sobre a cama.

Drue percebeu que Quinn gemia e murmurava alguma coisa no sono. Os dedos de sua mão se contorceram e até se curvaram como se fossem garras, como se ele estivesse lutando.

— Um sonho ruim — sussurrou Will-C.

— O quê?

— Eu disse que parece que ele está tendo um sonho ruim.

— Acho que sim.

Algo lhe dizia que era alguma coisa pior, mas ela não estava em condições de pensar sobre isso. Percebendo que a respiração de seu pai normalizara, Drue voltou sua atenção para Will-C e para sua própria forma felina. Ela mexeu nos bigodes com a pata.

— É tão estranho ter estas coisas no rosto — disse ela. — E uma cauda. É muito engraçado.

- Não é só enfeite, sabia?
- Sim, eu sei. Ela mexe quando você está zangado.
- E é muito útil para nos comunicarmos com as espécies que não falam a língua dos animais, mas a cauda faz muito mais.
- O quê, por exemplo?
- Melhora o equilíbrio e ajuda a sentir as mudanças na temperatura. E até a direção do vento. Assim podemos saber se nosso cheiro será percebido.

Will-C sentiu que Drue queria perguntar alguma coisa, mas parecia não ter coragem.

- O que foi?
- Bom... Eu sempre quis saber... Mas você não precisa responder... Não vai fazer diferença porque você sabe que eu te amo... Mas...
- Por que eu tenho só três patas?
- Foi um acidente? Você foi atropelado por um carro?
- Eu tinha um irmão. Gêmeo. Éramos normais, mas nascemos ligados. Tínhamos as duas patas da frente, mas...
- Vocês nasceram ligados?
- Sim... E a família humana da minha mãe... Acho que eles não nos queriam.
- E o que aconteceu?
- Não tínhamos mais do que algumas semanas de vida quando fomos colocados em uma caixa. Ouvimos a voz da nossa mãe, mas depois não ouvimos mais... Só havia o barulho de um motor. E, de repente, começamos a ir muito depressa. Fomos sacudidos de um lado para outro dentro da caixa.
- Vocês estavam em um carro.
- E, então, caímos. Estava muito escuro dentro da caixa e nós nos abraçamos. Batemos em alguma coisa dura. Começou a entrar água na caixa e percebemos que estávamos em um rio. Teríamos

morrido, mas a caixa foi amolecendo com a água e arranhamos e chutamos até conseguirmos sair por um buraco.

— O que aconteceu depois?

— Acho que conseguimos chegar na margem do rio. Não lembro muito bem porque desmaiei. Uma cadela chamada Poppy nos encontrou e trouxe sua companheira humana.

— É incrível que você tenha confiado em um humano depois do que aconteceu.

— Nós pensamos que seríamos jogados no rio outra vez, mas, em vez disso, fomos para um lugar onde cuidam de animais doentes.

— Um veterinário.

— Veterinário?

— É. Um médico de animais.

— O que é um médico?

— Um... veterinário que trata de pessoas doentes.

— Bom, eles cuidaram de nós por algum tempo e depois fizeram uma coisa para separar nossas patas.

— Uma operação.

— Havia resignados nesse lugar que disseram que seria perigoso, que talvez não sobrevivêssemos.

— E a mulher que encontrou vocês?

— Nunca mais a vi, nem a cadela Poppy.

— E o que aconteceu com seu irmão?

— Nós soubemos que chegara o dia porque não nos alimentaram como sempre faziam. Só recebemos água. E também uma coisa que dava sono.

— Um anestésico.

— Anes...

— Anestésico.

— Bom, de qualquer forma, meu irmão e eu ficamos sonolentos. Meu irmão achava que se nos concentrássemos, se usássemos toda a nossa energia, talvez ao menos um conseguisse sobreviver. Foi o que

fizemos, mas acho que ele... simplesmente desistiu da vida. Foi a última vez que o vi. Naquela mesa sob as luzes fortes.

Depois de uma pausa, Will-C continuou: — Sinto muita falta dele. Às vezes, ao acordar, é como se ainda o sentisse, como se ainda fizesse parte de mim.

— De certa forma... ainda faz.

— É o que meu pai costumava dizer. Bom, o que importa é que sinto muita falta dele.

— Conheço esse sentimento.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Você fala muito do seu pai... Mas e a sua mãe? — Perguntou Drue.

— Não sei o que aconteceu com ela. Nem sei se ainda está viva. Os humanos com quem ela morava mudaram para outro país. Meu pai... Ele era muito independente, um recluso. Não tinha nada contra os humanos, mas preferia viver solto e sozinho. Ele era delegado felino de sua área naquela época e procurou por mim e por meu irmão desde que fomos levados.

Quando soube o que aconteceu durante o corte...

— Operação.

— O-pe-ra-ção. Essas palavras novas são estranhas. Ele me encontrou.

Eu estava em uma fazenda não muito longe daqui. Os humanos eram legais, mas os outros resignados que viviam com eles... Eles eram muito cruéis comigo por eu não ter as quatro patas... Desde o primeiro dia, deixaram muito claro que eu não era bem-vindo, que eu não era como eles. Não deixavam que os humanos percebessem, mas tiravam minha comida, mexiam comigo quando eu estava dormindo, sempre me arranhando e me mordendo. Chegaram até a colocar pulgas e piolhos no meu pelo. Eles me chamavam de Esquisitão.

— Foi por isso que você fugiu?

— Eu achava que sim, mas agora não tenho tanta certeza de que fugi. Fui embora, mas não estava fugindo. Estava em busca de alguma coisa. Você entende o que estou dizendo? Eu sabia que a vida podia ser diferente se eu acreditasse mesmo. Pode parecer maluquice...

— Também pode parecer maluquice uma garota de 12 anos com bigodes e cauda conversando em animalis! — Disse Drue, rindo.

Drue e Will-C se olharam. Havia admiração, afeto, amizade e amor nesse olhar. O impossível fora tornado possível pelo poder da mente.

Drue começou a sentir as pálpebras pesarem e reassumiu sua forma humana. Ela arrumou os cobertores, envolveu seu amigo felino com um braço e pegou no sono rapidamente. Por fim, um sono tranquilo depois de tanto tempo.

Capítulo 32

Estreptobacilose. Os sintomas apresentados por Quinn sugeriam que ele desenvolvera essa doença ou a febre do rato. Will-C já tinha visto um cairn terrier sucumbir a essa febre depois de uma luta bastante violenta, por isso sabia que, em determinadas circunstâncias, podia ser fatal. Para sua surpresa, no entanto, Drue anunciou que estava partindo, mesmo não tendo conseguido acordar seu pai.

— Mas seu pai... Você não pode deixá-lo assim — disse Will-C. Os dois gatos estavam sentados no parapeito da janela da cozinha.

— Eu preciso — respondeu ela. — Não há nada que eu possa fazer. Tenho de procurar ajuda.

— Onde?

— Não posso dizer.

— Então vou com você — disse Will-C.

— Bem que eu gostaria que você fosse comigo, mas tenho de cruzar o mar e chamaríamos muita atenção. Além disso, preciso que você fique aqui e mantenha a guarda.

— E o plano de seu pai? Sobre Rauthaz e o Conselho dos Anciãos?

— Ele não pode se entregar agora. Primeiro precisa melhorar.

— E os outros?

— Veja se consegue segurá-los. Preciso ganhar tempo. Trarei ajuda o mais rápido que puder. Você pode confiar em Gallinago. Ele vai ajudar.

Drue adotou novamente a forma de gaivota-prateada que havia usado para escapar das ratazanas no ferro-velho.

— Não é melhor ele ir com você?

— Não, prefiro ir sozinha.

— Quanto tempo você acha que demorará para voltar?

— Não sei. Um dia ou dois. Não vou demorar muito.

Will-C não pareceu muito convencido.

— Olha... Meu pai disse que há um... outro metamorfo. Preciso encontrá-lo, é só isso. Ele saberá o que fazer. Só precisamos ter fé. Não posso explicar muita coisa. Sabe que eu não me afastaria de você se pudesse escolher.

— Eu sei.

Drue voou até o pai e observou sua respiração. Quinn não abriu os olhos, mas mexeu as pálpebras. Drue sentiu que ele estava travando outra batalha.

Uma batalha contra o vírus ou a infecção que estava atacando seu sistema imunológico. Reassumindo a forma humana, ela segurou sua mão.

— Pai, se puder me ouvir... Estou indo. Vou encontrar o homem-leão.

Não vou decepcioná-lo de novo, prometo. Vou buscar ajuda e volto logo. Eu te amo.

Drue deu um beijo na testa do pai. Ele manteve os olhos fechados, mas mexeu os lábios. Drue teve certeza de que ele estava mandando uma mensagem e sentiu uma onda de energia percorrer seu corpo, envolvendo seus sentidos com uma luz branca radiante, como se dissesse “Eu também te amo, meu anjo”.

A menina transformou-se em gaivota, voltou para a cozinha e voou em círculos acima de Will-C.

— Tome cuidado — disse ela.

— Você também — disse Will-C. — E não se preocupe. A preocupação lança uma grande sombra sobre as coisas pequenas.

- Acho que seu irmão sentiria muito orgulho de você.
- Mesmo?
- Tenho certeza.
- Gostaria que vocês tivessem se conhecido.
- Quem sabe?
- Mas isso é possível?
- Tudo é possível.

Com isso, Drue saiu por um buraco no vidro quebrado atrás das caixas que ela empilhara junto à janela.

- Espere. O que vou dizer para Gallinago?
- Diga... Diga que vou tentar voar a menos de 300 km/h!

Drue abriu as asas e ganhou o céu. Will-C ficou olhando pela janela enquanto ela seguia para o leste até ver sua silhueta branca e cinza tornar-se uma linha fina contra o céu rosado do amanhecer.

- Tudo é possível — repetiu Will-C para si mesmo.

Parte III



Vale do Lone

Capítulo 33

Enquanto planava para o leste, com um vento favorável de 25 nós, Drue examinou o terreno abaixo. Era familiar, evidentemente, pois ela havia nascido e crescido em West Sussex, mas ao ver aquela paisagem teve a sensação de que era a primeira vez que estava ali. Drue sobrevoou a mata e o lago onde ela e seu pai haviam caído com o Land Rover, passou por cima de sua escola e pelo famoso autódromo de Goodwood, onde ovelhas, vacas, porcos e até uma lhama pastavam à beira das pistas silenciosas. Por fim, ela avistou a torre da catedral de Chichester e começou a descer, lembrando a conversa que teve com seu pai e tentando encontrar alguma pista.

Tenha fé... Mantenha-se fiel ao seu dom... O homem-leão... O vale do Lone...

— O vale do Lone — murmurou ela para si mesma, mergulhando na direção da rua, à procura da biblioteca pública de Chichester.

As portas automáticas do edifício circular de dois andares estavam fechadas, como estiveram desde o momento em que os animalis cortaram o abastecimento de energia, e Drue tentou pensar em um plano para entrar na biblioteca. Ela voou até o teto para verificar a possibilidade de usar o sistema de ventilação.

Apesar da frustração com esse atraso, Drue percebeu que a dificuldade para entrar era um bom sinal, pois significava que eram pequenas as chances de encontrar algum animal lá dentro.

Tomando cuidado para se transformar onde não pudesse ser vista por nenhuma ave, Drue adotou a forma de um rato. Depois,

para ter mais força e dedos para virar as páginas, sem ousar se arriscar a ser vista como humana, transformou-se em esquilo.

Movimentando-se rapidamente pelo piso encerado de madeira, Drue contornou o balcão de informações e o espaço onde ficavam os computadores e escalou uma estante cheia de revistas. Com um salto curto, passou a movimentar-se pela seção de viagens como um verdadeiro alpinista.

No setor dedicado à Alemanha, Drue puxou um guia de trilhas para caminhadas, que caiu no chão causando um estrondo. Assustada, ela ficou imóvel e aguçou os sentidos. Ao ter certeza de que estava sozinha, ela abriu o livro e percorreu o índice.

Então, encontrou o que estava procurando: uma referência a Lonetal, o vale do Lone. O guia dizia que o vale ficava nos Alpes Suábios, em Baden-Württemberg, estado no sudoeste da Alemanha.

Drue examinou o mapa para ter uma boa referência visual. Com uma pata, traçou uma linha reta sobre o canal da Mancha. Seguindo essa rota, chegaria à costa francesa nas proximidades da cidade de Berck, cruzaria o país sobrevoando a comuna de Charleville-Mézières e um lugar chamado Metz e, então, chegaria à Alemanha, atravessando a fronteira em Saarbrücken.

Drue pensou que deveria ter prestado mais atenção nas aulas de geografia. Não conhecia esses nomes, e, caso se perdesse, a viagem de quase dois mil quilômetros aumentaria consideravelmente. Pelo menos ela sabia onde ficava seu destino final, mesmo sem ter ideia de como faria para localizar o homem-leão quando finalmente chegasse ao vale.

Capítulo 34

Para atravessar o canal da Mancha, Drue optou pela já conhecida forma de gaivota-prateada. Apesar de ter aprendido com Gallinago que essa não era a ave mais rápida, a escolha mostrou-se acertada. Ao passar pelos rochedos brancos da costa de Sussex e sobrevoar a vasta paisagem marinha que se estendia a perder de vista, sua habilidade inata para a navegação marítima ajudou-a a manter uma rota constante.

Com exceção de bandos de aves que surgiam ocasionalmente no vasto céu azul e da barbatana de um tubarão na superfície do mar, circulando em torno dos restos de um barco de pesca, Drue não encontrou incidentes na viagem.

A cerca de dez milhas náuticas da costa francesa, uma balsa gigantesca surgiu no horizonte. Estava muito inclinada a estibordo, mas parecia estabilizada. Se estava afundando, isso acontecia muito lentamente.

O primeiro pensamento que teve foi manter distância da embarcação, mas um movimento no convés principal chamou sua atenção. Drue estava muito longe da embarcação para identificar o que vira, mas ficou entusiasmada com a possibilidade de ter visto um humano. Seria um sobrevivente?

Sem hesitar, ela aumentou a velocidade e aproximou-se da balsa. Lá estava ele. E era uma criança! Um menino! Ele estava subindo pela escada de metal para o segundo convés.

Drue planejou acima da balsa, mas o garoto entrou por uma porta e sumiu.

— Espere! — Gritou ela, mas lembrou-se de que, para o menino, aquilo era apenas a grasnada de uma gaivota.

Planando ao lado de uma fileira de janelas do segundo convés, Drue buscou sinais de vida no interior. A barca era enorme, uma espécie de vilarejo flutuante, grande o bastante para transportar cerca de 1.500 passageiros. Drue calculou que não seria fácil encontrar o menino se ele não quisesse ser encontrado. Ainda assim, considerava um milagre ter encontrado um sobrevivente.

Movendo-se em círculos, ela sobrevoou o imenso convés superior e avaliou suas opções. Notou que havia apenas um barco salva-vidas ligado à barca por correntes. Devido à inclinação da embarcação, seria possível pular do convés para o barco salva-vidas, pois ele estava preso ao casco pouco acima do nível da água.

Drue imaginou o pânico e o caos no momento em que a barca foi atacada: aves surgindo pelo ar e tubarões, baleias e lulas gigantes, e quem sabe o que mais, emergindo da água. O menino devia ter ficado apavorado, como ela ficara ao sair da câmara secreta. Agora, aquele momento parecia muito distante, mas a lembrança ainda era vívida e assustadora.

Descendo até a altura da porta por onde o menino entrara, Drue pousou na escada branca de metal e reassumiu sua forma humana.

Ao entrar no interior da barca, a pesada porta fechou-se naturalmente atrás dela. A embarcação pareceu gemer, emitindo algum barulho vindo de suas entranhas, mas, fora isso, o lugar estava completamente silencioso.

— Olá! Alô! Há alguém aqui? — Drue gritou ao passar pela porta pesada.

Silêncio.

Havia objetos espalhados por todos os lados: mochilas, valises, jaquetas, sacolas e até um carrinho de bebê. Havia também sangue seco nas janelas, nas mesas, nos assentos, nas máquinas de videogames. O chão estava coberto de penas de gaivotas.

— Olá?

À sua frente, uma escada em espiral levava ao andar inferior. De cada lado, portas com janelinhas de vidro conduziam a longos corredores com muitas cabines e havia mais portas e escadas, gerando uma infinidade de opções.

— Eu só quero ajudar. Não precisa ter medo.

Um barulho de metal contra metal veio do convés mais baixo. Drue foi até a ponta da escada e deu uma olhada.

— Olá?

Silêncio.

Apesar de sentir o perigo, Drue desceu lentamente os degraus estreitos.

Acima, houve um movimento. Ela se virou, mas era tarde demais. Uma rede de pescar caiu sobre ela, derrubando-a no chão. Três figuras saíram das sombras e outras desceram pela escada atrás dela.

— Pegamos!

— *Cállate!* — Exclamou alguém em espanhol.

Drue contorceu-se embaixo da rede enquanto seus agressores a cercavam. Eram meninos. Formavam um grupo heterogêneo cuja única característica comum era um olhar selvagem e brilhante por causa do medo e da adrenalina. O mais novo parecia ter 7 anos e o mais velho, que tinha o dobro da altura, talvez 14 anos.

Desgrenhados, com as roupas amarrotadas, estavam armados com uma variedade de armas improvisadas: pernas de cadeiras, um cassetete feito com corda enrolada, uma concha de aço inoxidável e uma única lança, feita com uma faca amarrada à ponta de um cabo de vassoura.

O rapaz que segurava a lança tinha cabelos espetados e seu rosto não era tão ameaçador quanto ele provavelmente pensava, mas era evidente que, apesar de não ser o mais alto nem o mais velho, estava

no comando. Seu nome era Adan e os outros prestavam atenção a tudo o que ele dizia, com um inegável sotaque espanhol.

— Jack, descubra onde está a gaivota. Dobs, vá com ele.

Jack era o menino que havia chamado a atenção de Drue, atraindo-a para a barca. Quando ele e Dobs, um pré-adolescente gorducho com cabelos raspados, desapareceram pela escada, Drue tentou libertar-se da rede de pesca.

— Esperem!

— Shhh! — Sussurrou Adan enquanto a lâmina da faca brilhava com o reflexo da luz.

Os outros meninos assumiram suas posições na escada e agacharam-se, buscando proteção nas sombras. Todos os olhos estavam fixos no alto da escada, aguardando ansiosamente o retorno da equipe de reconhecimento.

— Escute... Se tirar essa coisa de cima de mim...

— Eu disse para ficar quieta. Não se mexa. Não vou repetir. Drue ficou em silêncio. Todos estavam muito nervosos, cansados e com medo. Ela sentiu que seria arriscado provocá-los. Era melhor esperar o momento certo.

Não demorou muito para que Jack e Dobs reaparecessem no alto da escada.

— Nenhum sinal da gaivota — disse Dobs.

— Deve ter visto alguém — disse Jack, ansioso.

— Vocês viram mais?

— Nada. Nem no céu nem na água.

— Pode ser uma armadilha. É melhor dar outra olhada.

Jack e Dobs concordaram com um aceno de cabeça, mas não se mexeram.

Como todos os outros, eles também estavam curiosos para saber mais a respeito da prisioneira.

— *Vale...* Vamos — Adan ordenou.

Então, Drue sentiu quatro pares de mãos puxarem-na para cima, mas continuou coberta pela rede enquanto era arrastada por um corredor escuro.

— Ei! — Gritou ela, chutando e contorcendo-se, mais por reflexo do que para tentar fugir. De repente, viu-se entrando em um pequeno auditório.

Lâmpadas de emergência brilhavam no escuro. Contra a grande tela de cinema eram lançadas as sombras de mais uma dúzia de crianças, meninas e alguns meninos ainda mais novos.

As crianças estavam sentadas, com os ombros envolvidos por cobertores, cercados por saquinhos vazios de doces e salgados. Em seus rostos, uma expressão assustada denunciava o trauma que haviam sofrido. Alguns entre os mais novos estavam deitados no chão, entretidos com jogos ou colorindo jornais velhos com lápis de cera.

A equipe de reconhecimento levou Drue pelo corredor central até o pequeno palco, onde finalmente a libertaram da rede, que era um elemento de decoração de um dos restaurantes da embarcação.

— Está tudo bem agora. Você está segura — disse Dobs.

— Segura!? — reclamou ela, indignada.

— É. Adan vai cuidar de você. Ele organizou tudo por aqui. Você teve sorte. Estará segura. Os adultos vão mandar um helicóptero de resgate e sairemos nos jornais e na tv.

— *Vale...* Já chega — disse Adan, soltando a lança. — Ela fica assustada.

Dobs afastou-se e Adan pulou para o palco, parando ao lado de Drue.

— Está com sede?

— Não muita.

— Jack, *dámela* — disse Adan, apontando para uma caixa de água mineral.

Jack abriu o lacre, tirou uma garrafa e deu-a para Adan. Ele tirou a tampa e passou a garrafa para Drue.

— Está tudo bem — disse ele para tranquilizá-la. Drue ignorou a água e alisou a roupa.

— Onde estava escondida? Pensei que tinha encontrado todo mundo.

Drue encarou as crianças que olhavam para ela. Pareciam ser exatamente um bando de refugiados sujos e assustados.

— Como se chama? — Adan perguntou.

— Drue. Drue Beltane — respondeu ela, atirando a rede para Adan.

— Você ainda está com medo. Tudo bem... Não preocupe, você está segura...

— Eu não estou com medo e não preciso da sua ajuda. Vim para *ajudar*...

— Nem aves conseguem entrar aqui. Nenhuma janela... Vê?

— Eu não teria tanta certeza.

— Tudo bem ter medo.

— Eu já disse que não estou com medo. E não preciso que me diga o que fazer.

— Alguém precisa assumir o comando — disse Dobs. — Por que senão, senão... Para os pequenos, entende? Não é mesmo, Adan?

— Sim, claro — respondeu ele, aproximando-se um pouco mais de Drue.

— Eu me chamo Adan. Adan López de Haro. Sou de Muleta, na ilha de Maiorca, Espanha.

Apesar do esforço para continuar zangada, Drue começou a sentir certa simpatia pelo garoto. Ele ofereceu a água de novo, e, desta vez, ela aceitou.

— Há algum adulto a bordo?

— Só o que você vê.

— Mas eles vão voltar, não é Adan? Alguém virá nos salvar — disse Dobs, batendo com os pés na beirada do palco. — Eles têm rastreadores, radares, GPS, todas essas coisas.

— E se ninguém vier? — Questionou Drue, fazendo várias crianças levantarem os olhos de seus desenhos.

— Você está sendo tonta. É claro que virão — Dobs insistiu.

Adan ficou em pé e deu um tapinha no ombro de Dobs.

— *Hablas español?* — Ele perguntou a Drue.

A expressão dela respondeu sua pergunta. Ele recolheu alguns saquinhos vazios e colocou-os em um grande saco de lixo. Depois, fechou o saco e entregou-o a Dobs, junto com a lança. Uma honraria.

— Por que ele fica com a lança? — Reclamou Jack.

— Porque ele me deu — respondeu Dobs, na defensiva, passando o saco de lixo para Jack.

— Mas é minha vez — resmungou Jack. Adan inclinou-se e sussurrou no ouvido dele: — Você não quer que a garota pense que está com medo, quer?

Jack olhou para Drue, bufou, jogou o saco nas costas e saiu. Dobs foi atrás dele, segurando a lança orgulhosamente.

— Tome cuidado com isso... E fique atento — alertou. — Não queremos surpresas.

Depois de conseguir afastar os dois meninos, Adan distanciou-se do resto do grupo e sentou-se em uma poltrona da última fileira do auditório, bem longe do palco.

Uma criança pequena estava entretida com fantoches, usando uma lanterna para criar um jogo de luz e sombra na tela: um grande bico perseguia dois dedos que corriam e erguia-os no ar com suas mandíbulas.

Outro menino adicionou à cena seus dedos em fuga, que também foram vitimados pelo grande bico, criando um padrão de violência que se repetiu várias vezes.

As outras crianças assistiam à encenação ou fitavam o vazio com olhares perdidos.

Drue desceu do palco, observada por uma menina de quatro ou cinco anos. Ela sorriu para a criança, que se esforçou para retribuir o sorriso.

Atravessando o corredor, Drue sentou-se perto de Adan. Por alguns instantes, eles ficaram em silêncio, observando o teatro de sombras.

— Gosto muito de cinema — disse Adan.

— *Alice no País das Maravilhas* — disse ela.

— *Homem-Aranha*.

— *Avatar*.

— *Jogos Vorazes!*

— *A Viagem de Chihiro!*

— Por que ninguém veio nos salvar? — Adan perguntou de repente, mudando o tom de voz.

Drue mexeu-se na poltrona, mas continuou em silêncio.

— Temos água e comida para muitos meses, se a barca não afundar mais, mas os pequenos... estão com medo. Querem ir para casa. Digo a eles que logo poderemos ir, mas que precisamos esperar. Os pássaros não aparecem à noite, por isso passamos os dias aqui. Ainda temos um pequeno barco...

— Um salva-vidas.

— *Sí*, mas eles têm medo dos tubarões.

— O que aconteceu com a tripulação? Com o comandante? Com os adultos?

— Você não sabe?

— Eu... estava escondida — disse ela. Era muito mais fácil contar uma mentira boba do que explicar a verdade.

Adan desconfiou, achando que ela estava escondendo alguma coisa, mas não disse nada.

— Durante nossa viagem, vimos baleias. Três baleias-azuis. Elas começaram a acompanhar o barco. Eram gigantescas. Tinham uns 50, 60 metros! Todo mundo correu para ver. Foi incrível! Lindas! Depois, elas desapareceram. Mergulharam bem fundo. E, então, *bum!* Depois, *bum* outra vez! Parecia um terremoto. O barco balançou. As pessoas caíram na água. Vieram os tubarões. Muitos tubarões. O mar ficou vermelho. O motor parou e a barca ficou afundando. O comandante ordenou que todos fossem para barcos salva-vidas. Não queríamos ir por causa dos tubarões, mas fomos mesmo assim. Só que ouvimos outro *bum!* Todo mundo começou a gritar e a chorar. Aí, os pássaros atacaram. Centenas. Os adultos tentaram lutar. Nós corremos. Ficamos escondidos por muito tempo. E, depois, não ouvimos mais nada. Tudo ficou em silêncio.

Adan parou por um momento antes de continuar: — É o que você está vendo — Ele estendeu o braço na direção das crianças. — Nenhum adulto. Só nós.

Drue observou o rosto dele sob a fraca iluminação das luzes de emergência. Parecia um rebelde desganhado com olhos brilhantes. Sentiu-se tocada por sua honestidade, pela vulnerabilidade que se escondia sob a superfície rude, mas ainda não sabia como explicar a guerra com os animais. Seus dedos encontraram a pedra branca no bolso, o que a deixou mais segura.

— Talvez possamos tentar o bote salva-vidas — disse Adan.

— Acho que é mais seguro continuar aqui. Mais seguro aqui... do que em terra.

Alan inclinou o corpo e se aproximou de Drue.

— Você não estava escondida no barco, Drue Beltane. Não sei como chegou aqui, mas outros também podem chegar.

— Não sei...

— Mas sabe mais do que está dizendo.

— Quero contar. Eu quero...

— Então, conte.

— OK. — Drue respirou profundamente, tentando organizar seus pensamentos para suavizar o impacto.

— Em primeiro lugar... Bem... O que acontece...

— Conte logo.

— O ataque ao barco não foi um acontecimento isolado. Os animais... Em todos os lugares... Pássaros, sapos, ratos, baleias, tubarões... É uma guerra...

uma guerra contra nós.

— Nós?

— As pessoas. Os seres humanos. A humanidade. Nós... Eu não sei... Foi a maneira como estávamos destruindo o planeta, derrubando florestas e envenenando os rios... Os animais decidiram dar um basta. Decidiram que éramos nós ou eles.

— Mas isso é loucura!

— Talvez, mas foi o que aconteceu.

— Como? Como eles conseguiram?

— Eles fizeram e pronto.

— E os exércitos? Europa, América, Rússia... Bombas, aviões, armas e...

mísseis?

— Desapareceram.

— Desapareceram?!

— Desapareceram.

— Então a guerra acabou?

— Sim.

— E não vencemos?

— Não. E agora você sabe por que eu não queria dizer nada na frente das crianças.

Adan ficou em silêncio por alguns segundos.

— Então seremos prisioneiros?

— Não. Não existem prisioneiros. Nenhuma prisão. Só... os animais.

— Mas... E nós? As pessoas? — perguntou ele, apontando para as crianças.

— Se os animais souberem que estão vivos, virão atrás de vocês. É por isso que precisam ficar aqui por mais algum tempo. O barco afundou mais depois do ataque?

— Não. Não muito.

— Então vocês precisam fazer o que estão fazendo. Ficar escondidos e esperar... Talvez...

— O quê?

— Preciso encontrar alguém que pode ajudar. Não sei... Meu pai acha...

— *Tu padre?* Onde ele está?

— Em um lugar seguro.

— Então vamos para lá.

— Vocês não podem... Ainda não... Não com os pequenos. Vocês são muito numerosos para viajarem sem ser notados. Não seria seguro.

— Então eu vou com você.

— Não...

— Você pode ir, mas eu não?

— Sim.

— Por quê?

Drue pensou um pouco para tentar explicar.

— É que... Bem, é como se fosse mágica.

— Mágica?

— Uma espécie de superpoder. Como os X-Men. Adan não pareceu convencido.

— Tenho esse superpoder... Posso me transformar em qualquer animal.

— Até parece.

— É verdade.

— Você está mentindo.

— Não. Não é mentira.
— Um animal?
— Qualquer animal.
— Como o Wolverine?
— Sim... Quer dizer, não exatamente...
— Mas isso não é de verdade, Drue. São histórias. Tudo é inventado.
— Não sei explicar direito porque nem eu mesma entendo, mas é verdade.

Adan ficou em silêncio.

— E se eu disser que não? Que não deixo você ir? É muito perigoso.

— Você precisa confiar em mim, Adan.

— Você acha que não posso te impedir?

A pergunta pairou no ar enquanto eles se olhavam em silêncio. A porta do auditório foi aberta, e Jack e Dobs reapareceram. Drue se levantou e andou em direção à saída.

— Eu vou voltar. Prometo.

— Vamos conversar mais.

— Não temos tempo.

Drue deu mais alguns passos. Confuso com a atração que sentia por aquela estranha e com o que considerava desrespeito à sua autoridade, Adan não reagiu prontamente. Quando Drue chegou perto de Dobs, ele acenou com a cabeça, e o garoto apontou a lança para bloquear seu caminho. Jack postou-se ao seu lado, dirigindo-lhe um olhar hostil.

Drue olhou para ambos. Eram maiores do que ela e, sem dúvida, mais fortes, mas ela os superava facilmente em inteligência.

— Adan, por favor. Fale com eles.

Adan ficou olhando para Drue. Ainda não estava preparado para abrir mão de seu controle.

— Está certo — disse ela.

Drue deu as costas para os meninos, como se fosse voltar para a cadeira ao lado de Adan. Então, com agilidade, deu uma cotovelada na barriga de Jack, jogou-se no chão, passou por baixo da lança e correu pela porta. Dobs e Adan saíram em seu encalço pelos corredores escuros enquanto ela procurava uma escada para fugir.

Quando conseguiu entrar no restaurante do convés principal, outros dois garotos juntaram-se aos seus perseguidores. O grupo cercou-a em um canto. Drue respirou fundo, jogou-se no chão, rolou por baixo de uma mesa e correu para a porta que levava ao convés externo.

Apesar da hesitação inicial, os rapazes foram atrás de Adan, que continuara a perseguição sem se importar com a luz do sol. Drue parou ao chegar perto da balaustrada enquanto Adan acenava para que os outros mantivessem distância enquanto ele se aproximava.

Devido à inclinação do barco, não era fácil manter o equilíbrio mesmo em águas calmas, mas, naquele momento, com o mar agitado, era difícil manter-se em pé mesmo fazendo muito esforço.

— Drue, por favor, vamos entrar!

Os outros garotos voltaram e ficaram observando o céu azul, sem nuvens, pela porta aberta.

— Preciso ir.

— Ir para onde?

— Um dia eu poderei explicar.

Drue subiu na balaustrada. Adan chegou mais perto, agachando-se para equilibrar-se, e estendeu o braço.

— Drue, volte!

— Eu voltarei, Adan. Prometo.

Então, para espanto dos meninos, ela se atirou da balaustrada. Adan correu até beirada, mas Drue havia desaparecido.

Fustigado pelo vento e pela água salgada, Adan agarrou-se à balaustrada e examinou a água. Nenhum sinal de Drue. Então, um dos meninos gritou: — Uma gaivota!

Adan olhou para o garoto e seguiu a direção que seu braço apontava. Por um instante, ele não viu nada, mas logo conseguiu distinguir a gaivota-prateada no horizonte, acima dos picos e vales do oceano. Enquanto observava a ave desaparecer ao longe, sua carranca era substituída por um olhar de assombro e admiração.

— *Bona sort*, Drue Beltane — murmurou ele para si mesmo. —
Bona sort.

Capítulo 35

Quando chegou à costa francesa, Drue arrependeu-se de não ter aproveitado tudo o que a barca poderia ter-lhe oferecido. Estava cansada, não apenas fisicamente, devido à distância percorrida, mas também mentalmente, por causa do esforço de concentração para manter a forma de gaivota e a trajetória do voo. Quando seus níveis de energia começaram a cair muito, ela se deu conta de que deveria ter comido alguma coisa quando teve a oportunidade.

Ainda assim, seguiu em frente, sobrevoando plantações, vinhedos, rios, florestas, vilarejos isolados e estradas silenciosas, ocupadas por veículos abandonados. De vez em quando, passava por cima de restos de aviões, de trens abandonados e de caminhões capotados, procurando ganhar mais altitude quando via um animal carniceiro e ficar mais longe das terríveis consequências dos eventos que haviam abalado o mundo.

Voltando-se para dentro de si mesma, Drue entregou-se ao seu sistema de navegação interior, parte vital da forma que adotara, assim como a plumagem resistente ao vento e as grandes asas que a mantinham no ar. Ela nem sabia como aquilo funcionava, mas sabia que podia confiar e que devia ter fé. Também sabia que, sem isso, estaria perdida.

Quanto mais avançava em direção ao leste, mais o frio aumentava, e Drue deparou-se com uma paisagem de montanhas e de florestas de abetos.

Postes gigantescos com fios de alta tensão formavam um rastro nos Alpes Suábios enquanto ovelhas, veados e lebres pastavam lado

a lado nos campos congelados. Ao longe, um bando de pegas sobrevoava os espinheiros-marítimos ainda carregados de frutos.

Por fim, rendendo-se ao fato de que não poderia continuar ignorando a fome e a fadiga que sentia, Drue começou a descer entre as nuvens.

Atenta ao barulho estrepitoso dos carnicheiros alados e conhecendo seu lado cruel, Drue pousou em uma faia e transformou-se em esquilo. Por estar a uma distância considerável do oceano, a gaivota chamaria muita atenção. Além disso, a ideia de comer com um bico parecia, no mínimo estranha. Como esquilo, teria ao menos dentes e dedos.

Provocando uma pequena avalanche de neve ao pular da árvore para o chão, Drue aproximou-se cautelosamente do espinheiro-marítimo e subiu pelos galhos frondosos. Várias pegas apareceram, e, por um instante, Drue receou a possibilidade de precisar defender-se de um ataque. Porém, depois de uma rápida inspeção, as pegas decidiram ignorá-la. Dada a abundância de frutos, havia alimento para todos.

Comida. Finalmente. Drue pegou um dos frutos, que estavam maduros e macios, tão macios que o sumo começou a escorrer assim que ela o pegou.

Ao levá-lo à boca, ela ouviu uma voz...

— Eu não comeria isso se fosse você.

Nervosamente, Drue sacudiu a cauda de esquilo e virou a cabeça para um lado e para o outro. Será que uma pega ficara ofendida? Então, notou que era a voz de outro esquilo, empoleirado no galho de um abeto.

— Eu disse que não comeria isso se fosse você — repetiu o esquilo com o que parecia ser um forte sotaque do leste europeu.

— Bem... Eu não sou você — respondeu Drue, avaliando a situação. Um esquilo não representava nenhuma ameaça para quem poderia virar um lobo ou um urso.

— É verdade... Ainda assim, se fosse, não comeria.

Drue voltou a aproximar o fruto suculento da boca, mas hesitou.

— É uma baga de espinheiro-marítimo. Tem muita vitamina. Não apenas vitamina...

— O que você quer dizer? Já comi esses frutos e nunca me fizeram mal.

— Então você veio de muito longe.

— Por que está dizendo isso?

— Você não é daqui.

— Sou, sim — respondeu Drue, cautelosamente. Não queria dar explicações e deixar escapar alguma coisa que pudesse comprometer o sucesso de sua missão.

— Não, não é.

— Como você sabe? Além do mais, as pegas não estão preocupadas. Elas estão comendo.

— Sim, só que não são pegas. Preste bem atenção. Olhe para elas — disse o esquilo.

Drue observou as aves. Demorou um pouco, mas percebeu que o esquilo tinha razão. Os pássaros eram pretos com manchas brancas e as penas tinham um brilho azul-esverdeado. Pareciam pegas, mas o rabo era curto e o bico, comprido.

— São gralhas — disse o esquilo.

— Mas gralhas não são totalmente pretas?

— Sim... E agora acho que você vai entender porque eu disse que não comeria esses frutos se fosse você — repetiu o esquilo, aproximando-se um pouco mais. — A maior parte deste lugar está bem agora, mas não naqueles picos mais altos. Lá não está tão bom.

— O que não está tão bom?

— A radiação — explicou o esquilo. — Foi trazida pelo vento desde Chernobil, na Ucrânia. Você deve ter ouvido falar.

Drue ficou em silêncio.

— Bem, foi um desastre. Uma grande explosão que formou uma gigantesca nuvem de poeira venenosa.

— Mas o que aconteceu com as cidades... — Drue parou e reformulou a pergunta. — O que aconteceu com os assentamentos dos humanos? As pessoas que viviam aqui não foram envenenadas?

— Em Chernobil, sim, mas aqui, não. A contaminação não foi tão ruim para os humanos, mas para os animais... Dá pra ver pelo que aconteceu com as galhas. Muitas outras criaturas sofreram ainda mais.

Algumas aves começaram a ficar incomodadas com os olhares dos esquilos e a voar mais perto, gralhando e fazendo muito barulho.

— Acho que estamos abusando da hospitalidade aqui. É melhor irmos embora. A propósito... Eu me chamo Csaba.

— Cha...

— Csaba — repetiu ele.

— Chaba.

— Eu sabia que você não era daqui — disse Csaba, abrindo caminho pela neve. A cada salto, ele desaparecia e reaparecia para que Drue o seguisse.

Quando finalmente alcançaram as ruas da cidade mais próxima, Drue sentiu que seria capaz de comer qualquer coisa que parecesse comida. Csaba atravessou uma ponte sobre um rio de águas rápidas, seguiu por uma rua estreita onde casinhas medievais se enfileiravam entre galpões de pedra e prédios de aço e passou por um muro alto para chegar a um pátio nos fundos de uma padaria.

O aroma de pão fresco pairava no ar como um fantasma, embora o lugar tivesse sido abandonado quando ocorreram os primeiros ataques. Perto dos fornos, havia muitas bandejas com restos embolorados de pães e doces enormes.

Drue estava disposta a devorar qualquer coisa, mas Csaba levou-a até uma despensa onde havia várias latas enormes com milho,

farinha de trigo, gergelim e outras coisas.

— Sementes de girassol. Muita energia. Não há nada melhor — disse ele, enfiando a mão em uma lata.

Enquanto Csaba devorava as sementes, Drue subiu até a borda da lata e mergulhou. Comida. Finalmente! Parecia que nunca tinha comido nada tão bom!

A refeição com grãos e sementes deixou-a com sede, e ela pulou para a pia da cozinha, onde tentou abrir a torneira de água fria. Csaba observou-a com curiosidade, tentando entender seu esforço.

— Você poderia ajudar — disse ela, forçando todos os seus músculos para abrir a torneira. Quando Csaba finalmente somou sua força aos esforços de Drue, eles conseguiram liberar um fio de água limpa e fresca.

— Como você sabia o que fazer? — Perguntou ele, usando a água para limpar as patas.

— Minha mãe me ensinou — respondeu Drue, sinceramente, omitindo o fato de que sua mãe era humana. Quando abaixou a cabeça para beber a água que saía da torneira, Csaba ficou olhando para ela, parecendo desconfiado.

— E como *ela* sabia?

— Onde estamos? — Drue perguntou, mudando de assunto.

— Onde?

— A cidade... O assentamento humano.

— Nós chamamos de Danu... Por causa do grande rio.

— E os humanos?

— Ulm — disse Csaba.

— Isso fica na Alemanha?

— É claro.

— Então eu consegui!

— O quê?

Drue parou para pensar. Csaba a salvara dos frutos venenosos. Com sua ajuda, conseguira encontrar água e comida. Ele conhecia

muito bem a região e poderia ser um grande aliado. Ela sentiu que devia confiar nele... Pelo menos um pouco.

— Você já ouviu falar sobre o homem-leão? — Perguntou ela, observando-o atentamente para avaliar sua reação.

— O homem-leão... — disse Csaba, com o olhar perdido na direção da janela, vendo um bando de javalis procurando por comida no meio da neve.

— É por isso que está aqui?

— Então você já ouviu falar sobre ele? — repetiu ela, encostando-se na parede e usando o corpo para fechar a torneira.

— É claro. Todo mundo já ouviu. Ele é uma lenda.

— Sabe como encontrá-lo?

— Por quê?

— Sabe?

— Pode ser perigoso.

— Bem, você estaria comigo.

— Eu conto se você me disser por que quer encontrá-lo.

— Não posso... — disse ela. — Desculpe-me... Você não...

— Eu não o quê?

— Você não entenderia.

— Como você sabe?

— Confie em mim, Csaba, por favor. Preciso encontrar o homem-leão.

Você estava certo. Não sou daqui. Vim de longe, do outro lado do oceano...

De um lugar que os *humanos* chamam de Inglaterra. E é uma questão de vida ou morte. Preciso mesmo encontrá-lo.

Csaba ficou olhando para Drue por alguns instantes.

— E se eu não a levar?

— Então irei sozinha. Mas... Por favor, já perdi tanto tempo.

— Muito bem...

— Isso é um sim? Você vai me levar?

— Sim.

Os olhos de Drue se iluminaram e seu rabo peludo se mexeu ansiosamente.

Enquanto Csaba a conduzia pelas entranhas da cidade, Drue tinha a sensação de que encontrava uma surpresa em cada esquina: esculturas de um pardal segurando um galho com o bico em dezenas de variações coloridas, claramente um mascote da cidade, um busto bizarro do cientista Albert Einstein com a língua para fora em uma fonte no formato de foguete e uma enorme pirâmide de vidro que abrigara algum tipo de centro cultural na praça principal.

As ruas, que estavam cobertas por um tapete de neve, exibiam um trançado formado pelas marcas de patas, algumas pequenas e outras muito grandes. Teriam sido feitas pelo legendário homem-leão que ela viera procurar?

A cada passo, o mito parecia crescer na cabeça de Drue. De repente, ela se deu conta de que sequer sabia o que dizer a ele. Como podia ter ido tão longe sem um plano? Tinha deixado escapar alguma coisa que seu pai havia dito?

Drue começou a pensar que talvez fosse melhor esperar um pouco, reorganizar as ideias e encontrar um lugar para descansar e recompor-se.

Nesse momento, ela avistou a torre gótica da catedral de Ulm, com seu campanário fantasticamente alto, elevando-se acima dos tetos da cidade, no meio do caminho para o céu. Drue lembrou-se de sua mãe e sentiu vontade de entrar, acender uma vela e fazer uma oração, mas teve de seguir Csaba, que avançava pelas sombras de uma viela com casas tão antigas que pareciam apoiar-se umas nas outras em busca de segurança e conforto.

Buuuuuum!

Drue despertou do devaneio ao sentir o tremor de terra.

Buuuuuum!! Buuuuuuum!!!

O impacto era tão forte que provocou uma chuva de estalactites de gelo e de pedaços de telhas de terracota. Com medo de que fosse um terremoto, Drue correu em direção à praça, mas foi puxada por Csaba, que a segurou pela cauda.

— Cuidado!

Uma coluna cinzenta gigantesca bateu no chão a apenas um centímetro do nariz de Drue. Ela caiu para trás enquanto a coluna se erguia. Assustada, ela demorou a perceber que não eram colunas, mas patas!

— Um elefante! — Gritou ela. — O que um elefante está fazendo aqui?

— Os animais fugiram do zoológico de Stuttgart. Eu devia ter avisado.

Os dois esquilos observaram o animal gigantesco atravessar a praça, amassando, com uma única passada, um carro abandonado que estava em seu caminho. O barulho do metal e dos vidros sendo esstraçalhados provocou um coro de aprovação de um bando de macacos empoleirados em uma árvore próxima. Do outro lado da praça, uma girafa comia as plantas na janela de um apartamento do terceiro andar, algumas zebras pulavam nervosamente a água que escorria pela sarjeta e um lince e um chacal se envolviam em uma briga por causa da carcaça sangrenta de um pequeno animal.

Drue estava impressionada.

— Precisamos tomar cuidado — disse Csaba. — Milhares de predadores estão à procura de comida. Sem humanos para alimentá-los, precisam reaprender a caçar e se adaptar a um ambiente completamente novo. Agora há jacarés no Danúbio. Uma escorregada basta para você virar o jantar.

— Pensei que havia uma trégua entre todos os animais...

— Quando os humanos eram os únicos inimigos, ninguém questionava a liderança da Assembleia da Terra. Agora que a Sexta Onda foi rechaçada e que o predador mais perigoso do planeta foi

perseguido até ser extinto, os outros carnívoros não têm muito a temer. Haverá mais derramamento de sangue na luta pelo domínio e por novos territórios. Não se engane... O mundo ainda é um lugar muito perigoso para nós.

Drue sentiu um grande alívio por ter a sorte de encontrar um companheiro tão sábio e experiente.

Ao chegarem a uma pequena praça com piso de paralelepípedos, Csaba parou.

— Aqui estamos... Esse é o lar do homem-leão.

Eles estavam diante de uma fileira de bicicletas presas por correntes a uma barra de ferro e de um sobrado de três andares. Com paredes beges e janelas em estilo georgiano, o lugar parecia mais uma grande casa de família do que uma caverna. Apenas a entrada, fechada com vidro e aço, destoava do conjunto.

— Venha — disse Csaba. — Por aqui.

Drue seguiu Csaba, que subiu por um cano e desapareceu em um espaço entre as telas e a calha.

Atrás da fachada tradicional, havia uma extensão modernista, com grandes janelas horizontais criando um poço de luz natural no interior da construção. Enquanto seguiam em frente, Drue reparou na grande escada de mármore abaixo.

Alguns momentos depois, já estavam dentro do prédio. Seguindo por um túnel de ventilação, a dupla chegou a um salão com vigas de vidro, concreto e aço. Galerias envoltas em sombras se estendiam a partir da escada principal, e Drue deduziu que o homem-leão era um colecionador de arte ou um arqueólogo, pois havia muitos objetos antigos expostos em vitrines de vidro, como ferramentas de pedra pré-históricas, espadas da Idade do Bronze e até mesmo uma caveira humana.

Drue continuou seguindo Csaba, que a conduziu por um labirinto formado por espaços de exposições. Ela estava atenta ao perigo, mas o único barulho que ouvia era o ruído suave de suas

passadas sobre o piso de madeira. Havia inúmeros pontos de iluminação inúteis no teto baixo, e persianas brancas cobriam todas as janelas, criando bolsões de sombras profundas em meio aos lagos de luz natural.

Csaba parou diante de uma fachada parecida com um falso penhasco de calcário.

— Tem certeza de que quer encontrar o homem-leão? — perguntou ele.

— Sim — sussurrou ela. — Ele... Nós...

— Sim — disse Csaba.

Drue ouviu uma espécie de resmungo, um ronco sonoro de um grande gato. Havia alguma coisa nas sombras.

— Muito bem... — disse Csaba, fazendo um gesto para que Drue seguisse em frente.

Ela respirou profundamente para se acalmar.

Meu pai não teria mandado que eu viesse se não fosse seguro, pensou ela.

Ela deu um passo adiante e entrou na galeria escura, demorando alguns segundos para ajustar sua visão. Os poucos raios de luz natural pareciam concentrar-se em um único ponto, e, então, ela o viu... Bem, na verdade, viu uma peça de marfim sustentada por um arame em cima de um pedestal de granito cinza. Todo o conjunto era protegido por uma caixa de vidro que chegava até o chão, conferindo à escultura primitiva um ar nobre, misterioso e quase sagrado.

— O homem-leão — anunciou Csaba, triunfalmente.

Drue se aproximou. A figura amarelada parecia ser metade homem, metade animal, firme sobre dois pés. A nobre cabeça, com a mandíbula proeminente e um nariz largo, lembrava mais um leão-da-montanha do que o leão africano que ela esperava encontrar.

— É ele? Quer dizer... É isso? Isso é apenas uma escultura antiga.

— É mais do que uma escultura antiga — respondeu Csaba. — Tem mais de 40 mil anos de idade. É a escultura mais antiga de que se tem notícia no mundo, esculpida à mão com facas feitas com as presas de um mamute.

— Mas...

— Você esperava outra coisa? — perguntou Csaba, dando a volta na caixa de vidro enquanto dois ratos, um branco e um preto, emergiam das sombras.

Drue sentiu o perigo e, num piscar de olhos, transformou-se em lobo.

Exibiu as presas e preparou-se, esperando o ataque dos roedores.

Para seu espanto, os dois ratos também se transformaram em lobos e, então, em humanos: um belo garoto africano, com cabelos crespos e pele tão escura quanto a noite, e uma menina loira, um pouco mais velha que Drue, com o rosto cheio de sardas.

— Está tudo bem! Você está entre amigos — disse Csaba, com receio de que ela atacasse. — Você veio à procura do homem-leão assim como nós.

Esse é o ponto de encontro dos Nsray — disse Csaba em animalis, transformando-se em um adolescente com um rosto gentil marcado por algumas espinhas.

Drue adotou sua forma humana para entender o que eles diziam.

— Eu me chamo Piera — disse a garota, com um forte sotaque francês.

— Piera é francesa — disse Csaba. — Eu vim de Hollókő, na Hungria. E este é Yaya. Ele é de Cabo Verde, na África.

— Olá — disse ela, sorrindo. — Eu me chamo Drue.

Yaya sorriu, mas não conseguiu olhar para Drue.

— Yaya é um pouco tímido — explicou Csaba. — Ele fala três línguas: português, cabo-verdiano e outra que nem sei dizer o nome... Vocês precisarão se falar em animalis.

Drue sorriu para Yaya novamente para mostrar que Csaba explicara. Yaya sorriu e abaixou a cabeça.

— Está vendo? Você não é a única que veio de longe.

— Por que você não disse nada?

— Eu precisava ter certeza. Os espiões dos animalis estão atrás de nós.

Eles são espertos.

— E nós... Somos os únicos?

— Não seja idiota — disse Piera com desdém.

— Somos muitos. O clã está se reunindo. É por isso que estávamos vigiando. Você vai ver.

Drue examinou a escultura do homem-leão mais uma vez.

— Eu ainda não entendo... Por que isso? Por que aqui?

As paredes da galeria estavam cobertas por grandes imagens em preto e branco de cavernas, escavações arqueológicas, aberturas e tesouros antigos recuperados das areias. Csaba apontou para as legendas junto a cada foto.

Estavam em alemão, mas ele traduziu.

— A escultura do homem-leão foi descoberta em uma caverna chamada Hohlenstein-Stadel, no Lonetal, em 1939. Arqueólogos e especialistas em história acreditavam que fosse um objeto simbólico...

— Que idiotas — comentou Piera. — ... Uma oferenda aos deuses — continuou Csaba —, para garantir o sucesso da caçada, ou uma forma encontrada pelo homem de Neandertal para passar informações para a geração seguinte, como os melhores animais para a caça e os mais perigosos. Alguns eruditos acreditam que foi usado em rituais religiosos primitivos, mas ninguém descobriu a verdade.

— Que é? — Perguntou Drue, voltando sua atenção para a escultura.

Chegando mais perto, ela percebeu que era formada por centenas de pequenos fragmentos e que faltavam algumas partes da figura.

Quanto mais ela olhava, mais aumentava seu fascínio. A escultura parecia estranhamente familiar.

— Não é óbvio? — perguntou Piera.

— Não — respondeu Drue.

Piera dirigiu-lhe um olhar fulminante.

— Ele era como nós. Um xamã Nsray. Um metamorfo — disse Csaba.

— Quer dizer que ele existiu de verdade?

Piera bufou, como se tivesse ouvido o comentário mais estúpido do mundo.

— É claro — respondeu Csaba, pacientemente.

A escultura parecia resplandecente, como se respirasse com a luz. Drue estudou-a, completamente fascinada.

— Venha — disse Csaba — Vamos encontrar os outros. Tudo começará a fazer sentido. Você vai ver.

Então, Csaba, Piera e Yaya se transformaram em pardais, voaram em pequenos círculos em torno do homem-leão e seguiram em direção à escada principal. Drue levou alguns segundos para recuperar-se do choque que tivera ao encontrar outros com o mesmo dom e, então, transformou-se em pardal para juntar-se ao bando.

Capítulo 36

Will-C e Yoshi estavam dormindo no parapeito da janela da cozinha da casa da fazenda Callow quando ouviram um chamado.

— Will-C! — Gritou Gallinago. — Olhe!

Will-C pensou em Drue imediatamente. Teria voltado? Olhando por um vidro quebrado, viu Gallinago no alto do celeiro, gesticulando com seu bico, e teve de esticar o pescoço para ver melhor o pasto, que ficava além da entrada de carros.

A esperança de reencontrar sua amiga antes do previsto desapareceu assim que ele percebeu que a narceja soara o alarme por causa da chegada de uma criatura completamente diferente: uma grande ave marinha branca com narinas proeminentes na parte superior do bico.

— Um petrel-gigante — disse Yoshi. — Ele vai sentir o cheiro do metamorfo.

O petrel voou lentamente em círculos, desceu até a cerca e empoleirou-se na grade. Quando começou a inalar o ar, um bando de ratos e doninhas surgiu junto à cerca. À frente do bando vinha uma criatura que Will-C

conhecia muito bem: o arminho que o mantivera preso junto com outros resignados. Era Mustela, chefe dos guardas de Natterjack.

Will-C saltou e correu até a sala para dar uma olhada em Quinn. O cobertor que Drue usara para cobri-lo estava no sofá, mas ele não viu nenhum sinal do homem. Yoshi veio atrás de Will-C.

— Aonde ele foi?

— Não sei — respondeu Will-C, pulando no sofá e sentindo o cheiro do cobertor. — Está frio. Já faz algum tempo que ele saiu.

Will-C disparou para fora da casa, seguido por Yoshi.

Lennox e seu grupo já haviam assumido suas posições, prontos para um ataque-surpresa caso as forças de Mustela avançassem sobre a fazenda.

Will-C e Yoshi se aproximaram de Lennox, usando um trator como cobertura.

— Mustela deve ter assumido o lugar do sapo — sussurrou Yoshi.

— É o que parece — disse Will-C.

— Abaixei a cauda, seu infeliz — grunhiu Lennox para Yoshi. — E você também, Esquisitão. O elemento-surpresa pode fazer toda a diferença quando se está em menor número.

— Quantos são?

— Difícil dizer. Podem ser quatro ou cinco para cada um.

— Então não vamos vencer.

— Quanto otimismo... — disse Lennox, com sarcasmo.

— Não. Quer dizer... Talvez haja outra alternativa. Em vez de lutar.

— Mantenha a cauda abaixada e a boca fechada. Tudo o que eu quero é o caminho livre até aquele arminho.

— Vejam! — Gritou Gallinago. — Mustela está falando com o petrel!

Todos os olhos se voltaram para o arminho e a ave. Houve uma troca de palavras, e, então, Mustela subiu no alto da cerca para examinar a fazenda, apoiado nas patas traseiras. Ele observou a casa por algum tempo. Depois, acenou para o bando, e eles começaram a recuar e a espalhar-se pelo campo.

— O que está acontecendo? — Perguntou Will-C.

— Difícil dizer — respondeu Gallinago.

— Eles estão vindo? — Grunhiu Lennox.

— Não — respondeu Gallinago. — Parece que estão formando esconderijos.

— Caramba — disse Lennox.

— Talvez estejam com medo — disse Will-C, esperançoso.

— Talvez saibam que estamos esperando por eles — sugeriu Gallinago.

— Talvez sejam eles que estejam esperando — disse Lennox.

— O que você quer dizer? Esperando o quê? — perguntou Will-C.

— Reforços — respondeu Lennox.

Will-C voltou a prestar atenção em Mustela, que continuava na cerca, estudando a fazenda. Ele sentiu a cauda contorcer-se por causa da ansiedade e puxou-a para baixo. Os olhos redondos de Mustela miraram Will-C. O arminho não podia vê-lo, mas Will-C repreendeu-se silenciosamente.

Lennox não precisou acrescentar nada ao seu olhar de desdém.

Por fim, quando o petrel levantou voo e desapareceu no céu, Mustela desceu da cerca.

— Ele foi embora — disse Will-C.

— Quem? — Perguntou Lennox.

— Quinn Beltane. O metamorfo.

— Embora? Pensei que estivesse doente, quase morrendo por causa da febre do rato. Não foi o que você disse?

— E ele estava, mas foi embora.

— Quando? — Grunhiu Lennox.

— Eu... Eu não sei, eu só...

— Ah, não... — disse Gallinago em seu posto de observação.

— O que foi? — Perguntou Lennox.

— Acho que vamos precisar de um plano muito melhor.

— *O quê?*

Gallinago voou até a ponta do teto do celeiro, de onde podia ver os campos ao redor. Estavam cobertos por milhares de animalis, e

todos vinham na mesma direção: a fazenda Callow.

— Vamos precisar de um plano muito... muito melhor.

Capítulo 37

A catedral de Ulm não era menos impressionante vista de cima, com seus pilares ornamentados, florões e contrafortes salpicados pela neve. Csaba guiou o pequeno bando de pardais em um lento voo em espiral ao redor da pirâmide acima da torre a oeste, deixando Drue maravilhada com a vista espetacular. Tigres-de-bengala ceavam às margens do Danúbio e elefantes africanos e gnus caminhavam pelos Alpes Suábios. Impalas corriam pelas planícies da Bavária em direção ao sul.

— Preste atenção! Mantenha o ritmo — disparou Piera enquanto desciam em direção à torre do sino.

Havia uma dúzia de bufos-reais empoleirados ali, tão assustadores quanto as gárgulas de pedra nos parapeitos. Um bufo abriu as asas e aproximou-se dos pardais.

— Não como desde o amanhecer. Vocês fariam melhor em brincar em outro lugar — disse o bufo-real, com seus olhos amarelados e garras afiadas brilhando ao sol.

— O homem-leão também está faminto — disse Piera, enigmaticamente.

— Onde ele caça? — perguntou o bufo-real.

— Nas montanhas do Ararat — respondeu Piera, complementando a senha.

— Vocês podem passar, amigos.

Os pardais passaram pelas sentinelas, desceram até pela torre do sino e continuaram pelo vão da escada interna. Mais abaixo, depararam-se com um urso preto asiático.

Protegidos pelas paredes da igreja, foram instruídos a reassumir suas formas humanas sob o olhar atento do guarda rabugento, medida que visava garantir que nenhum espião entrasse ali fingindo ser um Nsray.

Satisfeito com a comprovação de que eram legítimos e, portanto, habilitados a entrar, o urso preto abriu uma porta de carvalho bastante pesada que dava para uma escada de pedra em espiral. Ao descerem para o andar térreo, Drue imitou os novos companheiros, pressionando as palmas das mãos contra as pedras lisas das paredes antigas para manter o equilíbrio. Ao sentir a pedra úmida e fria, lembrou-se da câmara secreta de sua casa em Kingley Burh.

Ex umbra in solem. . Das sombras para a luz. Chegaria mesmo à luz?
Tudo o que vira até ali eram sombras.

Assim que a dúvida se instalou em sua mente, Drue tropeçou, perdeu o equilíbrio nos degraus de pedra e, sem querer, esbarrou em Piera, que estava alguns passos abaixo dela.

— Ei! — reclamou a francesa. — Está tentando matar todos nós? Sabe até onde vão esses degraus? É o campanário mais íngreme do mundo. Tome cuidado!

— Desculpe-me... Sinto muito.

Vinte minutos depois, quando chegaram ao térreo, Drue já não tinha dúvida alguma de que era realmente o campanário mais alto do mundo.

— Não é apenas o mais alto... É também o mais frio — disse Csaba, mostrando que sua respiração condensava no ar quando ele expirava.

Uma porta de carvalho ao pé da escada levava a uma área de recepção decorada com painéis de madeira. Ao lado da bilheteria e do balcão de informações, cartões-postais e folhetos contavam a história do lugar e faziam uma homenagem solene a um tempo diferente, a um mundo diferente, pois era difícil imaginar que turistas voltariam a fazer fila para passar por aqueles portais.

Uma segunda porta levava ao corredor sul da igreja. Quando Csaba levantou o trinco e abriu essa porta, Drue arregalou os olhos diante da grandeza de seu interior.

— Uau! — Exclamou ela, sem encontrar outras palavras e esticando o pescoço para ver melhor.

— Essa igreja foi projetada no século XIV para receber até 15 mil devotos de cada vez — explicou Piera. — É por isso que as pessoas acham que é uma catedral, mas, na verdade, é só uma igreja. Os arquitetos queriam que fosse uma espécie de sala de espera para o reino dos céus. Por causa do seu tamanho e esplendor, todos que entravam aqui sentiam-se inferiores, intimidados, e lembravam-se de como somos pequenos diante das vontades muito maiores do universo. Acho que algumas pessoas preferem exprimir esse sentimento dizendo coisas como “Uau!” — concluiu ela, olhando com desdém para Drue.

Piera afastou-se pelo corredor central, enganchando seu braço no braço de Csaba. Ele pediu desculpas a Drue com o olhar e acompanhou Piera. Era evidente que ela se sentia ameaçada pela presença da nova integrante do grupo, embora Drue não entendesse o porquê.

Para seu espanto, Drue reparou que os bancos de madeira clara estavam tomados por todos os tipos de criaturas, de todas as raças e credos: homens, mulheres, crianças, leões, preguiças, macacos, pombas e até algumas espécies que Drue nunca tinha visto. Todos eram metamorfos, evidentemente, mas muitos ainda adotavam formas de animais para se comunicarem livremente.

A bizarra aglomeração, que em parte parecia um culto dominical surreal, em parte um abrigo para sem-teto e em parte uma convocação para a escolha do elenco de um filme fantástico de Hollywood, estava totalmente escondida do mundo exterior graças à arquitetura do lugar, pois as únicas janelas nas paredes imensamente

altas estavam cobertas por vitrais e nenhuma ficava a menos de quatro metros do chão.

Com uma expressão de surpresa e de admiração estampada no rosto, Drue seguiu pela nave atrás de seus companheiros. Embora não entendesse as conversas animadas e as brincadeiras ao seu redor, era evidente que havia um estado de espírito otimista e camaradagem entre todos ali.

— Não se preocupe — disse Csaba por cima do ombro. — Alguns podem parecer estranhos, mas são todos iguais a nós.

Drue esticou o pescoço para observar as esculturas nas paredes e os intrincados afrescos pintados no magnífico teto arqueado. Uma cozinha comunitária improvisada fora montada no corredor norte, e Csaba sugeriu que Drue entrasse na fila.

— Tenho de sair de novo com Piera para verificar se há mais retardatários. Você estará segura aqui. Coma alguma coisa. Yaya ficará com você.

— Ele não precisa ficar.

— Acho que ele quer. Parece que gosta de você — disse Piera, baixinho.

Drue sorriu. Yaya retribuiu com um sorriso acanhado, transformou-se em uma delicada alvéola e voou animadamente em círculos acima da cabeça de todos.

— Voltaremos antes do anoitecer — disse Csaba.

— Liliuk quer falar para todos esta noite.

— Liliuk?

— É ela quem está no comando.

— Ela é incrível — disse Piera.

— Consegue ler a mente de todos — acrescentou Csaba.

— Ela não lê a mente, e sim os sonhos.

— É a mesma coisa.

— Preciso encontrar com ela. É importante — disse Drue. — Preciso falar com ela.

— Você irá se encontrar com ela. Mais tarde. Ela está reunida com outros Nsray na capela. São os Experientes. Um emissário acaba de retornar com notícias dos anciãos da Assembleia da Terra.

— O que... O que eles disseram? Talvez a guerra tenha acabado e possamos voltar para casa.

— Talvez. Saberemos quando for o momento certo. Agora, descanse — disse Csaba, dirigindo-se para a entrada ao lado de Piera.

Na área que formava a cozinha, caldeirões fumegantes de sopa sobre fogões improvisados enchem o ar com um cheiro reconfortante. Drue lembrou-se do pai cozinhando no esconderijo montado no ferro-velho.

Parecia que isso tinha acontecido há tanto tempo. Ela daria tudo para saber se ele e Will-C estavam bem. De repente, começou a orar em silêncio, desejando apenas que eles voltassem a se encontrar.

Quando chegou sua vez, Drue pegou um prato e talheres. Uma voluntária, uma mulher enorme com cabelos ruivos espetados presos sob um lenço estampado, encheu seu prato com caldo de legumes e bolinhos de farinha até quase derramar. Depois, falou alguma coisa em alemão para outro voluntário, que colocou uma porção de chucrute por cima do caldo.

Drue agradeceu com um sorriso e saiu com seu prato, tomando cuidado para não derramar. Ao sentar em um banco para comer, Yaya ressurgiu em sua forma humana, trazendo um cobertor. Drue jogou o cobertor sobre os ombros.

— Obrigada, Yaya.

Ele sorriu.

Com o estômago cheio e o corpo aquecido, Drue começou a ficar sonolenta assim que terminou de comer e deitou-se para descansar.

Deitada, ficou olhando para o afresco no teto. Havia um anjo acompanhado por um touro, um leão e uma águia. A águia segurava um pergaminho em suas garras, que começou a se mexer, como se

soprasse uma brisa. A auréola do anjo parecia brilhar mais intensamente. As figuras ficaram mais nítidas e pareciam vivas. Seria um efeito da iluminação?

Drue fechou e abriu os olhos. O papel havia parado de se mexer e a pintura readquirira seus tons pastéis. Ela fechou os olhos novamente e pegou no sono.

Água. Fria. Limpa. Profunda como o Atlântico. A luz penetrando através da superfície e causando explosões de pura energia, iluminando as paredes de cristal e as cintilantes estalactites. Drue mergulhou, descendo até as profundezas, onde a luz não chegava. Ela deseja ansiosamente sentir a presença. Aquilo era um oceano?

Estava realmente respirando debaixo d'água?

Um ponto de luz surgiu logo abaixo quando a escuridão pareceu tomar conta de tudo o que havia acima. A luz ficou ainda mais brilhante. E, ao mergulhar cada vez mais no vazio, aproximando-se da fonte, Drue percebeu que era uma bola de fogo.

Um globo escaldante, como um sol em miniatura, com línguas de fogo cintilantes tremeluzindo em sua superfície como se estivesse suspenso. Uma estrela solitária em um vasto cosmos líquido.

Drue sentiu o calor do fogo em seu rosto e em seus braços. O globo ardente girou em seu eixo e, lentamente, começou a traçar uma órbita em torno dela. Ao fazer isso, deixou um rastro de chamas, como o rabo de um cometa. E foi girando, girando, criando uma espiral incandescente no oceano escuro, até que Drue ficou completamente cercada por um redemoinho radiante de uma suave luz dourada.

Era mais do que luz. Gerara um calor que a envolvia com uma sensação de serenidade e bem-estar.

Então, tão rápido quanto surgira, a luz desapareceu, e Drue viu-se confrontada por uma onda de tartarugas marinhas gigantes, centenas, nadando no oceano.

Pareciam alheias à sua presença, e Drue deslizou a mão pelo casco de uma delas, que passava ao seu lado.

Para sua surpresa, havia símbolos gravados nas placas ósseas que formavam seu casco, uma espécie de alfabeto, e cada placa brilhava com uma cor diferente: violeta, anil, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho. Parecia um vitral banhado pelo luar. .

*

Luar. Ao acordar de seu sonho e esfregar os olhos, Drue notou que a igreja estava envolta em um brilho suave. Seus companheiros estavam quietos, serenos, e ela percebeu que dormira por um bom tempo. Quando uma alvéola pousou no encosto do banco, Drue transformou-se em pardal.

— É você, Yaya?

— Desculpe-me se a acordei.

— Por quanto tempo dormi? O que está acontecendo?

— Os Experientes ainda estão reunidos.

— Mas por que estão reunidos há tanto tempo? O que tanto conversam?

— Podem ser necessárias muitas palavras para construir um futuro.

— Bem, eu quero ver o que estão fazendo — disse ela, sobrevoando o corredor central.

— Espere — disse Yaya. — Não podemos entrar lá.

— Você não quer saber o que estão conversando? — perguntou Drue enquanto voavam em círculos em frente à uma ornamentada pirâmide de pedra na extremidade mais distante da nave central.

— Eu já sei.

— Sabe?

— É claro.

— E o que é, então?

— Noé.

— Noé? Quem é Noé?

— Noé... Aquele da Bíblia. Você conhece a história... A arca de Noé?

— E o que isso tem a ver conosco?

— Você não sabe?

— O quê?

— Venha. Eu vou lhe mostrar.

Yaya voou em espiral até o teto da nave. Drue foi atrás dele, seguindo-o até o afresco que havia chamado sua atenção assim que entrara na igreja e que observara antes de pegar no sono.

Mais perto, Drue pôde ver que fora pintado com pigmentos claros e que cada personagem — os animais e o anjo — tinha um halo dourado sobre a cabeça. Havia também um grande anel dourado entre eles, com quatro barras, como os raios de uma roda dividindo a obra em quatro partes. Em uma parte, estava o anjo barbudo com vestes claras. Seu rosto humano é jovem, emoldurado por cachos escuros que caíam até a altura dos ombros.

Ao seu lado, um poderoso touro alado. Em outra parte, uma águia gigante, com suas garras afiadas segurando um pergaminho serpenteante. Ao seu lado, um leão, ainda maior do que o touro, com grandes asas brancas nos ombros musculosos.

— Ninguém sabe exatamente a história da pintura, mas alguns dizem que o anjo é o próprio Jafé, um dos filhos de Noé — disse Yaya. — O grande pai do nosso povo.

— Noé?

— Por que você acha que ele foi escolhido para levar os animais para a arca?

— Eu não sei.

— Pense um pouco... Ele não era um homem qualquer. As histórias da Bíblia dizem que viveu por quase mil anos. Isso parece normal para você?

— Nunca pensei sobre isso.

— E você acha que foi por acaso que essa igreja foi construída e que essa pintura foi feita centenas de anos antes de descobrirem a escultura do homem-leão enterrada nesse mesmo vale? Podemos ver as cavernas onde a encontraram se subirmos na torre do sino.

— Não estou conseguindo seguir seu raciocínio...

— É isso! Seguir! Somos os seguidores. Esse lugar foi escolhido como nosso ponto de encontro milhares de anos atrás...

— Antes de construírem a igreja?

— Muito antes de haver qualquer assentamento humano por aqui, quando nossos ancestrais ocupavam as cavernas do vale. Nosso povo estava destinado a voltar para cá quando chegasse a Sexta Onda.

— Mas o que a pintura tem a ver com isso?

— O que você vê?

Drue examinou o afresco atentamente.

— Um anel dourado e quatro... anjos?

— Por que você acha que são anjos?

— Porque eles têm halos... E asas.

— Todos os quatro ou apenas um homem sábio em quatro formas diferentes?

Então, Drue começou a entender a ligação.

— Você quer dizer... Então...

— É uma pintura do homem-leão. Um metamorfo Nsray. Jafé era como nós. E a história da pintura diz que nossa história está nos pergaminhos. É por isso que as figuras estão em torno do anel: é o ciclo da vida e os quatro raios representam os caminhos para os quatro cantos da Terra. Dessa vez, porém, não é a água que devemos temer e não são os animais que precisam ser salvos da ira do Criador... Somos nós.

Drue examinou o afresco. As letras nos pergaminhos pareciam pertencer ao alfabeto estranho que ela tinha visto em seu sonho, semelhantes aos símbolos gravados no casco das tartarugas. Ela ia

perguntar a Yaya se ele conhecia o significado das letras, mas uma movimentação indicou que a reunião de Liliuk com os Experientes terminara.

As portas da capela Neithart se abriram para a entrada dos Experientes, que assumiram suas formas humanas ao ocuparem seus lugares nos bancos reservados para eles. Drue e Yaya voltaram para o chão no momento em que Csaba e Piera retornavam ainda como pardais.

Todos ficaram em silêncio, com os olhos voltados para as portas abertas da capela.

Por fim, surgiu Liliuk, primeiro como um cisne negro e, depois, como uma linda mulher com dreadlocks grisalhos. Seus traços finos e sua pele escura tinham as marcas de uma vida longa e plena. Seus olhos castanhos penetrantes passearam por todos ali reunidos. Então, ela se transformou em cisne outra vez. Batendo as asas poderosas, ela se elevou acima da multidão.

— Nsray, perdoem-me por tê-los feito esperar tanto tempo. Ouvi atentamente as sábias palavras dos Experientes e de nossa corajosa sentinela avançada. Apenas dois Nsray se atreveram a enfrentar o santuário dos animalis para levar nossa mensagem de paz e de esperança de reconciliação aos guardiões da Assembleia da Terra. Sei que estão ansiosos para saber como foi a jornada. Antes, porém, permitam-me dizer que a resposta ao nosso apelo excedeu minhas expectativas. Parece haver esperança para uma trégua negociada, mas somente se nos rendermos aos representantes do conselho animalis local.

As palavras de Liliuk provocaram uma onda de descontentamento.

- Que garantias temos de que podemos confiar neles?
- Como saberemos que eles não vão nos matar ou nos escravizar?
- Por que devemos acreditar neles?

— Todos esses questionamentos são razoáveis — disse Liliuk. — Talvez o melhor a fazer agora seja permitir que nosso enviado conte os detalhes da proposta dos animalis. Afinal, ele arriscou a vida para nos trazer essa esperança. Antes, pedirei que todos assumam a forma humana.

A dúvida tomou conta de todos. Se voltassem à forma humana, enfrentariam a barreira linguística novamente.

— Por favor, confiem em mim. Tenho um bom motivo para pedir que façam isso.

Então, todas as criaturas ali reunidas voltaram à sua forma humana até que não houvesse um único animal, apenas pessoas de todos os credos e raças.

— Agora, vou pedir que nosso enviado especial compartilhe conosco a mensagem que trouxe da Assembleia da Terra — disse Liliuk.

Todas as cabeças se viraram para um lado e para outro enquanto procuravam o enviado.

— Por favor — continuou Liliuk, com o olhar passeando pela multidão — August Beyer, venha até aqui... Dirija-se a todos nós. Conte como nossa mensagem foi recebida. Compartilhe com seus irmãos tudo o que me disse.

Todos os olhos estavam voltados para os Experientes sentados nas primeiras fileiras, e, finalmente, Liliuk olhou para um humano diretamente. Todos os olhares acompanharam o seu. O Experiente coçou a barba, surpreso por ter sido chamado.

— August? Esqueceu seu nome? Não tem nada a dizer? — Perguntou Liliuk, sabendo que o homem não conseguiria responder.

August Beyer levantou-se e se afastou dos outros Experientes ao tentar falar. As palavras finalmente começaram a se formar, mas ele não tinha qualquer controle sobre elas, como uma criança aprendendo a falar.

— Eu... Be... Bey... er...

Gaguejando e assustado com o olhar de Liliuk, Beyer começou a procurar uma rota de fuga.

— Fechem as portas! — Gritou Liliuk.

Então, Beyer transformou-se em um chacal e abriu caminho, rosnando e mordendo. Vários metamorfos se transformaram em panteras, bloqueando o caminho. Desesperado, o chacal pulou em direção à porta, mas foi derrubado por uma pantera, que o segurou no chão e prendeu sua garganta com a poderosa mandíbula. O chacal transformou-se de novo em August Beyer, mas dessa vez não enganou ninguém.

— Esse não é August Beyer — disse Liliuk. — August está morto. Ele foi capturado pelos animalis ao transmitir nossa mensagem aos seus líderes.

Essa foi a resposta deles. August Beyer foi morto pelo chacal para que os animalis pudessem se infiltrar entre nós. Eles enviaram um espião que pudesse levar informações sobre nossos planos para o conselho de guerra da Assembleia da Terra. Sua sede de sangue está longe de ser saciada!

O rosto de Beyer contorceu-se, demonstrando medo enquanto a pantera apertava ainda mais sua garganta, prestes a derramar seu sangue.

— Podemos ter certeza de que August caiu? — Perguntou alguém no meio da multidão.

— Confie em mim, irmão. Ao comer seu coração, o chacal apoderou-se de seus dons, assumindo sua aparência física, mas nenhum animal consegue dominar a linguagem humana. Nem mesmo com sangue Nsray em suas veias.

O sentimento da multidão passou de medo à raiva ao ver o chacal retomar sua verdadeira forma.

— Acabem com ele! — Gritou alguém.

— Não! — Interveio Liliuk. — Lembrem-se do que somos. De quem somos. Só lutamos para nos defender. Tirar uma vida por

raiva, por vingança... Não somos assim. O chacal ficará preso até sairmos daqui.

Levem-no para as catacumbas. Mantenham-no sob vigilância, protegendo-o com suas vidas.

Mais uma vez, enquanto levavam o chacal, Liliuk teceu sua mágica sobre a multidão.

— Perdoem-me, companheiros Nsray. Não tive a intenção de dar-lhes falsas esperanças, mas precisava ter certeza de que minhas suspeitas não eram infundadas. Durante nossa reunião, o chacal pintou um quadro bom demais para ser verdadeiro, um mundo em que viveríamos novamente como iguais junto com os animalis. Talvez esse sonho se realize, mas não será alcançado sem luta.

Depois de uma pausa, ela continuou: — A decisão de declarar guerra contra a humanidade não foi fácil e o caminho para a salvação será ainda mais difícil. Muito sangue foi derramado, muita dor foi infligida e muitas vidas foram perdidas. Por isso, em respeito ao espírito dos mortos, devemos iniciar a próxima etapa de nossa jornada com o coração pesado, mas com a mente lúcida. Sei que alguns gostariam de dar continuidade à luta contra os animalis, mas esse não é, nunca foi, o modo de agir dos Nsray. Raiva, ódio, vingança... Essas não são palavras que elevam nosso espírito e não são os instrumentos que podem nos preparar para o futuro, para a construção do caminho para a paz.

— Onde encontraremos esse caminho? — Perguntou alguém.

— Primeiro, precisamos pisar em terreno mais seguro — respondeu Liliuk.

— Mas estamos seguros aqui, não estamos? — Murmurou Drue.

— A igreja ofereceu-nos um refúgio seguro, pelo qual devemos ser gratos, mas o chacal não estava agindo sozinho. Outros como ele virão. Um ataque, se não iminente, é inevitável.

— Nosso futuro está além dessas paredes. Precisamos de tempo e espaço.

Precisamos de terra para plantar e para construir um abrigo. Precisamos criar nossos filhos sem a sombra do medo, longe do alcance daqueles que querem eliminar nosso povo para sempre.

— Mas não existe um lugar no mundo onde estaremos protegidos...

— Existe um... As montanhas do Ararat. É lá, entre as fronteiras da Turquia, do Irã e da Armênia, sob o grande vulcão, que começaremos uma nova vida. Somente lá, nas férteis planícies de Igdir, poderemos garantir a segurança do nosso povo.

— Como podemos ter certeza de que os animalis não irão atrás de nós?

— Até os animalis mais radicais e sanguinários respeitam o solo sagrado em que a arca de Noé finalmente repousou.

— O monte Ararat fica a quase 2 mil quilômetros daqui. Os gansos e as aves maiores até podem chegar ao destino em alguns dias, mas temos muitos feridos que não podem voar. Como chegaremos a essa terra prometida? — Perguntou um furão, parecendo ansioso.

— A Mãe Natureza prospera na diversidade. Devemos seguir seu exemplo. Formaremos bandos de aves migratórias e outros caminharão em pequenos bandos. Aqueles que não estiverem fortes o bastante para caminhar serão carregados. E não se esqueçam de que os resignados estão conosco; o movimento de resistência prometeu-nos segurança e abrigo ao longo da rota sempre que possível.

— Ainda assim, podemos demorar semanas até alcançar a segurança.

As manifestações de descontentamento se espalharam.

— Escutem... Nossa jornada não será fácil. Haverá mais derramamento de sangue até que a guerra termine e talvez alguns não consigam chegar ao destino final, mas os Experientes acreditam que essa é a única esperança de sobrevivência para nossa raça.

— E quanto aos sobreviventes humanos? E as outras pessoas?

— A voz de Drue, apesar de fraca e baixa, ressoou no ar com a intensidade de um sino de igreja.

Liliuk varreu a multidão com os olhos à sua procura.

— Não podemos tentar... — continuou Drue. — Não sei... Deve haver alguma maneira de acabarmos com a guerra e com toda essa matança.

Nervosos, Csaba, Yaya e Piera olharam para Drue.

— Qual é o seu nome, criança?

— Drue... Drue Beltane.

Liliuk examinou-a longamente.

— Nossa jovem amiga defende corajosamente a continuidade das negociações com os animalis.

A ideia provocou algumas vaias e risadas de escárnio.

— Não, por favor... Apesar do que aconteceu com August, a reconciliação continua presente em nossos corações e mentes. Ele não gostaria que fosse de outra forma. Agora, precisamos seguir em frente. Precisamos garantir nosso futuro antes de limpar as cinzas do passado. Descansem. Procurem recuperar suas forças. Durante a noite, os Experientes conversarão com cada um sobre as necessidades dos grupos que farão a viagem. Nossa jornada até o monte Ararat começará ao amanhecer.

Depois de apaziguar a multidão, Liliuk voltou sua atenção para Drue, adotando um tom mais gentil e maternal.

— Então, Drue Beltane... Esses sobreviventes... Você os viu com seus próprios olhos?

— Sim, em uma barca... Uma balsa que foi atacada, mas não afundou. São meninos e meninas. Vinte ao todo, talvez mais.

Precisamos ajudá-los.

— Você é como seu pai. Sempre tentando salvar o mundo.

— Você... conhece meu pai?

— Quinn Beltane. Conheço muito bem.

— Ele também precisa de ajuda. Foi ferido... Eu não sabia o que fazer...

Ele me disse para encontrar o homem-leão...

— É claro. Para que você nos encontrasse.

— Mas eu vim pedir ajuda.

— Coragem, criança. Eu já a esperava. Seu pai se juntará a nós quando chegar a hora.

— Então ele está bem? Como... Como você sabe?

— Você ainda precisa aprender muita coisa sobre os Nsray, Drue Beltane.

Confie em mim. Por enquanto, seu pai só precisa saber que você está a salvo. Venha, vamos tomar um chá para aquecer os ossos. Quero que me conte tudo sobre sua viagem até aqui.

Liliuk virou-se e entrou na capela Besserer, um local de oração e meditação que fora transformado em quartel-general. Drue ficou fascinada com o lugar.

— Venha, criança — disse Liliuk, com um aceno. — Não tenha medo.

— Não estou com medo — respondeu ela, apesar de não ter tanta certeza.

Capítulo 38

A capela Besserer, um poço de luz natural, não tinha muita coisa em seu interior de paredes ásperas de pedras talhadas além de uma grande mesa de carvalho, um banco feito com a mesma madeira e algumas cadeiras. A mesa estava coberta por mapas antigos; os pergaminhos e o papéis velinos desbotados continham nomes exóticos sobre os quais Drue nunca tinha ouvido falar: Antiga Vindelícia e Ilíria, Ásia Menor após o Tratado de Apameia de 188 a.C., Reino de Pérgamo e outros.

Liliuk sentou-se no banco de carvalho e fez um sinal para que Drue se sentasse à mesa com ela. Em seguida, um Experiente entrou na capela, trazendo uma bandeja com o chá. Liliuk afastou os papéis para abrir espaço, e o Experiente saiu sem dizer uma palavra.

Na bandeja, havia um bule de vidro com o chá quente, duas xícaras de vidro com alças de aço inox, fatias de limão em um pires e chocolate. Liliuk pegou o bule e, com um movimento hábil do pulso, fez com que as folhas e ervas girassem na água fervente.

Enquanto ela servia o chá, Drue passou os olhos pelas cenas dramáticas do Velho Testamento exibidas nos maravilhosos vitrais: a queda e a expulsão do jardim do Éden, a festa do sacrifício, o sacrifício de Isaac e... a arca de Noé à deriva sobre as águas do dilúvio. Uma pomba solitária fora pintada acima do barco, segurando um ramo verde em seu bico, enquanto Noé, com os cabelos cacheados e a barba branca dos Experientes, tinha os braços estendidos para a ave e as mãos postas em oração.

Liliuk notou o interesse de Drue enquanto servia o chá.

— Um símbolo de esperança e um mundo tomado pelo desespero.

— É verdade que ele era... que o filho dele... tinha o dom?

— Tenho certeza de que seu pai explicou que o dom não é uma mágica...

— Apenas uma maneira diferente de ver as coisas.

— Precisamente. O dom é simplesmente um caminho para os canais de energia que nos cercam.

— Mas isso não responde minha pergunta — insistiu Drue.

— Hum... — disse Liliuk. — E tem também a franqueza da mãe. Você não nega suas origens...

— É verdade?

Liliuk tomou um gole do chá.

— A verdade... é um conceito tão escorregadio quanto peixe fresco.

— Isso não me parece ser um “sim” — disse Drue, pegando um chocolate.

— Bem, a história de um grande dilúvio que inundou a Terra aparece de formas diferentes em muitas culturas diferentes, mas, como os acontecimentos transcorreram há muito tempo, é difícil dizer com absoluta certeza o que é fato, o que é ficção e o que é uma mistura inteligente de ambos. Podemos apenas ter certeza quanto à intenção da história contada através dos séculos, que mostra que guardiões foram escolhidos para sobreviver ao desastre e preparar um novo mundo. Assim como os Nsray foram escolhidos agora. É uma história que simboliza a esperança e que mostra o valor da verdadeira fé diante do desespero.

— Se você não tem certeza absoluta de que a história é verdadeira, como sabe que as montanhas do Ararat são realmente seguras?

— Porque os animalis acreditam que a história é verdadeira. E a crença é um instrumento muito poderoso.

Drue bebericou o chá, perdida em seus pensamentos. Liliuk estudou seu rosto.

— Você tem os olhos da sua mãe, sabia?

Drue abaixou a cabeça.

— Ela era muito especial. Sinto muito que sua morte tenha causado tanta dor.

— Vocês eram amigas?

— Não exatamente. Conheci seu pai antes de ele conhecer sua mãe.

Éramos muito... próximos.

O comentário despertou a curiosidade de Drue, mas ela não fez a pergunta que estava na ponta de sua língua.

— A verdade é que seu pai amava sua mãe mais do que a própria vida.

Quando eu a conheci... Bem, vamos dizer que *entendi*. A união entre eles era para ser. Você perguntou sobre a verdade... Está bem aí no seu coração, nos seus olhos, nos seus genes.

— Ela não tinha o dom.

— Não, não tinha o nosso dom. Ela tinha outro, mas igualmente poderoso. Tinha o dom da luz. Foi isso o que atraiu seu pai e foi por isso que ela partiu tão cedo. Tenho certeza.

Liliuk fez uma pausa antes de continuar: — Sei que a dor que sente não vai diminuir por saber essas coisas, Drue, pelo menos não por enquanto, mas, apesar de todo o amor que você e seu pai sentiam por ela, e do amor que ela sentia por vocês, a luz de sua mãe era necessária em outro lugar. Essa necessidade era ainda maior do que a sua. O espírito de sua mãe continua vivo e está envolvido em uma luta maior do que a nossa. Os mais puros e mais iluminados são chamados para guardar os portões de Shambhala.

— Shambhala?

— Os nomes são muitos e têm significados diferentes em culturas diferentes. Alguns chamam de paraíso, outros de *tian*, *loka*, *güzhigong*... O conflito dos portões akáshicos ainda é o mesmo.

— Portões? Como os portões do jardim do Éden?

— Não, não... É mais como um portal, uma passagem para outro mundo. Um mundo que existe paralelamente ao nosso mundo material. Os portões akáshicos são barreiras eletromagnéticas que separam esses mundos. Seu pai nunca lhe falou sobre a luz negra?

— Não — respondeu Drue.

— *Ex umbra in solem.*

— Das sombras para a luz.

— Muito bem — disse Liliuk, impressionada.

— Não sei nada em latim. Só conheço essa frase. Vi lá em casa...

— Ainda assim... — Liliuk examinou a expressão do rosto de Drue, sua linguagem corporal e sua aura. — Fale sobre seu sonho.

— Que sonho?

— Acho que você sabe, Drue. Sonhos recorrentes deixam uma aura. E quanto maior a frequência dos sonhos, mais forte é a aura.

— E como é uma aura?

— Você já desenhou o contorno da sua mão na escola? Para quem acredita, a aura parece esse contorno.

— Mas o sonho é apenas um sonho...

— Depende de quem está sonhando. Com o que você sonha?

— Água.

— Água?

— Profunda. Como um oceano. E estou nadando... Não, não exatamente nadando... Estou flutuando, mas flutuando para baixo, e não para cima. E não estou prendendo a respiração. Estou respirando normalmente. E tem os cristais, uma montanha de cristais... E uma luz, como uma bola de fogo, que se move em torno de mim...

— Move-se?

- Em círculos. Ao meu redor.
- Como uma espiral?
- Sim, como uma espiral. Como se fosse um redemoinho.
- Hum... E como você se sente?
- Não é assustador. Eu me sinto bem... em casa.
- E então?
- Normalmente para por aí.
- Normalmente?
- Hoje eu... Sei que parece esquisito, mas havia...
- Tartarugas?
- Sim! Tartarugas! Como você sabe? É por causa dessa coisa da aura? — Perguntou Drue, olhando em volta de si mesma à procura de algum sinal.
- Fale mais sobre as tartarugas. Elas estavam nadando? Que tipo de tartaruga elas eram?
- Eram... tartarugas. Eu não sei dizer.
- Marrons, verdes, grandes, pequenas?
- Marrom-avermelhado com uma pele meio amarelada.
- Tartarugas-cabeçadas.
- Bem, uma das tartarugas tinha um casco incrível. Como se tivesse sido pintado com uma tinta que brilha... Como essas estrelas que você cola no teto do quarto e que brilham no escuro. Eu tinha algumas no meu quarto...
- Qual era a cor da tartaruga?
- Eram várias cores.
- Vermelho, amarelo, anil?
- O que é anil?
- Roxo-azulado.
- Sim, todas essas cores. E também verde, roxo e laranja.
- Como você sabe?
- Essas são as cores dos chacras. Os centros de energia. Alguma dessas cores era mais forte, mais brilhante?

— Não sei... Talvez anil ou verde...
— O terceiro olho e o coração.
— Oi?
— O anil indica a área ligada à percepção, ao entendimento. O verde está ligado ao chacra do coração. Significa independência. Você tocou o casco?
— Sim... Isso é ruim?
— Não, não é ruim.
— Além das cores, havia alguns símbolos engraçados, letras. Não sei, como se fosse latim ou algo assim. Como na pintura dos anjos. Os olhos de Liliuk brilharam com mais intensidade.
— Você se lembra como eram? Poderia desenhar para mim?
— Não. — Drue balançou a cabeça. — Não vi tão bem assim. Pareciam mais rabiscos.

De dentro das dobras do vestido, Liliuk tirou um colar de cânhamo trançado. Na ponta, havia uma espécie de medalhão antigo revestido com um material rústico e resplandecente. Ela moveu o fecho oculto, fazendo o pingente abrir como uma ostra e deixando cair uma conchinha translúcida na palma de sua mão. Envolvida pelo vapor do chá, a concha brilhou.

— Rabiscos assim? — Perguntou Liliuk, exibindo a concha entre o indicador e o polegar.

Drue examinou a concha e viu os misteriosos símbolos. Finos e brancos como espinhas de peixe, as linhas, os pontos e as curvas pareciam estar gravados na concha.

— Não sei... Reparei mais nas cores. O que é isso?
— Um pedaço do casco de uma tartaruga-cabeçuda.
— Qual é o significado desses símbolos?
— A língua falada surgiu muito antes de sua forma escrita, por isso os primeiros alfabetos usavam símbolos.
— Como os desenhos das cavernas onde o homem-leão foi encontrado?

— Sim. E esses símbolos em particular são parecido com aramaico antigo. A língua falada na época de Noé.

— Deve ser muito importante. O que está escrito?

— Essa questão tem ocupado a mente de nossos maiores eruditos ao longo dos tempos, e, apesar da semelhança com o aramaico, simplesmente não conseguimos reconhecer alguns caracteres. Alguns dizem que foi escrito pela própria Mãe Natureza, uma mensagem entregue às criaturas dos oceanos... Afinal, elas não temiam o grande dilúvio e não precisavam de uma arca.

— Então é uma espécie de elo perdido de uma mensagem? Liliuk parecia decepcionada, perdida em seus pensamentos. Ela fechou a concha dentro da mão como um mágico, trancou o medalhão e guardou a corrente nas dobras do vestido.

— Da próxima vez que tiver esse sonho, procure memorizar os símbolos.

Você fará isso por mim?

— Vou tentar. Como sabia sobre as tartarugas no meu sonho?

— Foi só um palpite... Bem, na verdade, foi mais do que isso. A psicologia moderna surgiu a partir da interpretação de sonhos, e alguns elementos que você descreveu acabaram sendo associados a significados ou qualidades específicas. Por exemplo, a água é geralmente a fonte da vida. E, afinal de contas, somos constituídos na maior parte por água. Nadar significa mudança. O fogo depende do contexto. Pode representar transformação ou iluminação, mas também pode significar perigo, raiva, dor. A luz significa pureza e divindade. E a espiral... A espiral é o mais poderoso condutor de energia do universo. Você pode encontrá-la na concha de um minúsculo náutilo, nos tornados e até na galáxia que compõe o universo conhecido.

— E as tartarugas?

— As tartarugas significam que você está protegida, mas, por estarem nadando lentamente, e por você ter conseguido tocá-las,

indicam que, seja o que for que está para acontecer a você, bom ou ruim, acontecerá logo.

Drue desejou não ter perguntado.

— Os antigos acreditavam que os cascos das tartarugas eram uma janela para o futuro.

— Então todos estão sonhando com água e tartarugas e tudo o mais?

Quer dizer... Por que isso estaria acontecendo apenas comigo? Não sei nada sobre prever o futuro... e não quero saber.

— Já é tão difícil conviver com o passado... Você ainda sente muita falta da sua mãe, não é? É claro que sim. Sinto muito, você não precisa falar mais a respeito dessas coisas.

Drue não tinha intenção de falar sobre seus sentimentos mais íntimos com uma estranha, mas havia alguma coisa em Liliuk, talvez sua franqueza, que abriu as comportas.

— Sinto falta do meu pai e de Will-C, que é meu gato e meu melhor amigo. Sinto falta dele. E de ir para a escola. Dos meus colegas. Dos professores. Sinto falta do meu celular e do meu iPod. Não sei... Sinto falta de todas as coisas bobas como ir à cidade, mas sinto ainda mais falta da minha mãe, porque sei que ela nunca vai voltar.

Liliuk estendeu um braço e segurou a mão de Drue delicadamente.

— Às vezes, as coisas que somos obrigados a enfrentar são aquelas que fazem com que sejamos quem somos.

— Mas por quê? Por que coisas ruins têm de acontecer?

— Como você disse: *Ex umbra in solem*. Talvez precisemos das sombras para reconhecer a luz.

— Eu preferia que não.

— Talvez um dia, se mantivermos a fé, isso aconteça.

Drue começou a sentir-se desconfortável, vulnerável e estranha na presença de Liliuk.

— Tenho a impressão de que a fé faz tanto mal quanto bem ao mundo — disse ela, olhando para o teto. — Desculpe-me. Talvez eu não devesse ter dito uma coisa dessas em uma igreja.

Liliuk continuou segurando a mão de Drue, apesar de sua tentativa para soltar-se.

— Lembre-se de que a verdadeira fé não machuca ninguém, Drue. A interpretação que as pessoas fazem da fé para atender seus interesses, a intolerância, a sede de poder e de controle sobre os outros, sobre as nações, a brutalidade e a doutrinação são coisas completamente diferentes. Não tem nada a ver com a verdadeira fé. Quanto ao Criador, tenho certeza de que sua frustração é compreensível, mas, mesmo que você destruísse todos os vitrais, o altar, as paredes e os sinos e mesmo que reduzisse toda a igreja a pó, ainda assim lhe restaria a fé. A verdadeira fé. Ela não habita um lugar.

Você pode encontrá-la nas florestas e nas montanhas e nos rios que levam a água da chuva até o mar. E, acima de tudo, você irá encontrá-la em seu coração.

Drue afundou na cadeira, com o queixo encostado no peito. Apesar das palavras de conforto de Liliuk, ainda sentia dor pela perda de sua mãe.

Enquanto Liliuk arrumava as coisas na bandeja do chá, Drue tentou mudar de assunto.

— Esses mapas são de lugares reais? Nunca ouvi falar desses nomes.

— São lugares reais, mas de muito tempo atrás — respondeu Liliuk, fechando os mapas.

— Se os lugares não existem mais, o que está fazendo com os mapas?

— Percepção. O mundo muda, mas ao mesmo tempo continua igual. Os lugares continuam lá, apenas os nomes que mudaram.

— Eles vão nos ajudar a chegar nesse lugar seguro?

— As montanhas do Ararat? Espero que sim. Está vendo este papel em que os mapas foram desenhados? Já foi a pele de uma criatura viva, um bezerro talvez. Eu me pergunto se algum dia poderemos caminhar livremente entre eles. O que você acha?

— Não sei... E as crianças que estão na balsa?

— Se o destino delas estiver ligado ao nosso, talvez sejam poupadas.

— Mas não podemos ficar sentados aqui esperando para ver o que acontece. Precisamos ir até lá. Elas precisam da nossa ajuda.

— Por que não deixamos que o destino decida?

— Porque se tudo está interligado, se tudo é uma coisa só, como diz meu pai, se tudo é *energia*, o destino deve ser energia também... E por isso também somos o destino. Você entende? Então podemos decidir que o destino precisa ajudar.

Liliuk não escondeu seu espanto.

— Nossa! Você realmente tem uma mente instigante! Muito bem, Drue Beltane. Vou pedir que dois voluntários refaçam seu trajeto até o canal da Mancha para ver o que conseguem descobrir.

— Irei com eles.

— Não. Você precisa ficar conosco. Já fez a sua parte. Nossa luta com os animalis chegou a um ponto crítico, como você viu com o chacal. É muito perigoso. O resgate tem mais chances de ser bem-sucedido se enviarmos outros com mais...

— Com mais...

— Com mais experiência.

Liliuk remexeu nos mapas antigos.

— Este mapa mostra o canal da Mancha. Onde você encontrou a balsa?

Drue estudou o mapa e apontou para um lugar no oceano perto da costa francesa.

Como se tivesse sido convocado por telepatia, o Experiente que levara o chá entrou trazendo mais um bule.

- Agora deixe-nos a sós, Drue. Volte para os seus amigos.
- Não tenho amigos aqui.
- Pelo contrário. Aqui todos são seus amigos. Confie em mim.

Descanse.

Amanhã teremos uma longa jornada pela frente.

— Mas... E o meu pai? E Will-C?

— Se seu amigo felino é tão importante para você, tenho certeza de que seu pai tomou medidas para garantir seu bem-estar. Você encontrará com eles em Ararat.

Drue não pareceu inteiramente convencida.

— Bem... Se você não vai me ajudar, voltarei sozinha. Não pode me prender aqui contra a minha vontade. Prometi que conseguiria ajuda e que voltaria...

— Não há nada para o que voltar, criança! — Por uma fração de segundo, Liliuk perdeu a compostura. — Drue, sinto muito... Tentei proteger você, mas... Eu disse que dois emissários foram enviados para negociar com a Assembleia da Terra: um era August Beyer e... e, o outro, seu pai.

Drue ficou em silêncio.

— Não tivemos notícias dele. Não sabemos sequer... se ainda está vivo.

Drue levantou-se de repente, derrubando a cadeira, e saiu correndo da capela. Vários Experientes se aproximavam da entrada quando ela irrompeu pela porta e trombou com eles. Eles olharam para Liliuk. Ela acenou com a cabeça para que não a segurassem. Enquanto Drue desaparecia nas sombras da nave e os últimos raios de sol se afastavam lentamente dos vitrais, os Experientes se reuniram com Liliuk mais uma vez em torno dos mapas antigos.

Capítulo 39

Drue manteve-se afastada dos outros durante toda a noite e evitou qualquer contato até mesmo com Yaya. Além da tristeza, sentia-se traída por seu pai e por Liliuk. No fundo, sabia que ambos haviam tentado protegê-la, mas, ao fazerem isso, haviam tirado sua individualidade. Ela achava que já provara que não era mais uma inocente que precisava de proteção contra a dura realidade da vida.

Imbuída de uma sensação de injustiça e com o ego ferido, Drue ouviu o último discurso de Liliuk para a assembleia.

O êxodo em massa foi planejado nos mínimos detalhes. Os membros do clã foram divididos em grupos, e cada grupo fixou um horário para a partida, uma rota específica e uma forma animal como disfarce. Drue e dois outros retardatários formaram um grupo com Csaba, Yaya e Piera e viajariam como águias-marinhas.

A diversidade foi considerada fundamental para garantir que todos chegassem em segurança ao monte Ararat e as instruções foram repetidas até que cada um soubesse onde deveria estar e a que horas seu grupo sairia de Ulm.

Uma passagem secreta sob o coro, que levava ao sistema de esgoto da cidade e a um túnel que dava nas margens do Danúbio, na altura da Fischerplaetzle, seria usada para não chamar atenção para a igreja durante a evacuação.

Somente nas primeiras horas da manhã seguinte o aparentemente infalível plano de evacuação sofreria um golpe desconcertante.



Quando parecia que tudo estava resolvido, Drue transformou-se em rato e desceu até as catacumbas.

O chacal estava preso em uma despensa úmida ao lado do túnel. Dois guardas Nsray dormiam em suas formas humanas, mas o terceiro assumira a forma de coruja e estava empoleirado em cima de um barril diante da cela.

Pelo menos parecia uma coruja quando Drue chegou pela passagem subterrânea e o viu pela primeira vez.

Para sua sorte, ele estava tão entretido com todas as suas possibilidades de transformação, checando a rapidez com que podia se transmutar em outras formas de aves, que Drue conseguiu entrar na cela sem que ele percebesse.

Assim que entrou, ela assumiu a forma de falcão. Foi preciso algum tempo para localizar o chacal no escuro, mas, como conseguia bater as asas e manter-se quase parada na altura do teto, sentiu-se segura.

— Quem está aí? — Grunhiu o chacal.

— Fale baixo — disse ela.

— Ah! Aí está você! — Disse o chacal com sua voz áspera. — Por que devo falar baixo?

— Porque eu não deveria estar aqui.

— E por que veio?

— Tenho uma pergunta.

— Eu já disse aos Experientes...

— O outro metamorfo. O outro metamorfo que levou a mensagem para a Assembleia da Terra. Ele está... Quando você...

— Ah! Percebo certa apreensão... Vocês são tão fracos. Se tivessem fibra, já teriam tirado minha vida. Uma vida por outra. Isso

sim seria digno de respeito!

O chacal transformou-se em August Beyer e depois voltou à forma de fera.

— Não entendo por que esperamos tanto para tomar a Terra.

— Isso não responde minha pergunta.

— Por que eu diria qualquer coisa a você?

— Se me ajudar, talvez eu possa ajudá-lo.

— Estou ouvindo.

— Primeiro, preciso saber se meu... se o outro metamorfo ainda está vivo.

— Por que é tão importante para você?

— Ele está vivo?

— Uma ligação sanguínea talvez.

— Ele está vivo?

— Se eu contar o que sei, vai me ajudar?

— Ele está vivo?

Silêncio.

— Sim, o Nsray chamado Quinn está vivo — disse o chacal. Por um instante, Drue perdeu o equilíbrio, mas logo se recuperou.

— Tem certeza?

— Foi feito prisioneiro. O Conselho de Guerra sabe que um Nsray é valioso. Temos muito a aprender com os metamorfos.

O chacal pôs-se a mudar de forma, passando de homem para besta, para homem e para besta novamente.

— Por favor, pare...

— Então... Eu ajudei, como vai me ajudar?

— Onde ele está preso?

— Em um lugar de onde não poderá fugir.

— Onde?

— Na caverna de Chal-Nakhjir, em Markazi, no Irã. Contudo, a vigilância é muito forte. Você jamais conseguirá encontrá-lo sem minha ajuda.

— Pode me levar até ele?

Por um instante, o chacal ficou em silêncio.

— Você é apenas um filhote — disse ele, por fim. — Os Experientes jamais permitiriam.

Drue continuou a bater as asas como falcão por alguns segundos. Depois, desceu até a porta e transformou-se em rato.

Quando ela passou por baixo da porta, o terceiro guarda também dormia.

Ela assumiu sua forma humana e observou os guardas por alguns instantes.

Então virou a chave da cela com todo o cuidado até ouvir um clique.

Drue transformou-se imediatamente em rato. Um dos guardas se mexeu e olhou para a porta. Sem notar qualquer anormalidade, voltou a dormir.

Após esperar um pouco, Drue reassumiu sua forma humana para abrir a maçaneta da porta. O chacal deu um salto e correu pelo túnel. Drue transformou-se em um border collie e foi atrás dele.

Logo em seguida, um grande estrondo reverberou pelas paredes do túnel.

O barulho vinha de cima. Drue parou ao ouvir um segundo estrondo. O impacto foi tão forte que soltou parte da argamassa das paredes de tijolos.

Ela olhou para trás, na direção da cela, e ouviu um grito. Teriam descoberto a fuga do chacal? Tão depressa?

Nessa fração de segundo em que se distraiu, o chacal desapareceu nas sombras.

O túnel bifurcava mais à frente. Que direção seguir? Se adotasse a forma de andorinhão, conseguiria alcançar o chacal, mas, com o terceiro estrondo, ela reassumiu a forma humana. Drue ouviu gritos e deu-se conta de que não fora a fuga do chacal o que perturbara o sono dos Nsray. A igreja estava sendo atacada!

Capítulo 40

Drue chegou à nave central a tempo de ver as portas cederem com um estrondo ainda maior. Três rinocerontes brancos avançaram contra os Nsray, que debandaram em pânico. Liliuk tentou organizar a defesa rapidamente.

— Aos seus postos! — Gritou ela.

Suas palavras se perderam em meio à confusão e ao barulho ensurdecedor, com centenas de Nsray transformando-se em predadores capazes de se defender da invasão assassina das feras que entraram uivando e rugindo pelas portas arrombadas.

Leões se atracaram com ursos-pardos. Elefantes com rinocerontes. Lobos com tigres. Um frenesi de presas e garras derramava sangue pelo piso.

Obrigada a entrar no túnel de fuga por ordem de um Experiente, Drue viu-se no meio de vários jovens apavorados sendo levados por uma passagem úmida e escura.

O som de centenas de pés batendo nas poças de água lamacenta ecoava nas paredes do túnel. Aqui e ali, pequenas passagens saíam do corredor principal e seguiam para o sistema de esgoto.

Uma jovem à frente do grupo tropeçou e caiu. Csaba ajudou-a a se levantar. Quanto mais se aproximavam do rio, mais forte ficava o barulho da água corrente.

— Ouçam! É o rio!

— Quietos! Os animais podem ouvir.

Drue viu um raio de luz mais à frente. O túnel fez uma curva e terminou em uma escotilha com uma grade enferrujada. Além da

escotilha estava o rio Danúbio, correndo rapidamente por um canal formado por casas de pedra.

Com a ajuda de um garoto, Yaya abriu a escotilha. Csaba transformou-se em uma águia-marinha para segurar, com suas asas, o impulso dos jovens que vinham atrás. Muitos estavam apavorados, com os olhos arregalados, mas seguiram seu exemplo e transformaram-se de acordo com as instruções que haviam recebido. Como Drue viajaria com Csaba, também adotou a forma de águia-marinha.

— Muito bem, todos conhecem o plano! Lembrem-se do que Liliuk disse e ficaremos todos bem. Boa sorte a todos. Nós nos encontraremos em Ararat.

Ao abaixar-se para lavar a mão suja de ferrugem na água do rio, Yaya avistou o perigo. Como era o único que ainda mantinha a forma humana, não adiantava gritar, então se transformou em águia-marinha para avisar aos outros.

Foi tarde demais. Um imenso crocodilo saltou da água, pegou Yaya no ar e prendeu-o com sua mandíbula antes de voltar a cair no rio.

— Não! — Gritou Csaba.

Movidos pelo medo, os jovens voltaram para o túnel e começaram a entrar em pânico. Alguns assumiram a forma de andorinhões e saíram voando pela abertura, mas o monstruoso crocodilo pulou novamente, agarrando-os no ar com suas poderosas mandíbulas.

Quando ele caiu na água, Csaba gritou: — Agora!

Um bando de pássaros saiu do túnel e ganhou o céu.

— Esperem! — Gritou Drue, abrindo as asas de águia-marinha para bloquear a passagem.

Seu instinto mostrou-se certo, pois o crocodilo saltou do rio novamente e, dessa vez, conseguiu alcançar a boca do túnel, bloqueando-o com suas terríveis mandíbulas.

Alguns começaram a recuar pelo túnel enquanto outros seguiram por túneis menores e encontraram um exército de ratos.

— Estamos encurralados! — Gritou Drue.

— Não. Venham por aqui! — chamou Csaba, transformando-se em crocodilo e atirando-se contra o outro.

— Csaba! — Gritou Piera.

Com um choque terrível de mandíbulas mortais, os dois crocodilos caíram no rio.

Os Nsray voltaram para a saída e levantaram voo, deixando para trás as duas águias-marinhas que voavam em círculos sobre a água. Unidos em um combate mortal, os crocodilos se contorciam, mordiam e chutavam tanto que era impossível acompanhar a luta do alto.

Ao saírem pela escotilha, os ratos começaram a pedir reforços aéreos para derrubar as águias-marinhas.

— Onde estão os outros? — Drue perguntou.

— Não sei! — Gritou Piera.

— Precisamos encontrá-los!

— Não temos tempo!

Drue percebeu que Piera estava certa. Tinham pouco tempo para sair dali em segurança. Piera bateu as asas e elevou-se um pouco no ar, mas Drue continuou sobrevoando o rio, com a esperança de que Csaba conseguisse emergir a qualquer momento. Porém, quando viu a água tingida de vermelho, perdeu as esperanças.

Fugir ou lutar? Apesar de os ratos continuarem a reunir reforços, Drue tomou uma decisão repentina e mergulhou na água escura. Dentro da água, deixou-se levar pela correnteza fria até avistar um crocodilo. O animal flutuava desacordado, preso a uma corrente enferrujada, e com a garganta cortada, mas quem era? E onde estava o outro?

Mal registrara esse pensamento, o outro crocodilo reapareceu. Drue rompeu a superfície da água como uma bala, com o crocodilo

em seu encalço, cortando o ar com o focinho mortal... Então, a criatura transformou-se em águia-marinha.

— Csaba!

— Vamos! — Gritou Csaba.

Com inúmeros ratos saindo pela escotilha como vermes em uma carcaça putrefata e a batalha alastrando-se pela praça coberta de neve, diante da igreja, as três águias-marinhas sobrevoaram os telhados dos armazéns e seguiram para leste tão rápido quanto podiam voar.

Capítulo 41

Foram necessários muitos quilômetros de voo incansável para conseguirem estabelecer uma distância segura em relação ao campo de batalha em Ulm e, então, diminuírem o ritmo. Se tinham sido seguidos por um destacamento aéreo, agora estavam livres. Piera, que acabara ficando mais para trás, aproveitou para pousar e recuperar o fôlego. Drue e Csaba se aproximaram, mas, apesar de Csaba ter pousado no galho de um dos abetos, Drue continuou voando em círculos.

— Acho que ainda não é seguro parar — alertou ela aos outros.

— Só parei porque você estava desviando do curso — reclamou Piera.

— O quê? Não. Estamos seguindo para o sul-sudeste, certo?

— Você está indo muito para leste.

Abaixo deles, uma estrada esburacada de duas pistas serpenteava a paisagem. Havia uma placa em um entroncamento.

— Que língua é essa? — Piera perguntou.

— Alemão? — Sugeriu Drue.

— Está vendo como você não sabe nada? Passamos pela Áustria e pela Croácia... Estamos na Eslováquia, não?

— Foi isso que eu quis dizer... Eslovaco.

— Há, há! Sudeste é a Bósnia, e não a Eslováquia.

— E daí?

— E daí que você está desviando da rota, o que significa muitos quilômetros a mais e a perda de um tempo valioso.

— Então, em vez de vir atrás, assumo a liderança e mostre o caminho — disse Drue, irritada com Piera.

— Só fiquei para trás para ver se os outros apareciam.

— Muito bem pensado — disse Csaba, timidamente.

— Até parece! Ela está inventando uma desculpa — provocou Drue.

— Se pensar nos outros, em vez de pensar em mim mesma, for um crime, eu assumo a culpa.

— Tenho certeza de que Drue não falou por mal, Piera. Creio que ela não te compreendeu bem — interveio Csaba.

— Não compreendi bem! — Exclamou Drue, com um tom contrariado.

— Viu? — Disse Csaba, acalmando Piera.

Antes que Drue pudesse retrucar, eles ouviram um grito lancinante.

A voz era humana e o grito era de terror.

Drue foi a primeira a reagir e decidiu verificar.

Um pouco além da fileira de abetos, havia uma encosta que sofrera um extenso desmatamento. Grandes partes do que antes era uma floresta compunham agora um cemitério com tocos de árvores e veículos abandonados; um dos veículos ainda estava carregado com grandes troncos empilhados, presos por correntes.

Drue examinou o terreno, procurando sinais de vida. Ela ampliou sua busca, deixando-se levar pelo vento. Uma estrada esburacada passava ao lado da floresta arrasada e, um pouco além, em um vale, havia uma aldeia com um moinho e algumas casinhas junto a um córrego. Drue aproximou-se da aldeia.

Um grande bando de lobos cinzentos patrulhava as ruas estreitas, fazendo uma busca em todas as casas. Como não encontraram nenhum morto, e depois tudo ficou em silêncio, Drue deduziu que o grito era de alguém que estava escondido.

Csaba e Piera aproximaram-se e voaram em círculos.

— O que está acontecendo? — Perguntou Csaba.
— Lobos. Estão fazendo uma busca. Alguém deve estar escondido ali.
— Nsray? — Perguntou Piera.
— Pode ser, mas o grito não era de um animal. Por que se arriscariam desse jeito?
— Se não são Nsray, não têm chance — disse Csaba.
— A menos que tentemos distrair os lobos — sugeriu Drue.
— Isso é loucura! — Criticou Piera — Como você pensa em distrair os lobos? — Perguntou Csaba.
— Podemos tentar afastá-los... Não sei.
— E se nos juntássemos ao bando?
— Eles nos matariam. É muito perigoso — disse Piera.
— Piera tem razão. Não podemos esquecer as três regras.
— Quais? — Perguntou Csaba.
— Animais que vivem em bando. Meu pai disse que é muito perigoso assumir a forma desses animais. Você pode se perder...

Porém, Csaba já não estava ouvindo. Ele desceu até a aldeia, pousou no jardim de uma casa e transformou-se em um lobo-cinzento.

Drue e Piera viram três lobos virarem a esquina, passarem pelo portão aberto e aproximarem-se de Csaba, que havia acabado de pular o muro da casa. Tomando-o por um companheiro, eles se dividiram e começaram a vasculhar as dependências da propriedade.

— Você fica aqui e vigia — disse Drue para Piera.
— Espera! — Exclamou ela, sendo deixada para trás.

Seguindo o trajeto feito por Csaba, Drue pousou na pequena aldeia bósnia e transformou-se em lobo. Não viu Csaba nem os outros lobos, apesar de sentir o cheiro deles no ar. No entanto, não conseguia diferenciar o cheiro de Csaba, o que era um bom sinal, pois indicava que eles também não conseguiriam distinguir o seu

cheiro. A aldeia parecia maior, com suas ruas estreitas que se cruzavam de maneira aleatória, o que dificultava qualquer busca. Drue pulou pela janela aberta de uma casa e, ao entrar numa cozinha, deu de cara com um lobo que tinha o dobro do seu tamanho. Com as orelhas em pé, a cauda curvada e os dentes arreganhados, a postura do animal metia medo em qualquer oponente ou membro em posição inferior no bando; felizmente, foi isso o que aconteceu com Drue. Ela baixou as orelhas, enfiou a cauda entre as pernas e evitou o contato direto dos olhos. A fêmea alfa percebeu imediatamente que Drue não representava perigo e relaxou.

— Algum sinal dos filhotes humanos?

— Não, nenhum — respondeu Drue com uma voz fraca.

— Bem... Eles não podem ter ido muito longe.

Outro lobo desceu a escada e parou junto à porta da cozinha.

— E então? Encontrou alguma coisa? — Perguntou a fêmea alfa, sem tirar os olhos de Drue.

— Nada.

— Continue a busca. Eles estão por aqui.

Quando o lobo saiu, a fêmea alfa ergueu o focinho na direção de Drue.

Sem erguer os olhos, mas sentindo o perigo, Drue começou a procurar uma saída, caso ela percebesse algo diferente em seu cheiro, e notou uma prateleira com condimentos na bancada junto à janela.

— Acho que não a conheço.

— Eu... Você ouviu isso? — Sem esperar para ouvir a resposta, Drue pulou para a pia e derrubou vidros de óleo e vinagre, fingindo que tinha sido um acidente. O cheiro dos condimentos irritou as narinas da fêmea, que deu um passo atrás.

— Tome cuidado, sua idiota!

— Desculpe-me. Pensei ter ouvido um grito.

Nesse momento, o uivo de um lobo reverberou pelo vilarejo. Para o alívio de Drue, a loba perdeu o interesse por ela e pulou pela janela que Drue usara para entrar.

Drue foi atrás dela, atravessando o quintal, mas, antes de chegar ao portão, topou com outro lobo. Ela se preparou, esperando mais dificuldades, mas suspirou aliviada ao ouvir o lobo chamá-la pelo nome.

— Drue?

— Csaba?

— Sim, sou eu.

— Você quase me matou de susto!

— Você precisa ter cuidado. Eles estão em toda parte.

— Eu sei.

— Você ouviu o uivo?

— O líder. Ele estava avisando aos outros. Sentiu o cheiro de humanos.

— Será que chegamos tarde?

— Não sei.

— Onde ele está?

— Do outro lado da rua. Venha.

Eles seguiram lentamente, protegidos pela cerca viva da propriedade. A algumas centenas de metros, a matilha de lobos estava reunida em um cruzamento, diante de uma casa de pedra de dois andares. Os líderes — um macho alfa e a fêmea que confrontara Drue — estavam no centro de uma matilha de 20 lobos.

A fêmea alfa afastou-se do grupo e foi até a frente da casa, com o focinho rente ao chão, os olhos arregalados e as orelhas eretas.

— Eles estão perto — disse Csaba.

— Como você sabe? — Inquiriu Drue.

— Eu já vi lobos caçando nas montanhas da Hungria. Agem assim quando se aproximam da presa.

— Então precisamos fazer alguma coisa. Vou afastá-los daqui. Você dá uma olhada na casa.

— O quê?! — Exclamou Csaba.

Dizendo isso, Drue reassumiu sua forma humana e correu até um ponto onde poderia ser avistada pelos lobos. Então, fingiu assustar-se, gritou e correu na direção oposta. Os lobos iniciaram imediatamente sua perseguição assassina.

Drue pulou uma cerca, passou por baixo das roupas penduradas em um varal e disparou por uma rua estreita. Estava determinada a manter sua forma humana pelo maior tempo possível, para continuar como alvo visível para os lobos. Não que a transformação pudesse encobrir seu cheiro; agora que a haviam identificado, eles seriam capazes de encontrá-la qualquer que fosse sua forma.

Quando sentiu que os lobos estavam muito próximos, correu na direção da floresta. Assim que teve certeza de que estaria protegida pela vegetação, transformou-se em pardal e voou até o alto das árvores.

Exausta e ofegante, viu os lobos se embrenharem na floresta à procura de sua presa. Sabendo que cada segundo contaria, e movida pela adrenalina, decidiu voltar ao lugar onde havia deixado Csaba.

Ainda na forma de lobo, ele entrara na casa e estava revistando um quarto. As paredes estavam cobertas de desenhos alegres e coloridos de camundongos, coelhos, rostos felizes e, sobre a cômoda, havia uma gaiola com a portinhola aberta. O cenário de uma infância feliz tocou o coração de Drue, ainda que estivesse ansiosa por notícias.

— Eles vão voltar logo. Precisamos ser rápidos — disse ela. — Conseguiu encontrar alguém?

Csaba olhou para ela com um olhar frio, a cabeça baixa e as orelhas em pé, a mesma postura adotada pela fêmea alfa. Drue soube que aquilo só podia ser sinal de problema.

— Csaba, sou eu! Drue! — Disse ela, reassumindo sua forma humana.

Csaba arreganhou a boca, exibindo as presas. Seus olhos brilharam.

— Csaba! Calma! Você...

Era tarde demais. Enfeitiçado por uma força irresistível que fundira seu espírito ao espírito do bando, Csaba partiu para cima de Drue, rosnando furiosamente.

Se não tivesse os reflexos rápidos dos Nsray, seria seu fim. Drue transformou-se em pardal num piscar de olhos, e Csaba bateu contra a parede com toda a sua força. Vendo que ele não estava gravemente ferido, ela saiu do quarto, reassumiu sua forma humana e fechou a porta. O barulho de Csaba jogando-se contra a porta do lado de dentro era assustador.

— Csaba! Por favor!

A porta estremeceu novamente, mas, lembrando da missão que a levava até ali, Drue concentrou-se em encontrar humanos.

— Olá! Tem alguém aí?

Passando de um quarto para outro, Drue chamou várias vezes. Pela janela, viu dois lobos refazendo seus passos na rua. Dentro da casa, Csaba continuava lutando contra a porta. Seu tempo se esgotava.

— Olá! Olá!

Drue avaliou a situação. O bando de lobos identificara a casa, mas Csaba, apesar de todo o tempo que tivera para fazer uma busca, não encontrara ninguém. Se não tinha conseguido nem com os sentidos apurados de lobo, como poderia haver alguém ali?

A menos que...

Drue correu até a sala, um cômodo com pouca mobília, sem móveis ou objetos que chamassem a atenção. Exceto a lareira. Drue se ajoelhou no chão e começou a bater na parede ao lado da lareira, procurando um ponto oco.

Tap, tap, tap... Clack. A mudança no som indicava que havia uma cavidade na parede de pedra. E, para Drue, isso significava que ali havia uma câmara secreta.

Ela bateu com mais força e encostou o ouvido na parede.

— Abra! Rápido! Está tudo bem! Pode abrir. Por favor, responda! O som do trinco não poderia ter sido mais doce. Quando o painel foi aberto, ela viu duas crianças magricelas e descalças, um menino e uma menina, com seis ou sete anos de idade, abraçados no pequeno espaço. Tinham o rosto sujo e as roupas rasgadas, mas pareciam estar bem. Drue estendeu-lhes a mão.

— Venham! Depressa!

As crianças hesitaram. Não entendiam sua língua. A menina olhou para o irmão, que olhou para alguma coisa escondida em sua camiseta. Ele disse algo em bósnio para o hamster branco e preto que estava em seu colo e falou mais alguma coisa para a irmã. Drue não entendeu nada, mas ficou feliz quando ambos estenderam as mãos para ela.

Um uivo terrível ecoou pela casa. Csaba estava pedindo ajuda ao bando.

As crianças se agarraram às pernas de Drue. O que fazer? A maneira mais segura para escapar dali seria como ave. Porém, mesmo que se transformasse em uma águia ou um condor, jamais conseguiria carregar as duas crianças.

Enquanto um bando de lobos corria em direção à casa, Drue segurou as mãos das crianças, entrelaçando seus dedos.

— Segurem com força e não soltem! — Disse ela. — Estão ouvindo? Não soltem de jeito nenhum!

Mesmo sem saber se haviam entendido, Drue levou as crianças pela porta dos fundos, que dava para um pátio sujo, delimitado por cercas altas e um estábulo.

Sem saber o que fazer ou para que lado ir, Drue ouviu a voz de seu pai: — *Mantenha-se fiel ao seu dom. . Siga o seu coração. . Tenha fé.*

Fé! Para que serve ter fé agora?

Drue suplicou em silêncio por uma resposta. Inspiração. Ajuda.

Então, quando tudo parecia acontecer em câmara lenta, o vento soprou entre os fugitivos e levantou um pouco do feno que estava no chão. Drue bateu os olhos numa sela gasta pendurada na porta caída do estábulo.

É claro!

Agachando-se, ela colocou a menina em suas costas e fez com que ela segurasse uma mecha do seu cabelo. O menino arregalou os olhos, apavorado, enquanto o hamster andava de um lado para outro em seus ombros.

— Agora você! Rápido!

A menina não precisou entender a língua para perceber a intenção de Drue e, com a outra mão, encorajou o irmão a fazer o mesmo. Ele também subiu em suas costas e agarrou uma mecha de cabelo.

Os vidros de uma das janelas da casa se estilhaçaram quando Csaba se jogou contra ela para alcançar suas presas. As crianças gritaram e esconderam o rosto no cabelo de Drue, que se transformou imediatamente em um poderoso cavalo árabe. Apesar de apavoradas, as crianças seguraram a crina com força, enquanto Drue se apoiava nas pernas traseiras e afastava Csaba com as patas dianteiras.

Outro lobo atacou por trás, mas Drue livrou-se dele com um coice.

Depois, correu, saltou sobre a cerca como um campeão e fugiu em galope.

Os lobos foram atrás dela.

De repente, uma águia-marinha surgiu à sua frente.

— Piera! — Exclamou Drue.

— Vá para a colina — disse Piera. — Vá para a mata no alto da colina!

Drue virou para a esquerda para sair do vilarejo e seguiu em direção à colina, com os lobos em seus calcanhares. Devido à inclinação do terreno, eles se aproximavam rapidamente. Será que Piera a mandara para uma armadilha?

Piera bateu as asas e afastou-se na direção do caminho abandonado e carregado de toras de madeira. Quando ela reassumiu sua forma humana, Drue entendeu o plano de sua companheira e esforçou-se para ganhar mais velocidade.

— Piera, espere! Csaba está... — gritou Drue, mas seu aviso sequer foi ouvido.

Piera soltou as correntes que prendiam os troncos de árvores e deixou que a gravidade fizesse seu trabalho.

Os troncos vieram cedo demais, obrigando Drue a pular o primeiro tronco para livrar-se do perigo, mas os líderes da alcateia não tiveram tanta sorte.

Pegos de surpresa, não conseguiram evitar os imensos troncos que rolavam colina abaixo, destruindo tudo o que encontravam. Alguns retardatários conseguiram desviar e fugiram, espalhando-se pela floresta.

No alto da colina, Drue parou para recuperar o fôlego. Sentiu as mãos das crianças agarradas à sua crina, o que a fez respirar aliviada. Por enquanto, estavam seguras. Piera transformou-se em águia-marinha novamente e aproximou-se de Drue.

— Onde está Csaba?

— Com os lobos. Você não tinha como saber.

Percebendo as consequências do que havia feito, Piera voou em círculos sobre os lobos caídos na encosta da colina. Três, quatro, cinco vítimas caídas entre os troncos de árvores, mas Csaba não estava ali.

— As crianças não têm nenhuma chance por aqui. Preciso levá-las para um lugar seguro.

— Para Ararat?

Drue fez que sim com a cabeça.

— Mas ainda estamos a centenas de quilômetros da fronteira turca...

— Preciso tentar. É a única esperança para eles.

— E Csaba?

— Eu... não sei.

— Vou ficar. Tentarei encontrá-lo. Ele não estará seguro por muito tempo.

— Eu gostaria de poder ajudar.

— Sei que você tentou avisar... Desculpe-me...

— Por quê? Você nos salvou!

— Por tudo o que eu disse antes. Acho que eu estava... Sei lá, com ciúmes.

Ciúmes? Dela? Por causa da atenção de Csaba?, pensou Drue. Essas eram novas sensações, emoções complexas com as quais não estava familiarizada.

Estranhamente, ao pensar na relação de Piera e Csaba, lembrou-se do garoto da balsa.

Qual era mesmo o nome dele? Adan. Adan López de Haro.

Drue afastou esse pensamento. Não havia espaço para distrações naquele momento. Nenhum espaço para erros.

— Sei que você encontrará Csaba — disse Drue para Piera.

— Não se preocupe. A preocupação lança uma grande sombra sobre as coisas pequenas.

— O quê?

— Nada. É só uma coisa que um amigo me disse.

Drue virou-se e viu alguns lobos ao pé da colina, voltando a explorar o terreno com cuidado. Em pouco tempo, recobririam a coragem e voltariam a atacar.

— Sul-sudeste — disse Drue, acenando com a cabeça equina.

— Sul-sudeste — repetiu Piera, reconhecendo que Drue estava certa.

— Você terá de atravessar a Sérvia e a Bulgária. Se conseguir, siga para Istambul.

— Como saberei que cheguei ao lugar certo? Quer dizer, em Istambul?

— O berço das grandes civilizações? Símbolo do Império Otomano?

Capital do Império Romano do Oriente? — Perguntou Piera, incrédula.

— Basta me dizer como vou saber que cheguei — disse Drue, envergonhada por não ter o conhecimento enciclopédico de Piera.

— Quando o solo embaixo dos seus pés se tornar vermelho. Chegar será a parte fácil. Depois, você terá de cruzar o estreito de Bósforo. São águas rápidas e perigosas.

— Não existe uma ponte?

— Claro. Se ainda estiver de pé.

— E por que não estaria?

— Por causa de terremotos, por exemplo...

— E como você sabe tudo isso?

— Meu pai. Ele é... Ele *era* geólogo.

Pai, pensou Drue. O chacal. Como pude ser tão idiota?

Então, ela se deu conta de que o chacal poderia apresentar seu relatório à Assembleia da Terra e identificar Liliuk como líder dos Nsray. Graças a ela, seu pai e os Nsray corriam perigo ainda maior.

— Drue? Você está bem?

Drue ergueu as patas dianteiras para alertar as crianças, que se agarraram com mais força à sua crina, e partiu.

— Nos encontramos em Ararat!

Parte IV



Mar Negro

Capítulo 42

Gallinago, Yoshi e Will-C se reuniram no celeiro da fazenda Callow enquanto Lennox, sua turma e os resignados mantinham a vigilância. As forças de Mustela não haviam avançado além da cerca, embora ninguém entendesse o motivo.

— Como o pai de Drue foi embora, não tenho mais razão para ficar — disse Will-C. — Vou atrás dela.

— Os outros resignados precisam de você — disse Yoshi.

— Eles têm Lennox. Agora que estamos em guerra, ele tem mais condições de liderar do que eu.

— Você nem sabe o paradeiro de Drue. Como vai encontrá-la?

— Não sei, mas tenho de tentar. Preciso fazer alguma coisa.

— Ela pode estar em qualquer lugar do mundo! — Disse Yoshi.

— Então vou correr o mundo todo!

— Isso é impossível. Diga a ele, Gallinago. Ponha um pouco de juízo na cabeça dele.

— Tem uma coisa...

— O quê?

— As notícias correm rápido... Ouvi falar sobre um ponto de encontro. Um lugar que os metamorfos consideram sagrado.

— Onde?

— Pode não ser nada... — disse Gallinago.

— Nada é tudo o que tenho para seguir em frente. Onde é esse ponto de encontro?

— No lugar onde surgiu o povo Nsray...

— Gallinago! — Exclamou Will-C.

— Na terra do homem-leão.
— Homem-leão?
— Isso mesmo.
— E onde fica isso?
— Posso tentar descobrir.
— E o que estamos esperando?
— É longe. Uma viagem árdua de muitos dias. Teríamos de cruzar o grande mar.
— O mar... — disse Will-C, desanimado ao imaginar toda aquela água.
— Os humanos atravessam o mar sem se molhar. Eles construíram uma toca. Tenho um amigo... — começou a tagarelar Yoshi.
— Você vai comigo? — Perguntou Will-C a Gallinago.
— Devo minha vida a Quinn Beltane.
— Ótimo!
— Eu também vou — disse Yoshi.
— Você estará mais seguro aqui.
— Eu sei onde fica a toca que os humanos construíram.
— Vocês estão esquecendo uma coisa... — disse Gallinago.
— O quê? — Perguntou Will-C.
— O exército de Mustela. Eles não vão nos deixar passar.
— Precisamos distraí-los com alguma coisa. Afastá-los daqui...
— Como?
— Não sei, mas Lennox deve saber.
Os três se olharam e, então, decidiram falar com o felino das ruas.

Capítulo 43

Terminada a batalha de Ulm, animalis e Nsray contabilizavam pesadas perdas. A praça principal da cidade expunha o resultado: corpos, árvores caídas, vidros estilhaçados e neve manchada de sangue.

Os anciãos locais, chefiados pelo procônsul distrital Ibex, um imponente macho de cabra-montês com grandes chifres retorcidos, e alguns assistentes abriam caminho através dos escombros e combatentes mortos, passando pelos guardas enquanto avaliavam a extensão das perdas.

— Nem um Nsray capturado com vida? — Perguntou Ibex.

— Nenhum — disse um assistente.

O procônsul parou para observar o corpo de um leão africano que caíra na nave da igreja.

— E o chacal?

— Desapareceu.

O procônsul olhou para o afresco no teto e viu o anjo, o touro, a águia e o leão.

— Bom, mas já sabemos que eles tentarão chegar à terra de Jafé — disse um alce ancião.

— Boa sorte para eles — disse Ibex. — Já não é preocupação minha.

— O que o faz pensar assim?

A voz viera de cima. Uma sombra irregular passou por cima do grupo de anciãos com a entrada de quatro abutres na igreja. Eles

voaram em círculos sobre os Nsray e os animalis caídos sem vida espalhados pelos bancos.

— Percebo um tom de simpatia pelos Nsray, procônsul? — perguntou o abutre, que se chamava Hshukha, pousando no encosto de um banco e esticando o pescoço sem penas.

Incomodado pelo tom do abutre, Ibex rebateu: — Este é um encontro privado do conselho. Com que autoridade...?

— Meus irmãos e eu viemos direto do santuário da Assembleia da Terra.

Os guardiões não estão satisfeitos com sua liderança e como você lidou com a invasão da igreja, deixando muitos metamorfos escaparem. É nosso dever garantir que isso não se repita. Todos os animalis devem se juntar à ofensiva para empurrá-los para o sul e evitar qualquer recuo.

— Temos muito trabalho a fazer por aqui. Com o afluxo de refugiados de zoológicos e das fazendas vizinhas, a situação local já está sob grande tensão. Existe o perigo de que todo o sistema desabe se...

— Todos os animalis! É uma ordem direta. Nossas legiões estarão à espera dos Nsray na Cidade das Sete Colinas. Lá, eles darão seu último suspiro. Nenhum deve cruzar o Bósforo. Nenhum colocará os pés na terra de Jafé — disse Hshukha.

Os anciãos trocaram olhares de preocupação.

— Agora, vão. Divulguem a ordem. Preparem suas forças. Não há nada a ser feito aqui — disse o abutre, abrindo as asas novamente.

Enquanto as aves se afastavam e os anciãos e seus assistentes voltavam para a praça, um esquilo vermelho, parte do grupo dos anciãos, afastou-se discretamente e fez o caminho contrário.

Passando rapidamente entre os bancos da igreja, o esquilo aproximou-se de um Nsray caído. Uma linda mulher negra com dreadlocks grisalhos: Liliuk.

O esquilo olhou ao redor para ter certeza de que estava sozinho antes de levantar uma dobra das vestes de Liliuk e pegar o colar de cânhamo trançado que ficava preso ao seu pescoço. Cortando o cordão com seus incisivos, o esquilo pegou o pingente, pulou em um banco e transformou-se em corvo.

Depois, voou até um vitral destruído, levando o tesouro bem preso em suas garras.

Havia uma grande movimentação do lado de fora, fazendo o chão tremer com a evacuação dos animalis. Enquanto os abutres voavam em torno da torre do sino, supervisionando o remanejamento das forças, o corvo juntou-se aos esquadrões aéreos que se dirigiam à Cidade das Sete Colinas, conhecida pelos humanos como Istambul.

Capítulo 44

Drue seguiu viagem por muitos e muitos árduos quilômetros com seus cavaleiros assustados agarrados à sua crina. Quanto mais se aproximavam do sul, mais verde a paisagem se tornava e mais firme ficava o solo sob seus cascos incansáveis. Florestas, fazendas, campos e rios ficavam para trás enquanto os dias se transformavam em noites e as noites viravam dia novamente.

A cada passada larga, ela se concentrava mais, integrava-se mais aos músculos e à natureza do animal cuja forma habitava. Quanto mais profundamente mergulhava nessa concentração, mais fluido tornava-se seu movimento. Estabelecendo um ritmo rápido, mas confortável, ela percebeu que, mantendo uma velocidade constante, poderia dispendir menos energia e percorrer uma distância maior.

Apesar de ter decidido passar longe de cidades e vilarejos ao longo do caminho, ficou surpresa com a facilidade com que seguiram rumo à liberdade. É verdade que foram perseguidos por um urso em determinado ponto do caminho, quando se transformou para colher folhas e frutos para as crianças, e ao galopar sem querer pelo meio de um bando de javalis.

Contudo, fora essas ocasiões, a viagem tinha sido relativamente tranquila.

Porém, quando chegou aos arredores do que parecia ser uma grande favela, ligada por uma rede aparentemente aleatória de ruas cobertas de lixo, seu sexto sentido alertou-a para um perigo que não podia ver.

Apesar da relutância em atravessar as ruas estreitas daquele assentamento gigantesco, Drue calculou que demoraria mais dois dias para dar a volta e simplesmente não tinha tanta energia para isso. Assim, decidiu que não tinha muita escolha. Suando bastante, em parte devido à incômoda elevação da umidade, e em parte devido ao teste de resistência que concluíra, ela avaliou o terreno.

Que caminho seguir? Que rua era menos propícia a uma emboscada? Ela apalpou o chão e chutou a terra avermelhada. Lembrou-se imediatamente das palavras de Piera: *“Quando o solo embaixo dos seus pés se tornar vermelho, saberá que está lá.”*.

Conseguimos!, pensou Drue, e isso lhe deu o ímpeto de que precisava para entrar na favela. Caminhando lentamente enquanto observava tudo ao seu redor, ela prendeu a respiração. Sua boca estava seca. Sentiu sede e pensou que as crianças também deviam estar sedentas. Apesar de haver galões de água na frente de uma ou outra casa, ao verificá-los percebia detritos flutuando na superfície do líquido. A prudência a impedia de beber aquilo.

Ela olhou em volta, tentando encontrar uma alternativa. Então, reparou em uma lona de plástico diante de uma casa. Gotas de orvalho da manhã brilhavam em suas dobras. Ela parou para lamber a umidade refrescante e incentivou as crianças a fazerem a mesma coisa.

Apesar do medo, elas acabaram soltando a crina de Drue e esfregaram o rosto na lona úmida. Drue espiou o interior de uma cabana feita com a mesma lama vermelha e notou uma esteira surrada no chão. Apesar dos sinais de que fora habitado, como algumas tigelas, móveis simples de madeira e até uma antena de tv, o lugar parecia mais um abrigo do que uma casa propriamente dita.

Isto é Istambul?, perguntou-se ela. *Orgulho do Império Otomano? Capital do Império Romano do Oriente?*

Parecia mais o ferro-velho onde se escondera com seu pai e Gallinago.

Drue começou a divagar, pensando em como gostaria de revê-los.

Encontrar Will-C. Temia pela segurança do gato, agora que seu pai era prisioneiro dos animalis. Como estariam os resignados de Kingley Burh sem eles?

Um grito das crianças despertou-a de seus devaneios. Ao perder a concentração, sua forma começou a diluir-se, e, antes que pudesse fazer alguma coisa, Drue perdeu totalmente o controle e voltou automaticamente à forma humana. Os três caíram no chão. Drue começou a xingar e examinou as crianças para ter certeza de que não estavam machucadas.

Então, percebeu um movimento nas sombras. A luz do sol refletiu uma dezena de pares de olhos amarelos, mostrando que criaturas se movimentavam entre as cabanas interligadas. Rápida como um raio, Drue transformou-se em uma leoa e protegeu as crianças com o corpo, pronta para um ataque.

— Bem-vinda a Gecekundu — disse um gato magricela da raça van turco, inclinando a cabeça e dando um passo à frente. Depois de vasculhar a rua e o céu, ele dirigiu seu olhar penetrante para Drue, que precisou conter o espanto diante daquele par de olhos peculiar, com um olho azul e o outro olho alaranjado. Então, ele continuou: — A menos que queira chamar atenção, sugiro repensar seu modelito de rainha das selvas. Não é muito comum encontrar um leão por aqui.

— Quem é você? — perguntou ela, desconfiada da gangue de gatos que surgia na rua.

— Oddeye, seu mais humilde servo, poderosa guerreira Nsray.

A excentricidade de Oddeye não ajudava a esconder o sarcasmo.

— E esta corja é conhecida por aqui como “Resistência dos Animais Domesticados”.

Para Drue, eles não pareciam muito domesticados, mas ela não tinha disposição para discutir e preferiu transformar-se em um gato da mesma raça do “anfitrião” para se adequar ao ambiente.

— Eu me chamo Drue e...

— Que ótimo... Agora que já fomos apresentados, podemos tirar esses filhotes humanos sarnentos da rua? Eles podem atrair moscas e até visitantes mais desagradáveis.

Drue olhou para o céu e viu um bando de aves. À frente deles, vinha o abutre Hshukha.

Transformando-se novamente em humana, ela rapidamente pegou as crianças pelas mãos e tirou-as da rua, escondendo-as pelos escombros do lugar e mantendo sua mão na boca delas para que não gritassem e alertassem as aves. Quando olhou para trás, Oddeye e sua turma já haviam desaparecido nas sombras da favela. Ela novamente tomou a forma de um gato van turco.

— *Merhaba!* Vamos! — disse Oddeye, ressurgindo atrás de uma folha de zinco ondulada. — Vou levar vocês até os outros.

A gangue de gatos conhecia muito bem o terreno e conduziu Drue e as crianças pelos caminhos da favela sem hesitação.

Oddeye explicou que Gecekondü não ficava exatamente em Istambul; na verdade, era um ajuntamento de casas que crescera como erva daninha nos arredores da grande cidade. Gecekondü significa “construída durante a noite” e foi exatamente assim que surgiu a favela, protegida pela escuridão, entre o crepúsculo e o amanhecer, com todos os materiais que os refugiados humanos conseguiam recolher.

A precariedade das construções e a falta de saneamento e de infraestrutura haviam provocado muitos acidentes, e até algumas mortes, mas agora sua fraqueza tornara-se sua força. Muitos tremores de terra haviam sacudido a região nas últimas semanas, precursores do que os animalis acreditavam que seria um formidável terremoto que arrasaria completamente toda a favela.

Por isso, apesar de terem cercado toda a Cidade das Sete Colinas, receavam começar uma busca em grande escala naquele formigueiro criado pelos humanos, temendo ficarem soterrados. Isso significava

que os Nsray, pelo menos por enquanto, estariam em segurança no esconderijo que Oddeye e os resignados locais escolheriam para eles no coração daquele sujo santuário.

Capítulo 45

Treze. Esse era o número de companheiros Nsray que haviam sido acolhidos em Gecekondu no dia em que Drue chegou com as duas crianças e cujos nomes ela finalmente descobriu com a ajuda de Kemal, um Nsray local: Sanja e Ezal. No terceiro dia após a sua chegada, esse número aumentara para 28. Depois de uma semana enfiados ali, parecia evidente que ninguém mais viria.

Vinte e oito. Talvez fossem os únicos que restaram, pensou ela. Os únicos sobreviventes da multidão reunida em Ulm.

Um véu de tristeza envolveu o espírito daqueles que haviam conseguido chegar até ali, mas Drue lembrou que a maioria tinha fugido pelo ar. Talvez já estivessem em Ararat. Sim, só podia ser isso! Eles estariam contando os dias, esperando para celebrar quando todos estivessem reunidos na sua terra sagrada.

Kemal crescera nas ruas de Güngören, distrito industrial vizinho, e conhecia a cidade tão bem quanto Oddeye. Na falta de um Experiente, ele assumira a liderança. As rações eram escassas, mas uma noite inteira de chuva completara o suprimento de água fresca e, com exceção de alguns resmungos por causa do ar quente e úmido da noite, os Nsray suportaram o cativeiro forçado sem grandes queixas.

Foi elaborada uma rota para garantir que sempre houvesse duas duplas de sentinelas no campo principal. Grupos de batedores formados por um resignado e dois Nsray vasculhavam a área constantemente para monitorar a movimentação dos animalis. Os relatórios eram compartilhados com todo o grupo no final de cada

dia, com o número de inimigos e áreas a serem evitadas marcadas em um mapa colado em uma parede.

Drue não demorou a perceber que ainda teria pela frente seu maior teste.

Legiões de animais selvagens haviam cercado toda a cidade e montado postos de vigilância nas duas pontes suspensas sobre o estreito de Bósforo, interrompendo a rota terrestre dos Nsray até o coração da Turquia.

Diariamente, abutres, águias e falcões faziam um reconhecimento aéreo da cidade e das favelas dos arredores. Apesar das poucas chances de descobrirem o esconderijo dos Nsray, aquilo era uma demonstração de força, uma estratégia que visava mais desmoralizar que derrotar o inimigo.

O plano da Assembleia da Terra para a batalha final era muito claro, pois o tempo estava a seu favor. Eles podiam esperar até que os Nsray cometessem um erro e revelassem sua posição ou até que ficassem sem comida e fossem obrigados a render-se ou ainda que a Mãe Natureza terminasse o trabalho por eles e enviasse um terremoto para enterrar os fugitivos sob os escombros da favela.

Todas as conversas giravam em torno das possibilidades de fuga. As forças reunidas contra eles indicavam que uma luta estaria fadada ao fracasso, mas Drue sabia que não poderiam ficar escondidos indefinidamente. Quando não estava cuidando das crianças, procurava um canto tranquilo para pensar e estudar a pedra branca que seu pai lhe dera.

Se você estiver perdida, realmente perdida, sem saber para onde ir, segure esta pedra e concentre-se. Ela apontará o caminho. Drue procurou se concentrar, dia após dia, mas, se havia alguma magia na pedra, alguma sabedoria profunda ou diretiva, ela não conseguia entender. A única coisa que parecia clara, e ela não precisava da pedra para perceber, era que, para realizar o sonho de chegar ao monte Ararat,

os Nsray teriam de encontrar uma passagem segura pelas perigosas águas do Bósforo.

Sendo a única cidade do mundo dividida em dois continentes, uma metrópole que se estendia do mar de Mármara ao mar Negro, a mistura eclética de palácios bizantinos, mercados de especiarias, grandes avenidas e mesquitas otomanas tornava Istambul o lugar mais exótico que Drue já tinha visto. Do alto da torre de Gálata, uma construção fortificada erguida no século XIV e também chamada de *Christea Turris*, o contraste entre a cidade propriamente dita e as favelas ao redor não poderia ser mais gritante.

Ali, onde as civilizações da Europa e da Ásia se encontraram, onde seus ancestrais Nsray haviam iniciado, milhares de anos atrás, sua migração em direção ao norte, encontrava-se um triste monumento àquilo em que essas culturas se transformaram, um generoso testemunho das oportunidades desperdiçadas, das esperanças equivocadas e dos sonhos esquecidos.

— É estranho, não é? — Perguntou Kemal para Oddeye e Drue, observando a cidade do alto da torre. — Uma cidade que fervilhava, cheia de vida, habitada por milhões de pessoas, agora pertence ao vento, à chuva, ao sol e ao mato.

— Sempre pertenceu — disse Oddeye. — Esse foi o erro que vocês cometeram.

Kemal olhou para o companheiro felino e ficou em silêncio.

— Desculpe-me, mas é a verdade. Dos cervos aos tigres, estamos apenas de passagem por aqui. Os humanos também. Até um gato de rua com um cérebro pequeno como o meu entende que a vida é passageira.

Drue foi até outra janela para ter uma visão melhor da baía e da ponte suspensa, notando uma aranha empenhada em tecer sua teia junto a um vidro quebrado. Drue lembrou-se do que isso significava: havia uma tempestade a caminho.

— Kemal, você disse que queria mostrar uma coisa — comentou ela.

— Ali — disse ele, apontando para o rio com a pata. — Está vendo aquele trecho de praia? Aquilo é um caíque.

— Caíque?

— Sim... É um tipo de barco, não muito grande e muito comum na travessia do Bósforo.

Drue esticou o pescoço para ver melhor, mas só conseguiu identificar a silhueta de um casco comprido sobre os cascalhos da praia.

— Não consigo ver direito. Temos de chegar mais perto — disse ela.

— É muito perigoso — afirmou Oddeye. — As margens do rio estão cheias de inimigos.

— Talvez possamos mandar alguém para dar uma olhada após o anoitecer — disse Kemal.

Ao contrário dele e de outros Nsray, Drue não tinha qualquer ferimento que a impedisse de voar, por isso decidiu transformar-se em gaivota e examinar o barco.

Tomando cuidado para disfarçar o objetivo de sua missão, Drue juntou-se às outras aves que sobrevoavam o Bósforo. A visão das barbatanas dorsais dos tubarões-sardos e dos grandes tubarões-brancos patrulhando as águas fez com que ela refletisse um pouco, mas não a deteve.

Deixando-se levar pela brisa, aproximou-se da margem e fez alguns voos rasantes sobre o barco. Era uma construção simples de madeira, que não tinha mais do que um metro de largura e cerca de seis metros de comprimento. O casco liso era profundo. Havia um par de remos longos preso ao barco por uma corda e, ao lado, uma rede de pescaria.

Drue examinou o trecho da praia de cascalho. Não seria difícil lançar o barco a partir dali. E, então, ela percebeu que o cascalho e os

seixos eram parecidos com a pedra que seu pai lhe dera. Talvez era isso que seu pai estava dizendo sobre “apontar o caminho”. Drue convenceu-se de que era um bom presságio.

Ela subiu alto no céu, sem tirar os olhos dos abutres pousados nas estruturas de metal da ponte suspensa, para fazer um reconhecimento da margem do outro lado do rio. As margens, os molhes e as estradas no lado asiático estavam relativamente desimpedidos em comparação com o lado europeu, onde os Nsray estavam encurralados pelos animalis.

Liberdade. Segurança. Tão perto e, aparentemente, tão longe. O barco oferecia esperança, mas como poderiam fazer a travessia sem serem percebidos pelos olhares vigilantes?

Drue circulou um pouco mais pelo céu sem nuvens, sentindo o vento leve nas penas e em comunhão com os elementos da natureza.

Deve haver um jeito, pensou ela. Deve haver um jeito.

*

Quando Drue, Kemal e Oddeye voltaram para Gecekondu, já tinham elaborado um plano.

— Os animalis estão vigiando as duas pontes que cruzam o rio — disse Drue, transformada novamente em gata. — Eles têm total controle da cidade deste lado, mas, pelo que observei, as margens do outro lado não estão sendo patrulhadas. É evidente que não esperam que cheguemos até lá. Por isso, temos uma boa chance de escapar se conseguirmos cruzar o rio.

— Mas aquele barco parece bem pequeno... — disse um gato.

— E teríamos de adotar nossa forma humana para remar — disse outro gato.

— Isso é verdade. Pelo menos dois humanos terão de manejar os remos.

Sanja e Ezal são pequenos demais para enfrentar a correnteza.

— Eu remarei — disse Kemal.

— Eu também — disse outro gato.

— Se os demais forem como gatos ou ratos, caberemos todos no barco.

— Prefiro ir pela água — disse um Nsray.

— Com todos aqueles tubarões? — Questionou Kemal.

— Você seria feito em pedaços.

— Dizem que eles têm ordens para atacar qualquer criatura que não reconheçam — disse Oddeye.

— Bem, mesmo que caibamos todos no barco, como faremos para passar pelos guardas? Os morcegos vão detectar as crianças.

— Neblina — disse Drue, com olhos brilhantes.

— Neblina?

— Neblina — repetiu ela. — Meu pai sempre me alertou para as mudanças climáticas. Sabem como quando o ar fica quente e grudento à noite? Isso se chama umidade.

— E?

— E que quase não há nuvens no céu, há pouco vento e o orvalho cobre tudo pela manhã. Essas condições são perfeitas para a formação de neblina.

Até Oddeye ficou impressionado com o conhecimento de Drue.

— Nós realmente temos muita neblina por aqui — concordou Kemal. — Antes, tinham de fechar as linhas de navegação por causa dos acidentes na água.

— Então... Qual é o plano? — Perguntou um gato mais animado.

— Oddeye encontrou outro esconderijo, muito mais perto do rio — disse Kemal. — Vamos nos mudar para lá. Iremos na próxima vez que chover durante a noite.

— Observaremos a neblina pela manhã — completou Drue. — Assim que tivermos cobertura, vamos até o barco e fugimos pelo rio.

— E se a neblina não vier?

— Virá. Você vai ver — disse Drue. — E nós podemos ajudar. Só temos de pensar a mesma coisa. Precisamos desejar que aconteça. Todos nós.

— Você quer dizer... que basta imaginar para acontecer?

— Por que não? É assim que assumimos formas diferentes, não é?

Todos ficaram em silêncio. Não pareciam muito convencidos.

— Bom... De qualquer forma, não temos nada a perder — disse Kemal. — Estou com Drue.

O plano era simples, mas ainda assim era só um plano. Os Nsray e os resignados encerraram a reunião e iniciaram os preparativos para mudar de esconderijo e partir.

Capítulo 46

Lennox estava dando instruções para sua turma, com detalhes do plano que possibilitaria a fuga de Will-C, Yoshi e Gallinago da fazenda Callow, quando chegou a notícia de que o exército de Mustela recuara.

Enquanto Gallinago voava com uma dupla de gansos, os outros animais subiram onde era possível ver com seus próprios olhos. Com efeito, os campos ao redor da fazenda estavam vazios e em silêncio.

— Pode ser uma armadilha — disse Yoshi.

— Gallinago, você está vendo alguma coisa? — Perguntou Will-C.

— Vou tentar chegar mais perto.

— Tome cuidado.

Gallinago e os gansos não demoraram mais do que alguns segundos para fazer uma inspeção aérea das redondezas, e, mesmo depois de ampliarem as buscas até os limites da floresta de Kingley Burh, o veredito foi o mesmo: as forças de Mustela haviam desaparecido.

— Por quê? Por que eles foram embora? — Inquiriu Yoshi, incrédulo.

— Não sei, mas não vou ficar para saber — disse Will-C.

— Eu vou junto, lembra-se?

Enquanto Will-C e Yoshi pegavam a estrada em direção a Kingley Burh, Gallinago voava em círculos acima da dupla.

— Ei, Will-C... Veja! — Gritou Gallinago.

– O que foi?

Will-C olhou para trás e viu Lennox correndo em sua direção.

– Seja bem-vindo, Lennox.

– Não sou esquisito como você... Só quero dar uma olhada nesse homem-leão.

Gallinago subiu e assumiu a dianteira no céu, trabalhando como guia do grupo. E, até onde podia ver, o caminho estava mesmo livre.

Capítulo 47

O medalhão de Liliuk brilhava preso às garras do corvo como uma pequena estrela no céu escuro. Ele sobrevoou campos, florestas, estradas vazias e vilarejos desertos sem prestar atenção a qualquer coisa que não fosse a necessidade de cumprir sua jornada o mais depressa possível. E, quando a terra se transformou em oceano e o vento começou a soprar na direção contrária, ele se transformou em uma águia-marinha, a criatura mais adaptada àquelas condições e mais preparada para defender a preciosa carga.

Seu destino final estava a centenas de quilômetros para leste, e, apesar de não ter recebido muitos detalhes sobre sua missão, sabia o suficiente para entender que deveria defender o medalhão com sua própria vida, pois dele dependia o futuro dos Nsray.

Fosse por causa do reflexo do luar no medalhão, revelando sua posição, ou devido a uma emboscada planejada com antecedência, o certo é a que a águia-marinha não viveu para chegar ao seu destino. Um imenso condor-dos-Andes desceu do céu e bateu contra ela com tanta força que o jovem Nsray, desnorteado, retomou sua forma humana e começou a cair, ainda segurando o medalhão.

O condor passou ao seu lado e tentou pegar o medalhão. O Nsray segurou o tesouro com força e transformou-se novamente em águia-marinha.

Formando uma espiral de penas e garras, eles caíram até atingirem as águas geladas.

As duas aves ficaram atordoadas com o impacto, que quebrou o pescoço da águia. Sem vida, o Nsray retomou sua forma humana, e

seu corpo afundou na água. O condor também assumiu sua forma humana e começou a caminhar na água. Em questão de segundos, ele se transformou novamente, desta vez em um grande tubarão-branco, mas aqueles poucos instantes haviam sido suficientes para que o medalhão caísse nas profundezas do oceano. O tubarão mergulhou atrás dele.

Antes que conseguisse alcançá-lo, o medalhão explodiu, irradiando uma luz tão forte e poderosa quanto uma supernova. Raios de luz atravessaram o oceano, provocando um choque de energia que pulverizou o tubarão e desencadeou inúmeros tsunamis em todas as direções.



A milhares de quilômetros dali, na catedral de Ulm, o corpo inerte de Liliuk subitamente recuperou a vida. Ela abriu os olhos e procurou instintivamente o medalhão, mas seus dedos encontraram apenas o cordão rompido. Ferida e ensanguentada, ela se transformou em um noitibó.

Certificando-se de que suas asas não tinham nenhum ferimento, ela levantou voo.

Corpos de Nsray e animalis cobriam o piso da igreja. Liliuk examinou a carnificina atentamente, em busca de algum sobrevivente e de seu medalhão. Ela sabia que seu cordão não fora rompido durante a luta. E conhecia o responsável pelo roubo. Após voar em círculos sob o afresco, saiu silenciosamente pelas portas destruídas, ganhando o céu noturno.

Capítulo 48

Uma neblina densa e úmida cobriu o Bósforo desde o mar Negro até o estuário Corno de Ouro e engoliu completamente a região até a vasta ponte.

A notícia espalhou-se rapidamente entre os Nsray e os resignados.

Parecia que suas preces haviam sido atendidas. Uma escolta foi enviada para verificar se a rota até a margem do rio estava desimpedida. O próprio Oddeye deu a notícia que todos esperavam: a passagem era segura e as condições, perfeitas.

Drue, que passara a maior parte do tempo em sua forma humana para dar às crianças a sensação de segurança de que tanto precisavam, beijou a pedra branca quando Kemal confirmou que tudo estava acontecendo como ela previra.



Menos de dez minutos depois, Drue, Kemal, Sanja, Ezal e o grupo de resignados e Nsray na forma de gatos caminhavam cuidadosamente sobre o cascalho, ouvindo a água bater na praia. A neblina era tão densa que demoraram a encontrar o barco, apesar de estarem muito perto dele.

Um bom presságio, pensou Drue enquanto tentavam desvirar o barco. Se não conseguirmos enxergar o barco, os animalis também não conseguirão.

Um grupo encarregou-se de pegar os remos e a rede de pesca enquanto eles arrastavam o caíque até a água.

Sem fazer barulho, aqueles que viajariam como gatos entraram no barco.

Kemal pegou um remo para estabilizar o caíque enquanto Drue ajudava Sanja a embarcar. Então, quando parecia que estavam a caminho da liberdade, aconteceu o desastre. Quando se afastou para dar lugar ao irmão, Sanja furou o casco de madeira, que estava podre na parte que ela pisou, por isso rompeu.

Drue ouviu o grito da menina e fez sinal para que todos ficassem onde estavam. Sem usar muita força, encostou um remo no fundo do casco e fez outro buraco. Então, jogou o remo no cascalho.

- O que estamos esperando? — Perguntou Kemal.
- Isso não vai dar certo — disse ela, pegando Sanja no colo.
- O quê?
- Temos de voltar.
- Como assim? — Questionou Kemal. — Não podemos.
- A madeira do barco está podre.
- Podre?
- Sim. A madeira está podre. O barco vai afundar como uma pedra na água.

Como uma pedra. A maldita pedra, pensou Drue. Ela não mostrara caminho algum.

- Vamos. É melhor voltarmos.
- Não, Drue, veja!

Drue virou-se e, ao olhar na direção da cidade, entendeu o pânico na voz de Kemal. A neblina se desfazia sobre a cidade e a margem do rio começava a ficar visível. Se recuassem, ficariam completamente expostos e à mercê dos animais, mas, se ficassem, seriam encurralados e se tornariam presas fáceis dos tubarões.

Sanja e Ezal se agarraram às pernas de Drue. Estavam apavorados demais para chorar. Os Nsray e os resignados se

espalharam à procura de um esconderijo, mas não havia escapatória. Nada além da neblina cada vez menos espessa.

Um após o outro, os Nsray transformaram-se em animais, adotando formas de predadores dispostos a travar o que certamente seria sua última batalha.

Drue sentiu a pedra na palma da mão e amaldiçoou-a em silêncio. Havia depositado sua fé, arriscado tudo... e ela a decepcionara. Assim como decepcionara as crianças, os Nsray e os resignados.

Lutando para se concentrar, para afastar a terrível sensação de culpa e remorso que turvava sua capacidade de pensar, Drue atirou a pedra no Bósforo. E, nesse rompante de raiva, descobriu uma tábua de salvação. A pedra não havia afundado na água, e sim batido em alguma coisa... sólida.

Alguma coisa sólida flutuava na água escura. Drue pegou uma pedra da praia e atirou no rio. Mais uma vez, Drue ouviu o mesmo barulho. Ela atirou outra pedra. E outra. Mais outra. Nenhuma caiu na água.

Drue pediu ajuda a Kemal, que ficou com as crianças enquanto ela examinava a água do Bósforo. Era difícil enxergar alguma coisa, mas ela começou a entrar na água, molhando-se até os joelhos. E, então, Drue conseguiu ver... Eram centenas... Gigantescas tartarugas-cabeçudas, com seus cascos enormes e brilhantes, enfileiradas, formando uma ponte até o outro lado do rio.

A pedra havia mesmo mostrado o caminho.

O rugido de um urso-pardo interrompeu seus devaneios. Os animalis estavam retomando sua patrulha e já estavam perto demais.

— Drue, precisamos fazer alguma coisa... e depressa — disse Kemal.

— Por aqui — disse ela, subindo em cima de uma tartaruga. — Venham... Venham atrás de mim.

— Por onde?

Drue ajoelhou-se e deslizou a mão pelo casco da tartaruga. A carapaça iluminou-se como se fosse dotada de uma luz interior.

— Confie em mim.

— E se for uma armadilha?

— Não é... Confie em mim. Está tudo bem. Sigam-me.

Com a neblina sumindo rapidamente, Kemal colocou Sanja e Ezal sobre as tartarugas e acenou para os outros. Drue liderou o grupo, cruzando o Bósforo, seguida por uma linha de Nsray e resignados. Eles avançavam lentamente, tomando muito cuidado, pois a poucos metros de distância viam as barbatanas dos tubarões, lembrando a eles que um passo em falso seria a morte certa.

— De onde elas vieram? — Kemal perguntou.

— Não sei.

— E como sabe que chegaremos do outro lado do rio?

— Não sei.

— Era melhor não ter perguntado — reconheceu ele.

— Eu também acho — disse Drue, ajudando Sanja e Ezal.

Capítulo 49

Will-C e Yoshi pararam diante da entrada do túnel do canal da Mancha e ficaram olhando para o interior escuro, enquanto Gallinago dava voltas no ar.

— Bem... é isso! Eu não falei que era um buraco?

— Escuro como a noite — disse Gallinago.

— É muito comprido. São vários quilômetros por baixo da água — explicou Yoshi.

— Por baixo da água — repetiu Will-C, com uma expressão sombria.

— É seguro. Os humanos usaram esse túnel por muitos anos.

— Além disso, é o único caminho para a terra do homem-leão — disse Lennox, desaparecendo na escuridão.

— Drue entenderia se você voltasse — comentou Yoshi.

— A decisão é sua — completou Gallinago.

— Você disse que os humanos usaram este túnel durante anos. E nunca inundou?

— Não. Esse amigo de um amigo que era amigo de um humano que viajava muito nesse trem disse que era seguro. Seria preciso um terremoto, uma onda gigantesca... A onda mais gigantesca de todos os tempos.

— O que você acha? — Perguntou Will-C para Gallinago.

— CORRAM! — Gritou Lennox, voltando do túnel em uma correria desabalada.

— O que foi?

— Inundação!

Dizendo isso, Lennox parou, levantou uma pata e fez xixi na direção de Will-C.

— Isso é nojento — disse Gallinago.

— Não tem graça — queixou-se Yoshi.

— Vamos lá! — Disse Lennox, divertindo-se. — Ajam como felinos!

Will-C passou longe de Lennox e entrou no túnel. Gallinago e Yoshi trocaram olhares e foram atrás dele.

— Resignados! São como os humanos. Não têm senso de humor — resmungou Lennox.

Então, ele se espreguiçou, coçou a orelha e desapareceu no túnel mais uma vez.

Capítulo 50

À medida que Drue e o esfarrapado bando de Nsray e resignados se aproximavam da margem asiática do Bósforo, a tensão aumentava. Ninguém escorregara, o que não deixava de ser um milagre, e as tartarugas-cabeçudas mantinham-se firmes em suas posições apesar da correnteza e do número cada vez maior de tubarões, enguias e crocodilos patrulhando as águas.

Somente quando estavam muito próximos da outra margem é que Drue sentiu um perigo ainda maior do que aquele oferecido pelos predadores animalis. Ao olhar para o outro lado, com a neblina quase completamente dissipada, ela viu uma onda gigantesca, maior do que a própria ponte suspensa, varrer tudo o que encontrava no mar de Mármara.

— Corram! — Gritou ela antes de transformar-se em águia e gritar outra vez, agora em animalis. — Corram! Voem! Agora!

Drue reassumiu sua forma humana, pegou as crianças pelas mãos e correu para a relativa segurança da outra margem, enquanto o rio, e todos os animalis, eram sugados no Bósforo, como se uma mão celestial estivesse em ação. Drue transformou-se de novo em um cavalo árabe e escalou a margem íngreme, levando Sanja e Ezal no dorso.

Ao sentir o solo firme e plano sob as patas, galopou com todas as suas forças para fugir o mais depressa possível do maremoto, assim como os outros Nsray que chegaram à outra margem.

Enquanto a água caía sobre eles como chuva, ela ouviu a ponte ceder. Foi um estrondo ensurdecedor. E, de repente, não era apenas

água que caía do céu, mas peixes, pedras, madeira de barcos, vigas e até carros.

Drue não se deteve, abrindo caminho a galope e rezando para conseguir chegar a um lugar seguro e distante daquele caos.

Por um instante, o tempo pareceu acelerar, e, então, como se tivessem sido engolidos pela água, Drue teve a impressão de que o tempo havia parado completamente. A última coisa que viu, ao tropeçar, rodar e reassumir sua forma humana, foi uma bola de fogo, como um sol em miniatura, com línguas de fogo brilhando em sua superfície. Essa estrela solitária irradiava uma luz dourada em um vasto cosmos líquido e escuro.

Luz negra.

A palavra cruzou sua mente antes que Drue perdesse a consciência.

Capítulo 51

A força da onda gigantesca que varreu tudo o que encontrou pela frente ao rasgar o Mediterrâneo foi sentida no norte da África, na costa leste americana e até no sul da Groelândia.

Para Will-C e seus companheiros de viagem, o impacto no túnel sob o canal da Mancha não poderia ter sido mais assustador. Toda a extensão da estrutura rangeu e estremeceu. Enquanto Gallinago e os resignados pararam em pânico na escuridão, fissuras surgiram nas paredes, rebites dos dutos de ventilação saltaram como balas, e os trilhos vibraram como um enorme diapasão.

— CORRAM! — Gritou Gallinago, voando em círculos acima de Will-C.

Os três gatos continuaram onde estavam, sem conseguir se mexer.

Tinham ido muito longe para voltar, mas a costa da França ainda estava muitos quilômetros à frente. Para onde iriam?

Um estrondo terrível! Uma espécie de estalo! O barulho da água! E, então, os resignados e a narceja foram arrastados, levados pelo túnel como folhas secas em um bueiro.

Capítulo 52

Kemal encontrou Drue caída no chão. Sua respiração estava fraca e seu rosto, pálido.

— Drue... Está me ouvindo? Drue?

Drue piscou os olhos, demorando algum tempo para adaptar-se à luz.

— Você me deixou preocupado.

Drue reconheceu a voz de Kemal antes de ver seu rosto.

— O que aconteceu? Onde estamos?

— Estamos quase em casa.

— Em casa?

Então, quando Kemal pegou sua mão e ajudou-a a sentar-se, Drue viu Sanja e Ezal ao seu lado. Eles estavam cercados pelo grupo de Nsray e resignados que fugira de Gecekondü, em meio a um cenário catastrófico, com árvores arrancadas, detritos de todos os tipos e criaturas marinhas mortas em poças de água do mar.

A leste, os picos de uma imponente cadeia de montanhas formavam uma linha entrecortada. Nas proximidades, havia algo familiar e, ao mesmo tempo, estranhamente exótico: fumaça.

Fumaça de madeira queimada. Kemal ajudou-a a ficar em pé, e Drue olhou ao redor, admirada.

— Nsray? — Perguntou ela, apontando na direção do fogo e das figuras que se aproximavam.

— Sim.

— Então, este lugar...

— Estas montanhas que você está vendo... É a terra de Jafé.
Estamos quase lá. Só temos mais um dia de caminhada pela frente.

— Impossível – disse Drue, incrédula.

— Sim, aqui estamos nós! — Confirmou efusivo Kemal.

— Então nós conseguimos.

— Graças a você.

— Graças às tartarugas — disse Drue, olhando em volta.

— Onde estão elas?

— Eu não sei. Há peixes mortos espalhados por quilômetros... E também tubarões, lulas, crocodilos, mas não vi uma única tartaruga. Parece que elas desapareceram. Estranho, não é?

— Sim, estranho – concordou Drue.

Sanja começou a soluçar, em uma mistura de medo e alívio.

— Está tudo bem — disse Drue, pegando a menina nos braços. —
Está tudo bem.

Embora Sanja não entendesse as palavras, o sorriso e a voz carinhosa de Drue foram suficientes para acalmá-la.

Capítulo 53

Ao cair da noite daquele mesmo dia, Drue e seus companheiros de viagem completaram a última etapa da longa marcha, e, ao avistarem o acampamento Nsray, parecia que tinham chegado no paraíso se comparado ao que haviam deixado para trás.

Depois de tomarem banho e serem informados sobre os locais onde dormiriam, eles se reuniram em torno das fogueiras para compartilhar histórias e saborear um arroz com açafrão e chá de gengibre, a primeira refeição quente que muitos faziam desde o início da guerra.

Uma tempestade varreu as planícies naquela primeira noite, e, enquanto tentava acalmar Sanja e fazia tudo para que ela dormisse tranquila ao lado do irmão, Drue lembrou-se de sua infância em Kingley Burh e do medo que a fazia atravessar o corredor para deitar na cama de seus pais.

Aquilo parecia tão distante. Outra vida. Outro mundo.

Drue queria saber o que acontecera com seu pai, desejava reencontrar Will-C e sentia mais intensamente do que nunca a presença de sua mãe, Serah, um sentimento que agora começava a compreender, graças ao vínculo afetivo que criara com as duas crianças.

Quando teve certeza de que Sanja havia dormido, colocou um cobertor sobre os ombros e saiu para arejar a cabeça. Kemal estava esperando por ela.

— Como estão os pequenos?

— Dormindo — disse ela, observando a tempestade elétrica sobre as colinas distantes.

— Eles têm sorte por terem sido encontrados por você.

— Você acha?

— É claro que sim. Você tem alguma dúvida?

— Acho que *eu* tive sorte.

— Você?

— Se não fosse por Sanja e Ezal, não sei se teria chegado até aqui. Eu precisava seguir em frente para salvá-los.

Um pedaço de madeira deslocou-se na fogueira, liberando uma cusparada de brasas ardentes pelo ar da noite. Drue observou as chamas. Kemal olhou para ela.

— Bem... Estamos aqui. Estamos seguros. O que passou, passou. Agora precisamos pensar no futuro.

— Será?

— É claro que sim — respondeu Kemal. — É tudo o que temos agora.

Uma chance para recomeçar. Estamos a salvo dos animalis. Temos tudo de que precisamos. Está na hora de sairmos das sombras.

— Eu... não... Sim, sim, você tem razão. Eu... Eu só... estou cansada.

— Amanhã, um grupo sairá à procura de um lugar onde possamos ficar mais protegidos, algum lugar nas montanhas onde possamos construir um vilarejo. Você deveria ir junto.

— Veremos — disse ela.

— Tudo bem. Nos vemos pela manhã.

— Boa noite.

— Boa noite — disse Kemal, afastando-se.

Drue olhou para a lua crescente. Estrelas brilhavam na imensa escuridão do céu. Eles estavam em segurança, é verdade, mas jamais

se sentira tão pequena. Nunca se sentira tão perdida ou sozinha quanto agora.

Capítulo 54

Seu pai conseguia identificar todas as constelações.

Essas palavras penetraram na consciência de Drue e a acordaram. A voz era familiar. Teria realmente ouvido aquilo?

Drue abriu os olhos. O sol ainda não havia surgido no horizonte e ainda era possível ver a lua pálida no céu.

— Com uma olhada rápida e em qualquer lugar do mundo.

— Liliuk!

Ela estava observando as estrelas e parecia sentir dor. Seus movimentos eram curtos e deliberados.

— Fico feliz por encontrar você, criança.

— Pensamos que você estivesse... Pensamos que você tivesse sido...

— Também pensei que sim.

— Mas você está ferida. Precisamos pedir ajuda...

— Não. Ainda não... Temos tempo. Eu não esperava encontrar você, mas parece que o destino resolveu conceder este momento a nós.

— O que você quer dizer?

— Precisamos conversar sobre seu pai.

— Por que você mentiu? O chacal disse que meu pai foi feito prisioneiro.

— Estava tentando proteger você. Era o que Quinn queria. Ele sabia o risco que você estava correndo. Foi por isso que a mandou para nós. Foi por isso...

— Não vou ficar aqui. Pode dizer o que quiser, mas não vou...

- Drue...
- Não com meu pai...
- Eu sei.
- E Will-C e Csaba e Adan e todas aquelas crianças na balsa...
- Eu sei.
- Eu não me importo com o que... Espera... Você sabe?
- Sim. É por isso que eu precisava conversar com você. Seu sonho. É mais do que um sonho, Drue. Você tem um dom especial.
- Não mais especial do que os dons dos outros.
- Uma sabedoria que vai além da sua idade e um dom que pode salvar nosso povo.
- Não.
- É verdade que você é muito jovem para carregar tamanha responsabilidade...
- Não, não... Fui eu... Foi minha culpa... Na igreja. O chagal. Eu o ajudei a escapar.
- Eu sei.
- Foi por isso que os animalis atacaram. Foi por minha culpa.
- Não é verdade.
- É sim! A culpa foi minha!
- Não. Os animalis sabiam que estávamos lá. O ataque foi planejado muito antes da fuga do chagal.
- O quê? Como?
- Teremos de enfrentar um novo perigo. Forças malignas muito mais perigosas do que os animalis.
- O que você quer dizer?
- Rezei para que isso não acontecesse, mas agora que ele ressurgiu... Agora que sua marca...
- Quem?
- Um... Nsray caído.
- Nsray caído?

— Um Experiente. Um dos mais brilhantes. Um dos mais fortes. Um que prometia muito até perder o rumo. Foi ele quem traiu nosso povo e entregou seu pai e August Beyer para o Conselho de Guerra dos animalis. Foi ele quem enviou o chacal. E foi ele quem enviou um ladrão para roubar meu medalhão.

— Um Nsray... Como pode ser?

— Enquanto ele viver, não haverá paz. Ele convenceu a Assembleia da Terra a derrotar a humanidade para conquistar o poder para si mesmo.

Talvez os animalis nunca tivessem declarado guerra se não fosse por ele. E ele não vai parar até reinar soberanamente sobre todas as criaturas vivas.

— Quem é ele?

— Uma criança com o coração envenenado. Uma alma perdida presa para sempre no inferno em vida. Não é homem, nem animal, nem Nsray.

— Então o que ele é?

— Cernunnos. Ele é meu filho.

FIM

Agradecimentos

Gostaria de agradecer especialmente aos meus sogros, Jeanette e Keith Michell, e também a Jeannie Brook Barnett, Isabel Tamarit e Sarah Roses Lambourne. Também agradeço a minha editora brasileira, Márcia Pereira, e toda a maravilhosa equipe da Editora Planeta.

É preciso mencionar ainda minha enorme gratidão a todos os animais, tanto selvagens quanto domesticados, que passaram algum tempo comigo nos últimos anos. Eles me ensinaram muito, e suas personalidades me ajudaram a moldar esta história. Para citar apenas alguns: Whiskey, Yogi, Rusty, Zeeta, Jacob, Kipling, Poppy, Dribbler e o jovem falcão Tatterdemalion, que surgiu no meio de uma tempestade de vento e encontrou abrigo na minha janela enquanto eu redigia a última página deste livro. Espero que tenha chegado são e salvo em casa.

Por fim, uma menção especial a Bagheera, felino devotado, amigo e inspiração para Will-C, que fez parte de nossa família por 15 anos. Escrever jamais será a mesma coisa sem vê-lo cochilando entre mim e o teclado.